



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, CULTURAS E
ESPACIALIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA, CULTURAS E ESPACIALIDADES

NOÉLIO NONATO ALVES

ORALIDADES DAS ELIAS NONATO: BIOGRAFIAS E SUBJETIVIDADES DE
TRABALHADORAS POBRES NO CARIRI (1959-1980)

FORTALEZA – CEARÁ

2024

NOÉLIO NONATO ALVES

ORALIDADES DAS ELIAS NONATO: BIOGRAFIAS E SUBJETIVIDADES DE
TRABALHADORAS POBRES NO CARIRI (1959-1980)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em História, Culturas e Espacialidades do Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História. Área de Concentração: Culturas e Espacialidades.

Orientador: Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá.

FORTALEZA – CEARÁ

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo SidUECE, mediante os dados fornecidos pelo(a)

Alves, Noelio Nonato.

Oralidades das Elías Nonato: biografias e subjetividades de
trabalhadoras pobres no cariri (1959-1980) [recurso eletrônico]
/ Noelio Nonato Alves. - 2024.

224 f. : il.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do
Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico Em
História, Culturas E Espacialidades, Fortaleza, 2024.

Orientação: Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá.

1. Biografia. 2. Cariri Cearense. 3. Empregadas
Domésticas. 4. História Oral. 5. Subjetividade. Su. I. Título.

NOÉLIO NONATO ALVES

ORALIDADES DAS ELIAS NONATO: BIOGRAFIAS E SUBJETIVIDADES DE
TRABALHADORAS POBRES NO CARIRI (1959-1980)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em História, Culturas e Espacialidades do Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História. Área de Concentração: Culturas e Espacialidades.

Aprovada em: 21 de outubro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Profa. Dr. Jarles Lopes de Medeiros
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Prof. Dr. Lucas Assis de Oliveira
Universidade Federal do Ceará – UFC

Ao meu eu do passado, tão ávido por grandeza, àqueles que sonham e aos que tão arduamente fazem acontecer.

Aos meus entrevistados, que com tanto gosto e primor contribuíram com essa pesquisa, em especial a Inácio (in memoriam), falecido ao decorrer deste trabalho.

Aos sertanejos pobres e trabalhadores, que com sua força erguem os interiores de nossa nação a serem o que são hoje e que devem ter suas histórias apreciadas.

AGRADECIMENTOS

Ao próprio que vos fala. Existem muitos Eu's dentro de mim e no percurso deste trabalho, finalmente, aprendi o que é ser estritamente fiel a si mesmo, fazendo de tudo por quem mais importa – *myself*. A mim pelo esforço comigo, acreditando, remando contra a corrente, resguardando o sonho e lutando contra o conservadorismo e ridicularização, que não me impediram de, segurando minha própria mão, me emergir do enterro em vida que é viver no pequeno interior. Pela gentileza com minhas versões mais jovens, que tanto sonharam com a grandeza deste momento. A dedicação na elaboração dessa pesquisa e no trabalho desenvolvido no âmbito acadêmico. E, principalmente, por saber transformar minha vida.

Ao Gisa. Meu grande companheiro de jornada Gisafran, muito mais que um orientador, um pai. Não é tão somente pelas correções, indicações, empréstimos e doações de livros, mas também o seu cuidado para comigo. Este cuidado ocorreu no próprio mundo acadêmico, me inserindo em situações de possibilidade de construção de *networking*, me ofertando e exigindo que agarrasse possibilidades, me disponibilizando espaços e experiências e me incentivando a amadurecer e crescer. Mas tal cuidado foi muito além disso, no sentido pessoal do termo, como um amigo de longas conversas e conselhos, e um pai de puxões de orelha e preocupação estrutural.

À banca de avaliação. O mundo acadêmico é, antes de tudo, institucional, o que acarreta a necessidade de contatos e boas relações com os pares, aliado obviamente à capacidade e dedicação intelectual. Lucas e Jarles, o incentivo de vocês, a disponibilidade e vontade em contribuir para a finalização deste processo me fizeram ter fé nas pessoas de bons vínculos. Foi uma honra os tê-lo neste momento, e saber da confiança de vocês em mim.

À minha amiga Arleilma e meu ex-professor Darlan. Em um momento extremamente difícil de minha vida, afastado da academia, eles me atenderam, encorajaram, orientaram, corrigiram, no sentido da construção do projeto de mestrado, assim como na familiarização com os processos seletivos que avengei.

Aos professores do meu curso de mestrado, todo o corpo docente esmerado em levar esse PPG à frente. Mas em especial a Valéria, com sua elegância e excelência historiográfica, ao Gleudson, com sua sagacidade e maestria, ao Altemar, por sua parceria e conselhos, ao Samuel, por nossas conversas e suas orientações, a Zilda, por compartilhar sua longa visão de mundo comigo.

Ao PPGHCE em si, programa que me abraçou e me permitiu esta conquista, além de um grande desenvolvimento pessoal. A UECE que se transformou em minha morada por quase dois anos, sempre será um lar para mim.

À CAPES, representados por seus trabalhadores de carreira, que com seu trabalho possibilitaram essa pesquisa financiando-a.

Aos meus entrevistados e minha família como um todo, que não por coincidência são grupos entrecruzados. Geralda, Francisca, Antonia, Amélia, Maria, Ducarmo e Cicera, Inácio (*in memoriam*) e Raimundo. O envolvimento, mais que isso, a empolgação destas pessoas em me receber, contribuir com os diálogos orais, sempre me perguntando sobre a pesquisa, me encantaram e me deram força para continuar, por eles. Estes, possibilitaram a pesquisa com muito mais que seu consentimento, eles também são autores deste trabalho.

Aos amigos queridos. Eu só sou porque nós somos, eu só consegui desenvolver este trabalho, porque muitas mãos me alavancaram ou me seguraram, conforme a necessidade. Pensando nisto, e em respeito às TANTAS e valiosas contribuições que tive, meus agradecimentos mais fraternos não terão nomeações. Foram três anos de minha vida neste trabalho, desde seu pensar, até sua defesa, neste longo percurso perdi, ganhei, mantive, deixei ir e sigo tendo muitas pessoas ao meu lado, muitos amigos. Sei, no fundo do meu coração, a importância que cada um teve para este trabalho e para minha vida, sei também do que valeu e vale minha presença na deles. Mas, acima de tudo, aprendi que realmente Braudel estava certo, a vida humana é permeada de estruturas históricas, mas o tempo de uma vida humana não tem *longa duração*, não é um tempo histórico, mas tão somente uma efeméride, cheia de lapsos, passagens, assim sendo suas relações, e que está tudo bem, caso seja reconhecido o valor do vivido em cada momento, sem anacronismos. Por tudo isto, agradeço a quem esteve e está, essa conquista é nossa!

A Fortaleza, esse limiar de além-mar, essa metrópole mundial, minha casa, que pegou na minha mão e me mostrou para onde e o quanto correr, sou grato todos os dias por esse mundo de possibilidades que ela é, buscando honrá-la com similar grandeza.

Ao destino, que tanto me protegeu e surpreendeu, realmente é da forma dele, não da minha, se não fosse assim, com certeza não seria tão feliz.

À estrada, minha confidente de sempre, que sempre assistiu meus momentos mais emblemáticos, que sempre me chamou e me afagou com um “depois”.

Ao Cariri, que nunca deixará de ser minha paixão e que, do seu jeito, me permitiu voar, de um ninho que amo retornar.

“[E então disse Dumbledore] – Não tenha pena dos mortos, Harry. Tenha pena dos vivos e, acima de tudo, daqueles que vivem sem amor. Ao regressar, você poderá assegurar que menos almas serão mutiladas, menos famílias serão destroçadas. Se isso lhe parecer um objetivo meritório, então, por hora, diremos adeus”.

(J. K. Rowling, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*)

“Agora, embora ainda deseje a Salvação, [o ser-humano moderno] afrouxou um pouco esse freio sagrado e não quer mais desdenhar este mundo. Preferiu entregar-se aos até então proibidos ‘pecados capitais’. Quer o êxtase neste mundo transitório: avarento e cobiçoso, quer o êxito econômico (acumular riquezas); ambicioso e arrogante, quer o êxtase político (acumular força); invejoso e orgulhoso, quer o êxtase social (o prestígio, a honra, o reconhecimento de todos); luxurioso e obsceno, quer o êxtase erótico (o prazer egoísta e antifraterno do sexo); vaidoso, quer o êxtase estético (a fruição da forma sem submetê-la ao conteúdo); pretencioso e arrogante, quer o êxtase intelectual (formular princípios lógicos alheios e concorrentes da fé)”.

(José Carlos Reis, *História & Teoria*)

RESUMO

Estudamos as vidas das Elias Nonato, sete irmãs trabalhadoras pobres da região do Cariri-Oeste, sul do Ceará, à época de suas infâncias e juventudes, sobre suas subjetividades, as memórias e identidades que elas edificaram durante, e desde, tais experiências pretéritas. Defendemos que a dimensão material de seus vividos, as austeras condições ambientais e de subsistência e as sociabilidades que mantiveram naquele espaço-tempo, atuaram como motores contributivos na construção destas subjetividades, balizando conteúdo, forma e significado delas. Objetivamos compreender essa relação de contribuição entre experiências práticas destas mulheres e formação de suas subjetividades mnemônica e identitária, além de reconstruir em texto as trajetórias da família e, principalmente, das sete irmãs, percebendo e compreendendo seus traços subjetivos e os processos em torno deles. Utilizamos a história oral para produzir relatos, com uma maneira própria de desenvolvimento da pesquisa, adaptada aos nossos interesses e perfis dos entrevistados. Nos orientamos por uma história “socio-cultural” à lá Falcon (2002), os conceitos de biografia com Bourdieu (2015) e subjetividade com os entendimentos foucaultianos (2018). Ao fim, entendemos que assim como suas biografias as subjetividades das Elias Nonato são em si um coeso conglomerado de (re)significações de seus vividos singulares e das coletividades que fizeram parte.

Palavras-chave: Biografia; Cariri Cearense; Empregadas Domésticas; História Oral; Subjetividade.

ABSTRACT

In this dissertation, the reader will find a study of the lives of the Elias Nonato sisters, seven poor and hard-working women from the same family, living in the west of Cariri region, in southern Ceará, during their childhood and youth, as well as the subjectivities of these women, the memories and identities that they built during and since these past experiences. We argue that it was the material dimension of their experiences, the austere environmental and subsistence conditions and the sociabilities that they maintained in that environment and time, that acted as contributing engines in the construction of their subjectivities, defining their content, form and meaning. Our aim, in general, is to understand this relationship of contribution between the practical experiences of these women and the formation of their mnemonic and identity subjectivities, and specifically, to reconstruct in text the trajectories of the family and, mainly, of the seven sisters, perceiving and understanding their subjective traits and the processes surrounding them. To this end, we used oral history to produce reports, with our own way of developing the research, adapted to our interests and the profiles of the interviewees. We were guided by a “socio-cultural” history à la Falcon (2002), the concepts of biography with Bourdieu (2015) and subjectivity with Foucaultian understandings (2018). In the end, we understand that, just like their biographies, the subjectivities of the Elias Nonatos are in themselves a cohesive conglomeration of (re)significations of their singular experiences and of the collectives they were part of.

Keywords: Biography; Cariri Cearense; Domestic Workers; Oral History; Subjectivity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Fotografia da Matriarca Lira (Maria Isabel) em 2011.....	46
Figura 2 –	Fotografia do Patriarca Jorge Já Idoso e Sem Visão.....	48
Figura 3 –	Fotografia da Irmã Geralda e do Autor em Atividade de História Oral.....	50
Figura 4 –	Fotografia da Irmã Francisca e do Autor em Atividade de História Oral.....	52
Figura 5 –	Fotografia da Irmã Antonia e do Autor em Atividade de História Oral.....	54
Figura 6 –	Fotografia da Irmã Amélia e do Autor em Atividade de História Oral.....	56
Figura 7 –	Fotografia da Irmã Maria e do Autor em Atividade de História Oral.....	58
Figura 8 –	Fotografia da Irmã Ducarmo e do Autor em Atividade de História Oral.....	61
Figura 9 –	Fotografia da Irmã Cicera e do Autor em Atividade de História Oral.....	64
Figura 10 –	Quadro “Taipa”.....	76
Figura 11 –	<i>Print Screen</i> do Arquivo Modelo Para Roteiros de Atividades de História Oral – Parte 1.....	112
Figura 12 –	<i>Print Screen</i> do Arquivo Modelo Para Roteiros de Atividades de História Oral – Parte 2.....	113
Figura 13 –	<i>Print Screen</i> do Arquivo Roteiro Geral de Atividades de História Oral – Parte 1.....	113
Figura 14 –	<i>Print Screen</i> do Arquivo Roteiro Geral de Atividades de História Oral – Parte 2.....	114
Figura 15 –	<i>Print Screen</i> do Arquivo Roteiro Individual de Atividades de História Oral – Parte 1.....	115
Figura 16 –	<i>Print Screen</i> do Arquivo Roteiro Individual de Atividades de História Oral – Parte 2.....	116
Figura 17 –	<i>Print Screen</i> do Arquivo Roteiro de Atividade Exploratória de História Oral.....	117

Figura 18 –	<i>Print Screen do Arquivo Modelo de Termo de Cessão de Direitos.....</i>	121
Figura 19 –	<i>Print Screen do Arquivo Modelo Para Textualização de Atividades de História Oral – Parte 1.....</i>	122
Figura 20 –	<i>Print Screen do Arquivo Modelo Para Textualização de Atividades de História Oral – Parte 1.....</i>	124
Figura 21 –	<i>Print Screen do Arquivo Textualização de Atividades de História Oral – Conversa Prévia – Amélia.....</i>	126
Figura 22 –	<i>Print Screen do Arquivo Ficha de Acompanhamento de Atividades em História Oral.....</i>	126
Figura 23 –	<i>Print Screen do Arquivo Cronograma de Atividades em História Oral.....</i>	129
Figura 24 –	<i>Print Screen do Arquivo Calendário de Aniversários.....</i>	130
Figura 25 –	<i>Print Screen do Arquivo Cronônimo de Renovações.....</i>	132
Figura 26 –	<i>Print Screen do Arquivo Lista de Descendentes.....</i>	133
Figura 27 –	<i>Print Screen do Arquivo NotPad de Informações Importantes das Entrevistadas.....</i>	134
Figura 28 –	<i>Print Screen do Arquivo Organograma de Contatos.....</i>	135

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	AS MULHERES ELIAS NONATO: VIDA, OBRA E SENTIMENTO.....	38
2.1	Filhas de Isabel e Jorge: Uma Biografia, ou Sete Delas.....	43
2.1.1	Contextos Interseccionais.....	66
2.1.2	Os Homens da Família: Um Contraponto de Gênero.....	78
2.2	Quem Sou? O Que Vivi! Do Que Me Lembro? Daquilo Que Passei! A Construção das Subjetividades Pela Materialidade.....	84
2.3	Narrativas e Sensibilidades: Minha História Me Afeta.....	94
3	PROVOCAR, RECORDAR E ORALIZAR: AS MEMÓRIAS DAS IRMÃS PELA HISTÓRIA ORAL.....	99
3.1	Instrumentalizando Mnéses: A Elaboração da Fonte Oral, seu <i>Corpus Documental</i> e Ferramentas de Trabalho.....	105
3.2	Planejamento Metodológico Um Tanto Filosófico: <i>Branding</i> de Operação Oral Para Uma Re-Produção Subjetiva do Passado.....	135
3.2.1	Passo a Passo Pensado na Criação Com Os Entrevistados.....	144
3.3	Processo Construtivo Mnemônico: Feição, Composição e Significados do Rememorar.....	155
3.4	A Traumatologia do Beijo Que Engravida: Experiências Limite e Seus Impactos Mnemogênicos.....	167
4	TRABALHADORAS POBRES DO CARIRI EM CENA: QUE PERSONAS SÃO ESSAS?.....	173
4.1	Da Memória Responsiva a Identidade Auto Reivindicada: Hoje, As Elias Nonato São o Resultado de Suas Experiências.....	176
4.2	Entre o Particular e o Geral: Os Coletivos Que As Individualidades de Cada Irmã Compôs e Seus Identitarismos.....	181
4.3	Se Fazer e Desfazer-se Constantemente: Padrões Identitários Àquelas Meninas no Cariri dos Novecentos.....	189
5	CONCLUSÃO.....	195
	REFERÊNCIAS.....	200
	BIBLIOGRAFIAS.....	201
	ANEXO A – MAPA DO CARIRI CEARENSE.....	205

APÊNDICE A – ROTEIRO GERAL DAS ATIVIDADES DE HISTÓRIA ORAL.....	206
APÊNDICE B – TERMOS DE CESSÃO DE DIREITOS DOS ENTREVISTADOS.....	214
APÊNDICE C – DEMAIS FOTOGRAFIAS DOS ELIAS NONATO.....	223

1 INTRODUÇÃO

Querido(a/e) leitor(a/e), se você chegou até aqui é porque algo te interessou em nosso título, resumo ou palavras-chave. O que te chama mais atenção? A experiência histórica feminina-proletária no interior do Ceará? O uso da História Oral? O debate historiográfico em torno de biografias? A discussão teórica em torno das subjetividades humanas? Tudo isto, você encontrará aqui, neste texto introdutório, mas nos permita realizar uma provocação. Nas veredas do grande sertão pulsam biografias e particularidades, estudar o que estas mulheres passaram e sentiram dá um livro! Evocamos os escritos de Guimarães Rosa e as máximas das mulheres da família Elias Nonato, nossas entrevistadas, sobre a densidade de suas trajetórias pessoais, para dizer que conhecer as vivências destas sujeitas e os movimentos de subjetividades ao longo delas desenvolvidos, encherão os olhos e espíritos de qualquer um que se propor a saber sobre. Isso porque seu conteúdo é muito mais rico que essa apresentação estruturalista inicial. Nos acompanhe, então, enquanto lhes contamos uma história das mulheres da família Elias Nonato, das empregadas domésticas do Cariri¹, e desenvolvemos uma explicação histórica possível destas experiências e das pessoas envolvidas.

A imagem do trabalhador rural cansado e desesperançado, mas sempre forte, com as marcas na pele do sol sob o qual está em labuta e em suas roupas puídas e “distioradas²” a presença da terra seca e da vegetação grosseira, que lida, além da composição de fundo com a imensidão da seca, e, quase sempre, a presença da numerosa família, que aguarda, em sua “casa de taipa³”, o retorno do patriarca com o sustento familiar. Esta elaboração é a representação social a se ter referência sempre que se pautam as personalidades sertão/sertanejo e Nordeste/nordestino, em meios dialógicos brasileiros que têm essas geografias e vivências como exóticas de seu próprio domínio nacional, e, a partir deles, em uma perspectiva internacional.

¹ O Cariri é uma região administrativa, geográfica e cultural localizada ao sul do interior cearense. Tendo seu nome advindo dos indígenas “*Kariris*”, antiga tribo habitante, tem como características a fertilidade da Chapada do Araripe e seu clima relativamente mais ameno. Fica a 491 Km da capital Fortaleza, e é composta pelos municípios: Abaiara, Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Assaré, Aurora, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Caririáçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Lavras da Mangabeira, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteirias, Potengi, Salitre, Santana do Cariri, Tarrafas e Várzea Alegre. Com exceção de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, município bem desenvolvidos, localizados ao centro desta região e que conformam uma Região Metropolitana, as demais cidades citadas são relativamente pequenas e essencialmente rurais, com populações entre pouco mais de sete mil e quarenta mil habitantes. Um mapa destacando a região do Cariri e seus municípios pode ser encontrado no Anexo A.

² Qualidade daquilo que teve sua condição ou arrumação original parcialmente destruída e/ou desorganizada. Este termo é comum no vocabulário corriqueiro do interior cearense que trabalhamos na presente análise.

³ Tipo de moradia que utiliza do método construtivo da mescla de barro e madeira para ser erguida.

Esta visão do senso comum guarda em si bases e estruturas etnocêntricas e xenofóbicas, mesmo sendo entre regiões do mesmo país. Todavia, é necessário repensar a contra perspectiva que se edifica em relação a isto, suplantando o discurso de negação que levanta a existência de cidades litorâneas, de regiões metropolitanas no Nordeste e as campanhas da indústria cultural que clamam pela guinada da discriminação para a utilização folclórica e turística do sertanejo/nordestino e de suas vivências, culturas, produções e espaços.

É bem verdade que, se nos debruçarmos sobre os dados estatísticos, perceberemos que o êxodo rural ainda é uma realidade nos sertões nordestinos, inclusive no cearense. Poderemos notar também que a autodeclaração como agricultor ou agricultora, ou mesmo a unicidade desta profissão nas autodeclarações, vem decaindo devido a diversidade de formas de sustento e custeio que atingem principalmente as novas gerações. As trabalhadoras e trabalhadores do campo tiveram também deveras políticas públicas de incentivo social e de trabalho entre os meados das décadas de 2000 e 2010.

Contudo, devemos considerar que a vida do campesinato sem posses, localizados a dezenas de quilômetros das sedes urbanas locais, é, de fato, uma realidade dura e imprevisível, que dificulta e põe em *check* a subsistência e o desenvolvimento familiar nas zonas rurais dessas regiões do *hinterland* cearense, circunstância representativa do cariri-oeste⁴. Ainda mais, se observarmos as condições sociais que permeavam o cotidiano destas famílias nas décadas de 50, 60 e 70 do século passado, então teremos em mãos uma realidade social que desafia os domínios da lógica e da credulidade, quando pensamos que nestas condições formavam-se e desenvolviam-se vidas humanas.

Não partindo, pois, da negativa destas situações de pauperismos vivenciadas pelos sertanejos de áreas rurais do Nordeste brasileiro, como de várias outras regiões do país e do mundo, porém, em mesma medida, enfrentando as narrativas reducionistas sobre nosso povo, cotidiano e lugar de experiência vital ao estigma do onipresente flagelo determinista, podemos, assim, evidenciar e discutir amostras da profunda e complexa imensidão das vidas atuantes nestes meios e condições, como as subjetividades ali envolvidas por exemplo, e a variedade destes espaços de atuação, com conteúdo, segundo nossas sujeitas de estudo, para um livro, seja de romance ou terror.

⁴ Microrregião componente da região do Cariri, localizada no sul cearense, tendo como composição os municípios: Assaré, Potengi, Araripe, Salitre e Campos Sales, segundo o mapa de regiões de planejamento produzido pela Secretaria de Planejamento e Gestão do Governo do Estado do Ceará – SEPLAG.

Tais condições estruturais estão pragmatizadas e são marcantes das historicidades componentes de nosso estudo de caso, as vidas e interrelações da irmandade⁵ feminina da família Elias Nonato. Aqui, denominamo-las como “As Elias Sertanejas”, as 08 irmãs, filhas de Maria Isabel da Conceição e de Jorge Elias Nonato, mulheres de família, sertanejas, exploradas, católicas, letradas e resilientes. Vejamos a trajetória conjuntural destas agentes históricas.

Em meados do século XX, e ao longo da segunda metade deste, os agricultores sem posses Lira e Jorge Elia⁶ construíram juntos seu próprio retrato da tradicional família rural do Nordeste brasileiro dos novecentos. Devidamente sacramentados em uma capela pelo catolicismo dito popular⁷ em 1943, como delimitavam os costumes sociais então vigentes, e aos quais eram subjetivamente apegados, o casal enfrentou as duras penas que permeavam o cotidiano do sertanejo cearense camponês de arrendamentos às margens da região do Cariri⁸.

Tendo como único meio de subsistência os trabalhos eventuais como boia-fria, ou até mesmo como peão dos fazendeiros senhores de terra, a família Elias Nonato, que ali nascia, não dispunha de residência própria, mesmo que indigna. Mudando-se constantemente das precárias moradias de casa de taipa ocupadas⁹ por falta de estabilidade financeira e de trabalho, a estadia da família naqueles espaços, mesmo com tais recorrentes mudanças, ainda lhes levavam a compreendê-los como lar. A permanência ou migração de uma fazenda, e consequentemente do “lar temporário”, dependia, principalmente, da disponibilidade empregatícia e dos serviços agrícolas conseguidos pelo “chefe de família”: o patriarca.

⁵ No sentido não institucional do termo, mas familiar, de parentesco.

⁶ Leia-se: a mãe e o pai da família Elias Nonato, das meninas/mulheres Elias Sertanejas. Seus nomes completos, acima referidos, eram dispensados no cotidiano de comunicação com os demais componentes das comunidades em que conviveram, como nos revelam as entrevistas com suas filhas. Lira era o apelido de Isabel, por ela aceito até o momento de sua morte, ocorrida em janeiro de 2013. Não conseguimos descobrir sua origem ou motivação, apenas seu complemento, indesejado pela matriarca e suas descendentes, Lira “Ventinha”, devido a pequenez de seu nariz. Já o título de reconhecimento social do pai é apenas um demonstrativo da agilidade do linguajar cearense, que “come” letras, como o “s” no final das palavras/nomes.

⁷ Referimo-nos aqui sobre a prática do catolicismo não romanizado, não institucionalizado, mas de cunho mais comunitário ligado a superstições e sortilégios, e bem mais presente naquele cotidiano.

⁸ A marginalidade que apontamos neste trecho é relativa à posição espacial das áreas ocupadas pela família Elias Nonato em relação a área de maior desenvolvimento do sul cearense, a Região Metropolitana do Cariri reconhecida pela LCE 78/2009, conjunto de municípios localizados na zona central desta parte do estado, concentrando suas maiores riquezas econômicas e sem tanta presença dos elementos imagéticos da seca e da zona rural. Nomeadamente, este “Cariri central”, por assim dizer, se trata do CRAJUBAR – Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

⁹ Utilizamos o termo “ocupadas”, logo após afirmar a não posse de residência própria, pois ao se estabelecer nas terras de algum proprietário para nelas trabalhar, a família ou se instalava em alguma casa de taipa do fazendeiro, ou ali erigia um pequeno abrigo temporário. Falaremos mais sobre isso no corpo do texto.

Em meio a estas realocações, provocadas aos Elias Nonato pela conjuntura de renda, os sítios¹⁰ que tal família percorreu, domiciliando e trabalhando, encontravam-se circunscritos em uma espécie de “zona de ninguém¹¹”, o que seja, uma área espacial rural de vegetação seca e quase não povoada localizada no extremo entre os limites dos atuais municípios cearenses de Altaneira, Assaré, Nova Olinda e Potengi. Justamente por esta localização, o acesso às sedes urbanas ao local era deveras dificultado, tanto em relação ao deslocamento dos camponeses até estas últimas, quando necessário, quanto à não chegada de políticas públicas ou de, meramente, garantias de direitos fundamentais a este território e seus moradores, vide que cada um dos poderes municipais imputava a responsabilidade da cidadania destas pessoas à urbe vizinha.

Vivendo desta maneira “dento dur mato¹²” (dentro dos matos), como dizem suas descendentes, fazendo referência a estas moradias longínquas e inóspitas em relação aos centros urbanos da região, Isabel e Jorge superaram as dificuldades imputadas pelo cenário ambiental e social, e que este estado ausente de políticas e/ou garantias consolida aos menos favorecidos, criando e expandindo a linhagem dos Elias Nonato. Chegando à marca de 22 filhos, mesmo nestas condições socioeconômicas de pauperismo e instabilidades estruturais, demonstra-se a característica perspectiva de natalidade vigente naquela cultura. Desses, apenas 11 “se criaram¹³”, ou seja, conseguiram superar as severas taxas de mortalidade infantil daquele tempo-espaço.

Nessa composição familiar, além de 3 filhos do sexo masculino¹⁴, temos como personagens principais para esta história as herdeiras da família Elias Nonato, as seguintes mulheres: Geralda Elias Nonato, nascida em 12/08/1952; Francisca Elias Nonato, nascida em 22/05/1955; Antônia Elias Nonato, nascida em 12/01/1957; Maria Aparecida Elias, nascida em 19/05/1958 e falecida em 20/01/2001; Amélia Elias Nonato, nascida em 28/09/1959;

¹⁰ Partimos da definição regional para “sítio”: espaço geográfico de zona rural estritamente mapeado no imaginário e conhecimento dos moradores locais composto predominantemente de campos produtivos e casas espaças.

¹¹ Esta está indicada por um círculo vermelho no mapa interativo do Anexo A.

¹² Esta expressão regional pode ser observada em qualquer diálogo comunal proferido entre moradores desta região que sejam da geração de 1970 ou anterior, ou mesmo dos mais jovens que sigam residindo na zona rural. A trazemos pois foi insistentemente presente nas narrativas de nossas entrevistadas quando se referiam às localizações da trajetória familiar

¹³ Outra expressão regional no mesmo sentido da anterior, e presente nas falas de nossas entrevistadas. “Se criar” é conseguir atingir uma idade e desenvolvimento fisiológico que rompa o período comumente considerado da infância, sem sucumbir às mazelas infanticidas.

¹⁴ Adiantando algumas informações sobre o assunto, tratadas mais a frente nesta introdução quando falamos sobre a metodologia da história oral, para aproveitar o ensejo dos nomes e linha etária dos membros da família e não deixar o leitor na curiosidade, os irmãos são: Inácio Elias Nonato, nascido após Amélia e antes de Maria, Gonçalo Elias Nonato, nascido após Maria do Carmo, e Raimundo Elias Nonato, nascido logo em seguida e antes de Cicera. O primeiro e o último compõem nossos entrevistados, o segundo está desaparecido desde 2011.

Antônia Elias Nonato (conhecida como Maria), nascida em 04/01/1964; Maria do Carmo Nonato, nascida em 16/07/1966 e Cícera Elias Nonato, nascida em 24/11/1972.

Devido ao pauperismo das condições para viver e a complexidade da busca do sobreviver, desde muito cedo, a partir dos 5 anos de idade, os filhos do sexo masculino eram levados para trabalhar como boias-frias e peões, juntos ou não do pai, em um regime de tempo e esforço de caráter adulto e bruto, e, quando de sua adolescência, viajaram para outros estados do país, dentro ou fora do Nordeste, em busca de trabalhos mais rentáveis. Já as filhas do sexo feminino, também eram encaminhadas junto de seus irmãos e pai para a lavoura, com a diferenciação das atividades agrícolas desempenhadas pelo critério de gênero¹⁵, ou recebiam o desígnio dos afazeres do lar ocupado pela família e a partir dos 8 anos de idade eram enviadas para os centros urbanos próximos (Altaneira, Assaré, Crato, Nova Olinda e Potengi) para trabalhar nas “casas das madames”, quais sejam, as residências dos indivíduos que compunham o grupo da então classe local dominante socio-politicamente, realizando todos os cuidados domésticos.

Além da divisão dos trabalhos externos buscados e designados às filhas e filhos pelos pais ocorrerem flagrantemente pelo critério de gênero, as filhas da matriarca não eram apenas destinadas ao trabalho doméstico, mas também ao convívio residente e cuidados da família para qual iriam trabalhar. Dentre tantas problemáticas possíveis que foram levantadas ao longo de nossa pesquisa referente a essa questão, e que aqui podem ser observadas, o motivo apontado comumente e espontaneamente por nossas protagonistas para tal tomada de decisão por seus pais, era a completa e iminente incapacidade de seguir conseguindo sustentar aquela quantidade de filhos. Logo, diante da fome e demais mazelas, que sempre batiam a porta, realizava-se tal cessão das filhas às famílias urbanas detentoras de abastadas condições financeiras.

Neste “trabalho”, estas meninas-mulheres viviam em um regime de criadagem¹⁶, visto que não recebiam “salário”, e quando ganhavam, era uma quantia meramente simbólica, entregue totalmente a sua mãe biológica, quando da ocorrência de algum encontro. O retorno acordado entre os patrões, famílias fundadoras das cidades e/ou políticos locais, e seus pais, o que também configura este regime de “trabalho” e nos leva a referi-lo entre aspas, era a garantia da moradia, da continuação da criação moral, da alimentação (péssima, diga-se de

¹⁵ Exemplo: meninos arrancavam tocos de árvores e carregavam caminhões, enquanto meninas enchiam covas com sementes do plantio e colhiam grãos.

¹⁶ Arregimentamos este conceito que será melhor trabalhado mais à frente, pois embora tentados a realizar um paralelo com formas domésticas de servidão feudal ou com elementos persistentes de nossa estrutura social e trabalhista escravocrata, devemos ter a responsabilidade histórica e historiográfica de não relativizar tais conceitos.

passagem, já que só podiam comer o que restava das refeições) e em alguns casos do acesso à educação pública, comandada contextualmente pelo regime político da ditadura civil-empresarial-militar brasileira. Como podemos observar de antemão, o caráter moderno do trabalho foi, de muitas maneiras, confundido na experiência destas mulheres enquanto domésticas, por sua presença como “elemento do seio familiar” e pelas relações afetivas que ali foram desenvolvidas por elas e por seus “patrões”.

Estas mulheres seguiram desempenhando, em moldes exploratórios, o trabalho que atualmente é reconhecido pela legislação brasileira como vínculo do empregado doméstico¹⁷. Tornando-se adolescentes e adultas, estas atrizes sociais buscaram, na educação formal, na diversificação do trabalho e no casamento, uma forma de emancipação da situação a elas imputada desde criança, qual seja, a vivência de humilhações e castração do ser enquanto permaneciam presentes na rotina das “casas alheias”. Lá, elas atuavam como “lambedeiras do chão alheio” ou “choferes de fogão”, como eram pejorativamente apelidadas pelo conjunto da sociedade e pelos próprios patrões, em referência aos serviços domésticos desempenhados.

Apenas com a conquista do casamento, devidamente realizado por uma celebração católica formal¹⁸, e com a conclusão do nível de escolarização que lhes foi possível, é que as filhas de Lira e Jorge passariam à tão sonhada vida de “donas de casa”, tendo condições para se alçar a outras formas de emprego, quando quisto e necessário. As histórias alusivas às relações afetivas carnavais desenvolvidas em suas vidas, até a consolidação dos casamentos, são das maiores riquezas de detalhes possíveis, tanto pelo afago que traziam e o sentimento que permanece aceso, quanto pelo alto pudor e hermetismo com os quais elas compreendiam tais relações e afetos, muito por causa das suas preocupações para com o respeito à moral cristã católica, item assíduo de suas falas e opiniões demonstradas, mas também por seus receios ao desprezo social que já lhes rondava devido suas origens e condições sociais.

É interessante nos atentarmos para o fato de que tais vivências, e suas narrativas autobiográficas, pertencem, são desenvolvidas por indivíduos concretos. Às mulheres Elias Nonato são tais estruturas de vida; dessas irmãs é que temos o contar revelador sobre as experiências componentes dessas estruturas. Logo, faz-se mister que, para um debate significativo sobre tais biografias e suas narrativas subsequentes, pensemos a respeito das

¹⁷ Esta categoria de prestação de serviços é reconhecida pela Lei Complementar nº 150, de junho de 2015.

¹⁸ Nesta frase, escolhemos os termos “conquista” e “devidamente” para expressar a perspectiva das Elias Sertanejas para com a união matrimonial, nos furtamos a naturalizar ou reproduzir os entendimentos deterministas próprios das estruturas patriarcal e cristã que são base de nossa sociedade, que coadunam para tal entendimento das mulheres que estudamos.

subjetividades elaboradas por estas sujeitas em meio a tudo isto, o seu ínterim como elemento histórico importante que visualizamos e discutimos na comunhão com tais experiências e estruturas, como peça fundamental para compreendermos tudo isto. Assim, dedicando atenção a dimensão intangível do ser humano, sua psiquê, nos somamos a um interesse de reflexão e episteme, que vem ganhando espaço e holofotes na sociedade, ao que nós corroboramos por ser, segundo o dicionário, parte de quem somos, uma composição de nossa parte sensível, âmbito com o qual o presente autor é muito ligado.

Atualmente, as Elias Sertanejas encontram-se todas vivas, desfrutando dos desdobramentos das peculiaridades presentes na trajetória comum acima apontada, bem como sendo claramente marcadas pelas especificidades individuais da história de cada uma. Da mesma maneira, seguem exercendo suas personalidades edificadas ao longo destes processos biográficos. As filhas de Isabel e Jorge são mulheres muito risonhas, espontâneas, mas incisivas e irredutíveis a suas opiniões. Têm um cuidado familiar que salta aos olhos, tanto para com os membros de seus núcleos, quanto entre os irmãos, não havendo grandes hiatos entre mútuas visitas que realizam à cidade e à casa de cada um. Seus diálogos valorizam o ressalte de suas características identitárias, reafirmando orgulhosamente suas maneiras de ser e os acontecimentos pretéritos que contribuíram para tal configuração. Sempre que podem, se utilizam do artifício mnemônico autobiográfico para enriquecer suas falas e preencher seus argumentos, conteúdo recorrente de suas narrativas cotidianas.

Geralda, Francisca e Antonia são mulheres legalmente aposentadas, mas seguem exercendo trabalhos rurais em pequena escala, a segunda tem ainda uma pequena loja de variedades. A primeira reside em Assaré – CE, tem cinco filhos, todos adultos com própria família constituída, é viúva a muitos anos e tem uma rotina de cuidados domésticos e dedicação à igreja católica. Francisca reside em Altaneira – CE e tem, com relação à rotina e filhos¹⁹, paridade com a descrição da irmã, diferindo apenas o fato de ser casada. Antonia reside em Nova Olinda – CE, tem oito filhos com mesma relação que suas irmãs, é “junta”²⁰ com o namorado e dedica seu dia aos cuidados domésticos e com a roça. Maria reside em Potengi – CE, é beneficiada por programas sociais do governo, tem quatro filhos com mesma relação que as irmãs, é solteira e preenche seu cotidiano com *freelancers* de cuidados domésticos. Amélia, Ducarmo e Cicera são ainda proletárias da ativa, respectivamente:

¹⁹ Apenas seu filho caçula segue morando com ela. Outra diferença é o tempo cotidiano dedicado a loja de variedades.

²⁰ Qualidade regional daquele ou daquela que mora junto da pessoa que tem um relacionamento carnal, mas não constitui casamento em rito formal, principalmente religioso. Algo tomado como pecado e imoral pela maioria da região, sendo então um termo pejorativo.

construtora civil, agente comunitária de saúde e professora. A primeira reside em Crato – CE, é casada, tem duas filhas e possui a mesma relação com os filhos que as irmãs anteriores. A segunda e a terceira moram em Potengi – CE, também são casadas e dividem seus cotidianos entre os cuidados domésticos e seus respectivos serviços públicos. Ducarmo tem um filho, que é o presente autor, Cicera tem três, estes ou moram fora da casa delas, mas mantém uma relação de proximidade quase onipresente, ou ainda moram com a mãe, que é o caso do caçula desta última.

Justamente por esta forma de atuação comum destas irmãs, que envolve o ímpeto pelo contar de si e de suas biografias, a frequente presença das irmãs nos espaços uma das outras²¹, e o fato do presente autor ser filho de uma delas e sobrinho das demais, é que temos a conexão entre a historiografia e este tema de pesquisa. Desde criança, nosso autor ganhou cotidianamente o contar das histórias dos Elias Nonato e a expressão de suas subjetividades identitárias e mnemônicas. Seja em caráter pedagógico, afinal era um jovem sendo criado, de maneira nostálgica ou desabafo, as irmãs Elias Nonato sempre evocaram o vivido de outrora, exortando concomitantemente suas sensibilidades para com tal. O conteúdo biográfico, o significado sensível e a arquitetura destas memórias e das identidades que às professavam sempre chamou atenção deste pesquisador. Com a formação deste último enquanto historiador, a atenção se transformou em interesse de estudo, tendo em vista que, com os pressupostos de nosso campo, tais vidas e indivíduos foram percebidas como elementos históricos, objetos passíveis de um debate historiográfico.

Depois de tantas idas e vindas, entre a proposta de estudo do pesquisador, a realidade da pesquisa de campo, as orientações do Prof. Gisafran Jucá e das bibliografias e as sugestões da banca de qualificação, estabelecemos que o grande mote levantado na presente pesquisa, a partir de Roche (2000), é que tais condições materiais, de seca, escassez, baixo horizonte de perspectiva e abandono quase que total do poder público cercaram o cotidiano e convívio das comunidades e famílias componentes do sertão caririense, notadamente dos Elias Nonato, balizando suas interrelações e construções de si. E para mais, que essas dimensões da infraestrutura trabalharam habitualmente como elementos contextualizadores de experiências, sociabilidades, produções e subjetividades das irmãs desta família, agindo como incisivos indutores da construção e elaboração de suas memórias e identidades.

²¹ Se o leitor observar o mapa do Anexo A todas as cidades em que as irmãs residem são muito próximas umas das outras, e interligadas pela rodovia CE-292. Com transporte próprio ou coletivo, o acesso entre elas é deveras facilitado.

Na complexa e plural trajetória das Elias Sertanejas, optamos por valorizar a atenção/consideração do domínio material cotidiano, dos objetos da vida, na busca de compreendê-lo e a estas sujeitas atuantes. Nesta perspectiva, consideramos estes elementos deste âmbito entendendo como imbricadas as facetas econômica e social, a produção e o consumo, ou seja, norteamo-nos pela compreensão da dialética entre as esferas material e subjetiva na incidência da caracterização do ser, de sua prática e de seu pertencimento (Roche, 2000, p. 11-12). Com isto, podemos nos atentar às respostas, reações e adaptações dadas pelas irmãs às sujeições dos meios onde elas viveram, sem oposição entre infra e superestruturas, pois o físico e o situacional estão dispostos em redes de abstração e sensibilidade essenciais à compreensão dos fatos sociais.

Desta forma, tomamos como mister a problematização dessas condições materiais, tão incisivos aspectos do terreno da infraestrutura, das relações mantidas entre elas e as vivências individuais e coletivas que as irmãs Elias Nonato perpetraram ao longo de suas biografias. Historiamos essas situações de existência, buscando elucidar a configuração e o processo construtivo do subjetivo destas indivíduos, propondo uma compreensão verossímil para suas formas de ser, identidade, de significarem o passado e sua memória.

Nesta lógica de pesquisa, temos enquanto principal tarefa compreender como as experiências práticas, materiais, das mulheres da família Elias Nonato contribuíram para a formação de suas subjetividades mnemônica e identitária. Para tanto, abarcamos em nosso recorte as vivências infanto-juvenis das Elias Sertanejas, do mais longínquo ano que suas oralidades recordantes conseguem ir (1959), até a realização de seus matrimônios ou de suas desintegrações do então ensino básico ditatorial (1980). Apresentamos uma conjectura sobre as condições e sensibilidades das mulheres pobres, e mais especificamente das trabalhadoras domésticas, na região do Cariri-Oeste, da segunda metade do século XX.

Realizamos este esforço epistêmico, ou apresentamos tais propostas de compreensão histórica/historiográfica, sobre tais elementos destes sujeitos históricos e, consequentemente, sobre suas conjunturas de espaço-tempo, no presente texto dissertativo organizado por objetivos específicos em ótica conceitual. Os debates sobre as oralidades da Elias Nonato, e seus conteúdos, que aqui objetivamos foram repartidos entre aqueles que são nossos principais conceitos: biografia, memória e identidade.

Nosso primeiro objetivo foi reconstruir em texto as trajetórias coletiva e familiar da família Elias Nonato e, principalmente, das sete irmãs. Ademais, buscamos perceber os contextos de suas vivências e as estruturas histórico-sociais que lhes atravessam, propor nosso entendimento de que as experiências materiais e sociais do processo biográfico destas

mulheres foram centralmente contribuidores para a elaboração de suas subjetividades e analisar a relação sensível que elas mantêm com seu passado vivido.

No segundo objetivo, buscamos explicitar ao leitor nosso empreendimento de lida com a história oral, desde sua elaboração até a crítica historicizante, passando pela exposição de como se deu tal prática de pesquisa. Apresentar o *branding* que desenvolvemos para a lida com esta fonte e com as peculiaridades das narrativas orais com as quais trabalhamos. Problematicar a elaboração e funcionalidade da primeira subjetividade destas mulheres, a memória e discutir os significados e efeitos mentais das memórias traumáticas, advindas das suas experiências-limite.

Já o terceiro objetivo foi de investigar a fabricação e expressão da subjetividade identitária das Elias Sertanejas, seus elementos e significados pessoais e sociais, analisar as suas identidades passadas, reivindicadas por elas ou a elas imputadas ao longo das experiências agora narradas, em relação aos contextos ali em voga e problematizar os vínculos e relevâncias existentes entre os âmbitos da coletividade e da individualidade, no sentido de compreender o lugar social ocupado pelas composições identitárias destas sujeitas.

Assim compreendidas, as subjetividades da irmandade feminina da família Elias Nonato figuram enquanto cerne do presente objeto de estudo, que faz arder a chama de nossos interesses historiográficos de pesquisa, uma vez que são observadas em sua construção e funcionamento a partir da correlação mantida com as vivências e condições materiais de suas sujeitas, como exposto anteriormente. Elaboramos nossa análise na senda de tal lógica e objetivos, em convergência com percepções que tivemos sobre a trajetória e as sensibilidades destas mulheres, a partir das informações biográficas e circunstanciais reunidas em cada oralidade produzida junto a elas, manifestação narrada de suas subjetividades, movimento que também nos atentamos para entender.

Nos propomos a uma produção escrita que, na literatura, salta aos olhos do atual público de massas, pois colocada enquanto dotada de imaginação, se fazendo através da orientação: “tornar a vida um mistério perverso”. Aqui o sentido que empregamos parte do que observamos da realidade também, mas não para criar em cima disto, e sim para transformar a efervescência que se busca demonstrar como imóvel, e as formas percebidas *a priori* como dadas, em imbricadas questões construídas, com envolvidos, causas e consequências nunca de fato aparentes, mas a serem solucionadas pelo trâmite de investigação e que nos leva a uma compreensão possível e à um atuar consecutivo em devolutiva.

Nos pautamos pelas recomendações dos professores Carlo Ginzburg, Walter Benjamin, Roger Chartier e Antoine Prost sobre o trato historiográfico. Podemos resumi-las

em uma frase: “escovar a história à contrapelo”. Em suma, promover uma análise em sentido contrário àquele no qual a fonte se apresenta para nós, elucidando seus silêncios, a outra face dos ditos e a explicação do que e como está exposto, não contentando-se com o quadro de informações explícitas que é apresentado, ou demonstrar as barbáries no documento da cultura, parafraseando as letras de Benjamin. Pois é a isto que nos colocamos nesta pesquisa com oralidades, edificação de curiosidade acadêmica para com os meandros das narrativas que o pesquisador passou sua vida até o presente momento ouvindo, antes enquanto lamúrias ou reiteraões de orgulho, e exemplos pedagógicos, e agora na forma de flagrantes das principais construções subjetivas de suas narradoras desde suas experiências materiais.

Para tanto tomamos como chaves explicativas dessas vivências, de suas auto narrativas, e dos seus elementos intrínsecos expostos, os indicativos teóricos de “biografia”, “subjetividade”, “memória” e “identidade”. Com estes principais referenciais teóricos abaixo explicitados, que definem a análise com tais conceitos, nos aportamos para a compreensão do conteúdo de nossas fontes e para a estruturação de nossas proposições e argumentações historiográficas, com relação aos sujeitos e estruturas históricas de nosso estudo, ao longo desta dissertação.

Entendemos nosso estudo destas biografias como uma forma discursiva e de pesquisa possível sobre uma vida, onde erigimos uma representação a partir dos fatos e processos que conseguimos nos aproximar, por meio dos relatos orais de nossos entrevistados. Levi (2015) propõe, neste sentido, que o estudo biográfico se faça em uma escala e perspectiva que relacione o indivíduo com o todo, mas não o furtando da consciência desta influência relacional. Estes dois agentes são vistos, então, como ativos nas historicidades ao longo do processo formativo das mentalidades e práticas que constituem as experiências de vida (IDEM, p. 179-180).

Visando uma compreensão satisfatória e sofisticada das histórias das vidas para as quais voltamos aqui, levamos em consideração também que é indispensável apresentar uma reconstrução sobre o contexto, a “superfície social” em que age o indivíduo, numa pluralidade de campos e dimensões sociais, a cada instante (BOURDIEU, 2015, p. 184-185). Dessa maneira, a inteligibilidade que propomos dos acontecimentos e processos biográficos, em suas colocações e deslocamentos, tem como elemento componente o próprio espaço social e o seu peso nas atribuições de sentido e valor para com as ações. Em suma, a compreensão de cada passo e/ou fase do trajeto biográfico passa por trabalhar o conjunto processual, considerando os nexos entre indivíduo e todo social. Baseados em Bourdieu, é desta forma

que compreendemos a configuração da superfície social e das personalidades em questão no presente estudo.

Cada momento, contexto, situação e/ou instituição que estruturaram as vivências dessa família, em especial dessas mulheres, se incidiu em suas individualidades principalmente de uma forma muito coercitiva, bruta, agressiva, castradora e traumática, enquanto elas tinham de estarem constantemente preparadas para resistirem, mesmo que subrepticiamente, à vida e à *persona* que lhes eram impetradas como únicas possíveis. Mas não apenas desta maneira, consideramos também o caráter afetivo, de esporádico contentamento e de descontração, mesmo que no perfil de resistência, concomitantemente existente nessas mesmas experiências e contextos. Esta relação dialética meio-indivíduo foi forte contribuinte do processo formativo das memórias e identidades das Elias Sertanejas, e tais subjetividades e suas elaborações configuram uma rica fonte de debate e compreensão daquele organismo social.

Tratamos, então, de uma atenção às sensibilidades dessas mulheres trabalhadoras, de um debruçar sobre a configuração e o processo morigerador das substâncias da subjetividade humana, como já dito as suas memórias e identidades. Entendemos este aspecto humano à luz foucaultiana, partindo da discussão entre as explanações que McGushin (2018) realiza sobre esta perspectiva teórica, e os apontamentos de Heyes (2018) para com esse mesmo pensamento.

O primeiro autor nos traz a subjetividade do ser como construído em processo a partir de esforços tanto externos, quanto internos, onde estaria nossa autenticidade (MCGUSHIN, 2018, p. 165), e em formas substanciais do que somos e de como nos expressamos, dentre as quais nos orientamos pela categoria “subjetividade disciplinar” (IDEM, p. 169-175), para compreender as experiências de nossas personagens em relação aos elementos de governabilidade social, e os direcionamentos ali envolvidos para o estabelecimento de um “eu conveniente”.

Já com a segunda autora, temos a corroboração da percepção da fabricação do sujeito, em suas peculiaridades não palpáveis, partida da imbricação de movimentos internos e externos, mas especificando que a subjetividade é a possibilidade filosófica de um “certo tipo de pessoa”, composto pelas especificidades do contexto histórico e político estrutural, que age sobre as pessoalidades na forma de um sistema de poder disciplinar, que tanto cria nossas possibilidades quanto restringe a nossa existência (HEYES, 2018, p. 203).

Tomamos esta formatação teórica como aporte orientador de nossa promoção do debate, pois partimos do ponto de vista das instituições como arquiteturas simbólicas e

transcendentais à vivência biológica humana, e da composição do âmbito do sensível e da psiquê humanas como algo fortemente ligado àquelas experiências, que são estruturais e marcantes, inegociavelmente balizadoras da estruturação desta composição. Logo, entendemos as conjunturas materiais condicionantes, que envolveram as trajetórias de nossas personagens principais, em suas composições elementares processuais práticas, que, enquanto poderio disciplinar, foram formativas das memórias e identidades destas sujeitas históricas.

Nessa construção coordenada das subjetividades humanas, a primeira das suas substâncias formadas, que direciona nossa curiosidade e esforços historiográficos, é a memória. Tanto para escrutínio deste elemento humano, quanto da segunda substância subjetiva que consideramos, a identidade, tomamos como base as orientações de Rüsen (2009), mesmo que, como veremos mais à frente, discutamos tais conceitos com o apoio de uma profusão de autores.

Em nossa jornada de discussões, partimos da lógica da memória cultural e do pensamento histórico, proposta por este autor, segundo a qual a memória age sobre as diferentes temporalidades de maneira respectiva e transcendendo a vida pessoal. Sobre o passado, ela o significa, o mantém vivo; sobre o presente, ela o fornece orientação cultural vinda essencialmente do passado e sobre o futuro, ela atua enquanto uma perspectiva/direção que também orienta e molda todas as atividades e sofrimentos humanos do presente.

Memória então, nessa configuração de ser e agir, é um modo de discurso histórico, uma memória histórica, como o autor conceitualiza. Esta tem uma rígida distinção entre o seu papel enquanto representações históricas na orientação cultural e na vida prática, e a sua estruturação como procedimentos racionais do pensamento histórico pelos quais o conhecimento do que realmente aconteceu é conquistado. Tem interesse em revelar todos os modos de fazer e manter o passado presente. Tal organização mnemônica apresenta o passado como força móvel do espírito humano, guiado pelos princípios do uso prático. É um relacionamento imediato passado-presente, incidindo diretamente no domínio da imaginação (IDEM, p. 165).

Podemos perceber então que, em todas as formatações teóricas aqui aportadas, os dois elementos de subjetividade considerados neste trabalho, de forma clara, memórias e identidades, são sensibilidades que estão indissoluvelmente ligadas. A memória, ao mesmo tempo em que modela quem somos, é também por nós modelada no sentido do que fomos, na funcionalidade de uma dialética destes dois elementos subjetivos que se conjugam para produzir uma trajetória de vida, uma história, como bem estabelece Rüsen em seu enunciado.

Nessa perspectiva, visualizamos a identidade, formada e expressa como importante função da memória e consciência históricas, em uma perspectiva temporal, na qual a mudança dos grupos e indivíduos envolvidos e de seus mundos contextualizadores gera frequentes guinadas em diferentes escalas nas experiências vividas em relação às coisas. É um constante esforço mental em manter a sensibilidade da familiaridade, ante às transformações estruturais perturbadoras. Identidade, nestes termos, é um procedimento específico de criação de sentido. Este procedimento funde experiências do passado e expectativas do futuro para compreender o progresso temporal. Dessa compreensão, molda-se o mundo da vida e provê o eu constantemente com coerência interior, sem perca do núcleo essencial identificador, ou com imagens semelhantes, quando de modificação (IDEM, p. 174).

O trabalho prático com os vestígios históricos, no esforço em descobrir e racionalizar na lógica historicizante, os feitos, costumes, condições, interrelações, padrões e propriedades que ocorreram e se desenrolaram naquele tempo-espaço, e nas vidas estudadas, se dará pelo cruzamento das informações captadas e construídas nas/a partir dos diálogos orais e suas transcrições, momento conclusivo no processo de produção das fontes do âmbito da oralidade, desenvolvido principalmente através das entrevistas, aproximações e percepções sensíveis, no bojo das técnicas em história oral.

Como trabalhamos com memória(s), a história oral é a nossa principal, para não dizer única, fonte. Elaboramo-la justamente em conjunto com as personagens desta história que narramos e problematizamos na presente historiografia, seja as protagonistas, que são as Elias Sertanejas, seja os coadjuvantes, seus irmãos. Por infortúnio do destino, ou por devido avançar da idade, tanto Isabel, quanto Jorge, o casal genitor da família, encontram-se falecidos. Das 8 mulheres Elias Nonato, 7 seguem em vida²², enquanto Maria Aparecida jaz falecida, infelizmente. Ainda sobre a primeira linhagem dos Elias Nonato, seguem em vida também 2 dos 3 filhos do gênero masculino²³, enquanto Gonçalo tem o status de desaparecido a mais de dez anos. Todos estes personagens vivos, principais ou coadjuvantes, são os entrevistados com quem desenvolvemos o trabalho da pesquisa e da escrita desta dissertação.

Realizamos entrevistas com as irmãs – filhas do sexo feminino da família – enquanto personagens principais, pois são suas memórias e identidades que buscamos compreender e explanar. Mas também com os seus irmãos – filhos do sexo masculino – visando a demonstração de uma perspectiva de contraponto de gênero. Mantivemos o

²² Já citadas inicialmente, mas relembro: Geralda, Francisca, Antonia, Amélia, Maria, Maria do Carmo e Cicera.

²³ Também já explicitados, mas relembro: Inácio e Raimundo.

horizonte de entrevistas em total abertura para inserimento ou recorte de membros da história, assim como dos temas levantados e formas de condução da produção da fonte.

Reconstruímos e problematizamos as histórias destes sujeitos com relação às suas subjetividades, então, a partir de suas próprias oralidades, formadas pelo conjunto das narrativas construídas ao longo das diferentes atividades de história oral. Levamos a cabo um constante dueto pesquisador-entrevistada/entrevistado, que traz, além das trocas dialógicas sobre os mais variados assuntos surgidos, e de assertivas com relação ao ser e ao mundo, uma programação repleta de relatos e comentários sobre episódios, processos e as sensibilidades ali envolvidas, que permearam as vivências dos espaços, estruturas e interrelações sociais das Elias Sertanejas e de seus irmãos do sexo masculino.

Toda esta prática de pesquisa junto às irmãs Elias Nonato, e com seus irmãos, constituindo o exercer e a utilização da metodologia história oral, foi conformada por uma série de concretas atividades de estudo. Foram elas: estudo de bibliografias orientadoras da história oral, planejamento e elaboração dos roteiros de entrevistas, contato virtual continuado com os entrevistados, ida a campo para gravação das entrevistas, transcrição das entrevistas, análise das fontes produzidas, fora as comunicações orais e minicursos por nós ofertados em eventos acadêmicos e disciplinas ministradas na graduação em história²⁴, todos tendo essa metodologia como temática. Isso nos resultou, primeiro enquanto tarefas exercidas, uma atuação de campo de incontáveis horas de ligações e mensagens trocadas com os entrevistados, outras várias visitas pontuais aos entrevistados, além de quatorze entrevistas realizadas, fora as horas de esforço teórico com as preparações destas tarefas e lida com o material produzido, sendo este último nosso segundo resultado, um montante de exatas 27h:58min:22seg de áudio gravados e 257 páginas textualizadas, já que não transcrevemos as últimas cinco entrevistas, exploratórias, e realizamos uma descrição de nosso primeiro contato sobre a pesquisa em si com elas.

Nestas fontes de informações historiográficas, nosso objeto de estudo é composto pelo conteúdo, forma e significado das recordações que são operadas pelo citado dueto pesquisador-entrevistada/entrevistado, mas que trabalham como matéria-prima os fatos, feitos e sentimentos dos entrevistados decorridos em seus respectivos processos experienciais biográficos. Da mesma forma, esta composição contempla os elementos, manifestações e sentidos das individualidades identitárias destas mulheres, também explicitadas ao longo destas operações com estas matérias-primas por meio das diferentes formas de narrativa e

²⁴ Nas turmas do curso presencial de licenciatura plena em história da presente universidade.

suas afirmativas lançadas. Tudo isto em relação ao experienciado praticamente e seu contexto material.

Das transcrições, frutos dessas entrevistas, trabalhamos com produção e utilização de narrativas, encadeando análises narrativas, para conhecimento, reflexão e problematização das vivências e de suas subjetividades destes sujeitos, bem como das estruturas sociais ali incidentes como epicentros morigeradores, para fomento das discussões epistêmicas que propomos sobre tais vidas e suas relações com as conjunturas históricas.

Encaramos a aventura da pesquisa com história oral como a principal prática a ser encaminhada dentro do desafio demonstrado por nosso estudo, um caminho de trato historiográfico que traz tamanhas complexidades específicas que acarreta, talvez, até maior dificuldade e necessidade de esmero do que as demais maneiras de lida com as outras tipologias de fontes. Por isto mesmo observamos asceticamente a técnica de sua produção, ao mesmo ponto em que buscamos garantir a liberdade de criação e maleabilidade através do não engessamento de sua pragmatização. Nossa atenção se volta para necessárias observâncias de construção e utilização das ferramentas deste trabalho, das maneiras de contato às entrevistadas e entrevistados e do processo burocrático, mas também para a sensibilidade e afetuosidade permeando indispensavelmente as atividades, e uma atuação prática garantidora de aprofundamento das potencialidades do vínculo e das elaborações narrativas, agindo em postura transdisciplinar.

Quando o assunto é história oral a academia não tem um consenso com relação a sua natureza, entre uma mera técnica ou até mesmo um subcampo do conhecimento em plena consolidação referenciado no íterim da historiografia, os pesquisadores que dela se utilizam estão organizados em seus próprios grupos intelectuais de afinidade em torno desta compreensão (AMADO e FERREIRA, 1998, pag. VII-XXV).

Assim como estas autoras, entendemos a história oral enquanto uma metodologia. E para seu desempenho nos aportamos principalmente em Alberti (2004); (2004) e Portelli (2016). Com este diálogo teórico, trabalhamos tal metodologia na forma de um diálogo narrado e posteriormente transcrito para trabalho da crítica historicizante. As entrevistas nos revelam memórias, narrativas, subjetividades e relações gerais, mas tanto em sua produção, quanto na análise do conteúdo transcrito, temos alguns entendimentos base. Nominalmente: que o relato individual e o discurso do senso comum, embora tenham intensas conexões diretas, são diferentes entre si; que nós enquanto historiadores cocriamos nossa fonte, e que justamente por isto é de extrema necessidade exercitarmos constantemente nosso respeito, a ética, e a própria arte da escuta.

Para mais que isso, temos em conta que a metodologia da história oral nos cobra, enquanto pesquisadores, uma série de decisões sobre as circunstâncias das entrevistas. Estas são diversas e poderosas, no sentido da capacidade que têm de esculpir as potencialidades dos momentos culminantes do esforço de construção da fonte oral. Definições de espaço, tempo de duração, presença ou ausência de estímulos, organização das narrativas (caráter livre ou guiado), tudo isso e muito mais tem de ser planejado à exaustão, pensando vantagens, desvantagens e precauções, pois podemos ir de um extremo – relatos emocionantes e reveladores, transcendentais do mero “contar um acontecido” – ao outro – entrevista desandada, confusa e improdutiva – em um íterim muito rápido, ao longo de nossa atuação de campo (BOM MEIHY, 2007, p. 55-56).

Levamos a cabo aproximações e diálogos prévios com os entrevistados, não apenas visando seu consentimento, mas também buscando lhes envolver, conquistá-los com a pesquisa e ter o máximo possível de seu engajamento no trabalho. Privilegiamos o formato de entrevista de história de vida, mas também nos valem dos formatos conversa prévia e exploratória. Utilizamos um roteiro geral da pesquisa²⁵, que engloba todos os personagens e questões deste estudo, e a partir dele desenvolvemos roteiros individuais para cada entrevistado, e por fim, roteiros para cada sessão das entrevistas. Dispomo-lo em um “Projeto de História Oral” (BOM MEIHY, 2007), que acompanhou toda a prática de pesquisa²⁶. Nos valem do termo de “Cessão de Direitos Sobre Depoimento Oral para o(a) [nome da instituição]” (ALBERTI, 2004, p. 135) para respaldo burocrático na utilização acadêmica das entrevistas²⁷. Quanto à transcrição, observamos linguagens corporais, pausas, silêncios, expressões faciais, entonações de voz e vivacidade do meio, para mais que os ditos verbais.

Para contribuir com os objetivos de nosso estudo, nos esmeramos a preparar um bojo de questões que inicialmente conduziam nossos colaboradores a relatar e comentar suas trajetórias biográficas. Buscamos a elucidação do vivido e sua materialidade, as interrelações envolvidas e sensibilidades consequentes. São estas tipologias do contar que, posteriormente, nos conduzem no labor das informações construídas/percebidas e aqui discutidas, em conjunto com os subterfúgios bibliográficos. Disto, podemos, então, apresentar nossas propostas argumentadas de inteligibilização destes indivíduos e de suas experiências históricas, formuladas e reformuladas ao longo de todo este processo.

²⁵ O roteiro está integralmente disposto no Apêndice A.

²⁶ Cumprida sua função de norteamiento e controle das atividades de pesquisa dos Elias Nonato, este projeto de história oral, que tem sua estrutura e composição explicitadas nas partes iniciais do capítulo 2, foi desmembrado e suas formulações reutilizadas como discussões teóricas necessárias ao longo desta dissertação.

²⁷ Todos os termos devidamente assinados por nossos entrevistados foram digitalizados e podem ser visualizados no Apêndice B.

Em nossas atividades de história oral bradamos indagações e proposições sobre as subjetividades das Elias Sertanejas, suas experiências e materialidades contextuais, em especial, no que concerne à relação dialética de mútuo fomento entre estes dois âmbitos, mas sempre através de, ou perpassando por, as operações de memória que às elucidam. Para levar a cabo esta atividade humana como instrumento da concretude destas promoções historiográficas, agimos com o norteamento de sua operacionalidade na forma de uma percepção individual ou coletiva que temos da duração do tempo, ou das relações entre temporalidades, de maneira vívida.

Na nossa análise destas oralidades, nos pautamos pela crítica que questiona e não degenera, com colocações que retiram nossas fontes de informações de sua zona de conforto, reviram-na e voltam em um dessecamento indagativo, que busca o sapo das explicações implícitas em meio ao grande e complexo brejo das peculiaridades humanas aparentes. Assim sendo, para fomento das explicações historiográficas que propomos sobre estas experiências e as estruturas que lhe envolvem, formulamos uma criticidade disposta em provocações que desencadeiam nas oralidades textualizadas de nossos colaboradores revelações daquilo que fomenta e estrutura as configurações biográficas e subjetivas estudadas, para mais que o entendimento e o seguimento comumente explícitos. Prova do cumprimento deste objetivo é o espanto em gesto e verbo de nossos entrevistados quando perguntados, uma vez que cirurgicamente atingida sua costumeira obviedade da naturalidade dos tópicos trabalhados, onde o caminho inverso se faz e eles ressaltam a não naturalidade destas indagações, inclusive questionando-as, com o dizer: “olha as perguntas que esse menino me faz!”, por exemplo, pois estas incomodam uma, até então, normalidade.

Como dito acima, nos esmeramos na construção de um Projeto de História Oral, uma obra a parte na qual refletimos sobre nossa metodologia de trabalho como um todo, e elaboramos profundamente nossa postura perante os entrevistados e a compreensão de arregimento e utilização de nossas ferramentas, assim como da melhor forma do manejo de nossa prática com as oralidades, o que engloba as atividades anteriormente citadas. Neste projeto, que terá suas elaborações destrinchadas no início do segundo capítulo da presente dissertação, engendramos: revisão bibliográfica dos cânones da produção teórico-metodológica brasileira a respeito da metodologia; a aplicação exemplar desta última em trabalhos acadêmicos a nível de mestrado e doutorado; formulação de justificativas, objetivos e problematização especificamente para este trabalho de pesquisa com os entrevistados e suas narrativas; seleção de técnicas e cuidados a serem utilizadas.

Formulamos, principalmente, o norteamento de nossa construção de fontes por meio de um *corpus* documental preenchido ao longo da pesquisa, reunindo importantes informações sobre nossos entrevistados e seus cotidianos, e nos auxiliando na produção e compreensão das narrativas da família; uma descrição passo a passo dos esforços despendidos na construção desta história oral, como um guia das atividades realizadas; e um *branding* de saberes teórico-metodológicos em torno de uma otimizada lida com o outro para a produção de diálogos frutíferos em prol de objetivos maiores, para o qual nos valem de técnicas e especialidades dos campos da psicologia, antropologia e educação que, imbricados aos conhecimentos da história, nos permitem uma conexão muito maior com os entrevistados: uma construção mais profunda de informações e uma análise mais atenta do processo e seus produtos.

Seja com relação a este trato de fontes ou sobre nossas reflexões propositivas a partir de nossos aportes teórico, mirando a compreensão de nosso objeto de estudo, a configuração central que reivindicamos para este nosso trabalho é, com efeito, um estudo e escrita sensíveis. Termo muito utilizado nos últimos anos, em ciclos de debates acadêmicos das ciências humanas, podemos delimitar este caráter sensível como uma postura e um cuidado, tanto na forma do fazer a prática de pesquisa, quanto nas atenções atribuídas ao longo da produção textual, que valorizam a proximidade das subjetividades entre pesquisador e pesquisados, buscando e percebendo aquelas informações mais íntimas, a situação do individual perante as questões estruturais, apresentando e propondo a partir da empatia para com os sentidos e emoções daqueles sujeitos que estão vinculados com os fatos e processos históricos analisados, uma comunicação historiográfica, mas quase poética.

Nestas tangentes, apresentamos um estudo sensível e ativo, que indutivamente elabora conhecimento sobre as condições sociais de pobreza e desprestígio moral de nossas personagens, em relação aos potentados de relativo capital financeiro e consideráveis capitais político e social, que compuseram o quadro de suas vivências cotidianas e experiências comuns. Propomos explicações de que formas, modos e intensidades esse posicionamento na estratificação social, aliado às austeridades materiais e os meios de resistência e sobrevivência, corolários desta disposição socioeconômica, e às formas de exploração e alienação desenvolvidas pela classe dominante patronal e letrada, arquitetaram, como força colaborativa, as constelações culturais de símbolos e signos do ser, as individualidades e idiossincrasias, que inventam as personalidades inerentemente assumidas e as auto iconografias mnemônicas consideradas por estas mulheres.

Com estas disposições, nossa historiografia aborda a realidade acima delimitada por meio das ferramentas do paradigma historiográfico da História Social, à luz de obras e autores da Escola Social Inglesa. Por conseguinte, as problemáticas sociais em voga são interpeladas focalizando o olhar das classes subalternizadas para as elites, construindo uma história vista de baixo para cima em relação a estratificação social, e tendo como eixo fundamental a luta de classes ali operante (THOMPSON, 2001).

Preocupamo-nos em nesta produção historiográfica, assim configurada, então, com nosso objeto de investigação a partir do ponto de vista social, teorizando e discutindo suas estruturas constitutivas a partir das práticas históricas e dos condicionantes materiais ali envolvidos, de modo a não os encarar nos moldes de um determinismo econômico. Embora estes elementos sejam fortemente considerados, as análises levadas a cabo estão centradas nas experiências vividas, tomando como sujeitos históricos protagonistas as trabalhadoras exploradas e sua família, vistas como agentes ativas e conscientes dos processos sociais.

E para mais que este aporte paradigmático, o caminho que traçamos no desenvolvimento deste estudo se dá abraçado pelo PPGHCE. Assim sendo, o flagrante espectro social desta obra, com a anteriormente explanada utilização de suas ferramentas, perspectivas e conceitos diletos na orientação e desenvolvimento epistêmicos, encontra um contexto intelectual reconhecido pelo advento da história cultural, mas esta dualidade não concorre em prejuízo para esta reflexão histórica, antes disso forma uma legítima composição que traz vigor e profundidade às percepções, inquiuições e formulações aqui dispostas.

Reafirmamos aqui o entendimento da necessidade de reconhecermos que os paradigmas social e cultural estão totalmente imbricados no funcionamento da sociedade que estudamos. Que os aspectos primados e a ótica estabelecida em cada um destes campos, correlacionam-se e interdependem-se, para que de fato possamos compreender as sensibilidades e práticas que compõem as experiências históricas dos agrupamentos humanos considerados. Logo, pesquisamos os elementos e temas, com as ferramentas metodológicas, que se casam com as preferências epistemológicas deste pesquisador que vos fala, e deste programa no qual nos encontramos, em uma análise social dos aspectos subjetivos desta cultura objetivada.

Neste sentido tomamos como base que, assim como explanado por Hobsbawn (1998), o progressivo trabalho de Marx, e daqueles que desenvolveram sua linha de raciocínio e método de estudo, têm impacto contributivo epistemológico em orientação ao trabalho tocado pela historiografia contemporânea, trazendo alternativas e produtividade à investigação do passado, desde o início do século XX. São proposições, método, trato e ótica

para com o objeto de estudo, além de arquitetura narrativa e conceitual. Sendo que, mais importante que esses ganhos que temos ao valermos-nos da perspectiva social da historiografia, é não nos deixarmos cair na tentação da prática de inteligibilidade orientada pelas “contribuições cavalo de troia” do marxismo vulgar, observando e evitando o já citado determinismo econômico, e demais concepções que em nada representam o pensamento de Marx, podendo desmoralizar a historiografia formulada e apresentada.

É preciso não se deixar aparelhar por “caixinhas acadêmicas”, repartições do conhecimento que, por um sentimento quase nacionalista, não se deixa perceber as limitações do próprio paradigma e nem enxergar as contribuições que os demais campos têm a oferecer. Nos localizamos desta maneira, em uma espécie de “história sociocultural”, por falta de melhor termo, ainda mais quando observamos os ensinamentos de Roger Chartier sobre a relação entre História Social e História Cultural, e este nos lembra que as tensões entre estes campos da historiografia se dão devido ao debate ocorrente entre nossos pares sobre as capacidades inventivas e limites de pensamento de cada um (FALCON, 2002, p. 88).

Todavia, não podemos encarar suas diferenças como “territorialidades”, mas sim como tradicionalismos, superados por exemplo pela história vista de baixo, paradigma da história social renovada, e pela história da cultura popular, paradigma da nova história cultural, sendo que ambos, por realizarem tal crítica, coadunam na forma de análise dos objetos. Por isto, as contribuições nos trazidas pela História Cultural a luz de Chartier são também valiosas a orientação de nosso trabalho, visto que nos esclarecem principalmente que nosso caminho de estudo deve: ligar a construção narrativa do corpo social à construção social da narrativa; buscar a interdisciplinaridade; entender as diferenças entre as formas e práticas culturais; desvendar os esquemas mentais e afetivos; e ponderar nossas afirmações entre as determinações simbólicas dos agentes históricos e o constrangimento contextual sobre estes agentes e suas experiências (FALCON, 2002, p. 89-90).

Com tudo isso, empreendermos tal estudo das memórias e dos elementos identitários das Elias Sertanejas, em referência aos seus espaços de experiências entre sua infância e sua composição no ensino básico do governo ditatorial, é de cirúrgica importância social. Na produção deste conhecimento, trazemos conteúdo com o qual fomentar o ensino de história regional, atividades culturais locais, movimentos de alteração na cultura política e na própria consciência social de si e da estratificação de nossa sociedade, bem como a formulação de políticas públicas de memória e de atenção à fiscalização de práticas de trabalho doméstico contemporâneas.

São outras narrativas sobre a história do povo das cidades do cariri-oeste cearense, e da constituição destas; história esta, até então, dominada e aceita pelo discurso institucional de simbolismo político, no entorno das classes dominantes. Historicizamos estas vivências com os pressupostos de nosso campo de conhecimento, na tentativa de dessacralizar axiomas estruturais sobre construção cidadina, funcionamento e estratificação social, relações de apadrinhamento imbricadas às de trabalho etc.

É importante, também, trazermos esta pontual colaboração à tão escassa história das empregadas domésticas cearenses em nosso campo, categoria extremamente marcante em nossa cultura e história. Não há produções de considerável vulto em quantidade sobre a memória e identidade desta categoria de trabalhadores, assomado ao fato de que não há, em primeira análise, produção em nosso campo que considere estas questões em um recorte de trabalhadores atuantes na profundidade dos sertões de nosso estado, mas apenas da capital. Tema de pesquisa em plena emergência, com apenas recentes conquistas de espaço acadêmico e social e com um universo de possibilidades a serem desenvolvidas (DE SOUZA, 2015).

Com essa pesquisa, nos propomos também a contribuir ao fomento da perspectiva historiográfica de compreensão das subjetividades através experiências materiais. Uma análise social sobre as abstrações identitárias e subjetivas, algo rarefeito no atual contexto epistêmico local de nosso campo de estudos. Colaboramos, modestamente ainda, com a compreensão e a disponibilização de estruturas alternativas de explicação, em relação ao funcionamento e condições das consciências, práticas, estruturas e interrelações sociais.

Após todo o trabalho de pesquisa, nos debruçando sobre as leituras, principais, acima apontadas, construindo nossas fontes em parceria com nossos entrevistados, e nos esmerando em produzir reflexões acerca de tudo isto, trazemos agora a apresentação dos conhecimentos que formulamos a respeito das Elias Sertanejas e de suas subjetividades. Nossa discussão está dividida a cada capítulo por temáticas conceituais, trabalhando a história de vida destas mulheres por todo o trabalho em um *zig-zag* nas suas etapas etárias, temporalidades e espaços de vivências, ou demais contextos. Ao longo deste trabalho formulamos nossa proposição geral em uma historiografia não retilínea, com relação à sequência dos fatos nas histórias destas mulheres, mas buscamos conseguir comunicar nossas discussões teóricas a partir da problematização de suas vivências à luz de perspectivas específicas, enquanto utilizamos os produtos da história oral como fontes onipresentes.

No primeiro capítulo trazemos uma discussão das trajetórias biográficas das Elias Nonato, seus contextos e estruturas históricas atravessadas, a elaboração de suas subjetividades a partir destes elementos e suas relações sensíveis com tal passado. Temos

como base os conceitos de biografia e subjetividade, além de nos valermos das categorias “materialidade” e “sensibilidade”. Em sua estrutura temos: um tópico tratando do processo biográfico em si de cada irmã e da família a partir das narrativas delas, contando ainda com dois sub tópicos, um onde consideramos as interseccionalidades que atravessam os corpos e as vidas das mulheres Elias Nonato, e outro em que trazemos a perspectiva masculina de seus irmãos sobre o caminhar da família e o campo de vivências compartilhado com elas; outro tópico onde definimos explicitamente nossa perspectiva sobre a intervenção das experiências materiais na construção das subjetividades, e demonstramos como isto está presente nas narrativas autobiográficas de nossas entrevistadas; e um último tópico abordando a relação de sensibilidade existente entre as Elias Nonato e suas vivências passadas, manifesta em suas oralidades e flagrantemente ainda atuante sobre a funcionalidade de seus elementos subjetivos.

No segundo capítulo, explicitamos nosso trabalho com a metodologia da história oral, a problematização da elaboração e funcionalidade da memória das Elias Sertanejas e a discussão sobre suas memórias traumáticas. Temos como base o conceito de memória e o norteamento metodológico do trato com a história oral. Em sua estrutura, temos: um tópico tratando das ferramentas práticas de elaboração das atividades de história oral e a constituição de um *corpus* documental, contando ainda com um sub tópico onde explicitamos o processo cotidiano de pesquisa em história oral; outro tópico onde explicitamos o diálogo teórico com o qual compreendemos esta metodologia, inclusive demonstrando o *branding* que montamos como aporte, e um sub tópico onde destrinchamos o passo a passo planejado para a pesquisa e sua efetuação; mais um tópico abordando os elementos presentes nas operações de memória de nossas entrevistadas, e as específicas relações entre o lembrar e cada experiência prática; e um último tópico abordando a constituição e as reverberações das memórias traumáticas nestas mulheres, a partir de suas vivências em situações limite.

No terceiro capítulo, investigamos a constituição e a prática das identidades destas irmãs, suas identidades vividas no tempo de suas experiências pretéritas narradas e as relações entre coletividade e individualidade na composição identitária delas. Temos como base o conceito de identidade, além de nos valermos da categoria “memória responsiva” e nos aprofundarmos no debate de “gênero”, “sertão” e “classe”, e na questão dos padrões sociais. Em sua estrutura, temos: um tópico tratando do conteúdo e processo de constituição das atuais identidades destas mulheres, como algo diretamente relacionado à suas experiências; outro tópico no qual discutimos a relação entre identidade individual e coletiva, problematizando as coletividades que as irmãs compunham desde sua família e comunidade, até as

interseccionalidades que lhe atravessaram ao longo da vida; e um último tópico abordando os elementos identitários por elas assumidos, mediante as tensões que configuraram suas atuações em meio às situações vividas no passado infanto-juvenil, e por elas elencadas quando das narrativas autobiográficas.

2 AS MULHERES ELIAS NONATO: VIDA, OBRA E SENTIMENTO

No carnaval do Rio de Janeiro, em 2019, o samba campeão foi o da escola Estação Primeira de Mangueira. Este dizia, entre outras coisas: *“Deixa eu te contar/A história que a história não conta/O avesso do mesmo lugar/(...)/Brasil, o teu nome é Dandara/E a tua cara é de cariri/Não veio do céu/Nem das mãos de Isabel/A liberdade é um dragão no mar de Aracati/(...)/Brasil, chegou a vez/De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês”*. Além de emocionante, esta composição é provocativa e inspiradora. Há muito tempo é chegada a hora de sermos esta história que o povo negro do Morro da Mangueira nos cobra: uma sequência contada ao contrário do discurso oficial, dos vencedores da estratificação social, partindo a perspectiva de compreensão da sociedade desde as vozes e vidas dos vencidos.

Observemos, então agora, diante de uma historiografia hora dominada pelos memorialismos elitistas e políticos, a organicidade da conjuntura social do cariri cearense entre o final da década de 1950 e início da década de 1980, a partir da ótica, do vivido e da narrativa de mulheres pobres da zona rural, importante parcela daqueles que são os “vencidos” desta região, segundo a lógica de poder e de direitos sob o capital.

Da mesma maneira, em uma rápida observação contextual de nossos dias, podemos perceber que há um chamado da sociedade, seja em redes e mídias sociais, âmbitos acadêmicos e políticos, ou mesmo em demais espaços de socialização, para que demos centralidade aos assuntos sobre nossas subjetividades e sensibilidades. Essas questões ganham cada vez mais importância nos diálogos corriqueiros, espaços de discussões e preocupações de cuidados em pauta. Com a modernização, suas exigências de maior agilidade cotidiana, sobrecarga das capacidades humanas para trabalho e convivência, além das novas tecnologias de registro de dados, nosso entendimento de memória vem se modificando, assim como a forma que a praticamos. O mesmo ocorre com a identidade desde o imperialismo até a globalização. Já com as sensibilidades, estes novos debates e compreensões partem das demandas que a estafa e adoecimento mental epidêmicos trazidos pelo capitalismo exigem, são elas: a responsabilidade afetiva, relações de comunicação não agressiva e a promoção de saúde mental. Estes são os assuntos do momento.

No presente capítulo, nosso objetivo é remontar o caminho das vivências da família Elias Nonato, em especial das irmãs, a partir de suas narrativas autobiográficas, compreendendo suas trajetórias individuais, mas também a conformação de um espaço comum de experiências destas indivíduos e de sua família, assim como perceber em quais contextos estas vidas estavam inseridas e por quais elementos estruturais deste contexto eram atravessados de maneira configurativa. Para mais apresentamos nossa proposição das vivências materiais como vetores da construção das subjetividades das irmãs, buscando entender quais os significados que são atribuídos por estas mulheres à suas próprias experiências com relação à composição e funcionalidade de suas subjetividades. Por fim, nos dedicamos a discutir a relação contemporânea entre o “ter passado” por estas vivências, e elas próprias, com as sensibilidades destas mulheres ao ser tratado do assunto com elas, percebendo como suas histórias lhes afetam emocionalmente.

Com este esforço inicial, conhecendo suas histórias e entendendo como elas ainda lhes afetam, mantendo forte relação com suas subjetividades, da maneira que nós apresentamos conforme narrativa delas próprias, é que podemos então nos propor a discutir a contribuição de tais experiências para a construção das memórias e identidades destas mulheres, compreendendo suas formatações e significados.

Como suporte intelectual para estas ambições iniciais, utilizamos os seguintes conceitos principais – Biografia, Subjetividade e Sensibilidade. Logicamente algumas outras categorias surgem nestas nossas discussões primeiras, mas sempre contribuindo com a questão central de cada tópico, que gira em torno respectivamente de cada um desses aportes teóricos apontados. Observemos agora em acordo com quem nos localizamos para compreensão destes elementos históricos.

Partindo de Levi (2015), sobre a construção e leitura de biografias, nos atentamos para o fato de que a prática do contar, ou mesmo observar, trajetórias de vida não é algo exclusivo dos campos de conhecimento da área das humanidades, nem um esforço intelectual recente. Justamente por isso, o debate sobre (re)construção e problematização das histórias de vida têm de superar as controversas questões levantadas nas diferentes formas do fazer e ao longo do tempo, uma vez que

“(...) houve épocas em que se podia narrar a vida de um homem abstraindo-se de qualquer fato histórico. Também poder-se-ia dizer que houve épocas – talvez mais próximas – em que era possível relatar um fato histórico abstraindo-se de qualquer destino individual. Vivemos hoje uma fase intermediária: mais do que nunca a biografia está no centro das preocupações dos historiadores, mas denuncia claramente suas ambiguidades.” (Levi, 2015, p. 167).

Podemos formular um primeiro entendimento, então, de que o estudo da biografia com um caráter sofisticado, conectado com a atualidade teórica, deve considerar e discutir os passos de atuação daquele que é biografado, suas problemáticas e interconexões, mas fazê-lo mediante o elencar do peso de interferência que o espaço social, estruturas e fatos históricos, em meio aos quais este indivíduo atua, têm na conformação desta atuação assim caracterizada.

Nesse mesmo sentido, entendemos que no estudo das biografias

“(...) não podemos nos furtar à questão dos mecanismos sociais que favorecem ou autorizam a experiência comum da vida como unidade e como totalidade. De fato, como responder, sem sair dos limites da sociologia, à velha indagação empirista sobre a existência de um eu irreduzível à rapsódia das sensações singulares? Sem dúvida, podemos encontrar no *habitus* o princípio ativo, irreduzível às percepções passivas, da unificação das práticas e das representações”. (BOURDIEU, 2015, p. 185-186).

Este segundo autor melhor nos esclarece a maneira prática de como se dá essa relação entre atuação individual e contextos em que se atua. Estes dois fatores delimitam a trajetória de vida, mas o fazem em relações de tensão, sempre em sentido de viabilização ou contenção da forma que a história da pessoa se desenrola e de seu conteúdo. Assim, em nossas biografias não somos totalmente passivos às condições do viver com as quais nos deparamos, mas também não temos um agir puro, dependente apenas de si.

Já na formulação sobre as substâncias do terreno subjetivo da vivência humana, temos como norte que a subjetividade do ser não é algo lógico, nem individual, ou íntima, como trazem constantemente o senso comum e o meio midiático. Principalmente no momento que Foucault chama de moderno, o qual podemos claramente elencar a segunda metade do século XX, temporalidade de nossa pesquisa, esta comunhão de esforços é algo cada vez mais imbricado, e que deseja uma ética do eu, ou ética da autenticidade, que seria no prático, uma preocupação de prevalência dos esforços internos na construção dessa subjetividade, visando-se uma vivência mais elevada e verdadeira (McGushin, 2018).

McGushin (2018) nos elenca, também, sobre o processo de construção da subjetividade humana em Foucault, aporte tão caro à lógica central de nosso trabalho historiográfico, no qual nós, indivíduos, somos estranhos e desconhecidos para nós mesmos, ao mesmo tempo distantes e vinculados a nós mesmos.

É justamente nessa imbricação interno-externa de movimentos próprios e contextuais da construção subjetiva do ser, e mais especificamente de um “ser conveniente” para o que Foucault denominava governabilidade social e suas instituições, que entendemos a produção do indivíduo, a fabricação do sujeito em suas peculiaridades não palpáveis. Essa

governabilidade social e suas instituições correspondem, grosso modo, aos padrões sociais aceitos e cobrados pela maioria da sociedade para com seus componentes (Heyes, 2018).

Então, quando tratamos da construção do ser dos indivíduos, da elaboração íntima de cada uma das Elias Nonato em si, falamos de empreendimentos de subjetividade disciplinar, surgida a partir da relação destas mulheres com seu meio e o “poder disciplinar” exercido pela maioria e suas convenções. Assim, a subjetividade vem de uma experiência vivida em um contexto histórico e político estrutural, que gera uma possibilidade filosófica de estabelecimento do sujeito composto pelas especificidades ali em questão, é a possibilidade do estabelecimento de “certo tipo de pessoa”, uma possibilidade histórica contingente, um caso específico e contextualizado (Heyes, 2018).

E, quanto à nossa análise das sensibilidades das Elias Nonato, com relação ao passado vivido e seu atual contar, encontramos orientação teórica em Santos (2013) para quem a memória é uma narrativa do sensível. Assim, a demonstração das emoções, em tom ou expressão corporal, se trata de um processo de revelação e desvelamento do sentir sobre o vivido, puxado pelo carro-chefe que é o contar deste passado. Isso se trata de uma simbolização dos conteúdos narrados, tanto de caráter individual, quanto coletivo, realizada pelo imaginário, pela cultura e pela própria sensibilidade em si (Santos, 2013).

Com estas chaves-explicativas, lemos, e propomos argumentações explicativas sobre os trechos de nossas fontes onde as entrevistadas descrevem de maneira mais geral os feitos e condições de cada tempo e espaço vividos tanto pela família, quanto por cada individualidade de quem narra, em uma sequência não linear de experiências. Também as falas descritoras aos contextos estruturais que atravessam essas experiências, do ambiente material em si, principalmente agrícola, da situação de pobreza, exploração em trabalhos diversos e relações de classe, e ainda das questões de gênero ali presentes. Os apontamentos explícitos, ou percebidos, que demonstram de forma mais geral a influência direta dessas vivências e de seus espaços na constituição das subjetividades dessas mulheres e os dizeres que exortam emoções e sentimento sobre o recordado, verbal e fisicamente. Utilizamos, ainda, as entrevistas que realizamos com os irmãos.

A história da família Elias Nonato, e dentro dela a trajetória das irmãs, pode ser observada, pelo menos em suas linhas mais gerais, na rápida explanação que realizamos no início deste trabalho. Justamente com a leitura destas fontes acima apontadas é que podemos agora trazer aprofundamentos destas informações hora postas, com dados mais precisos sobre os personagens em voga, seus casos e acasos e o “palco” em que atuaram, além de poder apresentar distintamente a vida de cada uma das Elias Sertanejas.

Por exemplo, saber que embora consigamos, após muita análise comparativa dos relatos, estabelecer uma área²⁸ dentro da qual a família residiu, os nomes dos espaços de moradia são quase inexistentes, já que as migrações eram constantes e abruptas. Poder quantificar o nível da pobreza vivida por eles, que é basicamente de ter apenas uma peça de roupa cada um, alimentação baseada apenas em carboidratos com um único gênero alimentar e móveis essenciais improvisados; saber que, além de desenvolverem trabalhos para os senhores de terra, a capacidade de inventividade e resistência que estes indivíduos tiveram, lhes permitiram arrecadar recursos sendo até autônomos; que a separação do casal Isabel e Jorge se deu 1974/1975, logo a metade dos irmãos já eram adultos ou adentravam a adolescência, tendo então apenas dois irmãos sido criados apenas com Isabel, os caçulas Raimundo e Cicera, e que, fora os irmãos por nós entrevistados, a prole Elias Nonato contava ainda com os irmãos Maria Aparecida Elias²⁹ e Gonçalo Elias Nonato, ela falecida em 2001 e ele desaparecido desde 2012.

Já sobre as histórias específicas das mulheres desta família, podemos aprofundar a questão mais gritante na narrativa inicial que fizemos, e nos seus relatos: o trabalho. As entrevistas nos esclareceram que as irmãs mais velhas, Geralda, Francisca e Antonia, nesta ordem, sempre se dedicaram quase que exclusivamente aos trabalhos agrícolas juntos de seus pais, para elas o cuidado doméstico era apenas o da casa da própria família. A partir da irmã Maria Aparecida, em direção etária até a mais nova, é que temos o encaminhamento delas ainda criança para lares urbanos próximos, sendo que essas idas nem sempre foram entendidas como trabalho, no caso das irmãs Amélia e Maria que se colocam enquanto componentes daquelas outras famílias, e que tais idas nunca ocorreram sem antes um grande pesar por parte da mãe, Isabel, e a atuação infantil delas no roçado. E ressaltar também que todas constituíram casamento e novos núcleos familiares, mas nem sempre com a ideia do amor romântico, tendo nessas relações muitas nuances e acontecimentos a serem analisados. E que sempre mantiveram um forte laço afetivo e material com seus pais e irmão, enquanto em cada uma de suas jornadas tinham idealizações de vida diferentes. Na análise que realizamos de nossas fontes podemos perceber ainda que essas irmãs relatam sua configuração familiar e vivências, tendo como acompanhamento constante as fortes emoções, demonstrando a atribuição de densos significados ao experienciado para com suas vidas.

Estudamos estas biografias, seus impactos subjetivos e relações sensíveis com aquelas indivíduos às quais pertencem, sob a égide da consideração de que suas experiências

²⁸ Falo sobre a zona de ninguém, já explicada na introdução e demonstrada no mapa interativo do Anexo A.

²⁹ Uma fotografia dela pode ser visualizada na figura 2 do Apêndice C.

componentes foram muito marcantes de seus seres, uma vez que austeras, brutas e resilientes, com fortes afetos salpicados em meio a tudo isto. Temos em conta, ainda, que isso pode ser visualizado justamente no seu apontamento como promotoras contributivas da elaboração das subjetividades, como já proposto acima, e na relação de sensibilidade ainda existente entre as sujeitas em questão e estes seus elementos biográficos, como também já afirmado.

A composição do presente capítulo foi por nós estabelecida nos seguintes tópicos e sub tópicos: **2.1 Filhas de Isabel e Jorge**, onde tratamos do processo biográfico em si de cada irmã e da família a partir das narrativas delas, e, interno a este, destacamos as discussões – **2.1.1 Contextos Interseccionais**, considerando as interseccionalidades que atravessam os corpos e as vidas das mulheres Elias Nonato, e **2.1.2 Os Homens da Família**, no qual trazemos a perspectiva masculina de seus irmãos sobre o caminhar da família e o campo de vivências compartilhado com elas; **2.2 A Construção das Subjetividades Pela Materialidade**, quando definimos explicitamente nossa perspectiva sobre a intervenção das experiências materiais na construção das subjetividades, e demonstramos como isto está presente nas narrativas autobiográficas de nossas entrevistadas; e **2.3 Narrativas e Sensibilidades**, em que abordamos a relação de sensibilidade existente entre as Elias Nonato e suas vivências passadas, manifesta em suas oralidades e flagrantemente ainda atuante sobre a funcionalidade de seus elementos subjetivos.

2.1 Filhas de Isabel e Jorge: Uma Biografia, ou Sete Delas

Sucesso em todos os veículos de comunicação brasileiros, e até internacionais, a Operação Lava Jato, que *a priori* denominava uma série de investigações da Polícia Federal sobre escândalos de corrupção na máquina pública nacional, se transformou em um arauto para uma grande parcela da população reacionária e ressentida com a classe política, e em uma vitrine para aqueles indivíduos que representassem em sua imagem as ações nesse sentido. O então juiz Sérgio Moro foi, ao nosso ver, a principal figura assim projetada, chegou a ser idolatrado em manifestações e redes sociais. Surfando nesta onda a ex-deputada federal Joyce Hasselmann passou a se apresentar em seus perfis na internet como a “biografa do herói anticorrupção”, conseguindo com isso, e por outros meios, grande projeção social.

As narrativas biográficas e autobiográficas seguem representando para as pessoas uma importante fonte de informação, seja para valorização da história de quem se biografa, para inspiração *coach* de quem ler, ou para compreender a ação individual em uma dinâmica estrutural já conhecida. Principalmente por este último motivo, aliado à importância que a

construção de uma autobiografia tem para o contar de uma história que não se tem muitos registros físicos, é que é preciso espriarmos esse entendimento de valorização da biografia para objetos de estudo das camadas populares, da “gente comum”, do proletariado. Mas este biografar não deve ser do tipo catalogar, com uma lista fria e linear de fatos e feitos, e sim buscando uma discussão profícua de causas e efeitos do ocorrido no transpassar de uma vida, em relação a individualidade e coletividade que lhe compõem e sua mutualidade incidente.

Neste tópico, nossos objetivos são: formular uma representação possível de qual seja a biografia das mulheres Elias Nonato e de sua família, em seu sentido estrutural, compreendendo qual a forma, conteúdo e significado desta trajetória trilhada, e os elementos que nela se incidiram, humanos e dimensionais; entender quais especificidades atravessaram as vidas destas mulheres e a de seus irmãos, não determinando, mas balizando sua caminhada de uma maneira claramente diferente e que se buscava pré-determinada; e comparar as trajetórias femininas e masculinas dentro da mesma localização social, elucidando as diferenças subjetivas consequentes.

Nossas fontes neste tópico e em suas subseções são as entrevistas construídas pelo autor em parceria com todos os entrevistados, as irmãs e os irmãos Elias Nonato, em suas passagens que demonstram o percurso trilhado por eles em suas respectivas vidas, de maneira estrutural e as conjunturas em que viviam.

Para mais que o já apontado, voltamos aqui a Levi (2015), tendo em vista que, em nossas atividades de história oral deixamos os entrevistados bem à vontade, livres para “contarem suas histórias”, logo o narrar biográfico não foi algo guiado pelas perguntas do pesquisador, mas arquitetado e fomentado em seu conteúdo da maneira que cada entrevistado julgou, por sua própria mentalidade sobre si e sua história e por seu lugar de fala. Assim “o quê” e “como” cada um contou sua história, já nos indica muito sobre as significâncias das condições e fatos vividos pelos entrevistados para a conformação de suas trajetórias, bem como de seus seres em si. Isso porque, segundo o autor, o trabalho biográfico tem sua formulação baseada em como se dava a relação indivíduo-contexto, fato-processo, no espaço-tempo do vivido.

Falamos aqui de uma percepção de si por parte de um personagem social, algo deveras complexo, mas que o narrador autobiográfico organiza e nos informa considerando os entendimentos e as práticas subsequentes ao momento vivido e agora narrado, e que, por isso, apresenta muitas irregularidades sequenciais e contradições para com as estruturas contextuais, mas também sensibilidades (Levi, 2005).

Em contrapartida a este raciocínio, Bourdieu (2015) esclarece que as histórias que estas vidas têm, a percepção e o contar delas, são, sim, um conjunto coerente e orientado na perspectiva de quem se propõe a reconstruir. Nós ouvintes, externos à mentalidade e ao arsenal intrínseco de experiências do vivido, é que podemos notar as irregularidades e as contradições apontadas pelo autor anterior, mas os entrevistados, em seus esforços autobiográficos, justamente por suas perspectivas partidas dessa íntima relação de forja entre “passar por essas vivências” e relatá-las, realizam o contar em acordo com um sentido, uma lógica, válidos dentro do circuito de significância de quem viveu, pois cada um tem a percepção do peso real que cada ocasião teve em sua trajetória. Para mais, essas narrativas autobiográficas, suas lógicas e perspectivas, seguem um projeto de intenção subjetiva e objetiva do narrador, mediante seu momento de vida, o motivo do narrar e a carga de significância de sua própria história para consigo. Tudo isto conforma uma ordem cronológica, perfeitamente organizada, com fases e sentidos, para quem professa, enquanto é visto como uma “representação ilusória” por quem a ouve.

Dessa maneira que está posta a biografia da família Elias Nonato, ainda mais por ser contada por nove indivíduos componentes desta história comum, as setes irmãs e seus dois irmãos. Iniciamos nossas discussões por esta história de vida familiar, com os passos de Isabel e Jorge, os patriarcas, iniciando e estruturando a trajetória dos Elias Nonato, mas logo após atendemos as provocações de nossas entrevistadas com relação a necessidade de se destacar a individualidade de suas trajetórias de vida, realizando o movimento inverso de contar as biografias de cada uma das sete mulheres, pela ordem etária, e delas poder mapear a história da família e ter vestígios de seus contextos sociais e estruturas culturais.

Assim sendo, esta que você, leitor, pode desfrutar agora se trata de uma historiografia com indivíduos nos termos propostos pela professora Lilian Schwarcz³⁰, fabulando criticamente a respeito de personagens, rostos concretos, nos afastando de uma suposta tendência de nosso campo em propor problematizações apenas sobre as estruturas e as massas, com o sujeito tendo se perdido neste meio³¹. A primeira personagem da família Elias Nonato que trabalhamos nesta história é a matriarca deste grupo, Maria Isabel, conhecida popularmente pelo apelido “Lira”, aceito por ela e seus familiares. Lira, a avó materna do presente autor, foi uma mulher campesina, muito afetuosa dos cuidados do lar e da devoção cristã católica. Após a nascença de seus dezoito filhos levantou-se contra os ciúmes de seu

³⁰ Em uma de suas palestras disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4xy0ifD7Qt8>.

³¹ Alguns atuais círculos de debate responsabilizam Foucault por este movimento, afirmação que sinceramente não sabemos dizer se é razoável.

marido, separou-se e viveu vários outros romances. Manteve relação de íntima proximidade com seus filhos, inclusive migrando da zona rural para a sede urbana que abarcava o maior número de seus filhos, Potengi – CE, junto de outro marido com quem viveu por consideráveis anos. Faleceu de causas naturais no início de 2014, no auge de seus 88 anos, viúva mais uma vez e sob os cuidados de seus filhos, inclusive residindo junto da irmã Ducarmo.

Figura 1 – Fotografia da Matriarca Lira (Maria Isabel) em 2011



Fonte: Acervo pessoal de memórias da Irmã Ducarmo.

Esta era, visualmente, Lira. De acordo com a recordação de seus filhos, Inácio, Francisca, Antonia, Amélia, Maria e Cicera, que foram aqueles entrevistados que não apenas fizeram referência a ela em suas falas, mas separaram trechos à sua descrição e de sua história, Lira era, biograficamente, uma mulher em que se personifica o tipo ideal ocidental da “mãe incondicional” em sentimento e materialidade, que sempre cuidou de seus filhos, protegendo-os e educando-os, além de desenvolver as práticas e criar expertises que se fizessem necessárias à sobrevivência da família.

Cicera (07/09/2022, p. 14) nos conta que Lira era uma pessoa muito pobre, mas que cotidianamente insistia na busca por formas de garantir “o melhor” para seus filhos. Acreditamos que a entrevistada fala neste trecho sobre o melhor possível para aquele contexto, ou seja, uma alimentação nutritiva, vestimentas dignas e acessos, como por exemplo à educação. Nesta mesma passagem, temos que esta personagem, mesmo resistente às condições de extrema pobreza, conseguia desfrutar de algumas vaidades, como o prazer do rito de recebimento de presentes, quando ela mesma comprava os presentes e entregava para que seus filhos lhe presentearassem.

A égide da mãe protetora compõe, em larga escala, o cotidiano construído pela memória biográfica sobre Lira. Ainda em Cicera (07/09/2022, p. 15), o ato de levar os filhos para debaixo de uma mesa durante chuvas torrenciais é apontado como demonstrativo deste caráter da matriarca, mas também nos revela a qualidade das moradias que a família dispunha, e que criavam a exigência da matriarca assim o ser. Algo parecido ocorre com a prática de cobrir espelhos para não atrair relâmpagos e trovões, que nos apontam o cuidado desta mãe para com sua prole também motivado por suas credulidades.

Ainda com relação a suas crenças, a trajetória de vida de Lira nos é apresentada enquanto marcada pela sua confiança no poder do oculto católico, com suas fortes rezas nas quais ela “entregava” todos os filhos (Francisca, 09/09/2022, p. 05). Outra de suas marcas é a benevolência expressa, por exemplo, no falar de Maria (06/09/2022, p. 12), quando relata que sua mãe nunca desprezou seus filhos, tivessem eles as piores características ou feitos.

O restante de sua história de vida é contado com relação a seus cônjuges. A separação do casal Isabel e Jorge foi algo que modificou a vida dos componentes da família Elias Nonato em muitos sentidos, e por isso é um grande marco de suas recordações. Amélia (06/09/2022, p. 30) nos precisa que Isabel passou 25 anos até que houve a separação, e que a motivação desta última ainda é um debate entre quem conviveu com o caso. Interessante observar que na fala das entrevistadas, a separação “ocorreu”, mas na do entrevistado Inácio (06/09/2022, p. 06) foi Lira que “se separou” do seu pai. É importante saber que de todos os irmãos, apenas Inácio acompanhou seu pai, mas o “porquê” do ato de separar ser jogado de responsabilidade pode ser explicado pelo fato da separação ir contra os princípios católicos, que dominam ainda hoje suas mentalidades, e ainda mais naquele momento vivido. Para mais que isso, as inventividades da matriarca para conseguir o sustento dos cinco filhos ainda crianças, com os quais ficou pós-separação, inclusive “arranjando outros machos”, além da declaração de que sua mãe seguiu nutrindo sentimentos pelo ex-marido, é tema das falas de Francisca (09/09/2022, p. 32; 36).

Nosso próximo sujeito da família Elias Nonato, que trabalhamos nesta história é justamente o ex-esposo de Lira, Jorge, o patriarca. Sabemos pouco dele, com certeza a ruptura do convívio trazido pela separação seja responsável por isso. Podemos resumir o “Jóge Elia”, como era conhecido, como um homem trabalhador, extremamente rígido e possessivo.

Figura 2 – Fotografia do Patriarca Jorge Já Idoso e Sem Visão



Fonte: Acervo pessoal de memórias da Irmã Ducarmo.

Não surpreendentemente, as entrevistas em que este personagem é colocado em trechos específicos, e não apenas referenciado, foram aquelas concedidas por seu filho Inácio, que o acompanhou pós-separação, e pelas suas filhas mais velhas Geralda, Francisca e Amélia. Este indivíduo da foto representa, o “Jorge” biografado por seus filhos de uma maneira saudosa, mesmo idoso e já sem visão devido à diabetes, o patriarca da família era um homem forte, sem traquejos sociais, mas cheio de princípios e um trabalhador rural.

Embora partindo do conhecimento geral da história dos Elias Nonato que o todo das atividades orais nos proporcionou, a busca pela sobrevivência com as diferentes formas de labor tenha sido desenvolvida por todos os membros da família, inclusive por Lira, Inácio (06/09/2022, p. 07), Geralda (07/09/2022, p. 12) e Francisca (09/09/2022, p. 07), que colocaram o patriarca como a figura representativa do trabalho e do sustento, o provedor da casa, o alguém que “saí para trabalhar e ganhar o sustento”. O primeiro recorda dos robustos animais que Jorge disponibilizava ao preparo das refeições do lar, mas enfatiza que ele os ensinou a “comer o que tinha”, quando gêneros mais custosos, como a proteína animal, se faziam inacessíveis. A segunda nos retrata o processo de criação e matança destes animais, além das atividades agrícolas realizadas pelo pai, como: construção de poços e pilões, diferentes lidas com os grãos e produção de fumo natural. Interessante que em um longo período verbal a entrevistada faz questão de enfatizar que seu pai vivia para o trabalho, sendo seu cotidiano repleto deste exercício, realizado frequente e incisivamente. A última retrata o pai valente, que estava preparado para todos os trabalhos necessários, mesmo aqueles mais desafiadores, como atirar e matar uma onça que se alimentava de suas criações.

Passados estes dias de trabalho e provimento, a história do pai das Elias Sertanejas é marcada por suas relações afetivas, sejam carnavais com Lira e sua outra esposa “Chaguinha”, sejam afetivos em sua proximidade afetiva com suas filhas mesmo após a separação, até a chegada de seu adoecimento e falecimento. Amélia (06/09/2022, p. 30) nos abre este assunto evocando que seus pais tiveram muitos filhos, contabilizando também aqueles que sofreram mortalidade infantil, algo muito comum naquele espaço-tempo insalubre ao pobre, constituíram essa família e nutriram um grande sentimento entre si, mas que desembocaram na separação, o que causou, principalmente para ele, um grande sofrimento. Francisca (09/09/2022, p. 07) afirma Jorge tinha até um lugar preferido de sua casa e que a visitava cotidianamente. Inácio (06/09/2022, p. 07) nos conta sobre a nova mulher de seu pai, Chaguinha, com quem viveu, sem casamento, durante o restante dos anos de sua vida. Voltando à Amélia, temos que o quadro de saúde do patriarca, com o avançar da idade, se debilitou muito, principalmente devido a diabetes que o deixou sem visão e metade de uma das pernas. Logo, precisando de cuidados, Jorge foi retirado pelas suas filhas do seu convívio com Chaguinha, acusada de maus tratos, passando a residir temporadas nas casas de sua prole até sua falecimento.

É da ação conjunta destes dois personagens que temos uma biografia, a história da família Elias Nonato, mas é nascida deles que nós temos também outras sete biografias, as histórias das sete irmãs, as Elias Sertanejas. Houve outros irmãos, e alguns deles fazemos referência aqui, mas, como já dito, falecidos na primeira infância. Interessante que Cicera nos conta que foram 18 nascituros; Amélia aponta 16, mas Ducarmo fala em 22, não conseguimos decifrar o enigma desta quantidade. O que importa aqui é que, dentre aqueles 11 que conseguiram avançar nas faixas etárias, nossos personagens principais são as irmãs ainda em vida: Geralda, Francisca, Antonia, Amélia, Maria, Ducarmo e Cicera, cujas histórias trazemos agora, nesta ordem, da mais velha para a mais nova. Biografias individuais, porém, inter cruzadas, por isso contadas uma de cada vez, mas discutidas em estrutura, de maneira acumulativa sobre seus traços biográficos, para no fim conseguirmos apresentar em panorama um entendimento a respeito destas vivências abarcadas por bolsões coletivos, sendo deles representantes e tendo efeitos sobre essas mulheres e suas subjetividades.

A primogênita é Geralda que, no auge dos seus 70 anos, nos contou sobre suas lidas com a agricultura e demais serviços camponeses junto ao seu pai, além dos cuidados domésticos com seus filhos e experiências com João Borges, seu falecido esposo.

Figura 3 – Fotografia da Irmã Geralda e do Autor em Atividade de História Oral



Fonte: Registros de Pesquisa do Autor.

Esta fotografia foi tirada ao final de nossa entrevista, em Assaré – CE, na residência de Geralda. Nesta oportunidade, ela nos explanou sobre sua vida marcada, segundo ela mesma, por sofrimentos e trabalho. Assim como seus irmãos, sua infância e criação constituíram-se por expertises de subsistência, como furtar ovos de galinhas, e pelos ensinamentos de técnicas agrícolas e serviços domésticos essenciais à sobrevivência, devido as condições paupérrimas, e conectados com a natureza, vide a vivência intrínseca ao ambiente rural mais afastado das urbes. Falamos de plantio, colheita, tratamento de grãos, fiação de algodão, tecimento de redes para dormir, lavagem de roupas na água corrente dos rios, abastecimento da casa com água, tudo isso ensinado enquanto habilidade geracional pelos pais, tios etc, A pobreza que exigia todo este movimentar-se persistia se demonstrando na qualidade da vivência conseguida, como por exemplo na alimentação insalubre de farinha mofada e com baratas (Geralda, 07/09/2022, p. 17-18).

Ainda como criança, Geralda afirma que, quando não estavam alojados em albergues e aviamentos, moravam nas matas, uma vez que as casas erigidas por seu pai, com a ajuda dos filhos, processo o qual, inclusive, Geralda descreve, compondo uma casa apenas de madeiras, barros e palhas verdes de coqueiros, eram localizadas em longínquas terras produtivas cujos donos permitiam que os Elias Nonato se instalassem por certo tempo enquanto prestavam serviço nestas terras. Neste cenário, a entrevistada alega que não tinham contato com representações da instituição religiosa, católica, obviamente, pelo predomínio quase que total que este segmento tinha naquele tempo-espço, nem com relação a templos, nem sobre seus símbolos, como imagens de santos. O culto vivendo em isolamento, como ela

nos descreve, realmente deveria ser dificultado, mas falamos de memórias infantis, de uma senhora que hoje atua fortemente na institucionalidade desta mesma religião, a falta deste elemento pode ser então sobre significância de sua presença, ainda mais quando ela afirma “a religião era só ir pra roça”, ora, o tempo que a igreja lhe toma hoje, era praticamente o mesmo que ela dedicava na lavoura (Geralda, 07/09/2022, p. 14-15).

De sua infância, mudamos para uma fase “adulta”, não pela idade em si, mas pelas responsabilidades e vivências da entrevistada, era chegado o tempo de Geralda ser uma mulher do lar, uma mãe de família. Esta “fase” nos é introduzida não por ela mesma, mas por seus irmãos e irmãs, que em suas próprias entrevistas citam um fato que, aparentemente, marcou a todos: a fuga dela de casa em prol de um casamento proibido pelo pai. Tomemos por base o relato de Raimundo (06/09/2022, p. 16), “o dia que ela saiu escondida pra casar, pulou a janela já de noite, ela saiu pra casar escondida”. O riso do entrevistado elenca o choque que esta prática causou naquele momento-lugar rígido para com os comportamentos femininos, enquanto ela sequer tocou no assunto.

Com seu então marido, Geralda nos traz mais detalhes do “morar”, talvez por não se mudarem tanto como em seu núcleo familiar original. Viveram o início da constituição da nova família em uma zona rural próxima do município que atualmente reside, também em terras de um outro dono, com uma casa de taipa deveras precarizada. Seu marido era peão do dono das terras, e sua função eram domésticas e maternas. Seguiam morando isolados, mas desfrutavam de diferentes alimentos pela disponibilidade do plantar (Geralda, 07/09/2022, p. 11-14).

A segunda filha é Francisca que, no auge dos 67 anos, nos contou sobre sua vida anunciando-a como uma vasta coleção de histórias da qual ela tanto gosta, repletas de “coisas importantes e muito bonitas para se contar”. Histórias que davam um livro, desde quando elas “se entenderam de gente³²” (Geralda, 07/09/2022, p. 16; 22; 26).

³² Expressão regional que se refere ao período da infância em que começa perceber relações e demais questões sociais, o período do qual temos nossas primeiras lembranças.

Figura 4 – Fotografia da Irmã Francisca e do Autor em Atividade de História Oral



Fonte: Registros de Pesquisa do Autor.

Esta fotografia foi tirada ao final de nossa entrevista, em Altaneira – CE, na residência de Francisca. Nesta oportunidade, ela iniciou sua narrativa autobiográfica configurando as condições socioeconômicas que ela e sua família enfrentaram quando de sua infância. A entrevistada relembra que já houve ocasiões que o único alimento disponível para saciar sua fome foi a pipoca, mas ressalta que a pobreza nunca foi “desculpa” para ela, no sentido de que não a impediu de seguir sua vida e vencer as dificuldades, e que devemos ter consciência e respeito com aqueles que estão, em nosso entendimento, na mesma classe social que nós. Podemos notar aqui um certo senso moral e resposta ao meio provavelmente aprendido com os genitores, pois comportamentos e mentalidades muito parecidos (Francisca, 09/09/2022 p. 06-07).

Ainda com relação a sua infância, Francisca nos conta que junto dos seus irmãos de idade próxima trabalhava nos serviços agrícolas, o motivo principal indicado era o sustento dos irmãos mais novos. Interessante que a entrevistada ressalta também aquilo que faltou em aquele momento de vida: o estudo. Com tais demandas e obrigações, a frequência em estabelecimentos de ensino, profundamente, ou seja, para mais que apenas a alfabetização, não encontrava espaço no cotidiano de Francisca, pelo menos não durante grande parte de sua infância. O cenário de seus trabalhos era a escuridão da madrugada, quando do plantio e da colheita, e a migração rural-urbano, quando andavam a pé por 18km para vender os produtos. No talhado, que conhecemos atualmente como caatinga, ela ajudava na criação de animais para abate e colhia frutos, subia em altas árvores e desconsiderava os perigos do ambiente ainda dominado pela fauna e flora (Francisca, 09/09/2022, p. 16-18).

Interessante a perspectiva que a entrevistada tem dessas experiências, pois as coloca como aventuras vividas, instigantes, missões recebidas de seu pai e que eram “sempre” cumpridas. Ela chega a categorizar estas vivências como “danações”, o que nos leva a pensar que as práticas de trabalho podem, muitas vezes, terem se confundido com brincadeiras de criança, em relação ao caráter que elas tinham. Montaria em cavalos e suas cavalgadas, as migrações da família, que ocorriam sobre equinos com “um jogo de caçar [cesto de madeira fina] de um lado e de outro” portando todos os pertences dos Elias Nonato, ajudar o pai a cotar a lenha que seria o pagamento ao dono das terras que moravam, a lida com leguminosas nos roçados, tudo isso é por ela contado regado a gargalhadas, em um tom e nostalgia que nos remetem a boas experiências de quem que curtiu sua infância (Francisca, 09/09/2022, p. 19-20; 23; 24).

Outros marcos da história de Francisca foram: o curto período em que, no meio da corrida rotina de trabalhos, frequentou a escola e teve contato com as letras, mas também com os severos castigos físicos que a pedagogia tradicional impunha a seus discentes, e que provocou a decisão de seu pai em desmatriculá-la; o processo fisiológico do nascimento de sua irmã Maria Aparecida, que ela acompanhou e viu seu pai se afastar; além, claro, do seu casamento (Francisca, 09/09/2022, p. 20-21; 25).

Francisca se casou “no poder” de seus pais, como ela mesma coloca, enfatizando que seu matrimônio foi consentido por Isabel e Jorge. Ela reconhece que seu casório se deu quando ela ainda era uma “criança”, mas aqui ela faz uma hipérbole com relação ao quão era jovem à época, tendo apenas 15 anos. Seu contar logo muda, privilegiando o ressaltado do quão magnífico foi sua cerimônia há 50 anos e o vestido que usou, sinal de que o rito era de grande importância, já que permitiu a pompa em meio à pobreza (Francisca, 09/09/2022, p. 32; 34).

A terceira personagem que biografamos é Antonia que, no auge dos seus 65 anos, nos contou sobre sua vida repleta de trabalho, mas também de muitas “maluquices”, referindo-se aos comportamentos infanto-juvenis. Em sua perspectiva mnemônica de si, sua história é fortemente marcada pelas “ruindades” de seu ex-marido, pai de seus filhos. Todavia, seus momentos de muito trabalho, os castigos diante de suas danações e a resiliência encontrada junto de seus filhos desde sua separação, são contados em profunda nostalgia.

Figura 5 – Fotografia da Irmã Antonia e do Autor em Atividade de História Oral



Fonte: Registros de Pesquisa do Autor.

Esta fotografia foi tirada ao final de nossa entrevista, em Nova Olinda – CE, na residência de Antonia. Na atividade, o seu contar se iniciou pelas peripécias do tempo criança. Mais uma vez, podemos observar a confusão entre o brincar e o trabalhar exercido por ela e seus irmãos ao longo da infância. Interessante é o misto de sentimentos que estas vivências significaram em sua memória, pois, enquanto nos contava sobre o assunto, ria bastante, mas também estabelecia “eita pai do céu que tempo que foi sofrido...”. As atividades por ela desenvolvidas, seja de agricultura, seja de peripécias infantis, são as mesmas já mencionadas por suas irmãs anteriores, podemos acrescentar ainda o cultivo do arroz, o atencioso ensinar de seu pai sobre como plantar, e o cansaço pós trabalho, tudo isto diante da mesma situação de pobreza hora explanada (Antonia, 09/09/2022, p. 12-13).

Uma questão a ser destacada é que, costurando neste assunto, o acesso à educação teve um maior espaço em sua narrativa. Podemos perceber que este ambiente representava em sua história de vida um momento de exceção, uma pausa na árdua jornada de trabalho, e ainda mais, um momento de socialização incomum em seu então cotidiano, já que brincava com as outras crianças, merendavam juntos etc., mas sempre ressaltando que “o estudo foi pouco”, ora os trabalhos com agricultura eram desenvolvidos ao longo do dia, e aqueles manufaturados, como o tecer, ocorriam a noite, qual horário sobriaria à escola?

A criação de Antonia, assim como de seus irmãos, foi um processo e período de vida muito rígidos, não apenas pela austeridade encarada e os labores desenvolvidos, mas pela própria forma de condução que seu pai levava o ato de criar. “e pai, quando ele dizia:

‘levanta, cambada’, e o pior é que nós fazia”, aqui podemos notar o quão incisivo e automático ele era, principalmente para com o atendimento de suas ordens. Outro elemento caracterizador da organização de sua vida infantil é o instrumento pedagógico de aceitação das condições de vivências dadas, e das demandas que lhe eram confiadas por seus pais: a religião. A frase “mas tá bom, as coisa só é do jeito que Deus quer” encerrava todo e qualquer período narrativo em que Antonia apresentasse uma dificuldade vivida, mesmo que ela confundisse sua própria identidade, por exemplo, no caso dos trabalhos, tão braçais que ela chegou a se intitular, junto de suas outras irmãs, como “os filhos homens de pai” (Antonia, 09/09/2022, p. 13-14).

Interessante que a biografia de Antonia mescla um pouca da trajetória de vida de suas duas irmãs anteriores, com relação à saída de nossa entrevistada da infância, e ida para uma nova “fase”. Falamos sobre a constituição de um novo núcleo familiar, próprio, e do matrimônio como meio para isso. Assim como as irmãs, deste cotidiano infanto-juvenil e responsável, essa nossa entrevistada encaminhou-se diretamente ao casório e a vida conjugal, mas, assim como Geralda, evita dar detalhes da cerimônia ou mesmo do convívio com seu então esposo. Por diversas vezes reitera não ter conhecimento de seu paradeiro, adjetivando-o ainda enquanto um homem ruim, de péssimo trato com ela e seus filhos. E já que ela nunca se deu com “cabra ruim”, separou-se e ficou sozinha, com seus sete filhos e nenhuma provisão para nenhum, mas assim preferia por tanto sofrer. A sobrevivência dela e dos seus é atribuída nessa narrativa à Deus, à sua coragem para trabalhar e ao encaminhamento dos filhos também ao trabalho desde os 10 anos de idade (Antonia, 09/09/2022, p. 04; 11; 16).

A próxima sujeita a ter sua história contada é Amélia que, prestes a completar 63 anos, nos contou sobre sua vida, a qual, segundo Francisca, inaugura o conjunto das irmãs mais novas, com cotidianos diferenciados das mais velhas, as três irmãs anteriores. Para ela, a partir de Amélia as irmãs encararam sofrimentos diferentes daqueles vivenciados pela tríade mais experiente, tendo em vista que ela, e a falecida irmã Maria Aparecida, foram as primeiras a trabalhar em “cozinha do povo”, ou seja, dela em diante, no sentido etário da irmandade, é que temos as Elias Nonato como trabalhadoras domésticas das madames (Antonia, 09/09/2022, p. 28).

Figura 6 – Fotografia da Irmã Amélia e do Autor em Atividade de História Oral



Fonte: Registros de Pesquisa do Autor.

Esta fotografia foi tirada ao final de nossa primeira entrevista, em Crato – CE, na residência de Amélia. Para esta entrevistada, o contar de sua trajetória de vida deve ser algo mais preciso, com marcos espaço-temporais desde seu nascimento

Eu nasci dia 28 de agosto de 1959, numa cidadezinha chamada Jucás. Hoje é Jucás, antigamente era chamada Carius, aí quem, quando era registrado, na minha identidade consta que eu sou do Assaré (...) e aí, provavelmente naquela época foi na zona rural, porque não tinha nem como eu ter nascido na cidade, primeiro porque era assim, o meu pai era o seguinte: ele mudava muito, então pouco tempo que você estava em um lugar, você se deslocava pra outro lugar e tudo na zona rural. Eu passei a morar em cidade depois de 15 ou 14 anos, e a gente mudava muito porque era uma coisa que era dele na época, a gente como criança a gente não entendia nada. (Amelia, 06/09/2022, p. 29)

Como podemos notar, a memória autobiográfica dela é permeada não apenas daquilo que ela percebeu ao longo de sua vivência, ou de suas reflexões a posteriori, mas também daquilo que lhe foi informado sobre ela mesma e seu espaço de existência, por aquelas pessoas com quem conviveu enquanto ainda não tinha condições biológicas de percepção. Diferente de suas irmãs, para ela o início de sua vida não se dá com feitos ou contextos mais gerais, mas com a precisão dos fatos em meio a estes. É a especificidade de Amélia em meio as experiências rurais e a constante migração que já pudemos observar.

Muito central essa questão de sua especificidade em meio ao contexto situacional e social comuns, já que antes do pontapé inicial de sua narrativa autobiográfica, Amélia destaca a sua individualidade dentro do grupo familiar. Tal diferencial não se fazia nas atividades essenciais do dia a dia infantil junto de seus irmãos e pais. A precariedade das

condições em que se davam as necessidades básicas, assim como a rigidez dos trabalhos agrícolas, e as aventuras enquanto crianças levadas, são citados quase que exatamente nos mesmos termos já apresentados pelas outras entrevistadas, apenas com mais alguns detalhes (Amelia, 06/09/2022, p. 19).

Suas propriedades estariam então no fato dela e Maria Aparecida serem as únicas que, no tempo da separação dos pais, tinham idade suficiente para tomada de decisão e ainda não estarem constituindo suas próprias famílias. Escolhendo ficar junto de sua mãe, principalmente elas duas, encararam árduos trabalhos em colaboração à sua mãe na luta pela manutenção da sobrevivência própria e da família, diante da perda dos já escassos recursos trazidos por Jorge ao lar (Amelia, 06/09/2022, p. 30-31).

Outro traço específico da biografia de Amélia é sua retirada dos trabalhos agrícolas para os domésticos, mesmo enquanto ainda residia com sua mãe, passando a ganhar trocados de uma senhora para cozinhar e faxinar sua casa, atitude, segundo ela, tomada por esta mulher em benevolência ao seu raquitismo, mas um diferencial mora em seu destino pós-infância: saída de Amélia da casa de sua mãe não se fez pelo motivo do matrimônio, como suas irmãs anteriores, antes disso, ocorre sua ida para a zona urbana, em Crato – CE, também diferente de suas irmãs mais novas, que foram para então pequenos vilarejos próximos, sendo a cidade citada componente do maior polo daquela região. Ela nos conta que, no vaivém da zona rural, conheceu Rosa, mulher que ela intitula como segunda mãe, alegando que ela lhe acolheu, disponibilizando moradia digna, alimentação e acesso à educação, enquanto contribuía financeiramente com sua mãe. Interessante o fato que a moradia com Rosa é a fase de vida mais rica em detalhes recordados, desde o convencimento de Lira a consentir a partida da filha, até as experiências vividas na nova casa e no espaço urbano, mas tais descrições nos narram uma condição de trabalho doméstico, definição por ela rechaçada (Amelia, 06/09/2022, p. 31-32).

O matrimônio com Orlando, conhecido por ela na escola em Crato, assim como o apego dela aos pais, que receberam pessoalmente seu pedido de benção ao casório, já nos são marcas conhecidas dos Elias Nonato, mas o destino que ela tomou junto do marido pouco tempo após o rito não. Casados, Amélia e seu esposo mudaram-se para São Paulo a trabalho, a única mulher da família ter ido morar tão longe. Ela também foi a única das irmãs a casar-se apenas em cartório e posteriormente, já em São Paulo, realizar a cerimônia religiosa. Suas experiências na grande metrópole transformaram-se, em sua narrativa, nos esforços necessários a tal casório, e este, junto da gravidez de suas duas filhas pulverizam de detalhes o contar de nossa entrevistada na sua finalização da autobiografia, que se encerra com seu

retorno, junto do marido e filhas, para o Crato e sua afetuosidade para com os idosos pais (Amelia, 06/09/2022, p. 33-34).

A filha seguinte na ordem etária é mais uma Antonia, mas mais conhecida como Maria que, no avançar de seus 58 anos, nos contou sobre sua vida sob a máxima de que “não tem nada a esconder” sobre sua vida (Amelia, 06/09/2022, p. 30-31). Assim como sua irmã anterior, esta nossa entrevistada acabou tendo uma trajetória de vida relativamente diferente das suas demais irmãs, principalmente pelo fato de que, como aponta Ducarmo (06/09/2022, p. 08), Maria foi adotada pela mãe do vice-prefeito de Altaneira, riquíssimo para a época.

Figura 7 – Fotografia da Irmã Maria e do Autor em Atividade de História Oral



Fonte: Registros de Pesquisa do Autor.

Esta fotografia foi tirada ao final de nossa primeira entrevista, em Potengi – CE, na residência de Maria. Nesta oportunidade, junto de sua neta Maria Ísis, a bebê na foto, ela nos explanou, enquanto cuidava da bebê, considerações e elementos de sua história de maneira a resumi-la como “só de correria, de criar, sobrinhos, netos”, familiares que são para ela seu bem mais precioso (Maria, 08/09/2022, p. 16).

Com certo esforço dialógico, conseguimos mapear algumas ações e composições sociais e afetivas dentro dessa anunciada vida de correria. Em sua fase criança, a primeira recordação gira em torno da separação dos seus pais, lógico, ora, pelo que vimos com as últimas irmãs, o momento de separação de Isabel e Jorge é justamente o período da primeira infância de Maria. Quando ela fala no período “muito bom”, o especifica pela presença da mãe e do pai, mas entra em melancolia quando fala sobre o quão ele era ruim para sua mãe. Disto, a entrevistada encarreta nos diferentes processos de saídas dela e de seus irmãos da

casa de sua mãe e indo, no caso das mulheres, para casas de pessoas abastadas nas zonas urbanas avizinhas, denominando-os como “o pessoal pedia pra criar” (Maria, 08/09/2022, p. 11).

A parte maior do tempo de infância de Maria, inclusive contemplando o vínculo do criar, é colocado por ela mesma a partir do momento em que passa a residir junto de “uma fazendeira muito rica de Altaneira”, a mulher que lhe “adotou” segundo nossos atuais termos para a relação que ela caracterizava em sua fala. Nossa entrevistada relatou que “eu tinha tudo na minha mão, na minha vida, eu tinha de tudo na minha vida”. Maria não nos deu muitos mais detalhes sobre este intervalo de tempo de sua vida, e pode inclusive ser de fato uma exceção na família, a ocorrência dessa adoção benevolente, mas diante de como se deram os demais processos de moradia das suas irmãs com outras famílias, e a confusão de caráter que essas estadias tiveram entre familiaridade e trabalho, deixamos aqui a reflexão sobre a possibilidade dessa suposta adoção de Maria ter sido mais uma experiência de trabalho doméstico. Algo que reforça essa possibilidade é a insegurança dela em nomear suas experiências com faixas etárias, como: criança, adolescente, adulta, ora as experiências que ela teve logo cedo, justamente de trabalho, não condizem com nosso atual entendimento do que seja um ser “criança”.

Como sua saída da casa de sua mãe biológica ocorreu como um de seus primeiros passos de trajetória, tendo sido criada desde cedo no outro lar, a história de vida de Maria difere de suas demais irmãs que saíram de casa para se casarem, ou para trabalharem em caráter explícito. A próxima “fase biográfica” dela se dá segundo ela mesma, não precisada quanto à idade, ou pelo que hoje entendemos como adolescente ou adulta, assim como o restante de sua vida, esse período é designado pelos seus relacionamentos carnavais e concepção dos quatro filhos.

Nossa entrevistada conheceu seu primeiro namorado e teve ótimas vivências, entre elas aquela que consegue precisar: a primeira relação sexual aos 18 anos, com esse companheiro ela compartilhou a vida por muitos anos, tendo seus dois primeiros filhos e indo com ele morar no distante município de Jardim³³. Ainda nesta passagem, ela nos informa que, após alguns anos, houve uma separação entre eles e ela, grávida do segundo filho, foi acolhida por sua mãe biológica de volta a sua casa. Seu ex-marido, que ela não nos revelou o nome, mas nos contou ser um policial, “pegou ela de volta”, quando moraram novamente juntos por mais alguns anos. Tudo isto é frisado por nossa entrevistada pois naquele contexto moral, tais

³³ Município da região do Cariri cearense, distante 111km da então moradia de Maria. Ver mapa no Anexo A.

fatos eram graves e fortemente desaprovados: separação, mulher solteira e grávida, mulher com opinião acima do marido, tanto que logo, por decisão dele, retornaram ao lar como cônjuges. (Maria, 08/09/2022, p. 11-12)

Maria completa o relato sobre este relacionamento informando que ele era “muito ruim” para ela, alegando agressões e demasiados ciúmes, o que culminou com o fim de fato da relação e seu retorno à casa de Lira. Daí em diante sua vida parece se repetir devido aos mesmos moldes que enquadraram os novos fatos que completam sua biografia. A entrevistada nos conta que migrou novamente para a casa de uma outra mulher, dessa vez em Juazeiro do Norte – CE³⁴, e com o explícito caráter de trabalho doméstico, saindo de lá apenas para formar um novo núcleo familiar com Marcondes, seu novo cônjuge, do qual ela nos traz todos os detalhes. (Maria, 08/09/2022, p. 13-14)

Com Marcondes, Maria morou em Juazeiro e posteriormente mudou-se para Potengi, acompanhando o marido que era motivado pela busca de emprego. Já em Potengi, nossa entrevistada contribuiu com o esposo em seus trabalhos agrícolas e serviços de gesso, além de trabalhar no hotel municipal. O casal teve dois filhos que criaram juntos até que Marcondes a traiu e ocorreu o fim do relacionamento. De lá para cá, ela continuou residindo em Potengi, sozinha, com trabalhos e romances diversos. Por fim, ela destaca que atualmente não se relaciona com ninguém por escolha, mas que sua vida foi muito bem aproveitada, já que “aprontou” bastante, apesar da pobreza sempre presente. (Maria, 08/09/2022, p. 15)

A sexta irmã Elias Nonato é Ducarmo que, com seus recém completados 56 anos, conseguiu estabelecer uma trajetória e destacar vários elementos de sua história de vida ao longo de nosso diálogo, apesar de inicialmente ter se apresentado reticente sobre o tema autobiográfico por nós provocado. De forma muito enfática a entrevistada estabeleceu, *a priori*, que sua biografia deveria ser adjetivada como um “filme de terror”, ou ainda que poderia ser resumida como um “nada”, contando a partir de seus 09 anos de idade, desde quando consegue se recordar. Usando ainda de várias expressões poéticas que denotam a melancolia e o sofrimento, ela chegou a afirmar que nunca teve vida, pois nunca viveu seus momentos de fato, explicando esse “não viver” pelo sentido do aproveitar tais momentos. Desse cenário como um “mar de tristeza e angústia”, o bom da vida teria sido a conquista de sua profissão, e certa ascensão social, e a concepção de seu filho, acontecimentos tardios, mas observemos os elementos e estruturas desse deprimido quadro (Ducarmo, 06/09/2022 p. 03-04).

³⁴ Outro município do Cariri cearense distante 67km da então casa de Maria e sua mãe. Ver mapa no Anexo A.

Figura 8 – Fotografia da Irmã Ducarmo e do Autor em Atividade de História Oral



Fonte: Registros de Pesquisa do Autor.

Esta fotografia foi tirada ao final de nossa primeira entrevista, em Potengi – CE, na residência de Ducarmo, ex-moradia do presente pesquisador. Nesta oportunidade, ela nos explanou sobre as estruturas e fatos que marcaram o período da infância desde o qual ela consegue se recordar, e logo percebemos as questões que fazem o entorno dos 9 anos de idade serem tão significativos. Suas vivências se deram junto de sua mãe e daqueles irmãos que ainda conviviam na casa da matriarca, tendo em vista que a esta idade a maioria de suas irmãs já haviam saído de casa para trabalhar ou desposar, e a separação de seus pais já havia ocorrido. Esta prática do cotidiano é colocada por ela como uma “sobrevivência” devido a alegação das mesmas condições paupérrimas que observamos até agora, com o acréscimo de sua evidenciação que seus esforços e lutas em busca de suprimentos foram “teimas”, insistências contra a vontade da própria vida, cujo curso natural seria elas sucumbirem.

Ainda neste trecho (Ducarmo, 06/09/2022, p. 07-08), a entrevistada reconhece que a vida difícil ainda foi menos austera que no período de infância de suas irmãs mais novas. Ela não evidencia necessariamente o porquê, mas, pela linha cronológica que percebemos ao longo dos relatos das demais irmãs, podemos perceber que nesta temporalidade a matriarca Elias Nonato e seus filhos já residiam em casa própria, inclusive na zona urbana, com mais acessos e melhores estruturas de vivências. Ducarmo elenca sua idade e o contexto temporal, com suas características estruturais de desigualdade social, escassos direitos e políticas públicas, além do machismo, para refirmar que, mesmo sendo menos que suas irmãs, ainda

“sofreu um bocado”. Tal sofrimento, aparentemente, não se deu necessariamente em sua casa original, e primeiros momentos de criança, aliás ela não se demora no relato deste período.

Rapidamente, a entrevistada passa para a “fase” mais significativa de sua vida que é seu trabalho nas casas das madames em Crato e Potengi – CE. Sua saída do seio familiar se deu aos nove anos de idade, com o claro indicativo da prestação de serviços e, em troca a manutenção de suas necessidades básicas como alimentação, moradia e, em alguns casos, o acesso ao ensino básico público. Ducarmo, além deste trecho que nos debruçamos agora, se demora nestas experiências, contando um montante de mais de cinco patroas, já que ela não precisa em quantas casas trabalhou ainda em Altaneira, e explanando as condições de trabalho e de vivências às quais era submetida, denominando-as de escravistas, as relações sociais de desprezo que enfrentava por ser domésticas das “casas alheias” e as experiências mais marcantes que encarou em meio a tudo isto, como tentativas de estupro. Não nos surpreende, então, que sua formação acadêmica e seu casamento, que agregaram valor para lhe levarem à constituição de um novo lar, sejam colocadas como conquistas paritárias.

Sob a égide do Deus que ajuda e protege os desalentados, ela nos conta que, intermediada pelas irmãs Maria Aparecida e Amélia, que já labutavam em Crato, “arrumou” a primeira casa para trabalhar nesta cidade. A descrição do seu cotidiano nessa casa, da qual não nos foi informado o nome da patroa, era de agressões físicas, humilhações, cerceamento da alimentação e estadia indigna, como o não ter lugar próprio para dormida. Segundo a entrevistada, ela ainda não havia aprendido todas as prendas domésticas com sua mãe, e cada erro nos cuidados da casa da patroa, lhe eram gerados tais castigos e sanções. Não tendo aguentado tais condições, retornou à Altaneira e lá trabalhou em muitas casas. Mesmo morando com sua mãe e apenas desempenhando os serviços naqueles lares, os castigos físicos prosseguiram, acompanhados de larga exploração do trabalho infantil. Todas estas famílias eram abastadas financeiramente e importantes socialmente, status que, em acordo com Ducarmo, sendo merecidamente esvaídos com o tempo.

Entretanto, o trabalho simbolicamente remunerado era necessário aos Elias Nonato, tal como o encaminhamento destas filhas à moradia junto de suas patroas, visto que este movimento faz com que as necessidades humanas básicas, principalmente alimentação, também fossem custeadas pelo patronato. Esta profundidade do pauperismo de sua família é nos contado por ela evocando a separação dos pais e a falta de recursos da mãe. Assim, Ducarmo encaminhou-se ao Potengi e lá trabalhou para Nenên Guedes, Toinha Cazuzza, Lenira e Cida de Adelmo, nesta sequência. De cada uma destas experiências, ela destaca a demanda de trabalho desproporcional para sua idade, as mesmas condições degradantes já

citadas e ainda a instabilidade de tais empregos mediante qualquer insurgência dela para com as situações degradantes. Interessante que existem variações entre bondade e ruindade de uma patroa para outra, onde a entrevistada acabou até desenvolvendo vínculos afetivos com algumas delas, com amizades que inclusive perduram até hoje, mas destacando sempre que em cada casa passou uma média de 5-7 anos e, apesar, da gritante relação de classes aí sobrepostas sempre exigiu o acesso aos estudos, uma forma de resistência não aceita por muitas possíveis patroas que lhe recusaram.

A formação dela no magistério aos 24 anos e a sua inserção no mercado de trabalho como professora reduzem sua carga-horária de doméstica, que ainda perdura por alguns anos. Após isto, para livrar-se dessa situação, passa a morar com sua irmã mais nova Cicera, ainda em Potengi, e de lá sai apenas para seu casório com o atual marido Sessé. Como se deu sua formação, seu ímpeto pelos estudos, seu emprego como professora, os personagens que contribuíram ou tentaram sabotar tais planos e seu romance com Sessé, desde o momento que se conheceram até o casamento, tendo sido ele o único namorado que teve na vida, são passagens que têm uma riqueza de detalhes quase tão grande quanto de seu período como doméstica (Ducarmo, 06/09/2022, p. 10-14).

A Elias Sertaneja caçula é Cicera que, com seus quase completos 50 anos, já se anunciava meio pertencente aos “anos dourados” e nos contou sobre sua história de vida. Mas essa sua trajetória já nos havia sido anunciada por suas irmãs Francisca e Ducarmo. A primeira nos delineou que a criação de Cicera se deu de maneira muito menos conectada com os sofrimentos do pauperismo rural enfrentado pelas irmãs mais velhas, mas ao mesmo tempo o crescimento desta sua irmã teria se dado com o incomodo do convívio com outros homens que não seu pai, os novos romances de sua mãe pós separação com Jorge, ocorrida quando Cicera tinha apenas dois anos de idade. A segunda nos informou que a irmã caçula dedicou grande parte de sua vida à conclusão dos estudos que conhecemos atualmente como ensino básico, e, posteriormente, chegando ao superior (Ducarmo, 06/09/2022, p. 11; 32).

Figura 9 – Fotografia da Irmã Cicera e do Autor em Atividade de História Oral



Fonte: Registros de Pesquisa do Autor.

Esta fotografia foi tirada ao final de nossa primeira entrevista, em Potengi – CE, na residência de Cicera. Nesta oportunidade ela nos apontou que tinha muita história para contar, e que o faria por “etapas” em acordo com cada faixa etária. O fato primeiro de sua vida se trata, assim como Amélia, não de algo recordado por ser percebido no vivido, mas do que ela soube por quem percebeu, viveu e lhe contou com referência àquilo que se dava enquanto ela era muito pequena. Falamos aqui da separação de seus pais, a situação de pobreza imputada, os esforços das irmãs mais velhas já casadas em contribuir financeiramente e das demais irem trabalhar fora. O convívio direto da Cicera criança se deu então com sua mãe, os romances dela e seu irmão menor Raimundo, além dos trabalhos agrícolas e domésticos próprios que ela desenvolvia junto deste núcleo familiar, os quais ela discriminou ao longo de toda a entrevista (Cicera, 07/09/2022, p. 11-12).

Para mas que isso, a infância de nossa entrevistada era permeada pela frequência escolar e as brincadeiras com suas colegas. Morando na zona urbana, nossa entrevistada acessava a instituição escolar propriamente dita, tendo como material apenas um surrado caderno, e levando para merendar gêneros singelos, como milho assado trocado com as colegas por alimentos “nobres”, como maçãs, enquanto praticavam diversas brincadeiras, como pular elástico. Destas questões, ela frisa bem como sua mãe conseguiu uma casa de alvenaria, telhada e dentro da cidade, em detrimento da antiga casa de barro, coberta por palhas de coco na zona rural, através de uma indenização advinda do interesse comercial em

se construir uma antena onde então era sua casa, além das relações sociais com as demais crianças (Cicera, 07/09/2022, p. 13).

A infância dela foi marcada ainda pela separação com seu irmão, Raimundo, o único que de fato convivia, já que esse migrou a trabalho. Ela e este seu irmão recebiam uma rígida educação de Lira, visando sua funcionalidade para o trabalho e a questão moral, afinal, essa criação envolvia principalmente castigos físicos, bem detalhados por Cicera. Outras questões que lhe marcam são as especialidades desenvolvidas para conseguir e manter o básico, como por exemplo “calcinha, eu usava do povo. Quando o povo ia jogar no mato [lixo], a gente pegava no lixo, aí trazia pra casa, mãe lavava, cortava e a gente dava um nó, um do lado e outro do outro, quando ia fazer xixi, pra num soltar o nó; puxava a beirada”, mas também, o acesso a programas sociais como GESCAP e seu funcionamento (Cicera, 07/09/2022, p. 14-15).

Muito apegada à sua mãe, já que da família permaneceram convivendo apenas elas duas, nossa entrevistada encerra os comentários desta fase da vida considerando-a como “turbulenta, metade infância, metade adulta”. Por falar em sofrimento, ela acarreta seu próximo período biográfico: o momento que, assim como Ducarmo, sai de casa com destino ao trabalho. Em seu caso, a única cidade a qual encaminhou-se foi Potengi, e lá trabalhou para quatro patroas, interessantemente pertencentes a uma mesma família, os Guedes, uma das parentelas fundadoras daquele município (Cicera, 07/09/2022, p. 17).

Evocando o “abrir alas” de suas irmãs mais velhas, aquelas que primeiro se aventuraram nas casas alheias residindo e labutando, e que inclusive viabilizaram o contato de Cicera com sua primeira patroa Regina, nossa entrevistada nos delineou seu cotidiano e condições de trabalho. Desde os 13 anos de idade, a partir de 1987, enfrentou muitos desafios, péssimas condições de vivências e uma jornada de serviços que abarcavam desde o cuidar de recém-nascidos, mulheres pós-parto, cozinhar, limpar casa e fornecimento de água. A fome e o não direito a, por exemplo, água encanada eram constantes, mas também tinha, ao mesmo tempo, o apoio de suas irmãs e sobrinhos. Antes dela desposar Memé, seu atual marido, montar seu lar e se alçar a outras formas de trabalho, Cicera estabeleceu vínculos religiosos inseparáveis com algumas de suas antigas patroas, com o apadrinhamento (Cicera, 07/09/2022, p. 18).

Como podemos observar ao longo destas descrições biográficas, tanto de cada uma das Elias Sertanejas, quanto da família Elias Nonato em si, essas histórias de vida têm uma série de específicas implicações do(s) espaço(s) social(is) e ambiental vivido(s) por ela(s), com relação à família e, principalmente, a cada uma delas, com seus respectivos

destinos tomados. Da mesma maneira, ocorre com a interferência que essas vidas promovem em suas próprias trajetórias, ações ativas que não deixam o ser a quem pertencem ter um destino determinado. Outra questão, que fica bem explícita nestes relatos autobiográficos, são os elementos que compõem suas vidas, por exemplo: trabalho, o pauperismo, casamento, estrutura familiar, estas são as que aparecem basicamente em todos os relatos e, aliás, é através deles que as narradoras organizam o seu contar autobiográfico, revelando a organicidade da perspectiva que elas têm sobre o processo de suas vidas, já que como pudemos observar contamos suas biografias não por detalhes, mas por âmbitos periódicos bem caracterizados. Por fim, podemos perceber quais elementos e âmbitos configurados foram significativos o suficiente para fazer com que as irmãs recordassem e elencassem.

Nosso trabalho historiográfico, porém, não para por aqui, e nem se contenta com a rasura desta biografia resumida por “âmbitos periódicos” como chamamos acima. Existem muitas questões atravessando, organizando e mesmo dando conteúdo a estes resumos etários, quem estiver lendo até o presente momento com certeza notou claras estruturas históricas acima presentes, ou mesmo se questionou o porquê de serem estes os assuntos privilegiados na construção autobiográfica e aqui histórico-dissertativa. Até então, nosso objetivo é realmente “contar histórias” e, a partir de agora, problematizaremos tais questões presentes nessas trajetórias das Elias Sertanejas, em cima delas já contadas e de seus detalhes até então por nós omitidos, compreendendo o seu elaborar e impacto subjetivo a quem pertencem.

2.1.1 Contextos Interseccionais

Lugar de fala, interseccionalidade e “identitarismos”. Nos últimos anos intelectuais, movimentos sociais e partidos políticos, necessariamente do espectro à esquerda, vêm tentando nomear aqueles fatores sociais que interagem e sobrepõem as identidades e os espaços e formas de vivências dos indivíduos, impactando na maneira como estes interagem com a sociedade. Falamos aqui de certos “recorte sociais”, características inerentes às pessoas, como cor da pele, gênero, regionalidade etc., e que geram formas especiais delas viverem em sociedade, como por exemplo a discriminação. Tais fatores não determinam trajetórias individuais ou sociedades, mas contribuem em sua configuração.

Nas vidas das mulheres Elias Nonato não foi diferente, assim como não o é em seus discursos autobiográficos. Suas experiências eram contextualizadas por diversos marcadores sociais e estruturas históricas que não somente contribuíram para configurar essas vivências da forma como se deram, mas também impactaram na maneira como foram recordadas pelas irmãs. Por isso, agora, consideramos de forma evidente tais marcadores,

estruturas, e problematizamos as trajetórias das Elias Sertanejas e seus elementos componentes a partir de suas relações com esses contextos, entendendo o peso configurador deles no ser e na vida de nossas entrevistadas, para que possamos ter uma compreensão mais aproximada da organicidade e significação destas experiências. Pelo tamanho do presente trabalho, destacaremos apenas os marcadores: “sertão”, “gênero” e “classe”, pois principalmente estruturantes das (auto)biografias que aqui abordamos.

Schwarcz (2019) nos explica que essas interseccionalidades, estruturas histórico-sociais das quais os indivíduos pertencem um pouco de si, carregam em seus seres e relações especificando-as quanto à forma e conteúdo, são “marcadores sociais da diferença”. É a transformação, pela construção social, histórica e cultural, de certas diferenças inerentes entre determinados indivíduos, seja no corpo, origem etc., em estereótipos sociais, geralmente de inferioridade, gerando uma caracterização do viver destas pessoas regado a preconceito, discriminação e violência. Assim, pelo simples fato de uma pessoa ser algo ou de alguma maneira, na prática social, terá certo tipo de (des)qualificação prévia diante os outros que lhes são diferentes, que não têm tais características, a depender do grupo social, estranhas.

O primeiro contexto interseccional é o sertão, puxando para a dimensão da regionalidade, o espaço em si sobre o qual, ou com o qual, estas mulheres atuaram desde o seu nascimento. É preciso recordarmos que elas não apenas nasceram entre 1955 e 1972, mas também que ocuparam no mundo, pelo menos no início de suas vidas, um espaço de zona rural, localizado nas áreas de sertão do Cariri-oeste cearense, e que este teve antes, durante e depois das experiências delas nele características ambientais, agrícolas, estatísticas e socioculturais muito bem estabelecidas, balizando as atuações e imaginários delas. Observando os relatos aqui já postos, podemos perceber a reincidência do apontamento do cenário de vivência da família Elias Nonato: a austeridade rural do semiárido, especialmente para o pobre isolado, a proximidade deles com a natureza e a funcionalidade de sua lida com a agropecuária, as dificuldades de acessos a direitos em conjunto com a alta mortalidade infantil, além dos rígidos padrões morais e a forte religiosidade popular.

Sobre este primeiro contexto, é preciso termos em mente que, desde meados do século XIX, a mídia e a então ciência produzidas pelos intelectuais abastados caririenses, leia-se do então centro urbano, Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, propagandeavam esta região na forma de um “oásis do sertão”, “pedacinho de litoral perdido no interior”³⁵. Mas as

³⁵ Estes termos ilustrativos compuseram o domínio público das produções gráficas sobre o Cariri com a mão de seus contrerâneos, tornando-se categorias que permeiam o próprio imaginário popular contemporâneo, por isso não os referenciamos em produções específicas. Para saber mais sobre o assunto ver: CORTEZ (2000).

biografias, e seus elementos, que falamos até agora pertencem a uma cultura sertaneja. O negar da constituição da territorialidade como sertaneja, ocorreu pela alegação de um clima farto e ameno, do adiantamento cultural e social, aproximado do litoral e díspare dos demais interiores cearenses, mas isto está longe de dar conta da realidade que aqui estudamos.

As condições e estruturas econômicas e organicidades culturais do corpo social que abarcaram as experiências das Elias Nonato, ou seja, o lugar a partir do qual elas desenvolveram suas vidas e seus seres em si, o ambiente das possibilidades e limitações que elas tiveram, contribuindo na caracterização delas e de suas trajetórias, é, inegavelmente, o sertão, como debateremos agora, na sua forma mais explícita: a zona rural, e as pequenas urbes não muito “urbanizadas”. O lugar que elas ocuparam neste espaço foi subalternizado, devido serem camponesas sem posses, por vezes não conseguirem sequer serem proletarizadas pela falta da compra de sua mão de obra, tendo então que depender da expertise, dos escassos recursos naturais disponíveis, ou da solidariedade dos outros indivíduos, traço que por si só já característico das regiões interioranas, especialmente rurais.

Falamos, então, de vivências sertanejas, caracterizadas em muito pelas disposições desta espacialidade, tomando o sertão e suas composições geográficas e históricas segundo Amado (1995). Esta categoria designa, desde as percepções lusas de quem detinha o poder da linguagem escrita residindo nas urbes litorâneas do Brasil colonial, todo e qualquer conglomerado localizado ao interior da nação. Os sertanejos estão longe dos limites dos importantes centros administrativos, e são por eles desassistidos, mas a autora supera essa pejora preconcebida, e os compreende como não somente rural, pois a visão deles como bárbaros em terras dominadas pela natureza bruta, revela tão somente o sentido etnocêntrico de quem os observa de fora enquanto alteridade da civilização do litoral, pois o sertanejo, assim como o indígena gentil da colônia, tem sua própria complexidade social.

Assim, podemos entender o porquê das minuciosas descrições dos elementos do ambiente rural vivido por elas, e a formatação de suas histórias de vida caminharem, quase que via de regra, para o momento em que migram para os centros urbanos, ou para próximo deles, buscando formas outras de sobrevivência. Nisto, elas nos revelam um condicionamento de suas trajetórias, a partir das configurações daquele sertão, especialmente quando explicitam suas relações de proximidade com a natureza, traço marcante do interior brasileiro. Na expressão de Maria “*morar dentro dur mato*”, alegando as vivências muito adentro da caatinga, ou nas colocações de Francisca sobre o “achar” leguminosas nos chãos pelos quais andava, colhendo e se alimentando, emocionadamente, de melancias, batatas, inhame,

sabonete³⁶ e quaisquer outras frutas encontradas na mata, e quanto a relação da família com rios, lavando roupas nele e coletando água para uso doméstico, e ainda na fala de Geralda sobre o morar em paredes de barro e sob folhas de coqueiros, tudo isto nos permite perceber quais as saídas que essas mulheres poderiam desenvolver para as suas necessidades, e o porquê fizeram da forma constituída, assim como notar que haviam outras atividades neste sertão com suas idas para as cidades (Maria, 08/09/2022, p. 12; 14; 17).

Entretanto, este sertão em que elas viveram, o Cariri-oeste, tinha suas especificidades principalmente na sua dimensão econômica, que permearam o cenário histórico das Elias Nonato, lhes estruturando de maneira ainda mais próxima que o “viver no sertão”, em uma perspectiva mais geral, falamos da configuração da caatinga daquele lugar.

Neste sentido, o estudo de Bezerra (2000) sobre as estruturas sociais cearenses na transposição do século XIX ao XX nos traz um norteamento teórico com o qual fazemos um comparativo não mimético. Na visão deste, o fenômeno das secas, e as relações materiais e subjetivas para com ele, são eleitos como balizadores estruturais e estruturantes das vivências e do dinamismo social. Assim, um período de severa seca, suas mazelas e os empreendimentos e práticas delas corolários, formula uma personalidade rígida e um imaginário doloroso, de penitências, sacrifícios e mortandade, como na “seca dos três 7s”.

Temos de considerar que as experiências da família Elias Nonato se davam em meio a comunidades essencialmente agrícolas, localizadas ao centro da caatinga e do polígono das secas³⁷, suscetíveis à piora das condições socioeconômicas e ao aprofundamento da situação geral de austeridade encarada, mediante a escassez de chuvas. Logo, pensamos também os períodos de secas identificados nestas vivências como balizadores contextuais de enrijecimento das interrelações e construção de si, em meio as classes pobres deste sertão cearense no avançar do século XX, pois intensificaram a luta pelo sobreviver.

Como dito acima, já pudemos observar muitos destes traços de austeridade, pela fome, seca, escassez, nas falas de nossas entrevistadas já expostas no tópico anterior. De maneira mais marcante esta situação ambiental que aquelas mulheres cresceram imersas nos é exposta pela fala de Geralda quanto ao ambiente de moradia, com casas isoladas umas das outras em meio as matas, também pelo contar de Francisca, em duas oportunidades, primeiramente delineando esse espaço de vivência rural como um chão árido, talhado, cheio de pedras, com xique-xiques, mas pouquíssimas árvores justamente devido a este chão

³⁶ Nesta mesma passagem a entrevistada explica que se trata de “uma frutinha pretinha miudinha igual a uva”.

³⁷ Delimitação geográfica correspondente a 1.348 municípios inseridos nos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais, designando uma região que sofre com a falta de água ou sua baixa oferta por longos períodos, regulamentada pela Lei nº 1.348, de 10 de Fevereiro de 1951.

infrutífero, tudo isso sob o sol escaldante, e depois complementando essa descrição afirmando que a paisagem de seu cotidiano era um deserto, solitário, com perigos humanos e animalescos. Temos ainda a colocação de Amélia, segundo quem era costumeiro a falta da proteína nos pratos das famílias, sendo necessária a inventividade, como o pescar por ela citado (Geralda, 07/09/2022, p. 12; 18; 24).

Vivendo nesse cenário é que podemos, de fato, encerrar qualquer questão de credulidade, e ainda por realmente dimensionar, a motivação que levava os integrantes da família Elias Nonato a se submeterem ao trabalho compulsório, como tentativas ávidas de manutenção sobrevivência, a mesma situação valendo para as formas de alimentação indignas e perigosas, no sentido de saúde. A própria rigidez da criação proposta por Isabel e Jorge aos seus filhos, advinda de uma cultura da lida com estas dificuldades, e da necessidade de, mesmo ainda muito crianças, todos os indivíduos da casa terem de contribuir com o sustento coletivo. E quanto à perspectiva das entrevistadas para com tudo isso, de confundir o “brincar” com o “trabalhar” muitas vezes na significância das atividades desenvolvidas no dia a dia, ou mesmo de falar sobre com melancolia, elas enxergavam esse palco como o único possível para atuar desde a primeira infância, precisavam então adaptar sua atuação.

São decadentes condições econômicas, de vivência, enfim materiais, agindo em austeridade sobre as vidas destas mulheres, suas subsistências. Estas sertanejas estavam envolvidas naquele espaço-tempo pela expressão regional dos então elementos macroeconômicos do Ceará: pecuária e cultivo do algodão. Essa comunidade, em suas duas gerações anteriores, conhecera uma província/estado dominada/o por essas atividades produtivas, que a partir de 1860 garantiram grande impulso da economia cearense. Aquele então passado recente provocou transformações no setor produtivo do Ceará, exigindo alterações na política, infraestrutura e sociedade em si (Sá, 2016). Tal sucesso foi antes visto apenas com o frenesi do comércio do charque, que mesmo não disponibilizando suas benesses consecutivas às classes populares, ampliava os postos de capitalização da sua força de trabalho, viabilizando assim alguma forma de busca dos seus sustentos familiares.

Desde os finais dos anos 1870 à época Siará Grande, enfrentou uma crise advinda de sua saída do promissor mercado exportador de algodão e majorada pela acentuada seca que abateu os seus sertões, inviabilizando o escoamento da produção e dirimindo o trabalho campesino e desaguando no recrudescimento da potencializada miséria e dos flagelos (Bezerra, 2011). Apesar disto, os sertanejos, que se viam deparados com a realidade da escassez, em subvidas, que em suas narrativas geracionais são denominadas pelo verbo “escapar” dada a tamanhas dificuldades de subsistências, movimentaram-se por conta própria,

escapando destes mórbidos contextos com a progressão geracional do desenvolvimento possível daquelas atividades e cultivos hora conhecidos³⁸. Desde a virada para o século XX, e nas primeiras décadas deste, os quais os genitores das Elias Nonato foram criados, temos o prosseguimento do cultivo do algodão em reduzida escala, aparente nas falas de nossas entrevistadas sempre no sentido da sua comercialização, e a criação de animais de pequeno porte e produção de leguminosas, com destaque para milho, feijão e arroz, em caráter familiar de subsistência, aliado da busca por improvisados serviços de remuneração irrisória nas urbes próximas. Tudo isto, como vimos, está exposto nas atuais narrativas autobiográficas de nossas personagens, demonstrando um prosseguimento de tal configuração da situação econômica até seus contextos de vida.

Nessa configuração econômica, podemos ter em vista que no funcionamento dos motores econômicos operantes naquela região do Cariri-Oeste, as populações ali conglomeradas viam-se em uma situação de constante retroalimentação de suas pauperizações. Além disso, eram severamente desafiadas pelos espinhosos meandros da cotidiana busca de sobrevivência do campesino sem posses, do proletário eventual ou compelido, e tendo que elaborar saberes e expertises para driblar as limitadas oportunidades trabalhistas, e seus insuficientes soldos, daquele sertão essencialmente rural.

Agora, quanto ao nosso segundo contexto interseccional, o gênero, é preciso considerarmos que nossas entrevistadas, tais personagens principais das histórias de vida que aqui consideramos, são mulheres, para mais que serem indivíduos em uma sociedade, têm em suas vivências a “marca” do “ser mulher”, divergente dos demais indivíduos homens. O lugar delas nos espaços e nas relações sociais, ora expostos, é, também, de uma subalternização com relação aos homens que lhes circundavam, na família e na sociedade, em um sentido de autoridade e suposta proteção, deviam obediência àquelas figuras masculinas que lhes eram responsáveis: o pai, os patrões e o marido.

Essa condição por si só já configurou em muito a maneira como as trajetórias das irmãs Elias Nonato se transcorreram, arquitetando a luz desta clivagem entre os gêneros as situações sociais às quais elas (re)agiram ao longo de sua vida. Isso tudo ocorrendo em um contexto social reconhecidamente machista e misógino, com uma compreensão de mundo partida dos homens, e compartilhada pela maioria das mulheres, que, buscando-se determinista, normatiza, e põe em *check* as subversões, de determinados padrões morais e de

³⁸ Para um aprofundamento no debate, podemos também encontrar ricas contribuições sobre condições de vivências no estado (questão da migração, escravidão, relação com instituições civis e governamentais, aparelhos administrativos, relações de trabalho e explorações, relação capital-interiores, perfis sociais) em: CARDOSO, (2016).

comportamento a serem seguidos por mulheres e por homens nas suas atuações ao longo da vida. Tal relação entre os gêneros pode ser observadas nas passagens já demonstradas no tópico anterior, nos momentos de importantes decisões nos rumos biográficos destas mulheres, com a presença das figuras masculinas, bem como nas atividades desenvolvidas pelos indivíduos de suas histórias, com especificidades por gênero, e nos caminhos comuns seguidos por cada indivíduo, no caso da mulher o iminente casamento.

Tais passagens e elementos das trajetórias de vidas das filhas de Isabel e Jorge são flagrantes de estruturas culturais quanto a papéis sociais, funções, costumes e conceituações em relação a uma diferenciação de gênero (Perrot; Martin-Fugier, 2009). A organicidade destas biografias pode ser compreendida como estruturada por limites e determinações promovidas por um modelo dominante de gênero. As autoras nos propõem essa reflexão da funcionalidade familiar e social a partir da assumpção existente entre indivíduos, figuras de atuação e papéis de significância pré-estabelecidos. Têm como base a consideração da redefinição estrutural dos papéis sociais de mulheres e crianças no ocidente, enquanto transformação trazida pela revolução francesa.

Esta alteração nos deixa de herança especificidades nos modelos de gênero compartilhados de diferentes modos, com diferentes intensidades e incidências sobre a configuração dos indivíduos, diferenciados essencialmente por seu sexo atribuído biologicamente. No momento de exemplificar, ensinar, vigiar e cobrar a efetivação das práticas, posturas, entendimentos e comportamentos que formatizam as designações de cada um destes modelos, destes papéis sociais de gênero, os indivíduos e as relações sociais vão se configurando em um molde binário, em que o atuar cotidiano é delimitado por *scripts* culturalmente determinados para cada sexo, em suas possibilidades e deveres.

No funcionamento cotidiano destes papéis sociais, e nas inter-relações que compõem as experiências destas vidas, o homem³⁹ que aparece primeiramente no modo de “pai” é o personagem dominador da família, da vida privada, e da sociedade civil, e é a partir dele e de suas atribuições que se arquitetam os outros papéis. Sua autoridade é justificada pelo direito, a filosofia, a política e o entendimento da maioria. É ele quem dá o sobrenome, e assim o nascimento da pessoa enquanto ser social, que substitui a figura de governo do Estado. Ele tem autoridade onipotente na família, dispensando por vezes o próprio Estado.

³⁹ É muito sintomático do impacto da estrutura prático-mental dos papéis de gênero na internalização que fomenta nossas práticas, comportamentos, posturas e entendimentos que, mesmo a autora se propondo a desnaturalizar e analisar historiograficamente essas permanências pré-estabelecidas, o elemento masculino seja trabalhado com o privilégio da primazia, condição tão marcante deste papel de gênero, das figuras que dele funcionam e dos indivíduos onde são encarnadas, que vêm primeiro, que abrem os âmbitos propositivos, a partir dos quais se desenvolve e compreende todo o resto.

Esta é justamente a característica fundamental da sociedade patriarcal, uma ordem do viver em que se tem como legítima subjugação do feminino pelo masculino.

Podemos observar esta estrutura histórico-social mais claramente nas passagens de nossas entrevistadas sobre, por exemplo, o papel desempenhado no trabalho pelo homem, e aquele destinado a mulher. Quando Geralda coloca que o trabalho de pastorear as cabras dos fazendeiros ao longo da noite, armado, diante dos assaltantes em potenciais era desenvolvido por seu marido por ser um “serviço de homem”. Na obviedade evocada por Francisca em seu contar de que a sua mãe lavava todas as roupas da família, e seu pai cuidada das crianças apenas enquanto Lira realizava esta tarefa, ou que era dever das irmãs mais velhas cuidar das mais novas, enquanto os irmãos deveriam ajudar Jorge na roça (Geralda, 07/09/2022, p. 12; 17).

A relação entre os gêneros também está marcada na confusão de sua designação nos indivíduos, quando estes por algum motivo não seguem estritamente o papel a ele previamente imputado. Por exemplo quando Antonia afirma que as irmãs mais velhas, incluindo ela, eram os “filhos homens de pai”, já que elas desenvolviam trabalhos agrícolas que, segundo a divisão sexual do trabalho, seriam destinados aos homens, mas na falta de filhos homens em idade hábil, eram praticados por elas. (Antonia, 09/09/2022, p. 14).

Outro ponto a ser observado em suas falas são os modelos destinados às mulheres. Primeiro quanto ao corpo, pois a estética feminina naquele contexto era algo rigorosamente controlado pela moral expressa na fiscalização masculina. Vemos isto no comparativo entre a colocação de Francisca (09/09/2022, p. 23) com certo desdém ao fato de, quando criança, ela e suas irmãs terem os cabelos longuíssimos, mas sempre acometidos por surtos de piolhos, e o fato de, como pudemos perceber pelas fotos, a maioria delas, inclusive Isabel antes de sua morte, terem cabelo curto. E ainda mais escancarado quando Ducarmo (06/09/2022, p. 07) nos conta que Jorge regravava muito rigidamente essa estética, chegando a amarrar pelo pé a, já falecida, irmã Maria Aparecida, tê-la espancado com uma madeira porque esta cortou o cabelo sem sua permissão e ter passado dias escondida na mata por medo de represálias.

Outro tipo de modelo é com relação ao comportamento delas. Expresso nas narrativas de Francisca sobre poder ver o namorado apenas em casa, com a presença dos pais, e com pouquíssimas interações por respeito, o que mesmo assim não anulava seus afetos, e de Amélia que conta orgulhosa sobre o seu cumprimento de todos os ritos cristãos necessários ao casório, inclusive na vestimenta, e sobre o respeito ao lar dos pais já que consumou seu casamento apenas quando passou a morar com seu marido (09/09/2022, p. 33-34). Esses respeitos a moral cristã estiveram também enraizados no modelo de mentalidade a ser seguido

por estas mulheres, afirmamos isto desde que Amélia (06/09/2022, p. 29) nos conta que as filhas de Isabel não podiam ter contato com seus partos, ou mesmo com este assunto, e quando Cicera (07/09/2022, p. 17) nos revela que “menstruação” era um assunto proibido.

E por falar em respeito, temos as transgressões, como não poderia faltar. Raimundo (06/09/2022, p. 16) nos conta que Geralda transgrediu estes modelos comportamentais e fugiu com seu então namorado para se casar, já que o casamento honrado não seria possível pela falta de benção do seu pai. O fato disto ser objeto de narrativa dos irmãos, mas não de Geralda nos demonstra os reflexos dos estereótipos que sobre ela recaíram devido a esta atitude. Tal subversão se dá ante uma figura paterna, masculina, que as mulheres, esposa ou filhas, deviam mais que respeito, submissão automática, como reforça Amélia (06/09/2022, p. 29) sobre a impossibilidade do titubear perante seus comandos. Submissão buscada ainda pelos relacionamentos afetivos que as irmãs mantiveram, algo escancarado por Maria (08/09/2022, p. 14) quando fala, sobre seu primeiro marido, expressões como “ele quis me assumir” e “ele me pegou de volta”, mediante uma separação momentânea, a mulher aparece como um objeto e o homem sendo o senhor da decisão.

Por fim, estes estereótipos também são uma das formas principais de demonstração da estrutura díspar de gênero que condicionava a vida das Elias Nonato. Percebemos isto em: Geralda (07/09/2022, p. 12), que afirma ter passados noites receosas, pois sozinha com seus filhos enquanto o marido pastoreava rebanhos, se encontrava correndo alto risco, já que morava nas matas e os homens visavam mulheres solitárias; Maria (06/09/2022, p. 14) quando destaca a alegria e o valor de ter filhos do sexo masculino; Ducarmo (06/09/2022, p. 14) por quem somos comunicados que elas, enquanto empregadas domésticas, sofriam acusações de, mesmo sendo crianças, seduzirem os maridos das patroas; e Cicera (07/09/2022, p. 12), que trata sobre a não aceitação de seu pai para com a separação e sua fúria por sua mãe com relação aos ciúmes, novamente colocando a mulher no domínio da posse.

E, finalmente, nosso terceiro contexto interseccional, que é a classe social, no sentido da diferenciação de grupos em uma mesma sociedade a partir de suas características principalmente econômicas. Levamos em conta aqui a localização destas mulheres na estratificação social daquele espaço-tempo como proletárias com mínimas condições de sobrevivência. O lugar a partir do qual elas atuavam naqueles pequenos municípios do Cariri-oeste, da zona rural a urbana, era o da pobreza miserável, da indignidade da falta de posses com relação a quase tudo, da sujeição à exploração de sua força de trabalho na busca pela sobrevivência e da inferiorização social por assim o ser. E o ambiente que as envolvia,

criando os espaços de possibilidade e as limitações onde se desenrolaram suas atuações, era composto pelas formas mais explícitas da desigualdade capitalista entre as classes, com suas relações ocorrendo pelo arrendamento das propriedades privadas rurais e pelo trabalho compulsório doméstico. Podemos observar isso nas falas delas, ora expostas, quando elas nos dizem sobre as difíceis condições de subsistência naquele sertão, mas ao mesmo tempo revelam que não é uma imposição natural assim viver, tendo em vista que havia grupos com posses, abastados, inclusive patronais, convivendo com elas naquele mesmo espaço-tempo, no campo e na cidade, com uma explícita concentração de renda e exploração dos desvalidos.

As passagens que conseguem, de fato, nos dimensionar à situação paupérrima em que as Elias Nonato viviam estão expostas em meio a todos os comentários de nossas entrevistadas. Independentemente de quem nos fala, e sobre qual “parte” da própria vida aborda, temos sempre um minucioso delinear dos expoentes demonstrativos das consequências do viver sem posses. Citando temas mais significativos, temos a alimentação colocada por Geralda (07/09/2022, p. 12) como sendo a base de pirão de feijão com farinha mofada repleta de fezes de ratos, doada por comerciantes; por Francisca (09/09/2022, p. 30) como sendo composta pela proteína animal de maneira muito rarefeita, dividindo, quando a tendo, um pequeno frango para uma família de quase 20 pessoas; por Ducarmo (06/09/2022, p. 07) como algo “muito ruim” pela forma constituída, prejudicando inclusive o desenvolvimento genético delas; e por Cicera (07/09/2022, p. 12-13) como sendo complementada por “Ns” expertises de cada um dos membros de sua família diante da fome. Esta última, como antítese da alimentação, é elencada por Maria (08/09/2022, p. 14), que nos conta a ter encarado também junto de seus maridos e filhos, dependendo da solidariedade alheia.

Então, é partindo desta situação, e buscando com ela lidar, que nós temos a atuação social, e mesmo o desenvolvimento das trajetórias de nossas entrevistadas. Seus passos, relações e percepções do vivido em muito foram construídos pelo horizonte da constante busca de superação desta situação, por sua recordação e consequências. Para mais, as irmãs Elias Nonato nos apontam outros expoentes de pobreza, demais situações que elas vivenciaram sendo despossuídas com relação a moradia, com as casas de taipa e teto de palha em terrenos arrendados, vestimentas, que Antonia (09/09/2022, p. 31) nos conta serem todas doadas e utilizadas até rasgarem-se, e objetos em geral, como a mochila para levar o material escolar de Cicera (07/09/2022, p. 13), que era um saco reutilizado de 5kg de feijão. Esperamos estar conseguindo passar ao leitor uma caracterização vívida da situação enfrentada pelas filhas de Isabel e Jorge. Pensando nisso, uma amostra visual seria o ideal

para conseguirmos compreender estas questões. Trazemos, abaixo, um quadro que muito comoveu o presente autor por representar imagetivamente esse lugar de vida que aqui discutimos.

Figura 10 – Quadro “Taipa”



Fonte: Murilo Santos, 1977, Pintura a partir de projeção sobre painel em madeira, barro e cimento, 175x95cm, exposição permanente no Museu de Artes Visuais de São Luiz – MA.

Uma mãe singela, no que aparenta ser a terra seca, posa com sua ampla prole. Em seus rostos, o desalento; em suas posturas corporais, a união e o manter-se em pé diante de tudo isto. Este arquétipo representa bem a vida de Lira e suas meninas. E se eram pessoas em situação de pobreza, eram também pessoas que mantinham relações com outros indivíduos potentados de capital econômico, social e política, beneficiados pela acumulação de riqueza, pela lógica capitalista. Esta convivência entre diferentes classes é exposta, por exemplo, em Maria (08/09/2022, p. 22), que caracteriza a família pela qual foi “adotada” como “muito rica, muito especial, a sogra do prefeito de Altaneira, Chico Federal”, e em Cicera (07/09/2022, p. 13), quando expõe a disparidade de qualidade entre os lanches dela e de suas “colegas riquinhas”. Podemos perceber, então, que a configuração das biografias destas mulheres passa não apenas por seu lugar de pauperismo, mas também pela hierarquização de suas interações com os abastados. Entretanto, esta questão deve ser observada principalmente nas relações mantidas entre elas e seus patrões no cotidiano do trabalho doméstico, e nas condições em que este se dava.

No desempenhar desse serviço doméstico para terceiros, realizado por algumas de nossas entrevistadas, ou mesmo sendo algo ao que as demais estavam propensas, podemos

observar a forte presença deste contexto interseccional de classe, de pobreza mais especificamente, agindo sobre a caracterização de suas trajetórias e perspectivas. Pascoa (2020) entende esta prática de trabalho sendo desenvolvida cotidianamente, e impactando com suas marcas a sociedade e as vidas ali envolvidas, de diferentes formas⁴⁰. O trabalho doméstico é visto como um mecanismo de reprodução de pobreza, atividade de necessidade contextual e um papel socialmente categorizado. Segundo a autora, o contexto de austeridade obriga mulheres economicamente necessitadas a encararem tal serviço, tanto em busca da sobrevivência, quanto pela apresentação conjuntural deste como único caminho possível.

Todas estas nuances do trabalho doméstico podem ser observadas, de forma mais enfática, nas falas de Ducarmo e Cicera. A primeira relata que as condições de vivência nas casas alheias, uma vez que lá residiam, e a amplitude da exploração a qual era submetida na prestação dos serviços em si nestas casas, eram péssimas ao ponto de serem cruéis. Exemplo disso é a ordem de poder alimentar-se apenas após a família patronal, e seus possíveis convidados, comerem, se valendo das sobras dos pratos quando estas estivessem disponíveis e não mediante a fome, ou a proibição de algumas donas de casa destas jovens terem acesso aos estudos, e ainda a questão salarial já que trabalhava “por um prato de comida e um lugar pra dormir”, e nas ocasiões em que recebeu eram “mincharias”, trocados (06/09/2022, p. 09-11). A segunda coloca todas as experiências com esse trabalho como um sofrimento, repletas por humilhações advindas de todos os membros das famílias patronais, percorrendo quilômetros a fio com muito peso para deixar encomendas de seus patrões a outros empregados, ou tendo que, por exemplo, lavar e engomar grandiosos montantes de roupas, e ganhando em troca roupas velhas (07/09/2022, p. 17-18). Assim, suas vivências têm como base, das sociabilidades mantidas e da materialidade disposta, esta correlação de classes.

Por todo o exposto, é possível inferir que na compreensão das biografias das irmãs Elias Nonato, faz-se mister problematizar as estruturas histórico-sociais em meio as quais elas desenvolvem suas vidas e atuações componentes. O meio sertanejo, as clivagens de gênero e as relações de classe agiram, individual e coletivamente, enquanto condicionantes configuradores destas vidas, contribuindo com os espaços de possibilidades e limitações que estas mulheres tinham, além da maneira como (re)agiam ao seu cotidiano, mas não sendo determinantes, já que não impossibilitaram suas inventividades dentro destes parâmetros.

⁴⁰ Esta proposição intelectual identifica 3 diferentes formas: a gratuita, desempenhada pelas donas de casa em detrimento de sua função no interior da família, justificado pelo afeto à prole; o compulsório, realizado pelas filhas de criação, criadas, que, muitas vezes, eram inseridas em um ambiente de trabalho travestido de relação familiar; e o remunerado, executado por empregadas, mulheres pobres, por uma questão de necessidade material. Em todos os casos, situações de pobreza e desprestígio social.

Estas questões interseccionais foram balizadores da caracterização das biografias delas da forma como se deram e, portanto, mais impactantes ainda subjetivamente, já que elas observavam indivíduos concomitantes em situações diferentes de suas condições.

2.1.2 Os Homens da Família: Um Contraponto de Gênero

O que o tópico anterior nos demonstra é que ninguém tem a prática de suas vidas, experiencia, fatos, processos ou conjunturas solitariamente, muito menos tais ocorrências são iguais as daqueles com quem convivem. As irmãs Elias Nonato tinham outros personagens muito próximos de seu cotidiano compartilhando das situações enfrentadas e caminhos trilhados pela família, assim como exercendo outras possibilidades de ser e atuar naquele meio, alternativas aos traços biográficos das irmãs, e formulando uma perspectiva outra do vivido por todos os envolvidos e dos elementos constitutivos daquele cotidiano.

Seus irmãos vivos, os filhos do sexo masculino da prole de Isabel e Jorge, se fizeram presentes e solícitos em toda nossa rotina de pesquisa, na produção da história oral, demonstrando-se como uma excelente oportunidade de enriquecimento da construção de conhecimento sobre a história destas mulheres. Reforçamos, então, nosso entendimento já embrionário de que se faria mister entrevistá-los, buscando o lugar de fala masculino das biografias das Elias Nonato, sua família e seus contextos. Com a realização destas entrevistas, sanamos diversos pontos de inflexão, contradição e lacunas nestas histórias, e visualizamos ainda a possibilidade de aprofundamento na problematização de tais experiências, tendo em vista que com suas falas era escancarada a não naturalidade das condições e formas como se deram as vivências daquelas indivíduos naquele espaço-tempo.

Pode parecer soberbo de nossa parte realizar tal afirmação, mas não nos interessamos, pelo menos não neste trabalho, ou mesmo de maneira direta, pela biografia dos irmãos da família Elias Nonato. Daqueles que “se criaram”, Gonçalo, já falecido, Inácio e Raimundo, nossos entrevistados, não tiveram suas vidas por nós consideradas aqui enquanto objeto de estudo, tampouco a construção e funcionalidade de suas subjetividades foram alvos de nossas investigações. Entretanto, é inegável que suas perspectivas masculinas tinham muito a contribuir com nosso conhecimento sobre fatos, processos e conjunturas vividas pela família. Aqui, analisamos, em suas memórias, complementaridades e contrapontos narrativos sobre o vivido, e seu significado, pela família Elias Nonato e seus membros. Percebemos como o caminho de vida é trilhado e percebido de maneira diferente a partir da dualidade do sexo.

Na base de nossa sociedade, e especialmente em seu funcionamento nas primeiras décadas da segunda metade do século passado, a clivagem de gênero reside na diferença pressuposta nos direitos e deveres dos indivíduos destes diferentes sexos, da binaridade homem/mulher, reivindicando ser representativa da própria natureza biológica. Até mesmo a legislação é pensada tendo tais preceitos como norteadores, assim como as determinações cotidianas e culturais, que inclusive sofrem incidência destes instrumentos legais, e neles retroagem. Esta diferença opera de maneira hierárquica, na forma de um tutelamento do masculino sobre o feminino, onde as diferentes figuras pragmatizantes do primeiro gênero têm poderes recaídos nas sujeitas representantes do segundo, e em todos os outros personagens do cotidiano da cena familiar e social, como filhos e criados (PERROT; MARTIN-FUGIER, 2009, p. 107-110).

Podemos, de forma bem resumida e conectada com a cultura hegemônica no tempo-espço que aqui discutimos, citar a necessidade de representação das mulheres por figuras do sexo masculino em quaisquer necessidades de responsabilidade ou questões de decisão, ou ainda a obrigação moral da permanência no lar e do cumprimento das obrigações domésticas por parte das mulheres, com previsão inclusive de punições diante de descumprimentos, enquanto o homem tem livre trânsito.

Para Perrot e Martin-Fugier (2009, p. 107-110), a organicidade deste exercício de poder entre os gêneros e suas necessárias adaptações ao longo do tempo nas vidas humanas ali envolvidas se dá, inclusive, com a alteração da figura masculina que representa e exerce essa hierarquia patriarcal. É o assumir do papel dominante em diferentes indivíduos componentes da relação, que em nosso estudo de caso são: o pai da família Elias Nonato, Jorge; os patrões, quando da ida para junto da família à qual desempenharia os trabalhos domésticos; e os maridos, a partir do sacramento do casamento tido por elas como uma conquista. E, para mais que a dominância hierárquica em si, falando sobre a quem estas mulheres deveriam obediência, as outras figuras masculinas de suas vidas eram seus próprios irmãos que, embora não exercessem aparentemente nesta relação uma postura de hierarquia, conviviam com elas uma mesma realidade histórica esboçando específicas diferenças no caminhar biográfico e na perspectiva do vivido. A biografia e o narrar autobiográfico deles e delas estão diferenciados justamente pela questão gramatical e semântica desta frase: o gênero.

As vozes masculinas que agora tratamos são, por nome conforme já indicado acima, Inácio e Raimundo⁴¹. Finalizaremos a discussão de seus relatos com a observação de suas perspectivas e posicionamentos diferenciados com relação a história da família, seus elementos componentes e significados, mas iniciaremos a presente problematização considerando o desenrolar da trajetória destes dois homens, suas atividades, ações e destinos, percebendo como eles são compostos por lógicas e afazeres diferenciados pelo sexo biológico. A título de exemplo, basta recordarmos que, a partir das falas já expostas de nossas entrevistadas, as mulheres desta família, e arriscamos dizer que da grande maioria da parcela pobre da população daquele contexto, além de desempenharem certos trabalhos e terem determinados papéis devidos às mulheres, tinham também destinos comuns: o casamento cedo, por volta dos 15 anos de acordo com Francisca (09/09/2022, p. 34), ou o encaminhamento a lares alheios para o trabalho doméstico. Já com os homens é diferente, observemos.

Seguindo a mesma estrutura que utilizamos no contar das biografias das mulheres Elias Nonato, por elas proposta, de seguimento da escala etária do vivido, a primeira questão que colocamos diz respeito a infância de Inácio. Esta fase de sua vida é marcada pelo trabalho na roça, parecido com suas irmãs, mas devemos recordar que com tarefas divididas pelo sexo, ditas por Inácio (06/09/2022, p. 04). Para entender isto, relembremos que Antonia apontou ela e suas irmãs mais velhas como os “filhos homens de pai”; ora, Inácio, o irmão mais velho dentro os meninos, ainda não havia nascido, logo, as atividades agrícolas consideradas mais pesadas, como o cuidado dos rebanhos, o roçado do mato e o arrancar dos tocos, passaram a ser desenvolvidas pelos rapazes a partir do momento que estes tiveram idade o suficiente para isso, ainda na infância. Interessante destacar na fala de Antonia ainda que, por desempenharem trabalhos masculinos, eram os filhos homens do “pai”, destacando mais ainda a qual sexo “pertence” tais atividades.

Outro apontamento de Antonia (09/09/2022, p. 16) sobre seus irmãos é que eles saíram de casa apenas após a separação dos seus pais, diferente das irmãs maiores que, mesmo com o lar plenamente constituído, já haviam se aventurado na constituição de novos núcleos familiares. E é justamente nos passos tomados “pós lar dos Elias Nonato” que encontramos mais uma diferença na trajetória dos irmãos: a rota tomada por suas vidas, sendo que as experiências desenvolvidas nesse processo de “destino” demonstram mais ainda a diferença de atividades apontada no parágrafo anterior. Ainda na mesma passagem acima

⁴¹ Quem estiver lendo deve recordar que, na maneira já informada, o irmão Gonçalo desapareceu a anos. Para mais, as fotos de Inácio e Raimundo se encontram dispostas nas figuras 5 e 6 do apêndice C.

referenciada, Inácio nos conta que, saindo do serviço agrícola, sua vida foi dedicada até hoje ao trabalho com vendas de artigos variados, o comércio foi seu meio de garantir a subsistência, tendo nele mesmo a perspectiva de melhora da vida, diferente do trabalho doméstico que, como vimos, serve à manutenção da pobreza.

Mais à frente em seu relato (06/09/2022, p. 06-08), Inácio nos explica que ele foi o único filho a acompanhar o pai após a separação, e que, também o deixando, foi embora do Cariri, passando a viver em Belo Horizonte – MG e Vitória da Conquista – BA, longínquo caminho não trilhado por nenhuma das irmãs, com o intuito de trabalhar com o comércio, algo também fora do horizonte das irmãs, como já visto. Por fim, outro traço díspar dessa biografia masculina, em relação a suas irmãs é a questão do matrimônio. Das sete, oito Elias Nonato contando com a falecida Maria Aparecida, apenas Antonia e Maria separaram-se, e sob alegações de abusos e traições dos maridos, mesmo assim elas nunca mais se casaram, tendo atualmente namorados. Já Inácio, no mesmo trecho apontado, nos conta que constituiu família na capital mineira, separou e voltou a ter contato com os filhos muitos anos depois. O mesmo aconteceu na Bahia, com a diferença que lá passou mais tempo desposado. Com a nova separação, deixou outro conjunto de prole nas terras do azeite de dendê e retornou ao Cariri, instalando-se em Potengi onde repetiu o mesmo “ritual”. Hoje, Inácio é solteiro, separado de três mulheres, devido a suas próprias atitudes de traição, e pai de três grupos de irmãos.

Quando abordamos o relato de Raimundo, torna-se indubitável que tais diferenças se dão justamente pela questão do gênero. O seu contar (06/09/2022, p. 06-10) nos confirma a divisão sexual do trabalho na agricultura. Raimundo era vaqueiro dos senhores de terras e gado da região, tirava leite e encaminhava os animais ao pasto e de volta ao cercado. Para ele, sua vida iniciou aos cinco anos, justamente por nessa idade ocorrer o pontapé inicial de sua prestação de serviços. Também nos confirma um “destino” diferente das irmãs: ele mudou-se para o Piauí e posteriormente para São Paulo, trabalhando ainda com agricultura na primeira localidade e como proletário do chão de fábrica na segunda. Interessante ressaltar que os bons tempos, para as irmãs se iniciam apenas com o casamento, no caso das mais velhas, e com a mescla deste com a conquista de trabalhos mais dignos que os serviços de doméstica, no caso das mais novas. Para Raimundo, a partir de suas vivências em São Paulo já iniciam as “coisas boas”, tempo de bonança se comparado a sua infância.

Raimundo não tomou o mesmo rumo que o irmão diante da separação de seus pais, permaneceu com a mãe, mas devido a sua idade, uma criança de colo à época, ele confessa inclusive ter conhecido seu pai apenas no leito de morte deste (06/09/2022, p. 11-13). Outra questão interessante é sobre seu matrimônio, pois casou-se e constituiu família

apenas uma vez, mas, ainda diferente de suas irmãs, está separado hoje por atitudes próprias, ele mesmo reconhece o alcoolismo como o grande causador do desquite, mas, sobre isso, encontramos mais uma diferença para com suas irmãs: a grande maioria do tempo que passou trabalhando no Sudeste foi destinado ao envio de recursos para este novo núcleo familiar, e não ao seio dos Elias Nonato, como suas irmãs.

Em nosso debate sobre as disparidades entre atividades e trajetórias desenvolvidas por homens e mulheres ao longo desta história aqui considerada, a partir do relato de Raimundo, já temos o prelúdio de nosso segundo debate nessa discussão dos gêneros diferentes: a dualidade das perspectivas do ocorrido. Em nossas entrevistas, não obtemos apenas narrativas fáticas do processo biográfico da família Elias Nonato e seus componentes, também nos são reveladas perspectivas, considerações sobre os feitos e as estruturas ao redor, tanto expressas à época dos fatos e agora recordada, quanto elaboradas agora durante a rememoração. Falamos aqui sobre o significado de “bons tempos” na perspectiva de Raimundo. Para ele é o exato momento em que passa a trabalhar fora, mas, como vimos as condições de vivências, não foram estas para suas irmãs.

O caçula dentre os filhos homens coloca também, ao longo de suas falas, suas irmãs enquanto pessoas necessitadas, quase que como a espera de sua ajuda mandada de São Paulo. Notamos aqui um certo sentimento de tutela por sua parte, se colocando como provedor, e atribuindo a suas irmãs um papel de dependência. Para mais que isso, a própria maneira como encara a jornadas de vida, própria e de suas irmãs, tem um pano de fundo clivado pelo gênero. Nas passagens que ele coloca que suas irmãs “viviam pelas casa dos outros”, ele não nomeio o serviço doméstico como trabalho, e quando, na continuidade, ressalta que desempenhou vários trabalhos nas diferentes localidades por onde passou pois sua intenção era uma vida melhor, de certa forma não leva em conta que, embora as condições cotidianas e a relação com o patronato não dessem um largo horizonte, a intenção de suas irmãs não era de apenas sobreviver, mas também de superar tal situação (Raimundo, 06/09/2022, p. 10; 12).

Não propomos com estas observações um juízo de valor, nem jamais cometer o anacronismo de chamar Raimundo de machista; queremos antes demonstrar que os filhos de Isabel e Jorge experienciaram o mesmo espaço de vida que suas irmãs de uma maneira diferente, à luz do seu gênero. Tanto desenvolveram suas vidas com formato e elementos díspares, quanto observaram e significaram estas experiências e seu palco de ocorrência a partir de uma outra ótica, com outra lógica de raciocínio. Este viver e compreensão são masculinas e é com base nisto que podemos reforçar nosso argumento que as histórias das

mulheres Elias Nonato não são apenas mais narrativas de seu espaço-tempo, mas são trajetórias biográficas femininas, frutos das indivíduos às quais pertencem.

A entrevista de Inácio reforça esta nossa afirmativa, principalmente a partir de duas colocações que ele faz. A primeira com relação a história da família e a segunda sobre a composição do seu ser e do ser de suas irmãs. A primeira colocação de Inácio (06/09/2022, p. 03) é sobre o que ele considera importante para uma pessoa viver plenamente: “conhecer as coisas”. Ele se referia a cada um ter, em seu repertório de familiaridades, noções e experiências com ambientes e objetos diversos, não apenas advindos de uma vida vivida em somente um cenário, ou em locais muito parecidos. Para ele, enquanto mais coisas do mundo você conhece, melhor você vive, e isto é possível se você viaja. Logo, enquanto menos você viaja, menos você sabe. A opinião que Inácio buscava externar era que os filhos homens eram mais sábios, conhecedores, por terem se aventurado em terras longínquas, enquanto suas irmãs assim não o eram, por não terem feito o mesmo.

Na segunda passagem (06/09/2022, p. 06), nosso entrevistado apresenta um ponto de vista sobre a separação de seus pais que nós ainda não havíamos nos conectado até este momento, e que Raimundo silencia sobre. Todas as irmãs falam sobre este marcante fato: o fator morigerador que foi o ciúme do pai e colocam a situação como uma ação dual, embora destaquem o ressentimento de Jorge. Já Inácio, quando toca neste assunto, inicia dizendo “minha mãe se separou do meu pai”, há aqui, verbalmente, uma atribuição de culpa. Ele em nada fala sobre motivações, quanto menos sobre os ciúmes de seu pai, tão elencado pelas irmãs. No mais, o entrevistado prossegue neste tema realizando uma profunda defesa da sua figura paterna, no caso, e de sua própria decisão em acompanhá-lo. Surge, então, um delicado quadro de saúde do seu pai, que exigia cuidados, e a quantidade de filhos com os quais Lira ficou se transforma, de uma complicação de subsistência em um arsenal de companheiros.

Por todas as discussões apresentadas até agora, e principalmente por este debate acerca de um contraponto de gênero em suas vivências e nas suas perspectivas sobre elas, somos levados a entender que as biografias das irmãs Elias Nonato não são, nem de longe, “naturais”, em um sentido de formas pré-definidas aos seres, ou mesmo com relação a ser comum. Suas trajetórias de vida são, muito antes, históricas, localizadas pelas estruturas sociais que lhes atravessam e definidas pelas indivíduos às quais pertencem. Logo, as experiências biográficas de nossas entrevistadas ocorrem, apesar de ser em um contexto comum, dentro de uma lógica específica de seu gênero, que também organiza o significado dessas experiências. Assim, temos os feitos e fatos destas vidas sob efeito da égide hoje conhecida como sexista, com mulheres podendo certas atitudes em prol de seu “valor social”,

ou tendo como base estereótipos no trabalho e na vida de modo geral para evitar transgressões e suas consequências, e ainda uma disputa hierárquica de narrativas a respeito de tudo ocorrido, atribuindo aos fatos a carga necessária à imagem que se preocupa em ter cada sexo.

2.2 “Quem sou?” “O que vivi!” “Do que me lembro?” “Daquilo que passei!” A Construção das Subjetividades pela Materialidade

À primeira vista, pode parecer raso propor um debate sobre como as experiências de um alguém contribuiu para formar quem esse alguém é, ou do que esse alguém se recorda. Entretanto, na verdade, essa é uma questão histórica válida para um cuidadoso olhar de compreensão sobre estes elementos humanos e suas peculiaridades. Muitas dimensões poderiam formar as subjetividades mnemônicas e identitárias das irmãs Elias Nonato, como ocorrido em suas biografias, na forma em que demonstramos em nossos debates acima, mas o que chamamos atenção aqui é o impacto do viver no que a pessoa é e faz, o peso maior que materialidade e sociabilidades têm na elaboração das memórias e identidades destas mulheres.

Percebam que não consideramos seus lugares de fala, ou meios de vivência, na forma de estigmas deterministas sobre a determinação da pessoa pelo seu contexto formativo, mas é imprescindível que consideremos os espaços de vivências destas mulheres acima apresentados para entendermos suas subjetividades, quem são, o que têm em mente, suas atuações sociais, perspectivas etc., ou seja, a importância do contexto na formação do ser, inferindo sobre o saldo subjetivo de tudo isto que foi experienciado e de seus significados.

Neste tópico nossos objetivos são: apresentar nossa confabulação historiográfica sobre a ação destas vivências na conformação das subjetividades destas mulheres, e perceber como esta relação está posta nas narrativas delas próprias, entendendo assim qual o impacto que estas vivências têm em suas subjetividades em acordo com suas próprias perspectivas. Demonstramos, ainda, que essas vivências foram estruturantes de suas consciências, tanto é que hoje, em outro contexto, e com um outro olhar sobre aquelas vivências, ainda as argumentam como de grande importância para serem quem são.

Para McGushin (2018), o processo de construção das subjetividades do ser de cada um de nós pode ser compreendido na forma de um movimento de autocuidado, realizado pelo indivíduo em meio a suas conexões com o mundo exterior. Este entendimento nos leva a considerar que, nas vivências desenvolvidas pelas personagens da presente história, e que acima pudemos acompanhar em seus fatos, processos e cotidianos, além de contextos e diferentes perspectivas, cada uma de nossas personagens elaborou inconscientemente um

procedimento de cuidado de si, que desagua em cada uma de suas ocasiões empenhadas numa subjetividade que é, então, o que fazemos de nós mesmos na realização deste autocuidado.

À luz deste autor, e buscando compreender o processo de elaboração das subjetividades destas mulheres, consideramos este procedimento como o constituinte do ser. Tal elaboração de si consiste na forja de uma relação com nós mesmos, o relacionamento do eu consigo, um conjunto de atividades relacionais de autodescoberta e autoexpressão. Existe, então, uma diferença do eu consigo mesmo dentro de uma identidade, divisão esta, ativa, pois este procedimento de construção das subjetividades é laborado ao longo da vida e das experiências que esta implica. Nos fazemos e refazemos constantemente. O “eu” / “sujeito” é elaborado constantemente por esse procedimento que implica formas de subjetividade, substâncias do que somos, de como nos expressamos (McGushin, 2008, p. 167-169).

Uma dessas formas do ser e de expressar-se, uma dessas formas de subjetividade, é a disciplinar. Esta maneira de autoconstituição, na perspectiva intelectual de esforço para inteligibilização de tal processo pessoal, é a que dá conta dos elementos sensíveis das Elias Sertanejas, vide as suas experiências e relações condicionantes com as estruturas sociais predominantes e seus representantes, como pudemos acompanhar a pouco. A “Subjetividade Disciplinar” (McGushin, 2008, p. 169-175) diz sobre um ser/expressar-se estabelecido por um poder disciplinar, por formas de governabilidade social, através de instituições. As situações experienciadas pelas irmãs Elias Nonato são repletas de exemplares dos instrumentos que viabilizam esse poder disciplinar sobre suas vidas, como a subordinação de gênero, a exploração de trabalho, o controle sociocomportamental do catolicismo popular, ou até mesmo a normatização escolar. São direcionamentos compulsórios de estabelecimento de um “eu conveniente”, cada um guiado pela “autoridade” correspondente a cada instituição, física ou simbólica, aí citada, expressões do que Foucault chama de governabilidade social.

Empreendidas nestes moldes, as subjetividades humanas são orquestradas pelo poder disciplinar exercido na ocasião em que atuam os sujeitos a quem essas particularidades intrínsecas pertencem. A configuração do ser vem, então, de uma experiência vivida em um contexto histórico e político estrutural, que gera uma possibilidade filosófica de estabelecimento do sujeito composto pelas especificidades ali em questão. É a possibilidade do estabelecimento de “certo tipo de pessoa”, uma possibilidade histórica contingente, um caso específico e contextualizado (Heyes, 2018, p. 203).

Nossas personagens de estudo constroem suas particularidades, assim entendemos, em um correlacionamento interno/externo, do qual o fruto é o “sujeito moderno”. Estamos diante de uma estrutura moderna de construção das individualidades, que labora e

formula as subjetividades a partir das existências específicas desenvolvidas em um contexto claramente configurado. Este contexto é em si o sistema de poder disciplinar, que tanto cria nossas possibilidades quanto restringe a nossa existência, como pudemos observar.

Logo, a subjetividade é fabricada enquanto posições-sujeito ou espaços particulares do ser sujeito, e isso a partir de um duplo processo das ações de poder disciplinar em relação aos indivíduos, na forma negativa e positiva. No cotidiano das Elias Sertanejas, com a comunhão das estruturas sociais nele predominantes, agia uma conexão entre estas sujeitas e tais elementos contextualizadores, estes últimos se buscando ser deterministas. Esta conexão funcionava com face de sujeição e opressão, com a imposição de normas e pressões para seu seguimento, tentando prender e definir estas mulheres, assim como a população em geral, em um processo de constrangimento e limitação, e com outra face de permissão de elementos subjetivos, ações e capacidades idealizados para suas individualidades e localizações interseccionais. Esses contingenciamentos eram desenvolvidos pelos grupos que se serviam de funções repressivas naquela comunidade, ou seja, os indivíduos representantes das estruturas predominantes como os patriarcas, os patrões etc.

O poder externo, disciplinar, é algo que contribui fortemente na constituição de quem nós somos, e não algo externo que age sobre o sujeito já formado. O poder autoriza as subjetividades que reivindicamos ao mesmo tempo em que nos reprime ou limita dentro de seus parâmetros. É importante ressaltar que, para conseguirmos um entendimento satisfatório das particularidades das Elias Nonato e de seu processo construtivo, temos de considerar o olhar delas além das dominações que colaboraram na construção do seu ser, desenvolvendo sua própria “atuação interna” neste imbricado processo de produção das subjetividades, com transgressões sub-reptícias, adaptações e resistências aos padrões sociais em prol de suas individualidades (McGushin, 2008, p. 204-205).

Assim, o externo ao ser humano, o meio em que ele (con)vive/(con)viveu, em suma, o ambiente material, palpável e as experiências práticas dos indivíduos nele atuantes, conformam peça-chave para compreendermos as subjetividades destes sujeitos e seus processos construtivos. Por isso, destrinchamos o cotidiano das irmãs, assim como frisamos os elementos materiais que lhes rodeavam, buscamos lhes apreender e a suas particularidades intrínsecas por meio da materialidade com a qual desenvolveram suas biografias.

Entretanto, com relação ao processo de construção dessas subjetividades, o entendemos pela materialidade seguindo os indicativos de Roche (2000, p. 11-12). Ele nos explica que o entendimento da sociedade e de seus indivíduos deve nortear-se pela percepção da dialética existente entre os âmbitos material e subjetivo na incidência da caracterização do

ser, de sua prática e de seu pertencimento. Para ele os sujeitos históricos atuam constantemente em reações e adaptações às sujeições dos meios onde vivem.

Para Roche não há oposição entre infra e superestruturas. Aquilo que é físico e situacional está disposto em redes de abstração e sensibilidade essenciais à compreensão dos fatos sociais. O material de fato estabelece limites do possível/impossível, mas este material é impregnado por seus contextos sociais, informações e comunicações, sendo por eles significados. A materialidade condiciona os sentidos, por isso deve ser interpretada em seus sistemas de sinais. As características físicas, as práticas e as apreensões realizadas se auto influenciam, o objeto é, então, a expressão do ser. Assim, entendemos como ideias e práticas estão articuladas com o mundo social, para entender as encruzilhadas da sociedade e a diversidade dos empregos de materiais ou de códigos compartilhados (Roche, 2000, p. 13-17).

O cotidiano tem um peso real quando o assunto é a compreensão de uma história de vida, com as práticas e gestos individuais e coletivos que lhe permeiam. O universo do desenvolvimento humano é estruturado justamente por atitudes e hábitos com significados e modificações espaço-temporais, memórias, transmissões de sentidos. Tudo isso organiza e é organizado dialeticamente pela situação prática vivida pela comunidade, que mantém uma relação subjetiva, de sensibilidade, para com esta situação e seus elementos materiais. Esse cotidiano tem um sentido estrutural e estruturante em relação a percepção de quem nele atua, em uma mútua configuração, inclusive considerando as relações sociais nele existentes.

Quando falamos em uma correlação entre subjetividade e vivências práticas, tratamos da percepção das atitudes em relação ao objeto, ou mesmo à falta dele. Podemos observar, e esse é explicitamente o caso da família Elias Nonato, diferenças nestas atitudes entre determinados segmentos sociais, separados por condições socioeconômicas e ocupação de díspares territórios, dentro da temporalidade estudada. Assim como outras clivagens como o gênero, de forma mais gritante. O que importa é que as especificidades do vivido prático e seu contexto material incidem fortemente sobre as particularidades subjetivas dos sujeitos que lhes experienciam.

Os comentários analíticos de nossas entrevistadas sobre a essa relação pessoa-objeto e suas diferenciações entre os sujeitos das histórias, ou mesmo temporalmente entre o passado e o presente delas mesmas, são marcantes de suas narrativas, como pudemos observar. Roche (2000, p. 18) nos alerta quanto a isto que o desenvolvimento modificativo desta relação gera um dilema enfrentado pelos indivíduos que o vivem, como sorte ou como fardo.

A imbricação do material e do não palpável humano funciona de modo que:

Qualquer objeto, mesmo o mais comum, contém engenhosidade, escolhas, uma cultura. Um saber e um acréscimo de sentido estão ligados a todos os objetos. Vemos isso em seu modo de aquisição, no qual a moral, os princípios que os distinguem, as escolhas pessoais, intervêm na parte do orçamento a ele dedicado, na maneira de sua utilização em que se revelam um ensinamento e uma moral do uso das normas e nas regras do decoro, no modo de sua posse em que a magnificência e o desperdício dos grandes contrastam com o subconsumo ostentatório dos burgueses ou com o consumo compulsivo dos novos-ricos. (Roche, 2000, p. 19).

Quando falam de suas experiências, das situações enfrentadas nas dimensões e âmbitos contextuais já citados, as significações que as irmãs Elias Nonato levantam e demonstram sentir ao ponto de condicionarem a fabricação e caracterização do seus “EUs”, são advindas de: situação de austeridade provocada pela seca e o pauperismo; condições e acessos aos espaços e objetos durante os trabalhos desenvolvidos; comportamentos morais/religiosos exigidos socialmente; as práticas e exclusões em instituições, como a escola.

Justamente por nosso trabalho de escuta destas mulheres, tentando perceber não apenas os fatos e processos por elas vividos, mas também suas perspectivas temporais sobre eles, nos deparamos com um contar de suas histórias totalmente organizado em sua sequência, ênfase de detalhes e significação, apontada e/ou visualizada no não dito verbal, pelas condições materiais contextualizantes e as experiências práticas que elas desenvolveram. Para mais que isto, elas externam, em meio ao contar do passado, constatações pessoais acerca de seus próprios elementos subjetivos, notadamente as suas memórias e identidades, enquanto caracterizadas condicionalmente por estes elementos materiais, práticos, que lhe compuseram as suas vidas, como dito logo acima e ainda, nas suas emoções, silêncios e autoafirmações avulsas sobre suas formas de ser podemos apreender uma clara relação entre o vivido e o sentido intrínseco como contribuição construtiva deste último pelo primeiro. Assim, nossa proposição é que inteligibilizar as subjetividades destas sujeitas históricas passam, essencialmente, por considerar a materialidade componente de suas biografias, teorização que construímos com a historiografia, mas uma perspectiva nos apresentada por elas mesmas.

De maneira mais bem posta, esta nossa proposta de explicação histórica para os elementos subjetivos das Elias Sertanejas e seus processos constitutivos, é estruturada pela consideração de que há uma forte contribuição configurativa advinda das experiências práticas destas mulheres, e dos elementos materiais contextuais destas vivências. Decodificamos o processo formativo das memórias e identidades de nossas personagens de estudo em relação a influência exercida por esta materialidade na vida das Elias Sertanejas.

As subjetividades destas mulheres, em nossa análise, foram elaboradas ao longo do *continuum* de suas árduas trajetórias, na forma de adaptações, invenções e

compartilhamentos de características diante dos condicionamentos materiais/sociais que permeavam a conjuntura na qual estavam inseridas suas individualidades, lapidando suas particularidades. As estruturas sociais vigentes naquele espaço-tempo, que buscavam exercer controle sobre estas sujeitas, e a consumação de tais conjunturas condicionantes que estas mulheres praticaram, conformam a incidência direta do âmbito palpável nos elementos intrínsecos das Elias Nonato que viemos apontando desde o início.

Em última colocação, nossa perspectiva lhes propõe que as irmãs que estudamos estavam imersas em uma contextualização material que se pragmatizou no corpo social, em seus cotidianos e de sua família, de maneira a imergir em sua senda também as construções subjetivas destas mulheres. Assim, suas atuações sociais e as tais contextualidades que acima evocamos balizaram a elaboração suas interrelações sociais e construções de si, configurando suas memórias e identidades, os elementos subjetivos que consideramos. A materialidade experienciada funciona, então, como um conjunto de transversalidades constitutivas do subjetivo do ser, é uma correlação mantida em suas biografias, principalmente nos períodos em que mais significativamente nos constituímos: a infância e juventude.

Como alertamos, este nosso anunciado não defende que haja um determinismo entre um âmbito e outro do ser humano e sua inserção social. Antes disso, acreditamos no sentido contributivo da imbricação destes elementos ao longo das biografias que estudamos, algo que está fortemente presente na conformação das subjetividades e por isso tem foco de estudo e tal contribuição é, também, de caracterização de suas personalidades, para mais que de estruturação de suas narrativas autobiográficas, no sentido de que as austeridades que viveram podem ser coligadas com a rigidez de suas perspectivas, ou com rispidez presente em algumas de suas falas, por exemplo. Isso vale para a relação entre experiências traumáticas e suas atuais moralidades, ou para o vínculo entre trocas familiares e suas afetuosidades. É uma referência das particularidades das Elias Nonato para com seus espaços de experiências no sentido de formação e expressão destas.

Observaremos agora a disposição dessa relação subjetividade-materialidade nas falas das irmãs Elias Nonato, tanto implicitamente, no formato de expressão de suas memórias e identidades ao longo de nossas atividades de história oral, quanto explicitamente, em suas colocações nas entrevistas nas quais estabelecem uma relação entre fatos e feitos no decorrer de suas biografias e seus traços subjetivos.

Quando nos atentamos a uma perspectiva estrutural das memórias de nossas entrevistadas, como suas recordações são por elas elaboradas e a nós expostas, podemos perceber que seu formato e conteúdo têm uma organização referenciada nos principais marcos

de vivências materiais, e naquelas dimensões de sociabilidades mais estruturantes. Por exemplo, o início de cada uma das sete vidas que aqui nos concentramos trazem como cenário primeiro comum as condições paupérrimas de sobrevivência na área rural, a zona de ninguém já explicada, contando as duras penas vividas em suas infâncias. Logo, de partida, a biografia das Elias Nonato vai sendo estabelecida narrativamente pelo seu contexto material: a seca, escassez, pobreza, isolamento, e não necessariamente pela sua atuação ou pelo que seu ser representa. Estes apontamentos ficam em segundo plano.

Da mesma forma é o desenvolvimento do restante de suas recordações. O desenrolar do cotar delas sobre as diferentes “fases” de suas vidas ocorre, geralmente, com limiares determinados pela somatória destas mesmas condições de vivências com a busca/disponibilidade de trabalhos. Nem todas tiveram o mesmo destino, fizeram as mesmas atividades ou realizaram os mesmos movimentos, pelo menos não na mesma sequência, mas, na maneira como são colocadas em suas lembranças, as modificações encaradas ao longo de suas biografias foram motivadas por estes elementos materiais/sociais.

Voltando nossos olhos à exposição das vidas das irmãs que realizamos no primeiro tópico podemos notar que, para mais que essas questões já apontadas, o todo das biografias das irmãs mais velhas, Geralda, Francisca e Antonia, é recordado por elas mesmas como sendo resumido em apenas dois “bolsões” temáticos de fatos: a infância junto dos pais e as vivências a partir da constituição de seu próprio novo núcleo familiar. Como já apontamos, a memória estrutural que elas têm de suas vidas é constituída pelas experiências que tiveram em relação às condições estruturais de pauperismo e, mais uma vez, isto se demonstra aqui, pois, mesmo com a mudança de “cenário”, essa caracterização contextual segue estruturando suas narrativas. Contudo, para além disto, vemos também aqui que o outro elemento configurador de suas memórias autobiográficas é a dimensão social do patriarcado. Vide, para estas mulheres a efetivação do seu viver se deu em acordo com suas interações com figuras masculinas, seja com o pai, na infância, seja com seus respectivos maridos, da adolescência até se tornarem adultas, é a partir destas marcações que são recordadas cada vivência.

Em Amélia, Ducarmo e Cicera vemos uma certa variação desta estrutura do lembrar, mas seguindo a mesma lógica de correlação com elementos materiais/sociais. De suas austeras vivências com seu pai e com sua mãe, apenas com esta última no caso de Cicera, as próximas experiências constituidoras de suas vidas são englobadas pelo encaminhamento ao trabalho doméstico. Partindo do fato que, predominantemente, quando o relato delas sobre estes períodos de suas vidas não está composto pelas dificuldades de sobrevivência por escassez, como já dito, é complementado pelos trabalhos por elas desenvolvidos, detalhando-

se a sua rigidez e funcionamento, então é possível dizer que a dimensão do trabalho compulsório, forçoso, exercido como maneira única disponível para continuar subsistindo, também é um elemento estruturante de suas memórias. O que elas viveram, onde, como, o que fizeram, são fatos e feitos postos a depender da situação de trabalho na qual estavam envolvidas. Para mais que isso, o restante de suas vidas é narrado de maneira mesma que fizeram suas irmãs mais velhas, com memórias edificadas pela relação com o patriarcado, e funcionando de acordo com o significado que este teve em suas biografias. No caso de Maria, há uma mescla destas duas dimensões na configuração de sua subjetividade mnemônica.

Como dissemos, cada recordação está imersa a esta estrutura de recordação e, sendo assim, seu conteúdo, o que é recordado, também parte destas materialidades, sociabilidades, que se demonstram terem sido mais significativas em suas vidas. Dos fatos e feitos que, advindos destas dimensões, foram importantes o suficiente para marcarem esta subjetividade das irmãs Elias Nonato, destacamos aqui as transgressões dos padrões que essas estruturas estabeleciam em suas vidas: seja a fuga de Geralda para desposar um alguém não aprovado por seu patriarca, sejam as diversas formas de resistência desenvolvidas por elas para lidar com a carga de trabalho, para citar os casos mais emblemáticos que aqui já expomos, é preciso notar que estas ações, posturas, são contadas sob gargalhadas, espanto ou mesmo omissão, uma certa vergonha ou constrangimento retroativo que indica o quanto, ainda agora, as imposições destas dimensões têm força sobre seus seres e suas subjetividades.

É preciso termos em mente que essas recordações nos foram postas pelas Elias Nonato diante de nossa provocação com relação a suas biografias, quando solicitamos um contar de suas histórias de vida. A narrativa de nossas entrevistadas, embora não anunciado de forma explícita, elencava, a partir concepções intrínsecas prévias a esta nossa pesquisa, aqueles elementos que elas acreditavam serem constituidores de suas vidas, ou seja, os acontecimentos e ações que, em suas concepções de si, são necessários serem reunidos para que elas consigam estabelecer e comunicar quem são, no sentido de suas trajetórias e como elas lhe representam. Na organização desta outra subjetividade, a identitária, os contextos de materialidade e sociabilidade também podem ser percebidos, nas falas das entrevistadas, enquanto fortes vetores configurativos e preenchedores de conteúdo.

De antemão, acreditamos que a presença do contexto material, na figura da pobreza, da aridez do cenário rural e da escassez de elementos básicos à vida, no fomento das identidades das Elias Nonato já tenha ficado clara com nossas colocações até aqui. Seja na forma de conteúdo, com o qual elas ressaltam serem mulheres forjadas com o mínimo das necessidades básicas, acostumadas com o não acesso ao “luxo” do bem viver, seja na postura

que elas destacam terem tido diante destas condições a elas colocadas contextualmente, como incansáveis trabalhadoras que nunca deixaram se abater diante dessas dificuldades de sobrevivência encaradas, que sempre superaram estas últimas e nunca se furtaram a, mesmo em meio a tantas adversidades, desenvolver alegrias e afetos.

Agora, focando no impacto que as dimensões de sociabilidades, as quais as Elias Sertanejas estavam envolvidas, tiveram na elaboração de suas identidades a partir das narrativas delas de quais mais conteúdos, além da materialidade, são elencam como constituidores de si mesmas e de suas histórias, podemos notar elementos de quatro dimensões bem estabelecidas. Nas sete biografias inicialmente aqui dispostas, caso quem esteja lendo retorne a elas, estas têm suas trajetórias colocadas pelos autorrelatos como permeadas por feitos e fatos da ordem do patriarcado, por suas atuações sempre correlatas a uma figura masculina – o pai, os patrões e os maridos; do trabalho compulsório, no qual o “quem elas são” depende das atividades laborais que elas desenvolvem nos diferentes cenários que habitam; dos princípios do catolicismo popular, no seguimento dos quais suas ações são atribuídas e os acontecimentos são compreendidos; e escolarização da época, com suas práticas grosseiras, seus conteúdos normatizadores e suas significâncias de ser algo melhor do que o então vivido. Isto demonstra que tais dimensões de ações e acontecimentos foram, nas perspectivas de nossas entrevistadas, aqueles âmbitos que mais marcaram suas vidas, e, portanto, são estes elementos que devem ser elencados quando se fala em “quem são” desde sua trajetória biográfica, ou seja, suas identidades.

Nas posturas que estas mulheres apontam ter tido ao longo de suas vidas, uma complementaridade a seus perfis identitários, também podemos observar uma configuração baseada nestas mesmas quatro dimensões sociais. As Elias Nonato colocam seus seres a serem lembrados conforme as atuações mediante: o papel de boas filhas e esposas, cumprindo seus deveres femininos de autopreservação e respeito às figuras masculinas, exigências do sistema patriarcal regulador do comportamento satisfatório da mulher; o arquétipo da proletariada hiper explorada, mas que orgulhosamente encarava e exercia seu labora devido, única situação possível do viver, assim dada pelo trabalho compulsório; a figura da religiosa devota e moral, sempre apegada às divindades cristãs e cumprindo os preceitos comportamentais deste credo, conforme cobrado pela comunidade crédula para se ser considerado com um alguém honrado; o lugar da estudante respeitosa com os conhecimentos que lhe são realmente necessários, que aprendeu o “bom portar-se” com os severos castigos físicos de suas professoras, e que assimilou o alfabeto, no caso das mais velhas, e os símbolos nacionais, no caso das mais novas, aqueles conteúdos que eram considerados pelo então

governo ditatorial como devidos a população pobre que via no estudo melhores condições de viver e atuar naquela sociedade. Estas dimensões eram predominantes naquele espaço-tempo e, como nos mostram essas posturas e atuações, as mulheres Elias Nonato eram ligadas a elas e utilizaram da influência delas advinda na constituição de seus seres.

Agora, observando essa relação subjetividade-materialidade explicitamente nas colocações das entrevistadas, a qual estabelece uma relação entre fatos e feitos no decorrer de suas biografias e seus traços subjetivos, temos apenas algumas passagens de Francisca, Antonia, Amélia, Maria e Ducarmo, todas com relação à identidade delas, o que nos demonstra o quanto essa relação de elaboração se deu de forma naturalizada. As primeiras autopercepções deste vínculo vêm de narrativas ufanistas em relação ao passado vivido, seja colocando-o como positivo, bom, gostado, seja ressaltando ter orgulho dele. A primeira declaração é de Francisca (07/09/2022, p. 27) que vincula textualmente “tudo o que passou” com “a pessoa que é hoje”, complementando que não podemos desdenhar do passado, pois ele edifica nosso futuro, e que no seu passado fez e passou por tantas coisas boas que queria voltar para ele. Ela não especifica sobre quais elementos identitários esteja falando, mas o momento desta sua fala era referente aos enfrentamentos cotidianos pela sobrevivência alimentar, logo, é possível afirmarmos que sua compreensão de si ligue a austeridade vivida à sua personalidade forte e de garra. A segunda declaração, no mesmo sentido da anterior, de um passado com boas experiências, é a de Antonia (09/09/2022, p. 17), que atribui ser uma mulher de posses e em estado de bem viver ao ciclo de extrema pobreza hora vivida, pois a vida seria feita de “alto e baixos”.

A última declaração ufanista, já no sentido de orgulho do vivido, vem de Maria (08/09/2022, p. 20), quando estabelece que chega a ser espantoso ela seguir em vida apesar de todas as dificuldades de subsistência que já encarou, e mais ainda, dela ser, em antagonismo a tais dificuldades, uma mulher amável e carinhosa, quando suas experiências facilmente lhe encaminhariam a adjetivos, como seca, frustrada e mal-amada. Assim, também existe aqui uma relação colateral entre seu vivido e seu ser, mas de oposição, mas nem só de pontos positivos são feitas essas correlações. Ducarmo (06/09/2022, p. 09) atribui suas características de ser angustiada, melancólica e, em certo ponto, amargurada, às vivências de exploração e desprestígio social, ocorridas principalmente ao longo de seu período como empregada doméstica, tais sofrimentos teriam então moldado seu humor. Já a última passagem é peculiar aos dois sentidos de relacionamentos apresentados. Amélia (06/09/2022, p. 28) responsabilizou suas experiências contextuais não por quem ela é atualmente, mas por concepções de vida que lhe acompanharam ainda ao longo da autobiografia relatada. Nisso, a

entrevistada nunca desejou ser mãe de filhos homens devido sua convivência familiar ter sido, majoritariamente, composta por mulheres, seu imaginário de família teria então apenas elementos femininos.

Por todo o exposto, podemos afirmar estar entendida que nossa hipótese inicial, de que os contextos materiais e as sociabilidades que envolveram as vidas das irmãs Elias Nonato, foram centrais na elaboração e funcionalidade de suas subjetividades mnemônica e identitária, está aqui apresentada com elementos argumentativos suficientes para ser encarada enquanto uma explicação historiográfica possível, a respeito da fabricação e atuação dos seres naquele espaço-tempo. Para mais, os motivos que nos levaram a colocar esta relação em suspeição de existência e importância, foram justamente aquelas constatações que pudemos observar acima de maneira mais enfática. Falamos da existência de linha direta entre estas materialidades e tais subjetividades tanto posta explicitamente por nossas entrevistadas em suas falas, e aqui podemos evocar a questão da consciência sobre isto, quanto por nós percebida ao longo da expressão que estas mulheres nos proporcionaram de seus traços intrínsecos, mas ressaltamos que estes elementos palpáveis da vida, não determinaram estas formulações pessoais, cada irmã tem sua própria construção de si a partir deles.

2.3 Narrativas e Sensibilidades: Minha História Me Afeta

Na literatura da psicologia, e em conteúdos de autoajuda, temos vários aforismos afirmando que “lembrar é viver novamente”. Essa afirmativa diz sobre encarar novamente as situações hora vividas através de sua rememoração, e a consequência disto que é (re)sentir todo o impacto significativo destas experiências. Isso nos lembra ritos, ciclos de afetação.

Percebemos ao longo das atividades de pesquisa em história oral que, para mais que nossa conjectura inicial de que estas vivências teriam tido efeito sobre as subjetividades destas mulheres de maneira estrutural, e estas estariam tendo sua organicidade ainda hoje desenvolvida a partir disto, estas vivências seguem contemporaneamente exercendo efeito similar sobre estas mulheres. É a geração de sensibilidades quando se recordam delas, com o acréscimo dos sentimentos de saudade ou mesmo ressentimento do tempo que passou, logo, para entender a incidência destas vivências sobre estas mulheres é importante também considerarmos esta forma de efeito.

Neste tópico nossos objetivos são: perceber a magnitude do impacto destas vivências no ser destas mulheres que, além de terem contribuído fortemente para a elaboração de suas subjetividades, seguem tendo um enorme efeito intrínseco nelas, despertando sensibilidade afetuosas e dolorosas quando são por ela recordadas, retroalimentado pela

saudade daquilo ou de quem viveu, reforçando assim nosso entendimento da relação material-intrínseco. O compartilhamento de sensibilidades/subjetividades com os entrevistados nos permite saber mais sobre os elementos narrativos em questão, no caso biográficos, pois são em volta deles que estão as maiores significâncias, e logo, as maiores sensibilidades.

O recordar das Elias Nonato envolve membros da família já falecido, espaços vividos e não mais habitados, tempos passados, práticas já não mais feitas, situações às quais se tem pertencimento e as próprias fases da vida que foram importantes e interessantes. Suas sensibilidades com relação a estas experiências vêm tanto transbordando pela pele e pelos olhos, quanto no tom de voz e aspectos narrativos com os quais se falam sobre estas memórias, mas também colocações afetivas/sensíveis que são postas para caracterizar aquelas vivências que estão sendo narradas. Então há diferentes formas de manifestação do impacto sensível dessa relação existente entre essas mulheres e suas vivências através do recordar, como podemos observar e discutir agora.

Neste momento, consideramos a carga de significação que as materialidades e sociabilidades contextuais às vivências passadas das Elias Nonato têm sobre a elaboração e funcionalidade de suas subjetividades mnemônica e identitária, como expressa nas suas falas também de uma outra forma, a da afetação de seus sentimentos e emoções. Falamos isto pela evocação de sensibilidades, verbais ou corpóreas, que acompanham nossas entrevistadas naquelas passagens narrativas em que tentam nos apresentar os momentos biográficos mais marcantes de sua dimensão do sensível. Assim, a relação materialidade-subjetividade se torna um vínculo vivido-sensível, demonstrando, pela recordação, os significados estabelecidos por estas agentes históricas para com suas vidas.

Essa presença das sensibilidades, do que se sente e considera sobre o que viveu, ao longo das narrativas destas mulheres, nos ajuda a compreender a relevância que tais experiências tiveram na constituição de seus seres pois, como anunciavam os escritos de Santo Agostinho (apud Santos 2013, p. 131), as coisas em si não entram em nossa memória, mas as imagens sensíveis que elaboramos sobre elas, o que julgamos necessário guardar do ocorrido. Dessa forma, temos pistas do significado destes trechos biográficos para estas mulheres e o tamanho de sua responsabilidade em suas elaborações de si.

E vamos firmes na investigação destas pistas ao longo das colocações das nossas entrevistadas tendo em vista que, como segue alertando Santos (2013), a memória é a forma narrativa destas sensibilidades elaboradas. O contar vai revelando a simbolização, criada intrinsecamente por quem conta, daquilo que está sendo contado, ou seja, de que serviu ao imaginário delas o que ocorreu, o que elas fizeram. Trata-se de uma reintegração do passado

em uma imagem total organizada pelo sujeito internamente, mas que revela seus efeitos na concretude da atuação dessa pessoa em questão, afetando, portanto, seu ser subjetivo.

É o que podemos observar nas falas nostálgicas de nossas entrevistadas. Geralda (07/09/2017, p. 12) ressalta tanto certos episódios experienciados, quanto elementos estruturais de seu viver, na forma de exaltação e saudade do “como as coisas eram antigamente”. Suas palavras e o tom com o qual as expressa revelam uma espécie de sensibilidade antiquária, um apego ao passado e a recusa de sua modificação no presente. Este sentimento é morigerado em relação a feitos e fatos de diferentes naturezas, como o trato culinário do couro de porco para comer, junto dos dejetos de baratas que eram infestados, e a disponibilidade da saúde jovem, necessária ao encarar desta dieta.

A nostalgia é relacionada também por Francisca (09/09/2017, p. 07) à presença mnemônica de certos personagens deveras importantes ao desenrolar de sua história, como por exemplo seu pai. Atitudes tomadas e interrelações mantidas no passado se unem, em sua narrativa, a traços físicos residenciais ainda hoje mantidos, como também ainda sendo presentes. A entrevistada recordou isto no sentido de comunicar seu bem querer ao seu pai, mas também de reafirmar seus esforços em prol do bem viver e de bem-feitorias a quem ela ama. Mesma função sintática tem o lembrar de alegrias vividas, por exemplo o cavalgar em cavalos com uma montaria virada de costas, a riqueza de detalhes na descrição desta aventura nos anuncia a saudosidade dos momentos que lhe endorfinavam, destaques significados em meio ao seu passado pelo sentir-se bem provocado. A importância de assim rememorar tais passagens de sua história é de se estabelecer como sujeita alegre e de passado, também, feliz.

Mas a reconstrução do passado realizada pelas irmãs Elias Nonato, demonstra que o batismo simbólico-significante do vivido e de suas estruturas ali autorrealizado, contribuinte das configurações de seus imaginários e formas de ser, também ocorre sob a égide da melancolia e suas posturas consequentes. Isso ocorre claramente nas passagens em que Antonia demonstra seu ressentimento para com seu ex-marido, e destaca a rigidez e insalubridade com as quais desenvolvia os trabalhos rurais desde criança. Esses momentos narrativos são diversos e dispersos, contudo podem ser bem exemplificados em sua irritada denúncia das agressões que o pai de seus filhos praticava com eles, do quão era ausente no provimento da casa e do quão era presente em seu ciúme ostensivo para com ela, assim como na sua firme descrição da lida com a terra que desenvolvia junto dos irmãos nos trabalhos agrícolas, sob o sol escaldante, tão seco quanto o solo que ela deveria cavar, e que lhe exigia grande esforço tanto por sua resistência, quanto por sua vastidão, similar a sua jornada de trabalho, iniciada ainda na madrugada. Com estas colocações, acreditamos que Antonia faz

um duplo movimento: de desabafo mnemônico dos sofrimentos no árduo trabalho e ao lado de um marido tóxico, que inclusive é sempre referido ao som de desprezos, gestos de mal querer e de demarcação de com quem conviveu, aquele que compôs cenário e *script* de sua história, mas principalmente de quem ela é: mulher trabalhadeira, forjada pelo acúmulo do labor tão intenso quanto o arrastar de seu falar e suas caretas de intensidade (Antonia, 09/09/2017, p. 13; 15)

Percebemos o gerar e o manifestar da sensibilidade melancólica, de forma mais significativa, também no autorrelato de Amélia (06/09/2022, p. 29). Aqui, este sentimento se entrelaça com seu posicionamento de subalternidade nas relações de dominação entre os gêneros, lugar em que a mulher consequentemente tem proibições e determinações a ela imputadas. Seja para com o pai e seu bruto moto de impor migrações à família, e certa estética e comportamento às filhas mulheres, seja com a sociedade no geral, e o constrangimento promovido pelo convívio comunitário sobre os elementos que compõem a boa mulher, ou para com a relação conjugal bem-vista, a entrevistada nos conta isto na forma de detalhes componentes de sua trajetória, exortando-os em um tom baixo, como que de segredo, e em uma linguagem corporal que denotava o ressentimento. Além de revelar tensões entre os personagens dessas biografias, que assim como as de suas irmãs tem estes elementos rememorados estruturalmente no embalo do romantismo saudoso, estes trechos narrativos nos demonstram ainda que ela tanto presava pelos valores ali vigentes, quanto era paradoxalmente crítica a eles, por não os aceitar passivamente.

Além da presença dessas sensibilidades não corpóreas, a nostalgia e a melancolia, nas narrativas autobiográficas das Elias Nonato, outra maneira de compreendermos a relevância das experiências destas mulheres em suas constituições de si próprias, é problematizar os momentos sensíveis corpóreos que figuram no seu contar. Falamos, agora, das demonstrações de tamanha emoção, de contento ou tristeza, sobre determinados assuntos que as irmãs chegam a chorar, ou mesmo ter arrepios/calafrios. Logo, conjecturamos sobre o significado que estas vivências tiveram para suas vidas, memórias e identidades, uma vez que explaná-las tem tamanha carga emotiva que provoca a emersão de sua significância do universo mental/verbal diretamente para a pele.

Nas reflexões de Santos (2013), para entendermos as narrativas testemunhais precisamos levar em conta sua dimensão sensível/subjetiva, seus elementos sentimentais, as emoções que acompanham o dito, assim como rastrear nos traços objetivos do real o contexto de cada marca de sensibilidade. Concordando com Pesavento (2005), Santos prossegue defendendo que nosso trabalho de historiadores se fundamenta em marcas de historicidade, e

que estas estão presentes em registros do que um dia ocorreu. Ora, se o ser humano documenta o que vê e o que vive, e o expressa em narrativa, então temos nesses relatos nossas marcas-alvo. Além disso, e é o ponto que queremos chegar, estes relatos não são apenas leituras do passado, mas também construções sensíveis sobre este último desenvolvidas por quem as profere, sendo que a forma mais material que tais finas sensibilidades são expressas e se tornam passível do trabalho historiográfico, é a reação involuntária de partes físicas do corpo humano concomitantes a gatilhos emocionais das referências ao vivido.

O primeiro tipo de momento sensível corpóreo, já que é reincidente entre as irmãs e ao longo de suas falas, então falaremos aqui sobre a tipologia da expressão sensível palpável e não de cada caso em que ocorre, é o ato de chorar. No contar da caçula Cicera (07/09/2022, p. 12), nos deparamos com a exortação mais significativa desta forma de emoção, o choro lamurioso, que embarga a voz por minutos a fio, e que se torna mais recorrente. O nó na garganta e as lágrimas desta mulher se deram, por exemplo, quando esta tocou no assunto das condições socioeconômicas vividas por sua família em seu tempo de infância. Inicialmente, com relação ao pauperismo encarado, a entrevistada se debulha em lágrimas quando conta o que era necessário fazer para “ter um prato de comida”, ou quando detalha o processo de exclusão e desprezo social que sofreu por ser filha de mulher separada. Mas a dor de recordar tais situações violentas ao indivíduo não são, absolutamente, o todo do motivo do choro, este é intensificado quando ela defende a imagem de sua mãe, que “lhe dava o que podia” e que “separou-se porque precisava”, ressalvas de saudade. Nesse ínterim, Cicera se reafirmava enquanto mulher resiliente e condescendente para com sua família.

Já o segundo tipo de reação involuntária, sentimental de partes físicas do corpo humano mediante assunto delicado, no mesmo sentido que o ato de chorar, sendo por razões alegres ou dolorosas, é o movimento do arrepio. Neste caso, destacamos primeiramente a passagem da entrevista de Maria (08/09/2022, p. 08) na qual ela promove reflexões acerca do valor social de sua trajetória de vida, com a imagem que esta tem na opinião pública. O arrepio dos pelos de seus braços, o acentuar coletivo de seus poros, foi por ela anunciado e pelo pesquisador percebido ao ponto em que ela reivindicava o orgulho por sua biografia, pois esta “não faz vergonha a ninguém”, logo após ter exposto que por vezes quebrou certos padrões sociais à boa mulher, principalmente com suas relações conjugais pós-casamento, mas também ter ressaltado que tudo que fez foi no sentido da busca pela sobrevivência. Da mesma maneira que olhar para este conteúdo passado é deveras forte, o impacto sensível causado em Maria se dá ainda por considerar ter conseguido edificar uma biografia resistente.

Ainda sobre essa sensibilidade “física”, o arrepio, também pudemos observamos isso durante o diálogo com Ducarmo (06/09/2022, p. 08), mais especificamente em seu relato reclamante de sua experiência como empregada doméstica, serviço que ela designa como escravo, devido a insalubridade, exploração e cruel patronato. Ao descrever cada abuso que sofria, gritavam os calafrios por todo seu corpo, era mágoa. Enquanto rememorava alegações do sofrer, fazia questão de se reafirmar como um ser dolorido.

3 PROVOCAR, RECORDAR E ORALIZAR: AS MEMÓRIAS DAS IRMÃS PELA HISTÓRIA ORAL

Edgar Allan Poe recomendou aos devoradores do terror em letras, ou àqueles que se propunham a cirúrgica arte da investigação responsabilizante, que não acreditassem em nada que ouvissem e em apenas metade daquilo que vissem, pois este seria o caminho para se alcançar genuinamente a compreensão dos fatos e feitos. Não consigo neste momento aferir se o cientificismo que dominou nosso campo historiográfico, e nossa então emergente área das ciências humanas e sociais, o influenciou intelectualmente, ou se foi esta “corrente” de pensamento que se valeu também deste autor. O certo é que ainda no século XX pós impacto dos *Annales*, e mesmo na contemporaneidade de nossas instituições, encontramos discursos de pares historiadores que sugestionam receios à oralidade enquanto fonte (JUCÁ, 2011).

Desde os momentos iniciais do processo de aprendizagem do saber-fazer prática de pesquisa historiográfica, bem como na formação continuada, sabemos que há, a partir as últimas décadas do século passado, uma superação destes estereótipos entre nossos pares. Na verdade, migramos para um quase predomínio da lida com oralidades.

Seja no âmbito institucional, com instrumentos (inter)nacionais de trabalho com a, embora metodologia pragmaticamente transdisciplinar, chamada história oral em associações, grupos de pesquisa, projetos de memória, arquivos, revistas, e até mesmo a direção da Associação Nacional de Professores Universitários de História – ANPUH, ter sido presidida por Benito Bisso Schmidt, um dos principais pesquisadores em história oral atualmente⁴².

Seja na postura adotada por professores-pesquisadores das escolas, programas de pós-graduação e linhas de trabalho em história Brasil a fora, por exemplo, que cada vez mais não apenas aceitam pesquisas, como também valorizam e estão preparados para orientar estudos com fonte oral, também popularizada entre os discentes. Seja na própria constituição da prática destas pesquisas, onde seus idealizadores sentem confortabilidade e respaldo em se

⁴² Para mais informações sobre este autor, visitar: <http://lattes.cnpq.br/3067875155143249>.

autoafirmarem como pesquisadores das, e com as, oralidades, que em certos momentos até desvanecem da necessidade em justificar o “porquê” e o desenvolvimento do “valor” desta opção metodológica, mas concentrando-se em buscar o maior aproveitamento, cada vez mais ousado, possível dos temas e objetos de pesquisa por meio desta metodologia.

Nós nos entendemos como participantes desta superação, duas ou três gerações de historiadores que creditaram credibilidade a formatação teórico-metodológica que, em uma dialética de retroalimentação, se apresentava como possibilidade de contato com generosas informações das oralidades, e se voltava diretamente às subjetividades e individualidades do vivido marginalizado pelo registro oficial. Tal credibilidade, arrisco dizer, vem se expandindo em um *boom*, modista até certo ponto, que abarca a maioria dos trabalhos monográficos de história, pelo menos nos meios acadêmicos locais⁴³, e um considerável contingente de projetos submetidos aos órgãos de fomento à pesquisa brasileira⁴⁴, e de professores da área, assim como dos estudos levados à pós-graduação em diferentes campos da história⁴⁵.

Mas crescimento não significa consenso, ou mesmo blindagem das ressalvas e críticas, do nosso ponto de vista dogmáticas, que, como alertamos inicialmente, persistem em nosso cotidiano epistemológico. Mas não estamos protestando sobre posturas profissionais que emitam avaliações do funcionamento epistêmico de sua área do conhecimento, isto é deveras necessário. Nos referimos às proposituras que veladamente encaminham persistentes desconfiança e arrefecimento da prática historiográfica com história oral.

A resistência ao contemporâneo processo de desenvolvimento da história como estudo no caminho de sensibilidades e oralidades, tem aporte justamente no raciocínio do cientificismo hora estruturante do trabalho historiográfico. Embora a competência e valorosas contribuições já realizadas à historiografia, seus representantes se demonstram reticentes, aparentemente, por ainda não terem se permitido de fato compreender a proposta de nós historiadores das verbalidades em nossos estudos sensíveis, ou mesmo o rebuscar dos parâmetros técnicos e as possibilidades transcendentais da metodologia em relação ao íntimo subjetivo e à diversidade das percepções mnemônicas do mundo.

Outrossim, tomar como bandeira e realizar tal discussão já não nos interessa centralmente, já temos espaço acadêmico suficiente para discorrer diretamente sobre nosso

⁴³ Pomois isto a partir de uma observação do presente autor das produções desenvolvidas nas graduações em história da Universidade Regional do Cariri – URCA, da Universidade Estadual do Ceará – UECE e da Universidade Federal do Ceará – UFC, bem como do contato com trabalhos neste sentido em eventos nacionais ocorridos em nossas universidades, como por exemplo na Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

⁴⁴ Na Iniciação Científica e Extensão Acadêmica financiados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

⁴⁵ Pelo menos do presente programa de pós-graduação PPGHCE, e dos programas que tivemos contato em História Social da Universidade Federal do Ceará – UFC, e em História da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

“como fazer”, os conteúdos que objetivamos e as possibilidades com estes, em nosso estudo historiográfico com oralidades. Inclusive, assim proceder é uma urgência das produções em história oral que devem se permitir debruçar-se sobre as potencialidades e otimização de sua configuração da prática e da problematização, descentralizando a constante satisfação dada do porquê assim sê-lo e do seu valor epistêmico (AMADO e FERREIRA, 1998, p. XXV).

Como observado até agora, é através da metodologia da história oral, pesquisando pelas oralidades das Elias Sertanejas, que buscamos contar a presente história de seus traços biográficos e problematizar seus elementos subjetivos. Mas essa prática de pesquisa, principalmente representada pelas entrevistas, por si só, mesmo antes de nossa análise historiográfica das textualizações, já revela muito das sensibilidades destas mulheres, como pudemos perceber ao final do capítulo anterior, e mais, nos descortina muito sobre seus elementos subjetivos, como veremos agora neste capítulo.

Nesta pesquisa com oralidades, nos colocamos à edificação de fontes de informações na forma de narrativas flagrantes das principais construções subjetivas de suas narradoras desde suas experiências materiais. Nosso bojo de questões inicialmente conduziu nossas e nossos colaboradores a relatar e comentar suas trajetórias biográficas, de maneira a elucidar o vivido e sua materialidade, as suas interrelações e suas sensibilidades consequentes. Isso para que pudéssemos apresentar propostas argumentadas de inteligibilização destes seres e de suas experiências, formuladas e reformuladas ao longo de todo este processo, claro que com o labor das informações construídas em conjunto com os subterfúgios bibliográficos.

É a crítica que questiona e não degenera, as colocações que retiram tanto nossas entrevistadas quantos suas falas da zona de conforto, às reviram e voltam dessecando em indagações, na busca do sapo das explicações implícitas em meio ao grande e complexo brejo das peculiaridades humanas aparentes. Assim, efetividade e solidez das explicações que agora trazemos dependem diretamente do nível de criticidade que levamos a cabo na prática de pesquisa, da qualificação destas críticas, do quanto nossas provocações desencadearam nas irmãs e em suas oralidades textualizadas revelações daquilo que estrutura suas subjetividades para mais que o comumente explícito. Prova do cumprimento disto é o espanto em gesto e verbo delas quando perguntadas, já que cirurgicamente atingida sua costumeira obviedade da naturalidade dos tópicos trabalhados, onde o caminho inverso se faz e elas ressaltam não naturalidade destas indagações questionando-as, pois incomodam uma até então normalidade.

Bradamos indagações e suposições sobre as subjetividades das Elias Sertanejas, suas experiências e materialidades contextuais, e em especial no que concerne à relação dialética de mútuo fomento entre estes dois âmbitos, mas sempre através de, ou perpassando

por, as operações de memória que às elucidam e como estas são expressas. A rememoração opera, em nosso entendimento, na forma de uma percepção individual ou coletiva que temos da duração do tempo, ou das relações entre temporalidades, de maneira vívida.

Laboramos recordações que agem enquanto fundamento histórico da existência destas sujeitas e dos círculos que se sentem pertencidas, exercendo a exaltação das vivências de outrora, se apresentando em histórias objetivas, compostas por uma série de fatos pertinentes ao diálogo, e em histórias ideológicas, materializadas em descrições e ordenamentos destes fatos de acordo com certas tradições estabelecidas e em relação a memória coletiva. Postas como histórias de seus primórdios, um contar mítico da tradição, privilegiando o elencar dos saberes práticos no intuito da estruturação social dos ofícios.

Nestas operações mentais e nas narrativas produtos das mesmas, desenvolvemos as problemáticas que nos intrigam quanto às estruturas sociais que permeiam os assuntos biográficos das Elias Nonato. As provocações desde as quais elaboramos conhecimento historiográfico elucidante e explicativo do vivido, do lembrar e do lembrado, questionamentos diretos postos às entrevistadas na forma de *starts* do processo mnemônico e narrativo.

No presente capítulo, nosso objetivo é explicitar justamente o processo de construção desta História Oral, suas ferramentas, técnicas, a forma como lhe compreendemos, seu caminho de desenvolvimento e planejamento. Além da apresentação de nosso *branding* de História Oral, uma forma própria de entender e levar a cabo esta prática de pesquisa, partindo da contribuição de diferentes áreas do conhecimento e explorando todos os elementos narrativos importantes ao nosso debate. E a discussão da construção e organicidade da primeira das subjetividades que consideramos que é a memória destas mulheres, enquanto produto desta História Oral, tratando também sobre seus significados e efeitos na mentalidade, ser e viver destas mulheres, com a especificidade mais explícita das memórias traumáticas.

Continuando desta maneira nosso trabalho, trazemos uma explicação metodológica para melhor explicar ao leitor como construímos as informações aqui debatidas e assim lhe ajudar a melhor compreender o sentido das confabulações que propomos a partir destas nossas discussões com relação às subjetividades das Elias Nonato e suas conexões com suas biografias. E, para mais, já tendo no capítulo anterior trazido suas histórias e entendendo suas relações com suas subjetividades, discutimos agora a construção e a organicidade da subjetividade mnemônica, e mais especificamente de sua forma traumática, destas mulheres a partir da contribuição de suas experiências, como sendo a primeira subjetividade que consideramos, a segunda, e última, é a identidade.

A compreensão que propomos neste capítulo a respeito destas memórias das nossas personagens, e suas formas, tem base em Rüsen (2009) para afirmar este elemento subjetivo enquanto um modo de discurso histórico, que desenvolve-se em diferentes formas (ou níveis) de lidar com o passado na vida social. Nas recordações das Elias Nonato percebemos o funcionamento da relação entre suas experiências corriqueiras e os contextos que às abraçavam na época do vivido, e que as envolvem na atualidade da rememoração, incidindo em formas mais estáveis destas memórias, podendo demarca-las na coletividade.

Sua composição é elaborada pela seletividade sobre o passado representado, importando na vida cultural, pois os sujeitos são comprometidos com seu simbolismo e ganham forte sentimento de pertencimento, e cultural. A recordação, assim, se trata de uma edificação que consolida esta estabilidade e representa o núcleo da identidade histórica, que melhor trabalharemos no próximo capítulo, sendo matéria para rituais e atuações institucionalizadas, um próprio meio e lugar fixo na vida cultural do grupo, representando as estruturas de forma uma e permanente ao longo do fluxo temporal (IDEM, p. 166-167).

Dentre estas percepções das formas de memória, desenvolvidas pela vida do grupo e dos indivíduos com as determinadas experiências componentes do passado, podemos ainda classificar a memória de acordo com critérios relativos à sua maneira de representação do que passou. Das elaborações mnemônicas autobiográficas de nossas entrevistadas que já observamos, e daquelas que agora vamos visualizar, é possível afirmar que o fruto das imbricadas relações condicionantes experienciadas por estas mulheres é um latente conjunto de considerações sobre o vivido e o espaço de vivência, diante do relato destes.

Esse rememorar considerativo advém da intensidade de certas experiências que se gravaram nas mentes delas, às marcando e compelindo reações. Entendê-la, interpretá-la e superá-la é algo que se imprime no espírito humano sujeitado em fortes experiências como as das Elias Nonato, presentificando o passado como imagem poderosa e persistente. Uma memória que deve ser compreendida em análise estrutural como um terreno traumático, ao passo em que é denominada como memória responsiva. E ainda mais, tem o passado na conta de matéria para discursos, narrativas, construção contínua, moldando este passado em história significativa, onde quem o lembra é sua mestra, por colocar a memória em uma perspectiva temporal para articular suas expectativas, esperanças e medos. Uma sensibilidade sobre o vivido, uma memória afetiva, que o autor chama de memória construtiva (IDEM, p. 167). São modos simbólicos de fazer e manter o passado presente, através de representações históricas que impactam dialeticamente a psiquê individual e social, tanto na orientação cultural, quanto na vida prática.

Além destes entendimentos Rüsenianos, formulamos sobre a peculiaridade mnemônica da elaboração do ser das Elias Sertanejas, com o apoio do pensamento de Le Goff (1990) quanto a mnése, e em diálogo com as formulações de Fentrees & Wickam (1992) sobre o funcionamento da operação mnemônica, e as definições de Candeu (2011) em dois momentos de sua obra a respeito da formulação e da prática dos processos das lembranças. Discutimos cada um destes aportes teóricos nas formulações ao longo deste capítulo.

Por hora nos concentremos ainda no pensamento de Rüsen, quando este nos explica melhor sua categoria de trauma, ou de memória traumática. Segundo ele, os eventos, processos ou estruturas excepcionais por seu caráter negativo nas vidas humanas neles envolvidas, configuram modos específicos de experiências históricas. O efeito que eles têm nas subjetividades humanas é, então, de modificação na atribuição de sentido que os processos mentais individuais e sociais desenvolvem para com o passado (Rüsen, 2009, p. 193).

Com estas chaves-explicativas, lemos, e propomos argumentações explicativas sobre os trechos de nossas fontes onde as entrevistadas explicitam os múltiplos significados de suas recordações, e do próprio ato de recordar, os elementos que estruturam cada rememoração, as presenças e ausências de conteúdo que percebemos e que elas apontaram entre si, assim como as descrições e considerações a respeito de vivências traumáticas. Trazemos aqui também as técnicas em história oral utilizadas para construção destas fontes, com nossas percepções acerca do funcionamento de seu processo criativo.

O rememorar das Elias Nonato, enquanto ato, foi um esforço mental e narrativo produzido em parceria deste pesquisador que vos fala, com as mulheres Elias Nonato na qualidade de entrevistadas. Em nossos momentos dialógicos de história oral, o entrevistador lhes provocava sobre os temas de seus passados, assim como sobre a relevância subjetiva atual destes, e elas, por sua vez, iam verbalizando as imagens e delineaes interpretativos do pretérito que era reconstruído ali, ao vivo. Esses esforços mnemônicos eram caracterizados pelo saudosismo, repúdio, empolgação, orgulho, incomodo, tudo a depender do que estava sendo lembrado. Mas, via de regra, o que era lembrado, como era elaborado e expresso, sempre se fazia acompanhado da maior riqueza de detalhes possível, em um caráter de aprendizado, um conteúdo entrecruzado com as vivências familiares e com tais critérios sendo estabelecidos pelas próprias entrevistadas a depender do seu contexto no momento do contar.

Para construção de memórias históricas como essas, e elaboração da percepção historiográfica delas, a história necessita uma técnica amadurecida, pensada para a especificidade do caso, garantindo profissionalidade e profundidade necessárias às discussões

hora planejadas. Ao tempo em que a imersão dessa metodologia na subjetividade entre entrevistador e entrevistados, sem o rigor científico demasiado das fontes tradicionais, não atrapalha a pesquisa historiográfica, pelo contrário, contribui e muito para seu enriquecimento. É justamente com esta postura de trabalho que podemos perceber que as memórias das mulheres Elias Nonato, e os efeitos que estas têm em suas vidas são estruturadas muito a partir de suas vivências materiais, quanto a sua organização, conteúdo e significação. E que estas memórias têm formatações e impactos específicos no ser destas mulheres, em configurações bem definidas a partir do vivido que é rememorado e de seu significado, sendo o mais explícito destes tipos o traumático.

A composição do presente capítulo foi por nós estabelecida nos seguintes tópicos e sub tópicos: **3.1 Instrumentalizando Mnéses**, onde tratamos das ferramentas práticas de elaboração das atividades de história oral e a constituição de um *corpus* documental; **3.2 Planejamento Metodológico Um Tanto Filosófico**, quando explicitamos o diálogo teórico com o qual compreendemos esta metodologia, inclusive demonstrando o *branding* que montamos como aporte, e, interno a este, destacamos a exposição **3.2.1 Passo a Passo Pensado na Criação com Os Entrevistados**, destrinchando o passo a passo planejado para a pesquisa e sua efetuação; **3.3 Processo Construtivo Mnemônico**, em que abordamos os elementos presentes nas operações de memória de nossas entrevistadas, e as específicas relações entre o rememorar e cada experiência prática; e **3.4 Traumatologia do Beijo Que Engravida**, em que tratamos da constituição e as reverberações das memórias traumáticas nestas mulheres, a partir de suas vivências em situações limite.

3.1 Instrumentalizando Mnéses: A Elaboração da Fonte Oral, seu *Corpus Documental* e Ferramentas de Trabalho

Para a construção de fontes orais que levamos a cabo nesta pesquisa, bem como os debates das sensibilidades humanas que elas nos permitiram, selecionamos que esta prática epistêmica se desse nos termos de uma análise de narrativas autobiográficas que concatenam nosso objeto de estudo. Para tanto nos valem da linguística como teoria da análise estrutural da narrativa (Barthes, 2011), aplicada às composições de relatos e comentários contados a nós por nossas entrevistadas, que os anunciam enquanto “muitas histórias a serem contadas”, para entender suas subjetividades a partir destes elementos contados/narrados.

Utilizamos não apenas de suas técnicas, mas da própria metodologia da história oral como trato de fontes e norte pragmático de estudo, na forma de elementos centrais para o desenvolvimento da presente pesquisa. Abraçados por este programa, o PPGHCE como já

citado, e pela linha de pesquisa Linguagens, Narrativas e Subjetividades, desenvolvemos nossas atividades práticas de pesquisa nesta formatação de trabalho, despontando diversas riquezas em informações pessoais e sociais para fomento das discussões que pomos ao longo desta escrita, isso sob atenta orientação encorajadora de tal esforço metodológico pelo Prof. Dr. Gisafran Jucá, sumidade na área da produção e trato com registros orais⁴⁶.

Corroborando com este processo, nosso estudo com as oralidades das Elias Nonato agiu à luz de um projeto de prática de pesquisa em história oral elaborado no início deste curso de mestrado. Com uma natureza funcional de esquematização e exposição da montagem elaborada para a promoção dos passos de estudo referentes à utilização da história oral e de seus produtos, seu intuito era de ser uma base textual explícita que balizasse e servisse de ponto de retorno para avaliação do preparo e destinação de cada atividade em história oral, assim como da atuação que às pragmatizava, e da análise problematizadora do conteúdo auditivo e textual dela resultantes que agora expomos.

Este projeto contava com: justificação da importância desta valência metodológica para nosso estudo historiográfico e para a comunidade pesquisada, e dos termos nos quais dispomos esta prática de pesquisa; problemáticas que levantamos no planejamento das atividades de história oral, e hipóteses que elencamos sobre as experiências e personalidades que pesquisamos, como interfaces para construção de nossos argumentos; uma sistematização das maneiras e recursos para constituição de nosso *corpus* documental; uma discussão dos pressupostos teórico-metodológico de sentido e técnica que nortearam nossa postura nessa prática, inclusive com a proposição de uma postura própria deste trato de fontes produzida em caráter transdisciplinar; os objetivos norteadores; a determinação de nossos procedimentos práticos em todo o processo com as oralidades e suas respectivas orientações teóricas; um cronograma de atividades; e a bibliografia base (BOM MEIHY, 2007).

Um dos pontos a ser destacado neste espaço que abrimos em nosso trabalho para a discussão da prática de pesquisa em história oral, para a compreendermos e a sua conexão com as biografias das Elias Sertanejas e suas subjetividades, é justamente a acima citada organização e sistematização escrita das informações orais. Isso porquê nossa lida com as oralidades tem uma configuração combinatória do foco nas sensibilidades entre os envolvidos com o processo técnico de produção, armazenamento e análise do material narrativo.

Este seria o “prático mecânico” da história oral, conjunto do *savoir-faire* gráfico e burocrático, mas principalmente das estratégias e normativas arregimentadas para a promoção

⁴⁶ Para mais informações sobre este autor, visitar: <http://lattes.cnpq.br/0833133979224938>.

ética e exitosa das atividades desta metodologia. Tal regulamentação, uma vez realizada dentro da acepção sensível e transcendentemente total que formulamos para o trabalho com as oralidades, muito antes de enrijecer e robotizar nossa prática de pesquisa, nos ofertou excelência aos necessários cuidados com a preparação, produção e exame do material.

Fomentamos essa técnica mais objetiva e prática com uma série de determinações em torno de cada mecanismo e em relação a cada “fase” do estudo metodológico. Com isto, compomos e caracterizamos uma coletânea de informações e personagens e um repertório documental destas, edificando um *corpus* documental sobre as Elias Nonato. Estabelecemos estes focos de pesquisa e meios de averbação primando pela orientação de nossa atuação desde os preparativos teóricos até a textualização e análise do material, passando, principalmente, pelos diálogos desenvolvidos com nossas entrevistadas. Tudo isto foi por elas reconhecido e considerado em seu contracenar, como por exemplo no caso do caderno de campo, que lhes arrancou comentários surpresos nas atividades.

Tais determinações da prática de pesquisa tiveram lugar no estabelecimento das e dos colaboradores, de sua relação com o pesquisador, assim como nas interligadas atividades de construção das informações sobre a família e as irmãs, na definição dos materiais de planejamento, apoio de pragmatização e elaboração de resultados, e dos recursos de organização da prática e sistematização das informações.

Os elementos de investigação assim demarcados buscavam viabilizar o estudo linguístico das histórias autobiográficas narradas pelas Elias Sertanejas e seus irmãos, concretizando as constatações e expectativas que hora justificaram a escolha desta formatação metodológica e interesse investigativo, e conduzindo à efetivação as problemáticas, averiguações e o arregimentar de argumentos aqui explicitados.

Já comunicamos no início deste trabalho que estabelecemos como coletânea de personagens envolvidas nesta produção historiográfica enquanto rede de colaboradores as filhas do já falecido casal Isabel e Jorge Elias Nonato. Em oportunidade anterior também já listamos seus nomes e os caracteres que assumiram enquanto peças desta pesquisa no sentido de, lembrando, um duplo critério de contribuição: principal, no caso das mulheres visto que é de suas subjetividades que tratamos; e complementar, no caso dos homens que nos elencam mais informações e outras perspectivas do vivido. Estes recursos humanos com os quais operamos a edificação destas informações da história que aqui dissertamos conformam o primeiro elemento constituidor do *corpus* documental de nossa pesquisa.

É bem possível que tenhamos deixado uma pulga atrás da orelha do leitor desde nossa explanação inicial de como chegamos até esta pesquisa e suas personagens envolvidas,

pelo compartilhamento do sobrenome destas últimas com o presente pesquisador, ou pelo uso de termos parentais como “tia/o” e “mãe” nas textualizações que citamos. Na esteira do já mencionado na introdução, existe uma relação de familiaridade entre as/os colaboradores e o presente autor, mas tal conexão não se faz em mera figuração de proximidade cúmplice, as irmãs e os irmãos Elias Nonato têm vínculo consanguíneo com o pesquisador, são suas tias e tios de primeiro grau, e no caso da colaboradora Maria do Carmo, um elo de mãe e filho. Logo, tanto em nossa prática de pesquisa, quanto nesta discussão dela consequente, explicitamos e tomamos enquanto princípio instrumental das atividades um subjetivismo que enlaça seus envolvidos e que, na contramão da obsessiva objetividade do cientificismo, o temos na forma de uma valiosa ferramenta de estudo pela imersão que permite, até pouco tida como *persona non grata* pelas linhas majoritárias de raciocínio das humanidades.

Longe de caracterizar uma possível falta de seriedade apontada por este citado objetivismo, reivindicamos a valência destas íntimas conexões subjetivas, e da atuação investigativa em meio a elas, como otimização de nossa produção historiográfica. Esta nossa postura parte de uma reconsideração da noção de afeto e de seu trato pelas ciências sociais trazida por Siqueira e Favret-Saada (2005), para quem termos este outro posicionamento acerca de nossa interrelação com as pessoas e pessoalidades que lançamos luz no esforço epistêmico, permite apreendermos uma dimensão que as autoras consideram central para o trabalho da pesquisa de campo com o grupo, qual seja, a modalidade de ser afetado pelas subjetividades ali geradas.

Em nossos diálogos orais estivemos em enlace direto com o processo construtivo e de manifestação das subjetividades, ao mesmo tempo em que ao longo da cadeia de atividades desenvolvidas em história oral nossos recursos humanos ansiavam, e acabamos realizando mesmo que inconscientemente, por um gradativo avanço de uma recíproca afetiva. Ora, ocupamos o tempo da pessoa, buscamos saber sobre seus temas biográficos, criamos conectividade entre os símbolos e signos da comunicação, não há como não haver, ou negarmos que há, quando de uma prática de pesquisa que não objetifique os grupos estudados, um mútuo significado sensível daquelas praxes e de seus conteúdos para ambos integrantes. Nosso objetivo era superar o tratamento paradoxal exercido em nossas áreas do conhecimento com essas sensibilidades, parar de ignorar ou negar seu lugar na experiência humana.

A subjetividade não é algo do que devemos nos afastar para conseguirmos efetivas e consistentes constatações. O afeto não é apenas um produto da construção cultural que somente nela teria consistência, algo precisamente destinado ao desaparecimento quando do registro de sua representação. A operação de nossos procedimentos historiográficos com as

oralidades em meio a estes elementos e deles se utilizando, passou, em nossa perspectiva, a ser uma postura benéfica que endossou eficácia de amplitude e profundidade ao nosso trabalho de construção de informações e compreensões sobre elas. É na medida em que tratamos do afeto hora não representado, e que reabilitamos a sensibilidade epistêmica, que de fato avançamos em nossas possibilidades teórico-metodológicas, e atendemos ao tão urgente chamado de auto-inteligibilidade de nossa contemporaneidade (IDEM, p. 155).

Com vistas a outro elemento de nosso *corpus* documental, a coletânea de informações que buscamos para fomentar esta produção de conhecimento historiográfico, estipulamos: as trajetórias biográficas da família Elias Nonato e de sua prole; a configuração e funcionamento de seu contexto socioespacial; especificações de episódios sistemáticos e de sentimentos correlatos das vivências estruturadas pelas conjunturas ali peculiares; e os traços, explícitos e implícitos, mnemônicos e identitários das mulheres integrantes.

Desempenhadas as “fases” práticas desta pesquisa de elaboração das oralidades e de textualização destas, nos deparamos com um robusto material informativo versando detalhes e esquematizações, garimpados pela escuta ativa e pela percepção visual de contexto socioespacial e comportamentos. Essas comunicações e *feedbacks* elucidaram experiências e condições vivenciadas em coletividade familiar e nas individualidades dentro e fora dessa coletividade, desde o ponto da infância que as entrevistadas conseguiram recordar, até o momento de sua saída do ensino básico ou da constituição de seus casamentos e novos núcleos familiares, com todo o seu trilhar, feitos, sentidos e considerações diretas sobre as subjetividades analisadas para mais que sua exposição em todo o material.

Complementaram a disposição de dados e simbolizações de sentimentos em texto as colocações sobre as experiências e funcionamento das clivagens de gênero. Nas narrativas que dispomos há uma criteriosa descrição do cotidiano infantil da menina pobre da zona rural do Cariri-Oeste cearense, seus hábitos, obrigações, espaço de autocriação, conexões com as demais crianças, comunidade e integrantes de seu próprio núcleo familiar, assim como uma explicitação das determinações e práticas de sua criação, tudo isto tendo em vista uma diferenciação delas para seus irmãos, do gênero feminino para o masculino.

Organizamos estas informações em anotações e sistematizações de dados elaboradas ao longo do escopo de toda a pesquisa, mas especialmente no corpo das textualizações. Estas, que já tiveram vários de seus trechos aqui citados no capítulo anterior, são conjuntos gráficos realizados a partir das atividades de campo em história oral, fruto da observação e das anotações que o pesquisador fez *in loco* e, de forma mais precisa, do ouvir a gravação do diálogo levado a cabo, em um esforço combinado de descrição das atividades e

transcrição dos áudios. Então o conteúdo das atividades dialógicas, que acima apresentamos, tornou-se documento para nosso acesso analítico na forma destas textualizações.

Na produção, manejo e análise desta documentação atuamos por uma lógica de dialética entre o todo e as partes, onde constantemente realizamos um diálogo entre os conhecimentos edificados ao longo de cada atividade e seus elementos componentes, para que já no caminhar da pesquisa tomássemos consciência sobre a história estudada, o que também nos permitiu que aprimorássemos a atuação dos exercícios. Assim, tanto nestas formulações epistêmicas posteriores ao processo prático de pesquisa, quanto desde as preparações e revisitas ao planejamento dos roteiros em meio a realização das atividades dialógicas, consideramos para compreensão uma conexão entre o que apreendemos nas diferentes sessões de uma entrevista, entre entrevistas, entre atividades de diferentes entrevistados, e entre o diálogo, a entrevista e seu meio.

Para mais, a cadeia das atividades com as entrevistadas teve seu funcionamento regido pelas seguintes escolhas estratégicas: em sequência, buscamos aquelas com quem houvesse maior intimidade pessoal prévia e, portanto, abertura dialógica e facilitação da condução do exercício, respeitando obviamente a disponibilidade delas, ao tempo em que nos furtamos ao imobilismo de rigidamente seguir esta sequência diante das eventualidades que surgiram; na duração não delimitamos nem um teto, nem um piso, tendo em vista o respeito à vontade e o tempo que elas viabilizaram ao pesquisador e o cumprimento total ou parcial dos objetivos das atividades; sem seleção de realização dos exercícios, todas as tarefas iniciais e entrevistas foram realizadas com todas e todos colaboradores; na diferenciação das entrevistas entre tipos de colaboradores, o escrutínio mais detalhista quanto ao individual e às sensibilidades geradas à época foi destinado às mulheres, com os homens buscamos informações da coletividade e um contraponto de gênero; e em valência de demais instrumentos, solicitamos quaisquer objetos da época, como fotografias por exemplo, para melhor visualização, o que foi prontamente atendido por aquelas que tinham tais recordações.

Em todo este processo historiográfico de lida com as oralidades estivemos abertos e vigilantes às necessidades de reelaboração das escolhas técnicas e posturas investigativas. Muitos foram os percalços ao longo da pesquisa, com exequíveis falhas no proceder, insucessos na construção das informações junto de nossas personagens, ocorrências comuns no início da carreira de qualquer pesquisador e que estarão melhor dispostas no próximo tópico. Também nos atentamos às tomadas de consciência da história estudada, provocando maior lucidez no trato eficiente com estas oralidades e suas documentações.

Antes de explicitarmos a configuração da construção dos diálogos orais e demais procedimentos desta metodologia de trabalho historiográfico, comunicamos neste momento as formas e moldes em que as informações neles laboradas foram *pari passu* documentadas em grafia. Informamos qual foi a lógica de fomento dos repositórios de informação, lhes demonstramos visualmente e explicamos sua funcionalidade, sendo eles em ordem de apresentação: roteiros orientadores das atividades, equipamentos e suportes de pesquisa, mecanismos e materiais de organização do estudo, textualizações das atividades e de seus conteúdos dialógicos, e os dispositivos para sistematização das informações da pesquisa.

Tratamos então a respeito de materiais e recursos tecnológicos, digitais, os quais tomamos do campo da informática na forma de ferramentas que, muito antes de contribuírem com nossos esforços investigativos, os possibilitam, desde o advento da *World Wide Web*, de fato a tê-lo nos atuais moldes historiográficos. Atualmente via de regra fazemos não apenas uma história com o digital, ou no mundo tecnológico, o que realizamos é uma plena história digital por lidarmos com linguagem digital imaterial, mídias como artefatos materiais, tipos de textos digitais, camadas de linguagem computacional, e especificidades de conservação, reprodução e leitura das fontes digitalizadas. Justamente por isso, evocamos, para além do reconhecimento dos potenciais trazidos aos nossos trabalhos pelas contemporâneas tecnologias, a premência do preparo para desenvolvimento de conhecimentos banhados pelos ricos, mas revoltos, mares dos instrumentos digitais aqui empregados (RIBEIRO, 2020).

O primeiro tipo de repositório digital das informações desta pesquisa é o roteiro. No audiovisual e na dramaturgia, roteiro é uma etapa prévia, mas essencial, para as atuações dos atores, um guia da produção vide que cria personagens e a trama em que estão envolvidos e organiza cenas, falas, e o trabalho da equipe técnica. Nas atribuições regimentais de nossa marinha, roteiro aparece enquanto uma publicação minuciosamente descritiva de pontos e acidentes geográficos, indicações de situações do trajeto e sugestão de rotas, necessária a qualquer viagem marítima. No dicionário de cultura inglesa da *Cambridge University*⁴⁷, temos “*script*” como conjunto de palavras que conteudizam filme, discurso etc. Em diferentes campos e com diferentes propósitos, a narratologia nos oferta esse modelo de documento em modo de uma ferramenta norteadora de conformação e exercício de nossos empreendimentos.

Na iniciativa da história oral entendemos os roteiros, no plural, na maneira de um direcionamento seguro e firme, garantidor de objetividade e arrojado alcance de informações, ao mesmo tempo em que maleável o suficiente para ser adaptado o quanto preciso for durante

⁴⁷ Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/script>, acessado em: 03/01/2023.

a prática da pesquisa, que baliza com perguntas, tópicos e assuntos o caminho narrativo seguido nos diálogos orais, atendendo as necessidades do estudo e tornando para ele significativo os ditos no conjunto das atividades e intrinsecamente a cada uma delas (FREITAS, 2002). Nestes arquivos, os roteiros, listamos as indagações, colocações e demais formas de provocações e ressalvas arregimentadas para a condução dos intercursos verbais e análise comparativa com as narrativas elaboradas. Abaixo podemos acompanhar o modelo geral de roteiros⁴⁸, e a formatação dos roteiros geral, individual, e específicos a cada atividade e sessão antes de seu preenchimento, mas o geral já preenchido está nos apêndices.

Figura 11 – Print Screen do Arquivo Modelo Para Roteiros de Atividades de História Oral – Parte 1

ROTEIRO DE ATIVIDADE DE HISTÓRIA ORAL - IRMÃS E IRMÃOS ELIAS NONATO - MODELO - Word

Layout Referências Correspondências Revisão Exibir Ajuda Diga-me o que você deseja

Roteiro de Atividade – História Oral – Irmãs e Irmãos Elias Nonato

Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Especialidades
– Universidade Estadual do Ceará – PPGHCE/UECE

Pesquisa Financiada pelo Programa de Demanda Social da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Pesquisador: Noélito Nonato Alves

Supervisor: Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá

IDENTIFICAÇÃO:

Nome:

Posição na comunidade da irmandade:

Idade:

Estado Civil:

Religião:

Local em que mora atualmente:

Escolaridade atual:

Ocupação atual:

Composição Familiar:

Fonte: Acervo de Documentação da Pesquisa do Autor.

Primeira página do arquivo “ROTEIRO DE ATIVIDADE DE HISTÓRIA ORAL – IRMÃS E IRMÃOS ELIAS NONATO – MODELO.docx”, feito como um esqueleto que serviu para preparação de todos os *scripts* trabalhados nos exercícios com nosso grupo de entrevistados. Os apontamentos de autoria e os espaços de identificação de com quem realizar a tarefa, seguem tanto o exemplo do modelo cedido pela colega pesquisadora, quanto as especificações pertinentes à presente pesquisa. Em seu bojo temos as indicações: metodologia da prática de pesquisa, sua técnica e o grupo abordado; programa institucional que abraça a pesquisa, órgão financiador, autor e orientador da pesquisa. Observamos também o reconhecimento dos dados da/do colaborador, espaços preenchidos com as especificidades da outra parte que trabalhou em conjunto com o pesquisador, sendo que os assuntos apontados nos permitiram localizar as falas das entrevistas nas análises que aqui dispomos.

⁴⁸ Gentilmente criado e nos cedido pela historiadora Tatiana Olegário da Silva (Mestrado Acadêmico/PPGHis/UFMA).

Figura 12 – Print Screen do Arquivo Modelo Para Roteiros de Atividades de História Oral – Parte 2

ROTEIRO DE ATIVIDADE DE HISTÓRIA ORAL - IRMÃS E IRMÃOS ELIAS NONATO - MODELO - Word

Layout Referências Correspondências Revisão Exibir Ajuda Digite-me o que você deseja

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15

CARÁTER DA ENTREVISTA E ASSUNTO

TÓPICO A SER DESENVOLVIDO:

(QUESTIONAMENTOS)

(CONTEÚDO)

PRÓXIMO TÓPICO A SER DESENVOLVIDO:

(QUESTIONAMENTOS)

(CONTEÚDO)

OBSERVAÇÕES DE COISAS PARA FAZER/DIZER

(QUESTIONAMENTOS)

(CONTEÚDO)

OBSERVAÇÕES DE OBJETOS

(QUESTIONAMENTOS)

(CONTEÚDO)

Fonte: Acervo de Documentação da Pesquisa do Autor.

Segunda página do mesmo arquivo acima posto, e seguindo seu sentido funcional e de montagem. Nesta parte contamos com a explicitação da tipologia da atividade hora planejada, no caso das entrevistas sua categoria – história de vida, e o assunto manejado na ocasião. No mais, reunimos os tópicos que separam o assunto que estava sendo buscado em específicas seções de conteúdo, o que nos permitiu foco em cada momento do diálogo e espaços para perguntas diretas ou colocações provocadas. Ainda com esta composição, separamos hiatos para anotar as ressalvas que foram importantes ao eficiente ofício da produção de oralidades em acordo com a percepção de preferências/aversões das personagens, e um local de lembretes em prol da busca por seus objetos e recordações pessoais.

Figura 13 – Print Screen do Arquivo Roteiro Geral de Atividades de História Oral – Parte 1

ROTEIRO GERAL DE PRÁTICA DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL - IRMÃS E IRMÃOS ELIAS NONATO - Word

Layout Referências Correspondências Revisão Exibir Ajuda Digite-me o que você deseja

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15

Roteiro Geral de Atividades – História Oral – Irmãs e Irmãos Elias Nonato

Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades – Universidade Estadual do Ceará – PPGHCE/UECE

Pesquisa Financiada pelo Programa de Demanda Social da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Pesquisador: Noélio Nonato Alves

Supervisor: Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá

REFERÊNCIA E ELEMENTOS DE ATUAÇÃO:

Projeto:

Linha de Pesquisa:

Objetivo Dentro da Pesquisa:

Técnicas de História Oral Utilizadas:

Atividades a Serem Realizadas:

Caráter e Postura das Entrevistas:

Ferramentas:

Entrevistados e Entrevistadas Em Potencial e Respectivas Justificativas de o Serem:

IRMÃS ELIAS NONATO

- GERALDA ELIAS NONATO;

- FRANCISCA ELIAS NONATO;

- ANTÔNIA ELIAS NONATO;

- AMÉLIA ELIAS NONATO;

- ANTÔNIA ELIAS NONATO (MARIA);

- MARIA DO CARMO NONATO;

- CÍCERA ELIAS NONATO;

IRMÃOS ELIAS NONATO

- INÁCIO ELIAS NONATO;

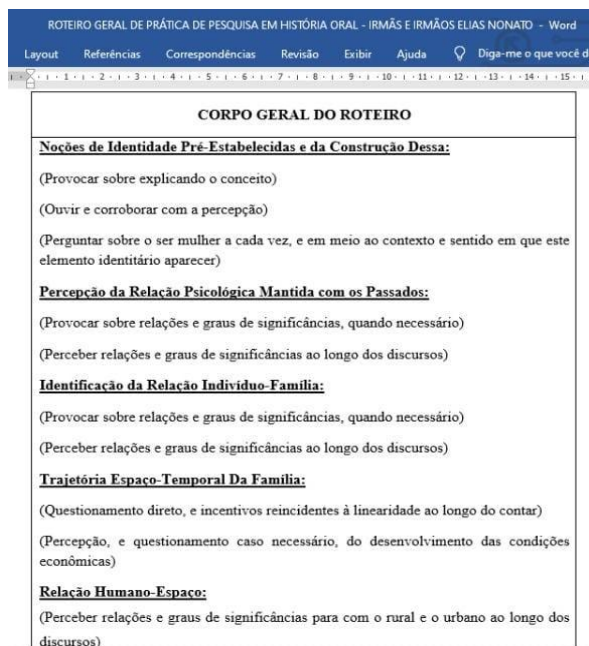
- RAIMUNDO ELIAS NONATO;

Fonte: Acervo de Documentação da Pesquisa do Autor.

Primeira página do arquivo “ROTEIRO GERAL DE PRÁTICA DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL – IRMÃS E IRMÃOS ELIAS NONATO.docx”, que funcionou como uma base de perguntas e pontos da história do grupo estudado que nos interessam, estando por todo o tempo da prática de pesquisa a disposição para a montagem dos roteiros das atividades formando um elo. É uma sequência de tópicos dos assuntos que levantamos, e daqueles que poderíamos ter levantado se preciso fosse, feita a partir do sabido preliminarmente às entrevistas, e que buscava profundidade de análise das vivências e dos seres.

Em seu corpo, é perceptível uma disposição de espaços para delimitações que foram mais incisivas no pragmatismo de nossa atuação, atendendo aos interesses das determinações prévias do arsenal geral. Em suas diferenciações com o modelo acima apresentado, temos campos de questões que rondaram, e através das quais se fizeram, o desenvolvimento das indagações e colocações postas na base geral, e que assim ganharam sentido e fluidez. Em especial temos a especificação das entrevistadas e dos entrevistados, e das respectivas justificativas de assim serem considerados neste estudo. Na segunda página deste arquivo, temos o preenchimento dos tópicos que guiaram a promoção dialógica, e das ressalvas e lembretes de atitudes tidas ao longo dos exercícios, como visualizado abaixo⁴⁹.

Figura 14 – Print Screen do Arquivo Roteiro Geral de Atividades de História Oral – Parte 2



Fonte: Acervo de Documentação da Pesquisa do Autor.

⁴⁹ Nesta ilustração, que tem função apenas de exemplo e demonstração visual, podemos acompanhar apenas a primeira página de nosso roteiro geral. Este se encontra na íntegra em nosso apêndice A.

Prosseguindo, no arquivo “ROTEIRO INDIVIDUAL DE PRÁTICA DE PESQUISA EM HISTÓRIA HORAL – IRMÃS ELIAS NONATO – AMÉLIA.docx” visualizado em sua primeira página a seguir, conseguimos pôr em ótica um exemplo da ordenação dos roteiros individuais, inclusive daqueles que foram destinados aos entrevistados do sexo masculino. Estes são ramificações da base geral de perguntas e pontos da história estruturados no roteiro geral, conformando um esteio destas questões e assuntos de maneira específica que fomentou os roteiros das atividades desempenhadas com cada indivíduo(o). Neles constam uma combinação entre as preocupações gerais da pesquisa, e as especificidades biográficas de cada uma/um, o que permitiu maior lucidez sobre a incisão da individualidade no todo. São questionamentos e tópicos de reelaboração do passado mais específicos, que seguiram buscando profundidade de análise das vivências e dos seres.

Figura 15 – Print Screen do Arquivo Roteiro Individual de Atividades de História Oral – Parte 1

ROTEIRO INDIVIDUAL DE PRÁTICA DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL - IRMÃS ELIAS NONATO - AMÉLIA - Word

Layout Referências Correspondências Revisão Exibir Ajuda Digite-me o que você deseja

Roteiro Individual de Atividades – História Oral – Irmãs Elias Nonato – AMÉLIA

Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades –
Universidade Estadual do Ceará – PPGHCE/UECE

Pesquisa Financiada pelo Programa de Demanda Social da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Pesquisador: Nêlio Nonato Alves

Supervisor: Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá

REFERÊNCIA E ELEMENTOS DE ATUAÇÃO:

Projeto:

Linha de Pesquisa:

Objetivo Dentro da Pesquisa:

Técnicas de História Oral Utilizadas:

Atividades a Serem Realizadas:

Caráter e Postura das Entrevistas:

Ferramentas:

Entrevistada Com Quem Trabalhar e Respectivas Justificativas de o Ser:

IRMÃS ELIAS NONATO

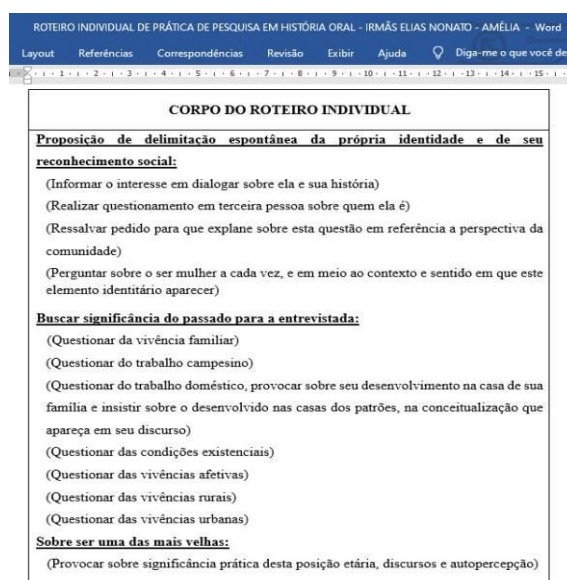
- Amélia Elias Nonato;

Fonte: Acervo de Documentação da Pesquisa do Autor.

Em seu escopo trouxemos uma variação muito próxima da disposição dos elementos no roteiro geral acima exposto, com adaptações encaminhadas apenas na senda da individuação. Temos primeiramente a especificação da técnica metodológica, do grupo mais estritamente pertencente e da entrevistada do caso, nesse exemplo a irmã Amélia. *A posteriori* usufruímos dos mesmos campos de preenchimento, constando somente as questões rondantes e encaminhativas do labor em parceria com esta entrevistada, da mesma forma que em sua identificação e justificativa de consideração, respondidas com quesitos próprios à indivíduo em foco. Já da segunda página em diante, o arquivo acompanha a estrutura até aqui apresentada na disposição dos tópicos, indagações e conteúdos tratados, mas desta vez de

maneira mais prática ao seu desempenho e com desmembramentos dos tópicos gerais pelas individualidades, na forma vista nesse exemplo:

Figura 16 – Print Screen do Arquivo Roteiro Individual de Atividades de História Oral – Parte 2



Fonte: Acervo de Documentação da Pesquisa do Autor.

Finalizando a coleção de documentos preparatórios e de acompanhamento da atuação que desenvolvemos em campo com nossas(os) colaboradores, temos os roteiros específicos de cada atividade. Para demonstração sobre estes, elencamos enquanto exemplo o arquivo “ROTEIRO DE ATIVIDADE DE HISTÓRIA ORAL – IRMÃS E IRMÃOS ELIAS NONATO – EXPLORATÓRIA.docx”, com sua segunda página exibida logo em seguida.

Os roteiros específicos, assim como os individuais, são ramificações da base geral de perguntas e pontos da história estruturados no roteiro geral, mas as especificidades que configuram estes documentos são da ordem dos objetivos e assuntos correspondentes a cada tipo de atividade de história oral desenvolvida, por exemplo: conversa prévia, entrevista exploratória, etc. Dispomos então dos pontos e táticas exclusivas levantadas em cada forma de incursão pontual, percebendo qual era o foco e atendimento sequencial unitário da ocasião na vastidão das preocupações e quesitos catalogados na pesquisa. São questionamentos e tópicos de reelaboração do passado em mesmo sentido e caráter que nos roteiros individuais.

Em sua primeira página, constam somente os mesmos apontamentos do modelo dos roteiros, de autoria e espaços de identificação de com quem a tarefa em questão foi realizada. Estes últimos desígnios foram preenchidos quando da efetivação destas específicas repartições tópicas, com os dados da entrevistada(o) da vez. De única alteração em relação ao modelo temos, já no primeiro componente do documento, o apontamento de qual técnica

metodológica nos valem e o grupo ao qual o exercício foi destinado. Por tamanhas similitudes optamos por não repetir sua amostragem visual.

Na sua segunda parte observamos o mesmo seguimento, com o preenchimento do caráter da entrevista e assunto, e o discriminar dos tópicos, em questionamentos e colocações quase prontos para o professor textualmente, incluindo apenas entre eles a explicitação justificativa do uso da técnica e direcionamento do foco da busca. Vejamos no exemplo:

Figura 17 – Print Screen do Arquivo Roteiro de Atividade Exploratória de História Oral



Fonte: Acervo de Documentação da Pesquisa do Autor.

Esses roteiros específicos de objetivos e assuntos ligados a cada atividade, serviram de base para fomento dos *scripts* que de fato foram impressos e empunhados no trabalho de campo. São os roteiros que configuraram cada tarefa destinada a seus respectivos indivíduos alvos, a listagem de falas e indagações que foram textualmente proferidas pelo pesquisador edificando o diálogo elaborado juntamente com a(o) entrevistada(o). Conectamos as preocupações desta atividade com as peculiaridades biográficas da/do colaborador, para alcançar o que foi dito/feito em cada visita de pesquisa. Sua estrutura é exatamente a mesma que a descrita imediatamente acima, ressalvado, claro, o conteúdo dos questionamentos e das colocações mais especificados ainda, e a identificação da personagem entrevistada no título do arquivo e no primeiro indicativo do documento.

Por modificações tão pontuais em relação aos roteiros específicos, nos furtamos a repetir sua demonstração imagética. O mesmo ocorre com os roteiros parciais, ou das sessões de cada atividade de diálogo oral, não os iconografamos aqui pelo simples fato de que são os mesmos arquivos. As atividades de história oral, uma entrevista por exemplo, devido a vastidão da investigação que propomos, ou por eventualidades no trabalho de campo, tiveram de ser realizadas em mais de uma oportunidade, em mais de uma sessão. Nestes casos,

assinalamos graficamente o tópico em que paramos o diálogo, realizamos anotações sobre o ambiente dialógico que ali estava formado até a pausa, e no encontro seguinte continuamos a conversa de onde paramos. Roteiros parciais são não necessariamente novas formulações, mas repescagens do que faltou ser abordado na ocasião, ou do que o foi insatisfatoriamente.

Estes dois últimos documentos descritos, roteiros de efetivo balizamento dos dizeres do pesquisador e do diálogo estabelecido com as/os colaboradores, compõem ainda a segunda categoria dos repositórios de informações: os equipamentos e suportes de pesquisa, em outras palavras o material utilizado no trabalho de campo. No arquivo do roteiro geral denominamos este material de “ferramentas”, outro nome para o que Alberti (2004) chama de instrumentos de acompanhamento necessários para: viabilização da produção das oralidades e aquisição destas; registro das percepções visuais da linguagem não verbal e do contexto do diálogo; e domínio do desenvolvimento dos passos da pesquisa.

Tais materiais fomentam a totalidade das reflexões e análises que aqui apresentamos com diferentes tipos de conteúdo, e em seu manuseio durante as atividades buscamos que passasse ao máximo despercebidos pelas personagens. Optamos por não expor visualmente, mas descrever estes objetos, pois assim já alcançamos seu entendimento de composição e funcionalidade. São eles: roteiro impresso, celular/gravador, caderno de campo, diários de pesquisa e termo de cessão; ressaltamos ainda que junto deles operaram as ferramentas de apoio: lapiseiras e prancheta.

Tendo em vista que já explicamos a estrutura e utilização dos roteiros, passaremos para os aparelhos digitais. Nos exercícios práticos de contato com as(os) entrevistadas(os), nos valem de um telefone celular iPhone 12 Apple branco, de 256GB de memória interna, microfones acoplados nas suas duas extremidades, câmera fotográfica e filmadora de 12MP e avançados recursos de capturas visuais, com tamanho aproximado de 7,2cmX14,7cmX0,7cm. Mas migramos para utilização do gravador de voz em formato de chaveiro, ativado por voz, com tripla redução de ruído, espaço para 24h de gravação panorâmica de 360°, compartilhamento via USB e carimbo de tempo.

O telefone foi um pré-requisito para o empreendimento desta prática de pesquisa, haja vista que foi com ele que realizamos os contatos prévios com as/os colaboradores, marcamos as atividades e mantivemos constante contato com elas/eles, além de colaborar com as textualizações das oralidades, como veremos mais à frente, tudo isto por meio dos mecanismos do aplicativo “*WhatsApp Messenger*”, permitindo diversas formas de contato interpessoal via internet e transformação de voz em texto. Além disto, fizemos uso dos aplicativos “*CamScanner*”, com opções de captura límpidas e minuciosas para digitalização,

transformação em arquivo PDF, e compartilhamento dos objetos e registros de memória que nos foram disponibilizados nas atividades. O próprio dispositivo do telefone “gatilho da câmera”, foi utilizado para fotografias das(os) entrevistadas(os) e com elas/eles.

Prezando pela naturalidade dos diálogos, criando uma atmosfera de bem estar e cumplicidade com a outra parte da conversa, na busca de que as manifestações interpessoais fossem espontâneas e o mais genuínas possível, tomamos a permissão inicial da gravação dos diálogos, buscada desde os momentos iniciais de explicação da dinâmica, enquanto concessão válida até segunda ordem. Por isto, já chegamos aos locais das atividades com o telefone discretamente ativado no aplicativo “Gravador”, que permite registros de voz por horas com o aparelho em suspensão, a reprodução posterior destes registros e seu compartilhamento, assim permanecendo até o fim destas atividades, o mesmo ocorreu com o chaveiro-gravador. Nos dois aparelhos realizamos apenas singelos *check-outs* verificando a extensão das atividades, em casos de longevidade ou prematura finalização, e passadas as ocasiões transferimos os áudios produzidos para armazenamento no notebook pessoal do pesquisador.

O outro grupo de objetos constituintes do kit do material de pesquisa estava composto por cadernetas de controle das tarefas de campo, e do desenrolar intrínseco a cada uma delas. Elas foram aparelhadas na forma de: um caderno de campo, espaço de anotações de percepções tidas ao longo dos contatos realizados com o corpo de colaboradores, seja na constante conexão mantida, na marcação de atividades, ou ao longo do empreendimento destas, em todo seu percurso e diálogo, servindo para orientar o desempenho e contextualizar seu entendimento na análise; um diário geral de pesquisa, campo de registro de todos esforços teórico-metodológicos em prol da pesquisa, permitindo percepção do feito, grau de esforço e datas correlatas dos exercícios; e um diário de estudos em história oral, que acolheu registros mais qualificados sobre estes esforços no sentido da preparação, atuação e análise dessas/com essas técnicas, permitindo uma percepção específica do desenvolvimento da metodologia.

Tratam-se de três pequeninas agendas com capas rígidas e de tons pastéis, pouco chamativas e não identificadas com essa finalidade epistêmica, com ou sem arame em sua articulação, mas em uma qualidade que permitiu a rápida e firme abertura para anotação, e com um suporte para lápis ou caneta. Em tamanho 12cmX17cm contam ainda com uma fita marcadora de páginas, e 100 folhas pautadas, cada, de papel almaço, próprias para a escrita.

Estas agendas foram preenchidas a mão, com caneta ou lápis, com constatações descritivas elaboradas pelo pesquisador. No caso do caderno de campo, antes e depois das atividades escrevemos curtos parágrafos enfatizando os pontos pertinentes no diálogo telefônico e nos percursos e percalços do trilhar do pesquisador, indicando expertises na

prática dos exercícios e explicando condicionadores do conteúdo e forma das tarefas levadas a cabo, e ainda durante as atividades, quando, tentando ser o mais circunspecto possível, tecemos frases registradoras daquilo que ocorria nos diálogos e nos espaços em que estavam circunscritos, e que não era captado pela gravação de áudio, tudo isto marcado em início e fim com relação à qual atividade pertencia para a análise da presente dissertação.

No caso do diário geral, semanalmente fizemos tópicos intitulados com a natureza do esforço desempenhado, acompanhado de suas datas de realização e subtópicos esclarecendo o teor de cada labuta. No caso do diário de história oral, o regime periódico e de estruturação foi o mesmo, mas aditadas a enumeração dos dias de trabalho e uma descrição mais minuciosa de cada diligência. Estes dois últimos foram sempre consultados antes do avançar nos passos da pesquisa e em seu planejamento, assim como na análise que agora trazemos, e foram preenchidos até recentemente⁵⁰.

O último componente do material de pesquisa é o termo de cessão. Impresso do arquivo “MODELO DE TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL – ALBERTI (MANUAL).docx”, visualizado logo abaixo, este documento é uma burocracia de força legal que sela entre o pesquisador e as(os) entrevistadas(os), a partir de suas assinaturas, um acordo para utilização acadêmica das oralidades edificadas ao longo do processo de pesquisa. A autora e sua obra (IDEM, p. 132-136) que referenciamos já no título do arquivo deste documento é quem nos propõe, de maneira prontamente estruturada, este modelo do que ela denomina como “carta de cessão”, uma formalidade que com o esmero da malemolência do pesquisador foi explicada e conseguida. É o consentimento final de todo o processo investigativo, o que respalda o pesquisador e seu orientador para esta utilização epistêmica daqueles pronunciamentos e informações, em uma comprovação de transferência de direitos autorais sobre aqueles ditos.

⁵⁰ Para não manter o leitor em angústia: esse preenchimento até pouco tempo se deu pois entendemos como atividades de história oral todas as formas de trabalho acadêmico com esta metodologia, inclusive comunicações em eventos, debates, cursos, etc.

Figura 18 – Print Screen do Arquivo Modelo de Termo de Cessão de Direitos

MODELO DE TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, CULTURAS E ESPACIALIDADES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

1. Pelo presente documento, (nome), (nacionalidade), (estado civil), (profissão), carteira de identidade nº, emitida por, CPF nº, residente e domiciliado em, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado entre os dias, na cidade, perante o pesquisador Noélion Nonato Alves.

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, a ENTREVISTADA, proprietário originário da entrevista de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3. Fica pois o Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

(cidade) – CE, ____ de ____ de ____.

Assinatura da ENTREVISTADA

Assinatura do Entrevistador do Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará

TESTEMUNHAS:

Nome Legível: _____
CPF: _____

Nome Legível: _____
CPF: _____

Fonte: Acervo de Documentação da Pesquisa do Autor.

Como podemos observar, o modelo já se encontra preenchido com os dados da pesquisa, do autor e de seus vínculos institucionais, além disto, foi complementado com os dados de cada uma/um das/dos colaboradores aos quais foi destinado⁵¹. Sua leitura e assinatura ocorreram em uma última incursão da pesquisa, após findada todas as atividades de construção dos diálogos orais, mas a explicação de sua importância e idoneidade ocorreram logo nas primeiras atividades, sendo reforçada nos finais imediatos à assinatura, com a utilização do elemento da familiaridade entre grupo e pesquisador. A assinatura, que deixamos explícito que poderia ser efetivada de diversas formas em acessibilidade às condições de rarefeito estudo das personagens, foi realizada por todos, mesmo que com dificuldade de escrita. Preenchemos duas vias, uma para cada parte⁵².

Esses materiais, principalmente os áudios gravados dos diálogos orais e as anotações do caderno de campo, tiveram vital incumbência na construção da terceira divisão dos repositórios de informações. Esta é formada pelos documentos de textualização dos exercícios de história oral e de seus diálogos ali elaborados, resultados gráficos advindos em unicidade da descrição de cada incursão do pesquisador às/aos colaboradores e da transcrição de seus intercursos verbais gravados. Tais textualizações foram configuradas pelo longo trabalho de disposição em texto corrido daqueles dados socioespaciais e comportamentais, e das informações dialógicas, transformados em letras a partir da rememoração das percepções

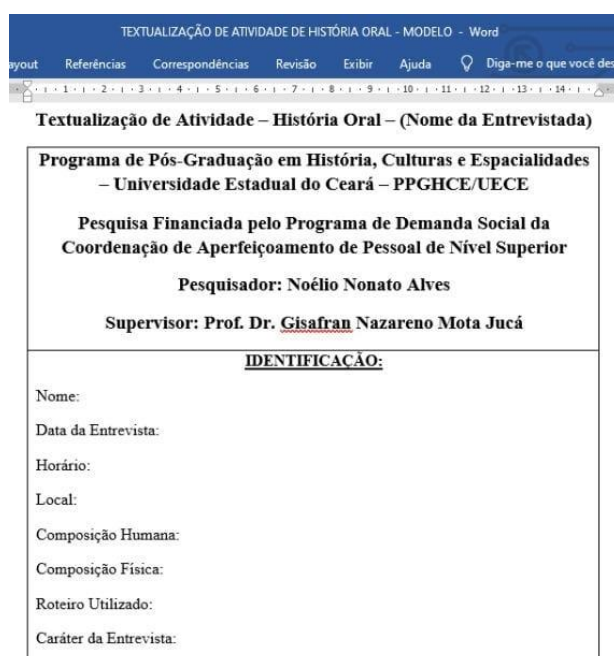
⁵¹ Por indicação de nosso orientador, retiramos o espaço destinado ao RG e CPF das(os) entrevistadas(os), uma informação muito sensível e que, neste caso, não justifica o esforço e desgaste necessários para consegui-lo.

⁵² A via do pesquisador esteve disponível ao comitê de ética da universidade, mas não foi encaminhado pois não solicitado pelas autoridades institucionais, e nem pelo presente orientador. Para mais, nossas vias estão demonstradas no Apêndice B desta dissertação.

imediatamente subsequente aos exercícios em conjunto com as personagens, da observação das anotações feitas no caderno de campo e da audição das gravações, referenciadas em cada atividade com cada personagem, formulando conteúdo para esta análise historiográfica.

Nessa transformação corporificamos o que documenta a fonte oral, tornando passível desta nossa exploração as ações de memória e seus elementos envolventes que foram emergidos na tarefa dialógica. Estas narrativas e seus quadros são valiosas fontes históricas dos acontecidos e dos tempos idos, exaltando as vidas em meio a estes; contos do vivido, desencadeados por ele, mas em relação ao momento, espaço e caráter do contar, uma ação atual e continuada, que justamente por isto deve ser solidificada graficamente para ser escrutinada em seu conjunto (ALBERTI, p. 33-35). A mesma autora, em outra obra, coloca esta parte do trabalho em história oral enquanto um “relatório imediato da atividade”, exercícios retrospectivos que permitem um balanço da prática realizada sobre o seu funcionamento, avaliando e otimizando o atuar e já organizando a análise (ALBERTI, p. 126-127). Demonstramos a seguir o pragmatismo desta etapa, com o arquivo “TEXTUALIZAÇÃO DE ATIVIDADE DE HISTÓRIA ORAL – MODELO.docx”.

Figura 19 – Print Screen do Arquivo Modelo Para Textualização de Atividades de História Oral – Parte 1



TEXTUALIZAÇÃO DE ATIVIDADE DE HISTÓRIA ORAL - MODELO - Word

Layout Referências Correspondências Revisão Exibir Ajuda Diga-me o que você deseja

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15

Textualização de Atividade – História Oral – (Nome da Entrevistada)

Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades
– Universidade Estadual do Ceará – PPGHCE/UECE

Pesquisa Financiada pelo Programa de Demanda Social da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Pesquisador: Noélio Nonato Alves

Supervisor: Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá

IDENTIFICAÇÃO:

Nome:

Data da Entrevista:

Horário:

Local:

Composição Humana:

Composição Física:

Roteiro Utilizado:

Caráter da Entrevista:

Fonte: Acervo de Documentação da Pesquisa do Autor.

Fomentamos estas transfigurações gráficas tomando como base de formatação este modelo, perceptivelmente arquitetado pelos mesmos componentes estruturais vistos nos arquivos dos roteiros. Em seu primeiro elemento indicativo temos a explicitação de a qual

técnica metodológica este documento pertence, aliado a um campo de preenchimento para designação de com qual entrevistada(o) as informações ali relatadas foram elaboradas. Aliás, este desígnio foi de extrema importância, pois figurou enquanto metade da especificação que levou o modelo à um documento prático relatorial do todo do exercício hora realizado, sendo que a nomenclatura deste exercício foi a outra metade que conformou esta especificação que citamos, constando no título do arquivo, como por exemplo “TEXTUALIZAÇÃO DE ATIVIDADE DE HISTÓRIA ORAL – CONVERSA PRÉVIA – AMÉLIA.docx”. Neste momento é que ocorreu a textualização do trabalho de campo.

Na primeira página, os apontamentos de autoria são os mesmos dos roteiros, já os espaços de identificação não são apenas para delimitar com quem foi realizada a tarefa, mas também para estabelecer os contextos básicos, fixos, do desenvolvimento da atividade, e para determinar qual tipo de tarefa foi planejada e realizada. Já na sua segunda página, observamos inicialmente um hiato com a mesma lógica do arquivo dos roteiros específicos, com o preenchimento da tipologia técnica utilizada na tarefa e do assunto da sessão, quando do caso.

Para mais, contamos com uma disposição tópica, mais uma vez coligada à organização dos arquivos dos roteiros, fragmentando o conteúdo do texto engendrado em acordo com as partes do assunto previamente listadas no roteiro referente, mas aqui com descrições do visto/percebido e transcrições do ouvido quanto ao todo dialogado, e não somente dos questionamentos e colocações do pesquisador. Trazemos também os mesmos tópicos de observações para o ofício de campo realizado e com relação aos objetos, mas em um sentido de relato do percebido e do (não) conseguido, e não mais de lembrete.

Complementando a estruturação do documento, seus escritos mais robustos, justamente nesta segunda parte aqui exposta em seguida, delineamos em formato de texto corrido, com parágrafos divididos por quais observações comunicam, quando da descrição, e com linhas de falas separadas, como que em parágrafos, pela vez de quem estava proferindo, no caso da transcrição. Estas falas são organizadas pela identificação inicial entre parênteses da autoria da verbalização, seguida pelas frases ditas entre aspas, na forma de uma citação. Existiram casos em que o traslado entre as sentenças dos componentes do diálogo se fez tão ágil, que o parágrafo foi identificado com as duas autorias, e nas suas aspas os dizeres deles dividiram mutuamente o espaço.

Em meio a estas frases que grafam as declarações, utilizamos de sinais e pontuações para inserir certos esclarecimentos necessários a um entendimento vivaz daqueles ditos em seu real sentido, transcendente aos meros conjuntos de palavras. Estas utilizações, que são explicadas em uma legenda informativa ao final de cada documento de textualização,

estão postas com: parênteses, abarcando explicação de vícios de linguagem ou expressões populares utilizadas, ou comentários explicativos mais pontuais sobre o sentido do dito; travessões, acolhendo descrição de questões corporais e/ou interação com o ambiente dos integrantes da atividade.

Figura 20 – Print Screen do Arquivo Modelo Para Textualização de Atividades de História Oral – Parte 2

CARÁTER(ES) DA TEXTUALIZAÇÃO	
<u>MOMENTO DESENVOLVIDO:</u>	
(DESCRIÇÃO)	
(TRANSCRIÇÃO)	
<u>PRÓXIMO MOMENTO DESENVOLVIDO:</u>	
(DESCRIÇÃO)	
(TRANSCRIÇÃO)	
<u>OBSERVAÇÕES DE COISAS PARA AS PRÓXIMAS ATIVIDADES:</u>	
(DESCRIÇÃO)	
(TRANSCRIÇÃO)	
<u>OBSERVAÇÕES DE OBJETOS</u>	
(DESCRIÇÃO)	
(TRANSCRIÇÃO)	

Fonte: Acervo de Documentação da Pesquisa do Autor.

Respondidos os hiatos referentes a identificação do que textualizamos, passamos a construção do conteúdo textual propriamente dito, a descrição do observado e a transcrição do gravado que conformaram a textualização da tarefa em si, que serviu à consulta da análise historiográfica e referenciação de citações deste na presente dissertação. Nesta construção nos valem além do referente arquivo de elaboração, tendo apenas espaço para escrita:

Do áudio gravado da atividade, para acessarmos o verbalizado; da ferramenta “entrada de voz”, disponibilizada pelo aplicativo “Google” e funcionalizada pelo teclado do aparelho telefone, transformando as palavras faladas em conjuntos frasais escritos, e encaminhando estes últimos pelo aplicativo *WhatsApp Messenger*, em sua ferramenta “conversa consigo mesmo”, onde apenas nós temos acesso ao texto e de onde conseguimos transporta-lo para o espaço do arquivo de textualização; do arquivo de roteiro morigerador daquele exercício que tratamos, como referência de quais tópicos, questionamentos e colocações foi originada cada fala, para compreendermos estruturação e sentidos das partes do diálogo.

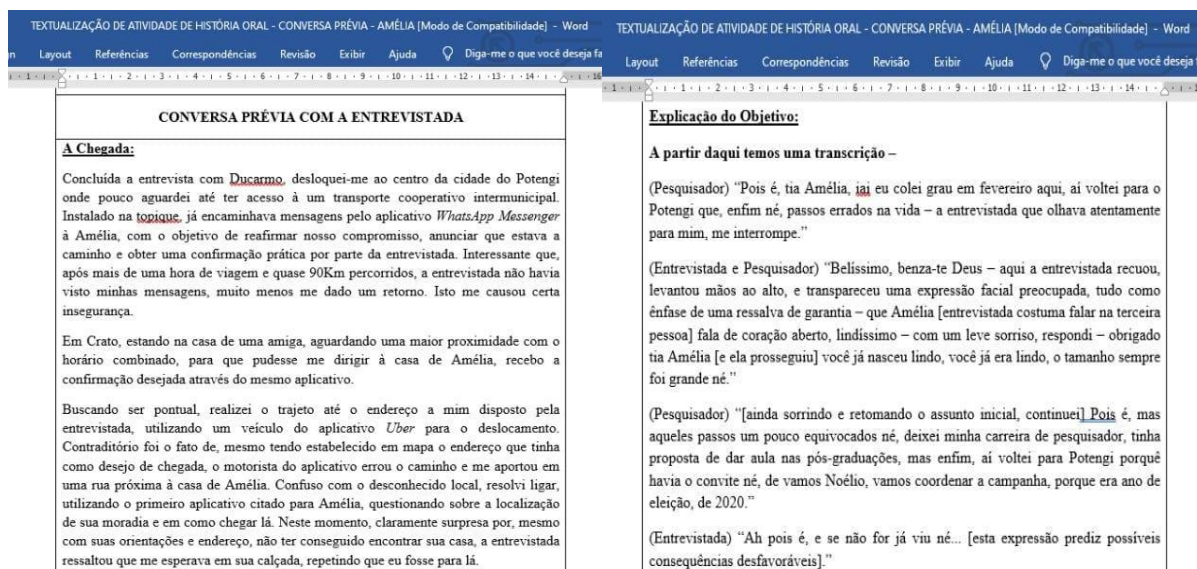
E também: da formatação já explicada, em parágrafos, falas, sinais e repartição tópica, justamente com base no roteiro; das anotações realizadas no caderno de campo em parceria com a rememoração do pesquisador sobre a atividade, delineando o que foi

observado no ambiente e nas interconexões até o efetivo início da conversa com o assunto roteirizado e depois dela com as observações precisas, e introjeção de complementos necessários em determinadas falas, a respeito de questões comportamentais, emocionais e de interação e funcionamento do ambiente; e finalmente de uma revisão gramatical e de sistematização do texto produzido digitalmente, o garantindo íntegro, coeso, coerente e no qual nos sintamos naquele diálogo.

Em seu primeiro momento, os parágrafos propriamente ditos, nos esmeramos em uma espécie de registro do trabalho de campo *à lá* etnografia (MALINOWSKI, 1978), esforço estendido às anotações complementares na transcrição sobre o ambiente da tarefa. Este registro advém das anotações no caderno de campo e da rememoração do pesquisador, logo em seu bojo está perceptível: descrições dos trajetos da incursão do pesquisador; recepção e despedida do espaço da(o) entrevistada(o); qual afazer aparentemente desenvolvia antes ou durante nossa conversa; como se deu a determinação do exato espaço do exercício, toda a configuração deste e suas ocupações por parte do pesquisador; apontamentos relevantes do contato exercido antes das tratativas do roteiro; interferência humana, atitudes e lida com os elementos do ambiente pelas partes da tarefa; barulhos captados no áudio; e as anotações de otimização do trabalho com a personagem e acesso a objetos e recordações.

Passamos dessa descrição para seu segundo momento, o de transcrição, com o anúncio marcado de ponto de início deste outro esforço, pragmatizado nas falas identificadas. Nessas frases transformadas da oralidade dos áudios gravados à textualidade, constam todos os ditos da/do colaborador, do pesquisador e de exequíveis interferências duradouras ou passageiras advindas das provocações assuntadas pelo roteiro referente. Passamos ao texto também as demonstrações de emoções no falar, que o afetam e significam, bem como os ritmos e pausas deste, relatamos todas as pertinentes composições da operação e manifestação da memória, fomentando a presente análise no sentido de conseguirmos de fato sentir quais os impactos das recordações na personagem e o sentido em que foi exposto. Nessas observações de fatores circundantes do falar, anotamos os gestos, posturas e comportamentos que enfatizavam o dito ou revelavam o não dito, em uma percepção behaviorista (WEIL e TOMPAKOW, 2017). Exemplificamos o início de cada um destes momentos na textualização a seguir, da atividade “conversa prévia” com a entrevistada Amélia:

Figura 21 – Print Screen do Arquivo Textualização de Atividades de História Oral – Conversa Prévia – Amélia



Fonte: Acervo de Documentação da Pesquisa do Autor.

A penúltima tipologia dos repositórios de informação, componentes mais práticos deste *corpus* documental, é integrada pelos mecanismos de organização da pesquisa. Tratam-se de *planners* organizativos dos passos dados no estudo em história oral, e das atividades instituídas por cada um. Arquivos digitais que, em diferentes vertentes, foram preenchidos diante de todas atualizações do estágio da investigação, informando o que se realizava e o que havia de se realizar, ficando armazenado para consulta um panorama norteador da visão compreensiva total do trabalho epistêmico, e do então planejamento das incursões, seguindo a mesma orientação dos materiais da pesquisa de campo. Demonstramos visualmente agora tais mecanismos: ficha de acompanhamento de cada colaboradora(o) e cronograma de atividades.

Figura 22 – Print Screen do Arquivo Ficha de Acompanhamento de Atividades em História Oral

FICHA DE ACOMPANHAMENTO - AMÉLIA - Word	
Layout	Referências
Correspondências	Revisão
Exibir	Ajuda
Diga-me o que você deseja fazer	
FICHA DE ACOMPANHAMENTO DE ATIVIDADES EM HISTÓRIA ORAL	
CARÁTER DA ATIVIDADE	STATUS
Telefonia Inicial/Diálogo Inicial	Desenvolvido Completamente e Satisfatoriamente
Entrevista Exploratória/História de Vida	Desenvolvido Parcialmente (até o final das insistências) Satisfatoriamente Até Este Ponto
Entrevista Temática – Gênero	A Desenvolver
Entrevista Temática – Trabalho	A Desenvolver
Entrevista Temática – Catolicismo	A Desenvolver
Entrevista Temática – Educação	A Desenvolver

Fonte: Acervo de Documentação da Pesquisa do Autor.

O primeiro destes mecanismos é intitulado como “ficha de acompanhamento de atividades em história oral”, como podemos observar na imagem acima, que exemplifica este *planner* com o arquivo destinado aos trabalhos realizados em parceria com a irmã Amélia, especificação que complementa a titulação deste arquivo. Tal documento, embora inspirado nas recomendações metodológicas de nossa bibliografia, foi elaborado em modelo original nosso, e é configurado na forma de um quadro com duas colunas, onde na primeira são listadas todas as tarefas do processo de lida com a/o respectiva(o) colaboradora(o), e na segunda verificamos o estado de desenvolvimento de cada uma destas tarefas.

Neste quadro de controle processual do feito e do por fazer em relação aos membros de nosso grupo de personagens, realizamos a destinação específica para cada entrevistada(o), delimitando isto na titulação do arquivo como vimos, considerando o que havíamos nos proposto a produzir com cada uma/um, e atualizando constantemente o que era efetivado. Lhes preenchemos apenas com as nomenclaturas das atividades na primeira coluna, e na segunda com os conceitos: “desenvolvido satisfatoriamente”, para aquelas concluídas tendo alcançado os objetivos, “desenvolvido parcialmente”, para aquelas que precisavam de mais sessões, onde especificamos em que ponto embargamos a promoção, “desenvolvido insatisfatoriamente”, para aquelas que necessitassem ser repetidas, o que não ocorreu, e “a desenvolver”, para aquelas que ainda não haviam sido realizadas. Essa atualização era feita imediatamente ao término dos exercícios, e consultada para o planejamento dos próximos.

O segundo mecanismo pode ser observado abaixo no arquivo “CRONOGRAMA DE ATIVIDADE EM HISTÓRIA ORAL.xlsx”, titulação extremamente literal quanto a natureza deste documento, uma marcação temporal dos compromissos que compuseram a pesquisa. O *planner* a seguir é também edificado por um modelo original nosso, mas abarca a atuação geral do trabalho de campo, com todas(os) colaboradores e atividades. Se trata de uma esquematização de quais exercícios, com quem e sob quais recomendações foram empreendidos pelo pesquisador, uma preparação para que houvesse o atendimento prático das necessidades do estudo e dos compromissos agendados com as personagens.

Uma ferramenta de elevada importância para que nossa prática de pesquisa fosse eficiente e bem ordenada, uma vez que: agenda a grade de esforço, afastando os perigos da confiabilidade na falha memória enquanto um recurso orientador da prática; viabiliza a congruência da dedicação de esforços à trabalhos teóricos e práticos, repartindo o tempo tido para ambos; otimiza o gasto e a noção de tempo e de deslocamento, já que pudemos visualizar demarcações mais lógicas às incursões, algo preciso tanto pelas moradias das/dos colaboradores em municípios diferentes, quanto pelos intervalos entre as tarefas; permite

máxima produtividade nas visitas do pesquisador ao Cariri, já que durante toda a pesquisa nos encontramos em Fortaleza – CE a 514 km de distância; aponta os preparos necessários para os empreendimentos práticos, complementando em atualização as observações dos roteiros.

Seu preenchimento foi realizado a partir do planejamento do pesquisador de seus deslocamentos ao Cariri e das efêmeras estadias naquela região. Neste realizamos contatos com as(os) entrevistadas(os) solicitando suas disponibilidades de recepção da visita, e firmando a marcação destas. Assinalamos data e horário dos compromissos nos campos do cronograma em acordo com estes contatos, concomitantemente evitando choques de atividades, e mantendo afinada a relação com a própria disponibilidade do pesquisador, e com os objetivos e necessidades do estudo.

Em sua estrutura temos, a primeira linha ressaltando o teor do documento, e a segunda indicando o teor de cada coluna, sendo que as cores intencionam uma facilitação da visualização das informações. Na primeira coluna temos a disposição do corpo de colaboradores, e correlatos ao espaço de cada uma/um delas/deles estão sete colunas, observamos a assinalação dos dias da semana, com três hiatos no campo de cada personagem correspondendo aos três turnos do dia. Nesses espaços pomos os títulos de cada esforço de pesquisa, seja prático ou teórico. Nas duas últimas colunas temos observações sobre a busca realizada com as(os) entrevistadas(os), seja de qual tarefa, seja acerca do acesso a objetos e recordações.

A funcionalidade deste mecanismo se deu com sua empunhadura sempre próxima do pesquisador, norteando e fiscalizando o caminhar da atuação prática no Cariri, e da contínua dedicação teórica, mesmo no retorno das viagens. Esta ferramenta teve ainda funcionamento orgânico, pois atualizado diante das eventuais impossibilidades relatadas pelas(os) colaboradores, ou ocorrências de força maior que o fizeram ser modificado. O cronograma serviu ainda para a verificação e sinalização constante e final do (não) cumprimento dos exercícios, contribuindo para o preenchimento das fichas explanadas.

Figura 23 – Print Screen do Arquivo Cronograma de Atividades em História Oral

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1	CRONOGRAMA DE ATIVIDADES DE PRÁTICA DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL									
2	Entrevistado(a)	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo	Obs1	Obs2
3	Geralda	Preparação	Preparação	Preparação	Preparação	Preparação	Preparação	Preparação	Ficou faltando a	Afirmou que iria procurar fotografias, mas que tinha certeza
4		Entrevista	Entrevista	Entrevista	Entrevista	Entrevista	Entrevista	Entrevista	exploratória	de ter um cabacinha antiga
5		Transcrição	Transcrição	Transcrição	Transcrição da conversa prévia	Transcrição	Transcrição	Transcrição		
6	Francisca	Preparação	Preparação	Preparação	Adaptação do roteiro de conversa prévia	Preparação	Preparação	Preparação	Ficou faltando a	Tem um conjunto riquíssimo de fotos em negativos e
7		Entrevista	Entrevista	Entrevista	Entrevista	Conversa Prévia 09h	Entrevista	Entrevista	exploratória	reveladas, antigas e mais recentes
8		Transcrição	Transcrição	Transcrição	Transcrição	Transcrição	Transcrição da conversa prévia	Transcrição		
9	Amélia	Preparação	Preparação	Preparação	Planejamento do roteiro da exploratória	Preparação	Preparação	Preparação	Exploratória Incompleta	Afirmou ter muitas fotos em seu telefone, e se
10		Entrevista	Entrevista	Entrevista	Entrevista	Exploratória 19h	Entrevista	Entrevista		comprometeu a procurar fotos físicas
11		Transcrição	Transcrição	Transcrição	Transcrição da conversa prévia	Transcrição	Transcrição da Exploratória	Transcrição		
12	Antonia	Preparação	Preparação	Preparação	Adaptação do roteiro de conversa prévia	Preparação	Preparação	Preparação	Ficou faltando a	Afirmou achar ainda ter fotos suas do tempo de infância,
13		Entrevista	Entrevista	Entrevista	Entrevista	Conversa Prévia 13:30	Entrevista	Entrevista	exploratória	mas que talvez estejam com sua irmã Francisca, afirmou ter
14		Transcrição	Transcrição	Transcrição	Transcrição	Transcrição	Transcrição da conversa prévia	Transcrição		fotografias mais recentes
15	Maria	Preparação	Preparação	Preparação	Planejamento do roteiro da exploratória	Preparação	Preparação	Preparação	Ficou faltando a	Tem foto de Vô e Creche
16		Entrevista	Entrevista	Entrevista	Entrevista	Entrevista	Exploratória 09h	Entrevista	exploratória	
17		Transcrição	Transcrição	Transcrição	Transcrição da conversa prévia	Transcrição	Transcrição da Exploratória	Transcrição		
18	Dacarmo	Preparação	Preparação	Preparação	Preparação	Preparação	Preparação	Preparação	Exploratória Incompleta	Tem foto dela pequena com uma sobrinha
19		Entrevista	Entrevista	Entrevista	Entrevista	Entrevista	Exploratória 14h	Entrevista		
20		Transcrição	Transcrição	Transcrição	Transcrição da conversa prévia	Transcrição	Transcrição da Exploratória	Transcrição		
21	Ciera	Preparação	Preparação	Preparação	Planejamento do roteiro da exploratória	Preparação	Preparação	Preparação	Necessidade de realizar a	Tem uma caixa cheia de correspondências e cartões entre
22		Entrevista	Entrevista	Entrevista	Entrevista	Entrevista	Exploratória 09h	Entrevista	transcrição da exploratória	familiares e o amor, além de cadernos de anotações
23		Transcrição	Transcrição	Transcrição	Transcrição da conversa prévia	Transcrição	Transcrição	Transcrição da Exploratória		
24	Inácio	Preparação	Preparação	Preparação	Planejamento do roteiro da exploratória	Preparação	Preparação	Preparação	Exploratória Incompleta	Tem uma foto-desenho de quando era jovem, afirmou que
25		Entrevista	Entrevista	Entrevista	Entrevista	Entrevista	Exploratória 14h	Entrevista		procurara mais registros
26		Transcrição	Transcrição	Transcrição	Transcrição da conversa prévia	Transcrição	Transcrição	Transcrição		
27	Raimundo	Preparação	Preparação	Preparação	Planejamento do roteiro da exploratória	Preparação	Preparação	Preparação	Necessidade de realizar a	Informou que sua sobrinha Francisca tem fotos suas da
28		Entrevista	Entrevista	Entrevista	Entrevista	Entrevista	Exploratória a definir	Entrevista	transcrição da exploratória	infância
29		Transcrição	Transcrição	Transcrição	Transcrição da conversa prévia	Transcrição	Transcrição da Exploratória	Transcrição		

Fonte: Acervo de Documentação da Pesquisa do Autor.

Por fim, a última série de repositórios de informações desta documentação é expressa pelos dispositivos de sistematização destas informações da pesquisa, quadros interativos que coordenaram os saberes arregimentados sobre as/os colaboradoras e nosso entrosamento com elas/eles. Os definimos enquanto ferramentas de contínuo registro de pertinentes dados e percepções não somente das personalidades envolvidas no estudo, mas também do funcionamento do seu meio e da caracterização de suas práticas estruturais. Elaborados de maneira contínua na esteira global de todo o processo da pesquisa, relembraram e incentivaram o assíduo contato com as/os integrantes do grupo estudado, fornecendo conhecimento à produção das oralidades e a presente interpretação delas.

Lhes desenvolvemos partindo do entendimento do estudo em história oral como a criação de uma relação dialógica entre entrevistados e entrevistadores, uma interconexão de fato entre os indivíduos, possível apenas pois elaborada rotineiramente ao longo do caminhar da produção acadêmica em questão, e não eventualmente a cada incursão. Procedendo com tal metodologia garantimos um convívio confortável entre os envolvidos, sem hierarquias de autoridade, com um bem-estar viabilizador do “revelar” orgânico das histórias íntimas dos indivíduos sondados, e percepções mais verossímeis das significações subjetivas dos ditos por parte dos produtores da pesquisa (PORTELLI, 2016, p. 12-17). Demonstramos estes dispositivos visualmente pelos seus arquivos, todos em modelo original nosso, na ordem: calendário de aniversários, cronônimo de renovações, lista de descendentes, *notepad* de variedades e organograma de contatos.

Figura 24 – Print Screen do Arquivo Calendário de Aniversários

CALENDÁRIO DE ANIVERSÁRIOS DAS ENTREVISTADAS E DOS ENTREVISTADOS					
Entrevistada(o)	Data	Anos Completado	Meio de Contato	Celebração	Observações
Geralda	12/ago	71	Áudio de WhatsApp	Não Informado	Bradou Grandes Afetos Às Minhas Felicitações
Francisca	22/mai	68	Ligação	Não Informado	Bradou Grandes Afetos Às Minhas Felicitações
Antônia	12/jan	66	Áudio de WhatsApp	Não Informado	Bradou Grandes Afetos Às Minhas Felicitações
Amélia	28/set	64	Áudio de WhatsApp	Saída com Esposo e Filhas Para Jantar Fora	Demonstrou gratidão por minhas felicitações
Maria	04/jan	59	Ligação	Almoço com os Filhos Milena e Marcelo	Bradou Grandes Afetos Às Minhas Felicitações
Ducarmo	16/jul	57	Felicitções Presenciais	Pequena confraternização com Amigos e Familiares em Casa	Demonstrou gratidão por minhas felicitções e Compartilhou Alegrias na Comemoração
Cícera	24/nov	51	Ligação	Mescla com Sua Renovação de Pequena Confraternização com Amigos e Familiares em Casa	Bradou Grandes Afetos Às Minhas Felicitações
Inácio	22/set	63	Ligação	Não Informado	Demonstrou gratidão por minhas felicitções
Raimundo	15/jan	53	Ligação	Estada em Casa Sozinho, com Ligações e Presentes das Irmãs	Bradou Grandes Afetos Às Minhas Felicitações

Fonte: Acervo de Documentação da Pesquisa do Autor.

A imagem acima explicita o primeiro quadro interativo, trata-se do arquivo “CALENDÁRIO DE ANIVERSÁRIOS.xlsx”, levantamento dos natalícios das personagens investigadas. Este funcionou na forma de uma sedimentação de informações no entorno do evento anual da completude do ciclo de mais um ano de vida delas/deles, mantendo o pesquisador alerta destas datas tão afetivas, podendo então contatar cada uma/um lhes felicitando e demonstrando atenção fraterna, e ainda saber sobre seus cruciais dados pessoais e suas relações com a data alusiva a suas próprias vidas. Um controle deveras necessário, tendo em vista que fortaleceu a conexão delas/deles com o pesquisador, enfatizando um caráter de camaradagem e intimidade, além de ter lançado luz em naturais operações de sensibilidades afetivas, e nos trazendo conhecimento de assuntos do presente deste grupo, como combustíveis essenciais aos nossos diálogos.

Como visto na imagem, os campos do calendário com as colocações solicitadas dizem respeito: ao nome da/do colaboradora(o) na primeira coluna; na segunda as datas dos aniversários, conseguidas em meio ao caminhar do estudo, surgindo nas falas da(o) respectiva(o) indivíduo(o), ou a partir de indagação direta às/aos suas/seus irmãos(os); na terceira coluna a idade completada, sabida da mesma maneira; na quarta, a forma em que o pesquisador realizou cada contato, compreendendo o bojo do ali percebido; na quinta, a forma com que a data foi celebrada, ou se não foi, entendendo a relevância do rito da vida para elas/eles; e na sexta, observações a respeito da reação para com o contato do pesquisador, e demais questões relevantes de cada contato, o preenchimento dessa e das duas colunas anteriores foi feito partindo da percepção elaborada do contato realizado, efetivando-o imediatamente ao fim deste último. Após isto, o consultamos regularmente para não

perdermos o *time* dos marcos etários, e aproveitarmos as informações que contribuíssem com o planejamento das atividades, ou com a presente análise de seus resultados.

Na imagem abaixo, podemos observar o segundo dispositivo de sistematização das informações do grupo pesquisado, que mapeou a ocorrência e o funcionamento das renovações. Estas são rituais cristãos marcantes do catolicismo popular onde, em suas respectivas residências, as/os fiéis promovem uma noite de orações e celebrações em homenagem ao signo da divindade ao qual elas consagram sua moradia. O quadro interativo que captou a caracterização desses ritos está presente no arquivo “CRONÔNIMO DE RENOVAÇÕES.xlsx” que demonstra o preenchimento dos espaços referentes às três irmãs Elias Nonato que ainda atualmente realizam anualmente esse rito.

Tem os mesmos moldes que o calendário de aniversários, mas aqui este evento que arregimentamos conhecimento tem necessariamente sentido celebrativo, não apenas como um marco temporal em nível pessoal. Além disso a ferramenta nos manteve alerta para a presença nestas ocasiões, também demonstrando atenção na relação, mas buscando saber a respeito do funcionamento desta prática, e da relação das/dos colaboradores com ela e a devoção ao divino ali envolvida como parte de seus elementos identitários. Algo preciso pois: fortaleceu nossas conexões de camaradagem e intimidade; nos permitiu a pragmatização do formato de estudo em história oral que idealizamos, e que serviu enquanto uma incursão analítica total elaborando em cima da observação silenciosa do ambiente da(o) entrevistada(o) e das anotações consequentes, em uma espécie de etnografia; e ainda porquê corroborou para que acessássemos o saber dos exercícios da religião por parte delas/deles, sua composição prática e sua significância.

Estas informações estão atribuídas às lacunas provocativas perceptíveis na imagem a seguir, e foram conseguidas da mesma forma que os dados dos ciclos etários, ressaltando que os apontamentos dos elementos do evento estão aí destrinchados em um remanejo das anotações do caderno de campo, manuscrito durante as atividades e escrutinado subsequentemente. Na primeira coluna atribuímos novamente o nome das/dos integrantes do grupo, na segunda a data de ocorrência, algo fixo e anual, na terceira qual a divindade devotada, nos elucidando o significado sacro da escolha. Na quarta e quinta colunas temos uma descrição funcional dos elementos da ocasião, tanto materiais, quanto ritualísticos, e de outras comemorações, já que por vezes o evento congrega outras celebrações como o próprio natalício. Na última coluna realizamos observações estruturais e peculiares daquela efeméride e do ambiente circundante. Sua utilização foi a mesma do calendário de aniversários.

Figura 25 – Print Screen do Arquivo Cronônimo de Renovações

CRONÔNIMO DE RENOVAÇÕES DAS ENTREVISTADAS E DOS ENTREVISTADOS					
Entrevistado(a)	Data	Divindade Devotada	Presenças	Descrição Ritual e Outras Comemorações Mescladas	Observações
Amélia	18 ago	Sagrado Coração de Jesus	Vizinhos, amigos, marido, filhas, a rezadeira, sem nenhum irmão ou irmã, nesta não foi	Presença ainda ausente a participar do ritual, para não apresentar apenas considerações genéricas	Somente o fato de não existir o convite para as irmãs e os irmãos, além de eu mesmo não ter sido convidado, já é um questionamento a ser percebido.
Francisca	29 jun	Sagrado Coração de Jesus	Vizinhos, amigos, filhos com suas famílias, a rezadeira, Inácio, Ducarmo e Cicera da irmã e irmãos com suas	A renovação foi realizada em conjunto com mais um aniversário de casamento com seu cônjuge. Havia uma recepção inicial com diálogo e recepção de presentes, um segundo momento com os clérigos e orações entoadas diante da imagem da santidade, além da	Interessante que os convidados ficam dispostos na calçada e na sala de estar, já os componentes da família se requeijam na cozinha. O momento cerne do rito religioso exige silêncio e é desenvolvido na sala de estar, as mulheres e o marido seguem com brados fortes os chamados da rezadeira, os demais
Ducarmo	01 jun	Sagrado Coração de Jesus	Vizinhos, amigos, a rezadeira, Cicera com sua respectiva família, além de Inácio da irmã e irmãos e eu	A renovação foi realizada em conjunto com o aniversário de Lohaimy, filha da entrevistada Cicera. Havia uma recepção inicial com diálogo, um segundo momento com os clérigos e orações entoadas diante da imagem da santidade, além da comemoração	Interessante que os convidados ficam dispostos na área de serviço, na sala de estar e no quintal, já os componentes da família se requeijam na cozinha. O momento cerne do rito religioso recebe a atenção de todos e é desenvolvido na sala de estar, o público majoritariamente feminino e os homens presentes
Cicera	24 nov	Sagrado Coração de Jesus	Vizinhos, amigos, a rezadeira, Ducarmo com sua respectiva família, além de Inácio, Maria e Ramundo de	A renovação foi realizada em conjunto com o aniversário da entrevistada. Havia uma recepção inicial com diálogo e recepção de presentes, um segundo momento com os clérigos e orações entoadas diante da imagem da santidade, além da comemoração	Interessante que os convidados ficam dispostos na calçada, na garagem e na sala de estar, já os componentes da família se requeijam no quintal ou na cozinha. O momento cerne do rito religioso exige silêncio e é desenvolvido na sala de estar, as mulheres seguem com brados fortes os chamados da

Fonte: Acervo de Documentação da Pesquisa do Autor.

O próximo dispositivo da sistematização das informações da prole da família Elias Nonato é a listagem de suas filhas/filhos, a segunda geração desta dinastia dos comuns. A formulamos em mais um quadro interativo, que sequencia dados dos herdeiros de nosso grupo parceiro no arquivo “LISTA DE DESCENDENTES.xlsx”, exposto logo em seguida integralmente. Elaboramos esta ferramenta como um conjunto de anotações cristalizantes dos saberes a respeito da grande variedade das crias de nossas(os) colaboradores, conhecimentos básicos de causa sobre estes numerosos elementos humanos, de alta relevância para nossos parceiros, que por vezes interferiram em nossas atividades, e que constantemente integraram os assuntos de nossas conversas, tendo o pesquisador que estar preparado com estes dados.

Durante as tarefas e o próprio processo do estudo, demonstramos entrosamento em nossa relação com as personagens e seus meios, ampliando nosso inserimento analítico, trazido por esse preparo em detrimento dos eventuais constrangimentos nos diálogos e/ou nas visitas de campo. Com esta base desenvolvemos também aberturas com suas filhas/filhos para possibilidades de pesquisas futuras, arregimentamos conteúdo que fomentou nossos diálogos com as(os) entrevistadas(os), inventariamos exequíveis gatilhos de comentários e sentimentos, e aprofundamos o entendimento da organicidade das sensibilidades afetivas do grupo.

Conseguimos estes dados no mesmo sentido processual que os dois primeiros dispositivos, com a concomitante alocação destes no arquivo. Utilizamos também a mesma lógica destes outros quadros interativos para a utilização deste agora assuntado. Em seus espaços informativos dispomos: os nomes das/dos colaboradores na primeira coluna; a quantidade de descendentes na segunda; subdivisões na terceira para o nome de cada uma/um; na quarta e na quinta hiatos correspondentemente individuais para seus respectivos municípios de moradia e faixa etária; na sexta coluna titulações sobre a relação entre a/o parceira(o) de estudo e cada prole sua, quanto a frequência de contato e caráter da conexão; e na última coluna temos observações acerca das especificidades destes descendentes.

Figura 26 – Print Screen do Arquivo Lista de Descendentes

LISTA DE DESCENDENTES DAS ENTREVISTADAS E DOS ENTREVISTADOS						
Entrevistado(a)	Quantidade	Nomes	Local de Moradia	Etapidade	Relação com a Prole	Observações
Geralda	Cinco	Adeleide	Assaré	Adulta	De contato constante e enorme bem querer afetivo, além de cuidado mútuo	Nenhuma questão incidente nas entrevistas com Geralda
		Adelaide	Assaré	Adulta	De contato constante e enorme bem querer afetivo, além de cuidado mútuo	
		Adelaine	Assaré	Adulta	De contato constante e enorme bem querer afetivo, além de cuidado mútuo	
		Adelaide	Crato	Adulta	Contato telefônico e esporadicamente presencial, enorme bem querer afetivo	
		Amilton	Crato	Adulto	Umente conflituosa, sem tanto contato como as irmãs, cuidado por parte d	
Francisca	Cinco	Severino	Altaneira	Adulto	De contato constante e enorme bem querer afetivo, além de cuidado mútuo	Nenhuma questão incidente nas entrevistas com Francisca
		Everardo	Altaneira	Adulto	De contato constante e enorme bem querer afetivo, além de cuidado mútuo	
		Erisvânia	São Paulo	Adulta	A vida inteira de mesmo contato que os irmãos, mas desde adolescência distanciamento físico e afetivo, com esporádicos contatos telefônicos e até discussões	
Antônia	Oito	Israel	Altaneira	Adulto	De contato constante e enorme bem querer afetivo, além de cuidado mútuo	Nenhuma questão incidente nas entrevistas com Antônia
		Jorginho	São Paulo	Adulto	Convivência até início da adolescência com relação afetiva, depois	
		Kamila	Nova Olinda	Adulta	Extremamente conflituosa, mas esporádica. Há picos de boa comunicação. Desafetos no geral	
		Valdegracia	São Paulo	Adulta	Convivência até início da adolescência com relação afetiva, depois distanciamento físico remediado pelo constante contato telefônico e esporádico contato físico, manutenção da relação afetiva	
		Edna	Nova Olinda	Adulta	De contato constante e enorme bem querer afetivo, além de cuidado mútuo	
		Lucineide	São Paulo	Adulta	Convivência até início da adolescência com relação afetiva, depois distanciamento físico remediado pelo constante contato telefônico e esporádico contato físico, manutenção da relação afetiva	
		Valdilene	São Paulo	Adulta	Convivência até início da adolescência com relação afetiva, depois distanciamento físico remediado pelo constante contato telefônico e esporádico contato físico, manutenção da relação afetiva	
		Ernandes	São Paulo	Adulto	Convivência até início da adolescência com relação afetiva, depois distanciamento físico remediado pelo constante contato telefônico e esporádico contato físico, manutenção da relação afetiva	
		Fernanda	Nova Olinda	Adulta	De contato constante e enorme bem querer afetivo, além de cuidado mútuo	
Amélia	Dois	Ana Isabella	Crato	Adulta	De contato constante e enorme bem querer afetivo, além de cuidado mútuo	Nenhuma questão incidente nas entrevistas com Amélia
		Ana Rafaela	Crato	Adulta	De contato constante e enorme bem querer afetivo, além de cuidado mútuo	
Maria	Quatro	Isabel	Juazeiro do Norte	Adulta	Contato relativamente recente, esporádico e digital. Bem querer no geral	Nenhuma questão incidente nas entrevistas com Maria
		Márcio	Juazeiro do Norte	Adulto	Contato relativamente recente, esporádico e digital. Bem querer no geral	
		Milena	Crato	Adulta	Convivência de toda a vida, contato constante e enorme bem querer afetivo, além de cuidado mútuo	
Ducarmo	Um	Marcelo	Crato	Adulto	Convivência de toda a vida, contato constante e enorme bem querer afetivo, além de cuidado mútuo	Seu filho é o autor desta pesquisa
		Noélio	Fortaleza	Adulto	Convivência de toda a vida, contato constante e enorme bem querer afetivo, além de cuidado mútuo	
Cicera	Três	Isabel Lohainny	Potengi	Adulta	Convivência de toda a vida, contato constante e enorme bem querer	Quanto à Lohainny, filha mais velha, que mais entreviu nas entrevistas. Sua relação com a mãe é a mais próxima dentre a prole, há uma cumplicidade deveras considerável, e em certo
		Evellyn	Potengi	Adolescente	Convivência atual, relação relativamente conflituosa, mas de enorme bem querer afetivo	
		Leonardo Kevin	Potengi	Criança	Convivência atual de enorme bem querer afetivo	
Inácio	Dez	George	Juazeiro do Norte	Adolescente	Convivência de toda a vida, ruptura drástica, mas recente retomada	Nenhuma questão incidente nas entrevistas com Inácio
		Jorge	Vitória - BA	Adulto	Criação conjunta, afastamento físico desde adolescência, mas contato telefônico e esporadicamente físico, com relação de afeto, recentemente retorno do convívio cotidiano	
		Nonato	Vitória - BA	Adulto	Criação conjunta, afastamento físico desde adolescência, mas contato telefônico e esporadicamente físico, com relação de afeto, recentemente retorno do convívio cotidiano	
		Cicera	Vitória - BA	Adulta	Criação conjunta, afastamento físico desde adolescência, mas contato telefônico e esporadicamente físico, com relação de afeto, recentemente retorno do convívio cotidiano	
		Sineide	Vitória - BA	Adulta	Criação conjunta, afastamento físico desde adolescência, mas contato telefônico e esporadicamente físico, com relação de afeto, recentemente retorno do convívio cotidiano	
		Shirley	Vitória - BA	Adulta	Criação conjunta, afastamento físico desde adolescência, mas contato telefônico e esporadicamente físico, com relação de afeto, recentemente retorno do convívio cotidiano	
		Sheyla	Vitória - BA	Adulta	Criação conjunta, afastamento físico desde adolescência, mas contato telefônico e esporadicamente físico, com relação de afeto, recentemente retorno do convívio cotidiano	
		Cosme	Potengi	Adolescente	Contato extremamente esporádico, manutenção do respeito e contribuição financeira, mas sem muito afeto, a criação não tem a	
		Damiana	Potengi	Adolescente	Contato extremamente esporádico, manutenção do respeito e contribuição financeira, mas sem muito afeto, a criação não tem a	
		Higor	Potengi	Adolescente	Contato extremamente esporádico, manutenção do respeito e contribuição financeira, mas sem muito afeto, a criação não tem a	
Raimundo	Quatro	Kannidia	Potengi	Adulto	Convivência de toda a vida, contatos agora esporádicos e relações relativamente conflituosas dependendo do período	Nenhuma questão incidente nas entrevistas com Raimundo
		Junior	Potengi	Adulto	Convivência de toda a vida, contatos agora esporádicos e relações relativamente conflituosas dependendo do período	
		Raianne	Potengi	Adulta	Convivência de toda a vida, contatos agora esporádicos e relações relativamente conflituosas dependendo do período	
		Raniel	Potengi	Adulto	Convivência de toda a vida, contatos agora esporádicos e relações relativamente conflituosas dependendo do período	

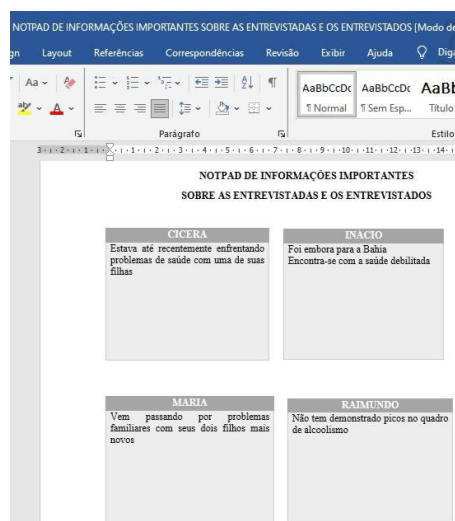
Fonte: Acervo de Documentação da Pesquisa do Autor.

Outro dispositivo da sistematização das informações pertinentes a esta pesquisa está figurado no registro de variados apontamentos, inclusive situacionais, sobre o grupo Elias Nonato e suas individualidades. Falamos das caixas de texto que foram reservadas a anotações das peculiaridades de cada uma/um das/dos colaboradores, no arquivo “NOTPAD DE INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE AS ENTREVISTADAS E OS ENTREVISTADOS.docx” demonstrado logo abaixo. Seu intuito era abrir um espaço livre de notas, constantemente fomentado ao longo da pesquisa com pontuações julgadas necessárias

pelo pesquisador em vistas às situações, condições e/ou práticas que as/os componentes do grupo enfrentaram ou empreenderam, assim como em cima de características estruturais destes seres e de sua rotina, de suas subjetividades e do seu meio socioespacial.

Esforço imprescindível para a técnica desenvolvida e a compreensão que aqui estamos elaborando, tendo em vista que nos ajudou em uma eficiente logística dos exercícios de campo, nos dando visão contextualizada dos conteúdos destas incursões, e permitindo uma perspectiva aglutinada das pessoalidades investigadas e de suas questões ao longo do processo epistêmico. O preenchimento com o acesso e alocação de dados no mesmo sentido que o dispositivo anterior, assim como sua validade funcional. Os registros foram feitos em formato tópico interno às caixas de texto da respectiva personagem, sendo corrigidas ou ampliadas com o passar do tempo.

Figura 27 – Print Screen do Arquivo NotPad de Informações Importantes das Entrevistadas



Fonte: Acervo de Documentação da Pesquisa do Autor.

No último dispositivo de sistematização das informações abarcadas nesta prática de pesquisa em história oral, um prontuário da constante conexão mantida entre pesquisador e integrantes do grupo pesquisado. Visualizado, logo após esta explicativa, no arquivo “ORGANOGRAMA DE CONTATOS.xlsx” novamente em formato de quadro interativo, esse mapa das práticas de comunicação exercidas foi criado objetivando organizar e registrar as variadas iniciativas de pragmatização da contínua interrelação pesquisador-grupo, para mais que as tarefas específicas de construção dialógica, lembrando e relatando suas formas e conteúdos de ocorrência. Algo importante pois manteve o pesquisador ciente das contatações necessárias e praticadas, e da proximidade com o grupo, além de situar as textualizações das

atividades no todo da conexão, fortalecer esta e nos conectar com assuntos presentes do grupo, fomentando os diálogos promovidos e expondo constatações rotineiras do ser.

Esta ferramenta encerra a exposição do *corpus* documental da pesquisa. Ainda a tempo, com relação ao preenchimento deste quadro em questão, o fizemos em sentido prévio e relatorial no mesmo formato que os dois últimos dispositivos, com atenção voltada para aquelas comunicações realizadas em caráter corriqueiro ou por ocorrências eventuais, partidas do pesquisador e/ou do grupo, e em alusão a datas anuais gerais. Para mais que estes contatos pontuais, realizamos durante toda a pesquisa o encaminhamento semanal de saudações para todas(os) do grupo pelo aplicativo *Whatsapp Messenger*.

Na maneira vista na imagem abaixo, amostral pelo volume do arquivo, observamos os campos do quadro tendo postos: o nome das personagens na primeira coluna; a data de cada contato na segunda; na terceira a identificação de qual das partes adveio o contato, nos dizendo sobre esta conexão e a geral; na quarta e na quinta apontamentos sobre a conversa mantida, entendendo sua natureza, forma e contando os assuntos desenvolvidos; na sexta justificativa da contribuição do contato para o estudo; e na sétima observações a respeito das sensibilidades da entrevistada(o) para com o contato. O funcional deste arrematamento de informações ocorreu no mesmo sentido que o calendário de aniversários.

Figura 28 – Print Screen do Arquivo Organograma de Contatos

ORGANOGRAMA DE CONTATOS COM AS ENTREVISTADAS E OS ENTREVISTADOS						
1	2	3	4	5	6	7
Entrevistada(o)	Data do Contato	Origem	Motivo	Descrição	Significância	Observações
Gerálida	29/jun	Mútua	Encontro na renovação de Franciaca	Cheguei na casa de Franciaca e ela já estava lá, no cumprimentamos com fortes afetos e comentamos das saudades e alegrias de nos vermos, tiramos fotos e conversamos sobre o bem estar mútuo em nossas respectivas vivências. Ela reafirmou o compromisso com este trabalho e sua disponibilidade, cobrou uma visita e me apresentou às pessoas que ali chegavam com alegria.	Uma atividade de HO, onde fiz uma observação etnográfica, mas ao mesmo tempo demonstrando respeito e afeto por participar de um momento tão importante para aquela família, e ainda um momento de reencontro para diálogo cotidiano.	A partir do momento que as irmãs vêm os parentes, começam a ter vários comentários sobre elas, que ajudam a mapear suas subjetividades.
	29/jun	Minha	Sua Renovação	Cheguei em sua casa e fui recebida com fortes afetos, fui parte das celebrações: sua renovação de fé, de votos de casamento, e aniversário desta, depois participei do Buffet e fui embora sob suas bênçãos. Balato completo no diário de bordo.	A presença neste momento celebrativo e demonstração de atenção e respeito. O momento com sua significação era algo muito sensível.	Há muito o que ser discutido, desde o rito em si até as formas de sociabilidades.
Amélia	28/set	Minha	Alusão ao seu aniversário	Liguei pelo Whatsapp, ela não atendeu, mas mandei mensagem desejando-lhe boas coisas e lhe prometendo uma visita, ela utilizou da mesma ferramenta para agradecer e desejar recíprocas aos afetos e felicitações.	Uma atividade de HO, não rotineira e que demonstra vínculo com o pesquisador, assim como percepções do entrevistado sobre a data.	Esta forma de contato é muito querida por ela, e aparentemente por todo o grupo, ela demonstrou-se surpresa, e corrigiu-me pela falta do boa noite.
	03/nov	Dela	Interação com Conteúdos Digitais Meus e Compartilhamento de Opiniões Para Assuntos Corriqueiros	Encaminhei mensagem respondendo publicações de conteúdos digitais que havia feito em meu perfil do Whatsapp na ferramenta "status". Tratavam-se de vídeos em comemoração à eleição de Luiz Inácio Lula da Silva como novo presidente da república. Retruquei suas mensagens alimentando o diálogo sobre.	Uma atividade íntima e não rotineira que demonstra vínculo com o pesquisador, assim como abertura suficiente da entrevistada para expor suas opiniões e ideias políticas em épocas de bipolarização e barbárie no nosso país.	Neste contato percebi o claro compartilhamento do sentimento de alegria, e a busca do saber sobre as práticas que o servem. Este contato é um ótimo sinal pois demonstra uma relação de mãos duplas.

Fonte: Acervo de Documentação da Pesquisa do Autor.

3.2 Planejamento Metodológico Um Tanto Filosófico: *Branding* de Operação Oral Para Uma Re-Produção Subjetiva do Passado

Uma história oral, que assim se preparasse para atuar, e para ter tamanho acompanhamento subjetivo como teve, precisava de parâmetros, horizontes e aportes com a maior definição possível. À época do trabalho de pesquisa em campo percebemos que se fazia necessária uma atuação delimitada enquanto forte, ambiciosa e estruturada, que orientasse o

trabalho, nos direcionando para a profundidade das informações construídas. É a formulação desta “cartilha” orientadora de nossa prática investigativa que explicitamos agora.

Antes de tratarmos de nossos aportes, essencialmente teóricos já que destrinchamos os práticos no início do presente capítulo, trazemos agora uma discussão sobre os citados parâmetros e horizontes de nossa prática de pesquisa em história oral que são, em suma, os objetivos que nortearam nosso estudo metodológico. Os entendemos enquanto balizas, que nos lembraram ao longo do processo de pesquisa quais os pontos de chegada de compreensão e conhecimento que agora apresentamos em texto, bem como quais as maneiras do trilhar do estudo estabelecidas no início desta produção acadêmica, então tais objetivos foram também limites que nós estabelecemos.

Tratando a respeito dos méritos e desafios da metodologia, Jucá (2011) denomina estas imposições de horizontes em tal maneira de construção do saber, também histórico, como determinações advindas do “olhar subjetivo de cada pesquisador”. Embora entendamos que o autor alertava para riscos de empobrecimento da abordagem, mediante envaidecimento do autor por escolhas epistêmicas que lhes sejam mais íntimas, compreendemos que tal perspectiva foi realizadora dos recortes objetivos da pesquisa.

De maneira mesma temos entendimento que falarmos em objetivos para a investigação metodológica em história oral, corresponde aos norteamentos seguidos em cada atuação prática e teórica de edificação e análise das oralidades. Considerando que, no caso das incursões de campo, em referência às atuações práticas, o fizemos em total dueto com nossas(os) entrevistadas(os), logo, seus interesses dialógicos também foram levados em conta na elaboração de nossos objetivos. Não retirando o foco central destinado a cada atividade, mas correspondendo ou mesmo propondo em certos momentos assuntos corriqueiros, como os comentários acerca da “vida alheia”, algo incitante para elas/eles, permitiu um entusiasmo pelas conversações de fato bilateral. Assim, então, agora delineamos as intenções geral e específicas que nortearam este processo metodológico e suas atividades.

Os nortes que objetivamos para a produção tiveram sempre um sentido mais direto de configuração da prática de pesquisa em história oral, mas também em incessante conexão contributiva com as discussões historiográficas que aqui expomos sobre as biografias e subjetividades das Elias Nonato. Nossas ambições epistêmicas foram pensadas com base nos alertas técnicos, e concomitantemente na postura sensível e de percepção totalizante, orientando desde o formato das produções documentais, até a interconexão com o grupo de colaboradores e o entendimento de suas subjetividades, e explanando desde o cerne dos

propósitos, até suas importâncias e impactos, recortes estabelecidos *a priori* e que foram adaptados às especificidades do estudo, percebidas em meio ao caminho.

Como tarefa geral estabelecemos o ímpeto em desenvolver um estudo em história oral que, em conjunto com a irmandade das/dos Elias Nonato, promovesse profunda e transcendente produção e análise de material gráfico correspondente a observação conjuntural e a audição das oralidades deste grupo. Fornecendo material historiográfico subsidiador das discussões a respeito das histórias e das subjetividades de cada componente deste grupo, que é o que trazemos nesta dissertação. Sendo realizada a partir dos princípios de rigor técnico e inovação transdisciplinar na postura metodológica, e de percepção estritamente sensível e totalizante na visualização das diferentes formas de manifestação das/dos colaboradores.

Assim caracterizado, visamos que este robusto empreendimento teórico-metodológico figurasse enquanto um dissonante da massa de trabalhos acadêmicos com oralidades, apresentando-se na forma de uma alternativa viável aos acanhos e recusas em relação ao subjetivismo, consequentes da presença do cientificismo, e às comodidades dos estudos que arregimentam para sua prática uma perspectiva fechada em seu próprio nicho, uma atuação predominantemente intuitiva e pouco técnica, e uma atenção superficialmente voltada apenas para as verbalidades e os fatos nestas. Nos propomos então a uma pluralização e potencialização das epistemes que orientam tal metodologia, entendendo que ela edifica colaborativamente tanto nosso material de discussão, quanto a disponibilização de uma experiência orgânica de reflexão das nossas hipóteses, tornando esta investigação um sopro de proposições renovadas sobre o tema.

Nos encargos mais específicos dos esforços de diligências de campo e laboração documental que desempenhamos, tecemos a disposição em promover uma atmosfera de intimidade e afeto entre pesquisador e pessoalidades do grupo estudado, superando as fronteiras de cada atividade prática e se estendendo por todo o processo investigativo. Em outras palavras, agimos com uma abordagem subjetivista no planejamento e efetivação das incursões e na análise dos resultados, buscando sempre exortações naturais e quase espontâneas do viver e do sentir, e uma real mutualidade no ímpeto de desenvolvimento dos diálogos. Uma atuação com as subjetividades e interna a elas, nos possibilitando agora formulações maximamente verossímeis, atingindo acentuado nível intrínseco.

Esperamos que esta operação que desenvolvemos com tal abordagem⁵³ possa servir de vitrine, aos olhos que lhe julgarem merecedora do seu olhar, da viabilidade e

⁵³ Não apenas agora comunicada, mas tendo sido sugerida, explanada e defendida por nós em diversas oficinas e minicursos metodológicos no bojo de encontros acadêmicos em meio aos últimos dois anos.

potencial da pesquisa no campo das humanidades e ciências sociais com a valência da subjetividade enquanto método. Com isto nossa produção cerra fileiras na busca de respaldo e credibilidade para esta formatação da análise acadêmica, contribuindo à atualização de nossos paradigmas metodológicos. O subjetivismo, desde o início do presente estudo, é um norte imprescindível nosso, visto que o temos como adequado instrumento às problematizações mnemônicas e identitárias que aqui trazemos, e está presente na escrita sensível que nos dispomos já em nossa introdução. Acreditamos que isto transformou a relação consanguínea entre o pesquisador e o grupo pesquisado, do que seria um possível constrangimento acadêmico para um recurso epistêmico, conseguindo mais e melhores resultados na investigação e apresentando outras perspectivas nesta área de estudo.

A próxima incumbência que delimitamos ao nosso trabalho metodológico com inerências humanas versa sobre a constituição da prática levada a cabo, em seus níveis laboratoriais e de campo, tendo sido essencialmente organizada quanto às atividades e produções desempenhadas, honrando os rigores da técnica e da ética na pragmatização dos contatos pesquisador-grupo e na lida com o conteúdo destes. Não em um sentido de engessamento do exercício de pesquisa, pelo contrário, garantindo a observação de sua etiqueta básica e o funcionamento transcendente e sem gafes que tanto visamos. Uma construção de fontes históricas que não se arriscou a elaborar conteúdos advindos de precipitações, ou incompletos por esquecimentos, mas que facilitou manejo e referência destes conteúdos.

Estes cuidados encaminharam nossa produção a aderência da consideração de uma operatividade digital das obras acadêmicas de nosso campo, e ao compartilhamento das preocupações epistêmicas e técnicas que veem sendo levantadas por nossos pares. Representaram também um contra-ataque aos rechaços desqualificantes da história oral pela alegação de escassez de cientificidade, além de apresentarem parâmetros de necessária circunspecção à utilização da metodologia. Acreditamos que isto corroborou no sentido de manutenção da seriedade e sofisticação de nossa pesquisa, trazendo robustez e qualidade de conteúdo, facilitando a análise dos pares e incitando a eficiência das análises de conteúdo.

Em mais um dos nortes que tomamos enquanto responsabilidade do processo investigativo, estipulamos o desenvolvimento de um *branding* das estratégias e moldes que configuraram nossa atuação junto ao grupo pesquisado, e a construção das informações sobre este último, e que será explanado logo a seguir desta exposição dos objetivos. Nele nos valemos de recursos técnicos e perspectivas de campos do conhecimento próximos ao nosso: a pedagogia, em suas expertises de incitação à participação; a etnografia, em sua ótica

imersiva no grupo e em seu meio; e a psicologia, em seus entendimentos comportamentais e emocionais. Aparelhamos estas proposições teóricas em interdisciplinaridade, utilizando como ferramentas aquilo que delas contribuiu com as indicações básicas de lidar com a história oral, em um arregimentar de forças transcendentais que pragmatizou nossas preocupações por uma sensível história das mentalidades.

Recorremos aos nossos campos correlatos tendo em vista ser vital o reforço que esta valência nos disponibiliza do caráter transdisciplinar da história oral, não uma patente da historiografia, mas um recurso basicado e utilizado pelos diversos estudos com o que seja organicamente humano, demonstrando assim capacidades outras em sua percepção. Isto corrobora também com a quebra da noção de “uso das sensibilidades alheias” que esta metodologia é acusada, e que por vezes nela incorre, rumo a uma dinâmica de acolhimento, estímulo ao desabrochar e compreensão *in loco* das sensibilidades. Neste sentido vem nos permitindo debater as íntimas relações entre os âmbitos material e subjetivo de maneira mais conectada com as formas que estas últimas são, de fato, laboradas nas vidas das Elias Nonato, produzindo informações em multiperspectivas das subjetividades e marcadores de sua organicidade ressaltando seus vetores, e fomentando uma discussão totalizante sobre elas.

O outro dever ao qual nos disponibilizamos no esforço prático junto às fontes orais nos direcionou à produção da profunda manifestação das subjetividades das/dos entrevistadas(os). Buscamos oportunizar-nos da robusta e qualificada elucidação de suas histórias e sensibilidades, nos permitindo formidável episteme a respeito da coalizão de estruturas históricas ordenadoras dos seus espaço-tempos vividos e de suas pessoalidades. Incitamos a emergência, pela presença e o diálogo em conjunto com cada entrevistada(o), repostas a reflexões totais que pusemos sobre os principais pilares formadores destas subjetividades, gerando uma autônoma emancipação delas e incitando reconhecimento social.

Nos esmeramos desta forma, neste último objetivo, tendo em vista que tamanho trabalho elaborador do que nossas(os) colaboradores tinham a nos contar, tem chances de estar contribuindo com o sério estudo das subjetividades, entendendo-as na forma de complexos, mas inteligíveis, elementos humanos e, justamente por isto, visto em sua complexidade de formação e gerência da vida. Outrossim, buscamos fazer dessa produção uma terceira via entre aquelas focadas em reaver relatos da ocorrência de fatos e processos, e outras que miram apenas comentários do sentir-se, nos debruçamos na consonância de fulcros relato-comentário. Nisto arregimentamos base de argumentação à nossa hipótese dos vetores das subjetividades, vistos em suas especificidades e elucidando por quais meios episódicos e conjunturais eles atuaram nas vidas estudadas e quais seus respaldos (in)conscientes.

Agora sobre os aportes teóricos de orientação de nosso trabalho de pesquisa que anunciamos no início deste tópico, conformando justamente a prontificação do segundo objetivo desta prática de pesquisa explicitado logo acima, temos a explanação das propriedades distintivas que caracterizaram este estudo em história oral e orientaram nossa ação em cada uma das atividades apontadas. No intento de estar em movimento otimizador, assim como nossa sociedade está constantemente em complexificação, e mais recentemente em voltar-se para o campo do subjetivo, nos engajamos em adaptar nossa atuação epistemológica para que estivéssemos à altura das intrincadas pessoalidades que estamos inteligibilizando, e das possibilidades de intervenção afirmativa na sociedade e na historiografia que aqui trazemos com nossas fontes e reflexões.

Na formalização de métodos transcendentais disponíveis ao trabalho com história oral, pensados a partir do recurso à transdisciplinaridade de campos do conhecimento afins da ciência histórica, que podemos acompanhar neste momento, tentamos contribuir com nosso campo de estudos e com o impacto causado pelos diálogos rememoradores deste caso. Observando o potencial de aproximação desta metodologia com os redutos da intimidade subjetiva, e a necessidade de ter as obras com ela constituídas em um compromisso técnico sobre seus artifícios, elaboramos e exploramos multifacetadas operativas.

Trata-se de uma customização de recursos teórico-metodológicos interdisciplinares, onde pinçamos aqueles modos e raciocínios que pudessem impulsionar a relação pesquisador-grupo, a qualidade dos exercícios e a profundidade do material produzido e de sua análise. Definimos assim o nosso *branding* configurador dos esforços investigativos realizados, elaborando um outro “saber-fazer” em história oral, na mescla da historiografia com sabedorias psicológicas, etnográficas, educacionais e linguísticas, arregimentando os seguintes aspectos de atuação em implemento da nossa postura, técnicas e passos.

A primeira face desse labor próprio com as oralidades diz a respeito da desenvoltura do pesquisador na iniciativa e no fomento retroativo do diálogo com as outras partes. Nesse ponto de nossa montagem metodológica propusemos que, além de professarmos falas e nos interrelacionarmos com consciência de um norte e um delineamento bem estipulados, demonstrando confiança e tendo cuidado com o respeito a personagem e seu espaço, era preciso superarmos também as recomendações de maleabilidade e demonstração de interesse pelos ditos das/dos colaboradores. Chegamos então à uma conversação afetuosa, descontraída e adaptada para cada entrevistada(o).

Um modo de portar-se na construção da conversação que mirava um tom de informalidade para a relação dialógica, com tamanha naturalização e envolvimento cômico

descontraído, que a/o participante da atividade recalcasse o sentido acadêmico e metódico da presença do pesquisador e a seriedade da motivação daquelas trocas verbais, assim como a presença do material de pesquisa e da utilização deste. Ousamos assim agir nesse constituído processo de construção de fontes tendo em mente uma maior efetivação da prática enquanto uma relação contínua, criando um ambiente confortável às/aos entrevistadas(os).

As indicações bibliográficas que nos levaram a isto são da ordem do conseguimento das lembranças e das informações que às compõem. Orientando-nos ao dever de atingirmos elementos da expressão que estejam o mais próximo possível da significância do vivido, o que, considerando obviamente a inserção do pesquisador em suas formulações, ocorre apenas em robustas respostas que se desenrolem com espontaneidade (ALBERTI, 2004, p. 51-52). Tais indicações também nos incentivaram à relação de camaradagem em meio as atividades, e nos alertaram que, em mente e corpo, vamos nos inserindo na alteridade de com quem trabalhamos adquirindo maior sensibilidade para com suas individualidades e criando meios para adaptação aos seus respectivos perfis (PORTELLI, 2016, p. 34-43).

Além disto, arregimentamos à esta formulação a habilidade social de interconexão extrovertida e sensibilizada do próprio pesquisador no seu dia-a-dia, que aprofundou e tornou leve as conversações. Desta somatória obtivemos nos contatos realizados pesquisador-grupo: incitação e correspondência à gestos e palavras carinhosas de maneira constante, inclusive internamente a cada atividade; descontração e riso como composições dos assuntos em que cabiam, gerando entrosamento automotivo do contar impetuoso por ali funcionar como espaço alegre; utilização de linguajar e postura específicas, diferentes para cada colaborador(a), em relação à suas personalidades e costumes em sociabilidades.

O segundo atributo que trouxemos a nossa lida com fontes orais versa sobre quais aspectos deveriam receber a atenção do pesquisador, especialmente durante a pragmatização das atividades junto ao grupo pesquisado. Logo, do preparo destas tarefas, com o delinear de roteiros por exemplo, passando pelo que observamos e registramos durante os exercícios, até o que compõem nossa documentação e estamos considerando nesta análise historiográfica, temos enquanto ferramentas: percepção comportamental/emocional dos arranjos psicológicos no instante do falar; imersão etnográfica do estudo de campo e seu relato total; e didática pedagógica dos temas geradores enquanto gatilhos de sensibilidades e relatos.

Acreditamos que as atividades de história oral, principalmente as entrevistas individuais, em sentido e configuração estão proximamente aparentadas com as sessões clínicas de consulta psicológica, ressalvados, claro, os objetivos de avaliação e tratamento do

paciente, que em nossa lida são parceiros. Tendo isto em vista, em muito nos animou a valência dos conhecimentos do campo da psicologia em prol da excelência de nossas tarefas.

Os terapeutas têm a sua disposição o emprego de instrumentos com formas sensíveis e acolhedoras, e que elucidam aquilo que temos de mais profundo em nossa psiquê. O primeiro destes instrumentos que cooptamos à nossa prática foi a anamnese, onde nos atentamos às verbalizações dos sujeitos, considerando o quê, quando e como a personagem fala, o ritmo, condições de estruturação do dito, uso das temporalidades, e a coerência entre a comunicação verbal e a não verbal. Assim, não apenas registramos relatos e considerações, mas também conseguimos situar estas manifestações em estruturas psicológicas particulares, que muito dizem da relação emocional de quem as profere com os assuntos elencados e, portanto, sobre sua personalidade e seus constituintes. Entendemos as rememorações na forma de inter-atuações do sujeito com os ambientes e demais pessoas que figuram seu sistema psíquico (ARAÚJO *et al*, 2013, p. 02-04).

O segundo instrumento psicológico foi a perspectiva behaviorista, onde o profissional da dualidade dialógica, em nosso caso o entrevistador, não apenas olha para a outra parte enquanto esta realiza suas falas, mas para mais que isso percebe o modo e a composição geral que envolve o falar daquela pessoa. Este princípio da atenção que se lança aos elementos componentes da conversação, trata principalmente do “não dito”, expressões e gestos corporais que, embora não verbais, nos falam a respeito dos assuntos que lhe engatilharam na sua relação com quem assim se comportou e optou por não verbalizar, mas trata também destes mesmos movimentos do corpo que acompanham, em ênfase e/ou completo, o falado. Conscientes ou inconscientes este comportamento humano manifesta aquilo que não se quer, ou não se pode, ser transmitido satisfatoriamente em palavras. Observar e decifrar essa linguagem do corpo, nos permitiu melhor compreender a estrutura das relações interpessoais e temáticas desenvolvidas por nossas(os) colaboradores em relação a cada assunto (WEIL e TOMPAKOW, 2017, p. 03-08).

Outra proximidade que visualizamos para as atividades de história oral, tanto nas incursões ao espaço das/dos colaboradores, quanto na manutenção do contato constante, foi com a prática dos estudos etnográficos. Superando seus objetivos descritivos e de apreensão da organicidade do grupo trabalhado, pudemos fazer uso de suas habilidades sensoriais de observação, interconexão e registro do percebido junto a este grupo, construindo constatações mais efetivamente conectadas com os sujeitos que estudamos e suas operações mnemônicas, e podendo discutir mais qualificadamente os problemas que levantamos.

Uma destas habilidades é o “deixar-se afetar pelas especificidades do grupo parceiro do empreendimento analítico”. Na pragmática de nossos exercícios foi uma conexão tal, direta, pessoal, profunda e efetiva, onde o pesquisador observou e participou das vivências mais comuns, e por vezes cotidianas, do grupo, considerando a totalidade estrutural da cena de sua vida, e contextualizando aqueles elementos que focamos e debatemos. Nesta consideração conseguimos apreender o sentido tido e estabelecido pela(o) indivíduo(o) em questão, e não imputar nossas próprias compreensões prévias, para isto nos imergimos nessa cena investigada levando afundo nossa observação e participação. Trazemos isto pois, a familiaridade que esta perspectiva teórica busca, já existia previamente na presente relação pesquisador-grupo, e ressaltamos que em muito contribuiu com essa produção epistêmica pela abertura que permitiu, ao tempo em que não dissolveu o caráter historiográfico por resguardar para a análise posterior do material um dispositivo metodológico (SIQUEIRA e FAVRET-SAADA, 2005, p. 156-160).

A outra habilidade desta formatação do estudo de campo figura no relato etnográfico da experiência do pesquisador junto ao grupo e suas/seus integrantes. Denominado como “coleta e manipulação de evidências”, valemo-nos deste esforço em pesquisa aprimorando nossas anotações no caderno de campo, e delineando as descrições das incursões que, como visto, sempre iniciam as textualizações, entendendo de modo mais total “o quê” e “como” seria observado e registrado no todo de cada incursão, firmando informações circundantes daqueles aspectos principais gravados agora discutidos. Nessa ótica o pesquisador é um caçador ativo que, alinhado com as teorias sobre os aspectos que foca e os problemas que levanta, desmistifica e racionaliza as configurações das/dos integrantes do grupo e de suas experiências, compreendendo-as em suas especificidades pondo-as em uma lógica nossa, a partir da percepção de suas regularidades naturalizadas e implícitas, dos componentes de sua anatomia cultural e constituição social, e de sua intimidade, visualizados e captados por todo o atuar incursivo do pesquisador com os espaços e elementos que interage (MALINOWSKI, 1978, p. 22-27).

Mais uma técnica de outra disciplina em que vimos proximidade com essa laboração de oralidades é a atividade educativa estimulante da participação dos discentes, a partir do conhecimento da situações concretas-existenciais destes, e da operacionalização didática das principais questões destas condições pessoais enquanto temas geradores de discussão e aprendizagem. Modificada a razão desta utilização, tendo em vista nossa posição de aprendizes perante nosso grupo estudado, enxergamos nesta ferramenta uma maneira da

outra parte ser instigada a participar do diálogo proposto ativamente, articulando cognitivamente aqueles conhecimentos que lhes são próprios.

Pensamos este mecanismo nesta interdisciplinaridade funcionando com a demonstração visual de palavras que significassem temas, processos ou ocorrências de grande carga significativa para as entrevistadas e suas vidas, para que pudessem tecer narrativas iniciais sobre o assunto, respondendo posteriormente a indagações e preenchendo pontos não tocados, ou pelo menos não aprofundados, isto sendo feito nas entrevistas temáticas⁵⁴. Para identificarmos estes temas geradores consideramos a experiência existencial da personagem, e refletimos criticamente sobre as relações indivíduo-mundo e entre indivíduos implícitas nas primeiras. Uma vez provocadas com estes assuntos tão pertinentes a sua própria história, as entrevistadas poriam como objeto de consciência atividades e interrelações desenvolvidas de forma automática em seu cotidiano e em suas biografias, disto teríamos o destrinchar dos condicionantes e das liberdades em suas ocorrências vitais, e a exortação de significações atribuídas a estas vivências e suas lógicas estruturantes (FREIRE, 1987).

Finalmente, o último viés transcendente e transdisciplinar que evocamos no trabalho com a palavra falada, se encontra na perspectiva da presente análise do material produzido após concretude da prática de pesquisa. Falamos aqui do debruçar-se sobre o conteúdo textualizado, o conjunto de informações descritas e transcritas advindas do ver e do ouvir ao longo das atividades incursivas, e da maneira que compreendemos esses textos naquilo que elucidam, tendo suas letras historicizadas nestas averiguações e debates assertivos que estamos propondo desde o início desta dissertação. Entendemos os ditos ali presentes em sua estrutura frasal e narrativa (BARTHES, 2011, p. 22-25), buscando estar sensíveis aos sentidos ali operados através de suas localizações no falar e no contexto da fala.

3.2.1 Passo a Passo Pensado na Criação Com Os Entrevistados

Enquanto mais arregimentamos forças, requinte e ambições para um trabalho como este, enquanto mais profundidade buscamos e elementos nos propomos a manusear, mais complexificado se torna nosso trabalho de pesquisa. Desde sua execução em campo, até à leitura crítica que fazemos das informações elaboradas. Por isto, para fazer tal plano sair do papel vimos como necessário uma *to do list* organizativa do cotidiano de pesquisa, colocando o processo em tarefas a serem desenvolvidas e acompanhadas sequencialmente, um passo a

⁵⁴ Que como vimos inicialmente acabaram não sendo realizadas.

passo que apresentamos agora, debatendo e explanando nossa postura prática de pesquisa em história oral, em suas bases e propriedades distintivas.

Edificamos aqui as orientações teóricas que arregimentamos na seleção das técnicas e customização de métodos interdisciplinares, também destrinchados, com os quais compusemos elementarmente esta investigação com oralidades. Guimarães Neto (2012, p. 17) aponta essas técnicas e métodos como formas do proceder em uma prática discursiva que movimenta a máquina produtiva da fabricação dos textos, o conjunto de unidades integrantes do que ela denomina enquanto operação oral, os diálogos examinadores que desempenhamos. Uma preparação lúcida e completa, que conduziu por todo o processo do estudo a formatação das atividades, em modo e conteúdo, a serem desenvolvidas, uma vez que o interesse primal deste empreendimento era nosso e, por lógica, o “o quê” e o “como” que lhe deram forma. Isto inclusive nos foi cobrado pelo grupo que, ainda mais por serem pessoas tão humildes, mesmo que tenhamos conseguido criar um âmbito de naturalidade e mútuo engajamento, ainda indagaram o que queríamos saber ou pretendíamos com esta conexão, as configurações dos passos e das condutas da pesquisa, antes de se esforçarem em contribuir.

Essa preparação que agora podemos explanar, adveio de: uma profícua revisão bibliográfica dos cânones da produção teórico-metodológica brasileira a respeito da história oral; minuciosa observação da aplicação desta produção e trato das fontes orais em trabalhos acadêmicos a nível de mestrado e doutorado; garimpagem de préstimos viáveis e relevantes dos campos afins – educação, psicologia e etnografia – aos nossos esforços neste estudo; consideração das problematizações que havíamos levantado inicialmente; e da atenção às especificidades das/dos constituintes do grupo investigado. Em sua disposição trazemos, no bojo da seleção de técnicas, as apreensões básicas da metodologia e de suas atividades, destrinchamos o passo a passo da pesquisa e explicitamos tais técnicas e posturas adotadas, assim como o âmago da customização de métodos interdisciplinares.

No trabalho das recordações em narrativas com o conjunto das(os) irmãs(os) Elias Nonato, e em atendimento a já citada preocupação de excelência, nos dispomos a solidificar um domínio qualificado do proceder no estudo a partir das literaturas de indicações e ressalvas básicas sobre este recurso teórico-metodológico. Sendo assim, estabelecemos sob quais perspectivas montamos e efetivamos o conjunto processual prático da história oral, o todo do trabalho com as oralidades de nosso grupo em meio ao que se encontraram cada específico procedimento, demonstrando apreensões básicas da metodologia e suas técnicas.

Abarcando todos os momentos anteriores e posteriores da atividade que capitalizou, sozinha, quase que toda a fama do trabalho com fontes historiográficas advindas

de agentes históricos vivos, a entrevista, o processo de produção da história oral é um debruçar-se sobre histórias pessoais ou pessoalizadas. Durante o diálogo elucidante do contar, mas não apenas nestes momentos incursivos, nossa atuação de pesquisa junto ao corpo de entrevistados necessitou desde a execução até agora na análise do material:

Desenvolver empatia e cumplicidade com cada uma das personagens envolvidas; ter intuição e sensibilidade para com o contado e seus aprofundamentos; agir com escuta, paciência, maleabilidade e respeito ao ritmo das outras partes, pois apenas assim nos relacionando nos aproximamos de resultados produtivos e sensíveis; conseguir dissimular ao máximo possível o caráter investigativo, evitando a intimidação e valorizando a fluidez das falas; fazer constante uso de um material de pesquisa que corrobore no documentar das informações buscadas (FREITAS, 2002, p. 91-96).

Agimos com este entendimento total do desenvolvimento desta metodologia, e destes cuidados em sua curadoria, pois exercemos o trabalho com fontes orais compreendendo sua viabilização por meio da história oral na forma de uma relação dialógica. Logo, promovemos a construção de narrativas testemunhais, e de considerações do visto/vivido, às disponibilizando à crítica historicizante, mas o fizemos através de um engajamento com cada entrevistada(o) no transcurso das atividades empreendidas. Neste nosso relacionamento conseguimos elucidar memórias, narrativas, diálogos e demais subjetividades justamente pela via de mão duplo que caracteriza uma relação saudável, nós cocriamos os conteúdos documentados em parceria com nossas(os) colaboradores. Laborar oralidades é, então, trocas dialógicas de agendas narrativas, onde o pesquisador precisa ter respeito e a arte da escuta, sabendo se inserir nos ditos da outra parte e historiciza-los (PORTELLI, 2016, p. 09-12).

Em meio a este relacionamento de pares em constante diálogo, concatenamos à nossa atuação, de maneira mais prática sobre o fomento destes intercursos verbais, a perspectiva do conteúdo conversado como construção presente a respeito de um passado em um horizonte antagônico à ficção. Tratam-se de diferentes versões, e subjetividades envolvidas que as elaboram, incidentes sobre os fatos e as realidades como um todo encarados pelas nossas(os) entrevistadas(os), que temos enquanto material historiográfico manejado em nossas teorizações, fontes de informações biográficas e sociais que inteligibilizamos com a dignidade que têm direito, pelo reconhecimento dos elementos descritivos, da força narrativa envolvida, e pela crítica total da composição das atividades (ALBERTI, 2004, p. 09-12).

Nossa busca por estas manifestações das recordações e considerações delas/deles do que foi visto e/ou vivido, se buscando ser bem sucedida, foi realizada por meio de um “como fazer” bem estabelecido, de um domínio dos padrões práticos de efetivação da história

oral. Neste método de pesquisa observamos o destaque das entrevistas, sua preparação e análise de seus resultados, mas principalmente sua realização com participantes e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, nos aproximando de nosso objeto de estudo por uma compreensão do todo através do particular, uma luz sobre a apreensão do passado por indivíduos e sua afetação. Essas entrevistas são abordagens com modos e assuntos determinados para cada colaborador(a), realizadas nas incursões do pesquisador junto a outra parte, com extensão em sessões e acompanhando a narrativa desenvolvida em congruência com os objetivos à ela estabelecidos, com uma série de cuidados e modos à atuação (ALBERTI, 2004, p. 17-25).

Tanto estas narrativas do pretérito, quanto estes agentes sociais que lhe dão autoria, representam uma ampliação de nosso campo do conhecimento, de seus interesses e de suas ferramentas de trabalho. O reconhecimento da história oral pelos âmbitos institucionais da historiografia, e pela massa de sua corporação de historiadores, ocorre enquanto demonstrativo pragmático da utilização de recursos metodológicos interdisciplinares pela ciência histórica, assim como de sua concentração nas temáticas da memória e dos elementos culturais. É símbolo da diversificação de fontes, das novas dimensões históricas de compreensão da vida humana, das inovações metodológicas para novos temas e problemas, da consideração de novos sujeitos na história, os expositores (JUCÁ, 2011, p. 52).

A prática de pesquisa em história oral focaliza estas perspectivas individuais destes agentes históricos, anteriormente silenciados, justamente buscando acessar suas memórias individuais. Esse alcance das subjetividades mnemônicas torna-se viável pela narrativa de quem as detém e, para isto, a personagem tem de expressar-se com liberdade, mas acompanhada de uma série de cabíveis estímulos do pesquisador ao longo do diálogo, incitações em direção às questões pertinentes para a pesquisa histórica da qual essa atividade faz parte. Nossa atuação então, orientada pelo planejamento partido dos problemas historiográficos preconcebidos, se ateve, nestas expressões narrativas, aos recortes de nossa problematização, que estamos discutindo com o material produzido, sobre as construções narrativas pela ótica social e relativizando as memórias (BOM MEIHY, 2007, p. 55-58).

De todo modo, nessas atividades com oralidades, seja qual tenha sido o assunto, laboramos sobre aspectos subjetivos, com estruturas de subjetividades humanas. Ora, se sedimentamos o entendimento desta metodologia como uma produção, por meio de complexos mecanismos mnemônicos e da relação dialógica, de narrativas autobiográficas ou comentário advindos de vivências e visões de mundo particulares do próprio “eu” condicionado, então falamos, via de regra, de uma lida elucidante das subjetividades dos

agentes para a presente crítica. Essência da história oral enquanto uma contra-história ante os estruturalismos e funcionalismos hora dominantes, a valorização dos elementos subjetivos como: memória, identidade, opiniões, idealizações, etc (SCHMIDT, 2012, p. 83-84).

Estas compreensões a respeito do sentido metodológico da história oral, sua funcionalidade e o lugar teórico, principalmente historiográfico, de sua aplicabilidade nos situaram e basificaram quanto ao atual conhecimento desta, que vem cada vez mais se firmando como uma área de estudos. Mas para a propriedade em desenvolver esta prática de pesquisa, que no final das contas é atingida apenas com a experiência de efetivação de trabalhos como este, buscamos em primeira instância nos aproximarmos dela pela observação de sua utilização em conceituadas obras de nosso campo, vejamos isto em quatro exemplos.

Na tese de doutoramento da historiadora Vânia Vasconcelos (2014) nos deparamos, para além das demonstrações de técnicas de referenciação e disposição das textualizações, assim como nas demais, com claras manobras de historicização do conteúdo narrado. A autora deixa explícito que considera sua entrevistada na forma de uma alguém que lhe traz lições de vida, e destes ensinamentos tiramos como encaminhamento às nossas falas o atentamento a questões como: “o quê”, “de que modo”, “com qual intensidade”, “porquê”, pois os temas que focamos previamente marcam as trajetórias de com quem empreendemos o estudo. Buscamos perceber em que medida isto se incide sobre o indivíduo e o grupo ao qual pertence, através do sensível notando nas narrativas proferidas problematizando-o.

Algo parecido pode ser observado na obra da pesquisadora Ana Isabel Cortez (2008), onde o que nos chama a atenção é o estabelecimento da perspectiva pela qual se entende a relação entre a experiência vivida/vista, e a narrativa sobre esta experiência. Estimamos esta definição pois localiza o leitor com vistas aos raciocínios que estamos propondo acerca destas narrativas e de seus conteúdos, também justificando a plausibilidade de nossas teorizações. Seguimos os passos desta pesquisadora ao partirmos de sua percepção de que a narrativa é uma interpretação dos tempos idos, mas também em aspectos mais técnicos como, por exemplo, contar a trajetória da investigação com as oralidades no corpo do texto dissertativo, e realizar entrevista em lugar de sensível rememoração.

Em outro trabalho dissertativo, da historiadora Cícera Patrícia Bezerra (2010), nos é evidenciada uma preocupação com a intelecção das operações de memória, pois é com ela que podemos dizer sobre as elaborações mentais reativas às incitações que realizamos, manifestadas da forma mais conveniente possível para quem conosco colaborou na produção de narrativas. Essas construções mnemônicas elaboram, movimentam e constituem as questões basilares da narrativa posta, logo, nossa discussão a respeito das oralidades tem

início pelas percepções acerca delas, entendendo a memória como um campo de batalhas, composto por diversos elementos marcantes a serem identificados, e regido por interesses próprios e presentes no momento de sua expressão, recheada de supressões.

Outra questão muito cara ao nosso trabalho que foi perceptível nesta produção que acabamos de nos referir, está figurada na demonstração da íntima relação da exploradora com o corpo de entrevistados, e da afetividade concebida com alguns de seus membros. Em suas passagens que exortam esta conexão, está atestada não apenas a possibilidade de uma realização séria do estudo em conjunto com tamanha proximidade, como também os seus benefícios à produção epistêmica, uma vez que arregimenta importantes informações mais intrínsecas, e contribui à apreensão dos sentidos e do funcionamento da história contada e de seus elementos, inclusive para estes colaboradores.

Já em uma obra mais robusta, o célebre livro dos professores Zilda Lima e Gisafran Jucá (2016), nos salta aos olhos finalmente a condução da promoção das oralidades junto as personagens do caso estudado, com a sinuosa identificação dos condicionamentos socioinstitucionais incidentes sobre as individualidades e suas trajetórias, bem como de seus espaços de possibilidades dentro destas tentativas de controle. Esta importante noção a respeito das experiências biográficas das entrevistadas desta dupla de autores, nos remetem ao essencialmente atentamento que buscamos ter em nossas atividades no acompanhamento das histórias de nossas(os) colaboradores, sobre a organicidade dessas vivências contadas com relação a contextos, suas incidências e configurações específicas do espaço-tempo referido, pois desta maneira pudemos dialogar com lucidez e agora inteligibilizar suas informações da mesma forma. Outro ponto que em muito colabora conosco é o apontamento das entrevistas por gênero, que oportuniza a visualização das exclusividades do feminino, mas também permite o intento da busca de informações com o masculino.

Tomando estas concepções teóricas e práticas como bases de nossa prática de pesquisa em história oral, expomos agora nossa formulação de passos da pesquisa e com os pesquisados, antes de sua efetiva realização, no além mais que o constante contato pesquisador-colaboradores aqui já salientado, e que guiou o processo de nosso estudo, mesmo existindo as não realizações, como já vimos em tópico anterior, e que apontaremos agora junto da explanação de cada passo assim não realizado. Explanamos também as específicas orientações teórico-metodológicas destes passos, ressaltando que estivemos abertos à sua reorganização ao longo do caminhar do estudo, mediante as controvérsias e reavaliações.

Nas movimentações preparatórias de nossa atuação exercemos a leitura, com fichamento, das bibliografias que basificam as concepções aqui expostas a respeito da

metodologia em história oral e da nossa proposta de prática própria. Nos engajamos também no debate a respeito desta formatação de investigação historiográfica, e dos principais conceitos históricos que lhe atravessam, em aulas de disciplinas do presente programa de pós-graduação direcionadas a estes tópicos, e em espaços de orientação individual junto ao professor Gisafran Jucá, onde pudemos elaborar cognição em cima dos aportes bibliográficos.

Caminhando nesta “fase” de preparativos, dedicamos tempo especialmente ao planejamento e produção dos roteiros geral e específicos, que nortearam as formulações dos *scripts* mais intimamente conectados com a culminância das tarefas junto ao grupo selecionado. Contando com as percepções e conhecimentos arregimentados e desenvolvidos ao longo destes exercícios, e também com as idealizações concomitantemente elaboradas para esta prática de pesquisa em específico, nos esmeramos também na forja de materiais gráficos e na proposição de exposições e espaços de debates no âmbito acadêmico, comunicando nossas compreensões e experiências sobre/com esta metodologia, e publicando em propaganda o trabalho com as oralidades deste caso. Esta última “parte” deste passo se prolongou até recentemente, ou seja, por toda a experiência acadêmica do mestrado.

Como já dito anteriormente, os registros deste nosso estudo foram organizados em um projeto de prática de pesquisa em história oral. A produção deste, por si só, já se configurou como um importante passo deste caminhar do estudo. Tendo como estrutura uma sessão introdutória e delimitadora da temática do projeto, uma justificativa metodológica, as problemáticas, hipóteses e objetivos das atividades com as(os) entrevistadas(os), a apresentação do *corpus* documental, que já vimos, a presente discussão dos passos da pesquisa, um cronograma de atividades e as bibliografias base, este projeto foi nossa preparação para a lida com a documentação viva, organizando da atenção na seriação das entrevistas. Um instrumento norteador do planejamento do trabalho de pesquisa, pois delineou a proposta desenvolvida em todos seus elementos, uma resolução de quem era entrevistado, quando, onde, como e sobre quais assuntos (BOM MEIHY, 2007, p. 43-44).

O passo seguinte foi a fabricação digital das ferramentas de organização das nossas atividades em história oral, e a montagem também digital dos repositórios de sistematização das informações, já descritos e explicados aqui. Além de seus designs estruturantes, o movimento com esses instrumentos eletrônicos só se deu por completo com o provimento dos dados das/dos colaboradores e de nossa parceria dialógica, realizado *pari passu* ao desenrolar de nossos exercícios de investigação até sua completude.

Nossa próxima função no avanço da pesquisa já alcançou o limiar da atuação mais prática, de campo, falamos a respeito do necessário investimento de tempo para a revisão dos

alertas e das orientações técnicas de nossa bibliografia básica, destinadas ao impulso de nossas operacionalizações das atividades hora planejadas rumo à excelência. Essa função de preparação teórica final para a iminente laboração com a/o individua(o) pesquisada(o), ocorreu aliada de um mesmo esforço prévio, mas em sentido documental, o planejamento e produção dos roteiros de cada sessão de atividade desenvolvida, levado a campo em conjunto com o restante do material de pesquisa. A elaboração desse roteiro, e seu afinho estudo, encaminhou nossa atuação de campo em uma consciência do fazer frente/com a personagem da vez, sabendo o que perguntar e responder na conversação, de onde partir e qual o destino de chegada era almejado naquela ocasião, embora maleável (ALBERTI, 2004, p. 89-92).

Chegamos então aos deveres que configuraram a “parte” de execução deste estudo junto às nossas(os) entrevistadas(os), a práxis da maior porção dos conhecimentos técnicos arregimentados previamente, as tarefas realizadas em campo, nas incursões até os espaços de nossas(os) colaboradores. A primeira delas é o telefonema inicial, o fizemos inspirados nas recomendações de Freitas (2002), que põe o contato telefônico como a viabilidade óbvia para a marcação do exercício, e nas prerrogativas técnicas de Alberti (2004) que considera esse primeiro momento como de extrema importância, tendo em vista que é a primeira mútua avaliação e impressão pesquisador-entrevistada, nele propomos um diálogo preliminar, o marcamos, e exortamos o propósito de trabalho com oralidades.

A próxima destas tarefas é o contato prévio, uma extensão da primeira atividade na visão desta última autora, que sobre isto prossegue suas colocações dispondo que neste momento deveríamos explicar o trabalho em si, seus propósitos, modos e importâncias. Ressaltar a nossa seriedade e o respeito, mas também garantir a sensação de bem estar, com um bom comportamento e postura no espaço da personagem, já tomando notas, informando sobre termo de cessão e solicitando possíveis registros e objetos de memórias, como fizemos.

Ainda em continuidade a estes trechos dos pensamentos das duas autoras citadas, nos basificamos para estabelecer as demais atividades desenvolvidas em campo: entrevistas. Para Freitas, neste ensejo buscamos experiências e interpretações delas na psiquê de nossas personagens, focando visões de mundo, ideias, sonhos e crenças, em suma, a imaginação e a materialidade em narrativa, mas alcançamos isto seguindo nos portando bem no espaço da(o) entrevistada(o), e bem pensando os recursos dialógicos utilizados neste enlace mútuo, assim como o próprio material de pesquisa.

Em sua didática obra, Verena Alberti nos demonstra e explica os tipos destas entrevistas que temos a nossa disposição para cumprir os objetivos predispostos. Em sequência: a exploratória, onde confirmamos as pesquisas previas, ou descobrimos cruciais

informações, sobre as vidas e os temas estudados, formando uma visão global das trajetórias grupais e individuais que estes nossos objetos de interesse estão inseridos, nos ajudando a localizar os relatos, as considerações e suas referências em contextos imediatos e gerais daquele espaço tempo; entrevistas temáticas, que são recortes do conteúdo elaborado a partir da exploratória, considerando temporalidades, assuntos ou estruturas históricas, para que possamos nos aprofundar em novas incursões, com a assinatura do termo de cessão de direitos na última atividade individualizada; e a considerativa, na qual desenvolvemos uma percepção com o mesmo espírito da exploratória, mas desta vez em uma conversação retrospectiva do todo contado com a convergência das falas das personagens. Embora inicialmente tenhamos delimitado todas elas como passos a serem realizados, desenvolvemos apenas a exploratória.

Os próximos passos desta empreitada foram figurados nos procedimentos de armazenamento dos conteúdos produzidos, ou seja, dos áudios e das anotações de percepções do contexto e da linguagem corporal. O zelo para com este material tem de ser algo excepcional, tendo em vista que são fontes únicas, produzidas em mútua colaboração a dois especialmente para esta pesquisa, uma “matéria viva” diante de nossos cuidados historiográficos (BOM MEIHY, 2007, p. 45). Ainda mais quando nos voltamos para o passo seguinte, as textualizações, que como explicado anteriormente são conformadas pela união da descrição do percebido, com a transcrição dos áudios em texto.

Entendida como desde soluções de função de texto posteriores às gravações das atividades, e de pertencimento ao *corpus* documental do projeto (IDEM, p. 44), até na forma de uma extensão destas gravações pois ambos são os documentos da história oral, e então essa transposição da voz ao texto deve ser íntegra e conferida, focada no conteúdo e não no estilo, e garantindo uma proximidade do resultado escrito daquilo que foi gravado, com sua originalidade e espontaneidade captadas (FREITAS, 2002, p. 97-100), a textualização é um registro para manejo. Tais importâncias, e as atenções ao dito, o não-dito e o circundante do diálogo, dos envolvidos e do ambiente, são colocados pelos autores acima referidos nesta mesma esteira para orientação do subsequente passo desenvolvido neste estudo, a análise do material, que aqui realizamos com fulcro na estrutura narrativa.

Finalizando nosso caminhar investigativo, as últimas passadas foram na verdade lembretes de encargos processuais, cumpridos do início ao fim deste esforço epistêmico. Tratam-se da constante manutenção dos contatos afetivos estabelecidos entre o pesquisador e as/os colaboradores, na forma aqui já explicitada de realização e registro, enquanto componente essencial desta pesquisa, e de seus objetivos, que reivindicamos subjetiva em

modo de tática para excelência, e da nossa abertura de consideração de quais mais procedimentos fossem necessários no decorrer da investigação.

Na pragmatização destes procedimentos que configuraram todo o processo da pesquisa em história oral, fizemos uma série de seleções metodológicas quanto a formatação técnica do desempenho das atividades, delimitando as táticas de atuação utilizadas para o cumprimento de nossos objetivos em meio a cada exercício definido. Por isto, dispomos agora da basificação teórica da postura que tomamos para esta prática, e de cada técnica aparelhada.

Entendemos conjunturalmente a lida com oralidades na forma de uma arte da escuta (PORTELLI, 2016, p. 27-28). Um processo de experimento em igualdade, no qual o pesquisador e as/os integrantes do corpo de colaboradores, mesmo distanciados por clivagens como classe, idade, gênero, etnia, educação e poder, exercem mútuo esforço para que o diálogo flua suspendendo estas distâncias, em um âmbito relacional utópico de igualdade e diferença. Neste provocamos por, e nos dispomos a, escutar história orais que podem nos ajudar a estender nossa capacidade de ver e entender o mundo.

Mas também consideramos que em meio a este relacionamento de escuta, obrigatoriamente, sua viabilidade se dá por uma organização de repartição e ordenação casual e subjetiva, estimulada pelo pesquisador com balizamento dialógico (ALBERTI, 2004, pag. 13-15). Conformaram então o nosso trabalho junto as personagens, um conjunto de cuidados técnicos que nos conectaram com a vivacidade do passado expressa por perspectivas na memória das(os) entrevistadas(os), uma elaboração desse passado por processos psíquicos e implicações contextuais dos envolvidos no diálogo, este é o lugar da história oral.

Partindo destas concepções, nos valemos desta última de fato enquanto metodologia de ação investigativa, com suas preocupações mnemônicas e seu fascínio pelas experiências dos subalternizados, assim como com seu *modus operandi* de elaboração das informações pertinentes a estas pessoalidades, e não somente a vemos enquanto uma técnica. Em seu exercimento optamos por atividades estruturadas, com roteirização e textualização planejadas para a completude de seu desenvolvimento, para que pudéssemos produzir narrativas direcionadas ao atendimento dos objetivos e problematização hora postos.

Nas entrevistas utilizamos o tipo (ALBERTI, 2004, p. 37-39): história de vida, para a exploratória, buscando dar conta da trajetória da personagem, do momento mais longínquo que recorda, até o momento de nosso recorte temporal, qual seja, a saída do ensino básico ou o primeiro casamento. As temáticas, que são aquelas destinadas a determinadas dimensões e ambientes históricos, tratando prioritariamente da participação daquela indivíduo

nestes recortes temáticos pré-estabelecidos, embora estivessem em nosso planejamento, não se fizeram necessárias, como vimos acima.

Nestas entrevistas utilizamos como material de pesquisa, para mais que o roteiro, o gravador e o caderno de campo, na forma aqui já apresentada. Logo, optamos apenas pela gravação sonora e as anotações de percepção, não nos alçando a gravação de vídeo (IDEM, p. 62), considerando ser necessária maior experiência com essa prática, e o não conhecimento prévio do grupo selecionado sobre esta forma de trabalho. Outra escolha que tivemos para estas atividades, versa a respeito de sua composição, sendo individuais, prezando por suas próprias perspectivas e formulações quanto a história da família Elias Nonato e seu respectivo lugar nela. Apenas a última seria considerativa com a coletividade, sobre os principais pontos das histórias compartilhadas (IDEM, p. 111-112) das irmãs, mas como vimos anteriormente também não ocorreu pelos motivos hora postos.

Ainda no delineamento das entrevistas privilegiamos, sempre que possível, a modalidade de interação (IDEM, p. 115) que na condução da atividade deixava as/os colaboradores/colaboradoras livres em suas explanações, fazendo uso também dos constantes estímulos de fala, nos casos necessários. Optamos também por, tanto diante de questionamentos realizados por elas/eles, quanto a partir do uso julgado necessário pelo pesquisador em prol da conversação, realizarmos o compartilhamento estratégico de informações advindas de outras atividades, com outras entrevistadas, entre a irmandade no momento de cada diálogo. Nesta valência das trocas pesquisador-grupo, elencamos dados e afirmativas elencados por elas em oportunidades outras com o intuito de abrir ou fomentar algum assunto necessário, mas seguindo os indicativos da autora acima referenciada para com a condução das interações, especialmente com relação à ética e respeito, e à busca de melhores resultados.

Aparelhamos para este trabalho, também, a capitalização de objetos pessoais e de recordação, bem como o conjugar das fontes orais com outras de ordem material, superando o pretensioso sectarismo de considerar os produtos da história oral enquanto fontes únicas, evitando sua consideração simplista como mais um documento, e aproveitando o extraordinário valor dos testemunhos subjetivos (JUCÁ, 2011, p. 58). No fim das contas percebemos que para este trabalho dissertativo as entrevistas seriam o suficiente, mas este arregimentar de itens e consideração de outros materiais em muito serviu para alargar nossos horizontes a outros patamares para esta pesquisa, além de termos conseguidos algumas ilustrações das personagens, presentes em nosso Apêndice C.

Evocamos, por fim, e assim como a postura anterior também não utilizada, a entrevista em ambientes de experiências sensíveis, na maneira já exposta em referência à obra de Ana Isabel Cortez (2008), buscando despertar íntimas emoções e recordações do vivido das nossas entrevistadas em visita às antigas residências em que labutaram, realizando lá entrevistas temáticas sobre o trabalho compulsório. Além de termos feito uso da escuta sensível do áudio, não apenas do dito, mas dos silêncios, tons de voz e os barulhos contextuais, ainda na senda de reportar a leitura do texto transcrito à integralidade da ocorrência da gravação e de seus componentes, conforme aqui já dito.

3.3 Processo Construtivo Mnemônico: Feição, Composição e Significados do Rememorar

Pense conosco, há uma seletividade da memória na inerência da funcionalidade do corpo social. Podemos encontra-la em nossa rotina, na política, nas instituições, nos relacionamentos, na mídia, etc. Estas escolhas ocorrem a partir de ações mentais dos indivíduos, (in)conscientemente, e desaguam em como essas pessoas constituem suas próprias mentalidades, mas também coletivamente, marcando aquilo que deve permanecer vívido.

Os objetivos desses sujeitos e dessas coletividades se incidem sobre a seleção e manutenção daquilo que é, e se mantém, enquanto lembrado, como elemento constitutivo da memória de uma pessoa, comunidade ou lugar, seu significado e impacto no ser de quem se recorda. O que se há lembrado diz então sobre o que foi e como ficou, mas também sobre quem está lembrando e a disputa em torno disto.

Desde o início apresentamos que nosso debate historiográfico se faria sobre a construção das subjetividades das mulheres Elias Nonato, percebendo o papel de suas vivências materiais nesta construção a partir do estudo de suas biografias, através da história oral. A memória é não apenas o produto direto desta história oral, como também a primeira das subjetividades que consideramos nesta análise, tendo isto em vista trazemos agora a discussão em torno de seu processo de elaboração e funcionalidade.

Neste tópico nossos objetivos são: analisar o processo de elaboração das rememorações de nossas entrevistadas, uma vez provocadas a recordar como esse processo se dá, com quais elementos, seus formatos, objetivos e significados, sobre as memórias em si, como elementos mentais autoelaborados, conteudísticos e significativos; e entender a relação deste âmbito subjetivo com as vivências materiais destas mulheres. Para tanto, utilizamos as passagens das entrevistas que mais demonstram o processo da memória e seu significado.

Em nossa leitura de fontes, buscando inteligibilizar essas demonstrações e significações do processo mnemônico, utilizamos como chave-explicativa das nuances de tais ações de rememoração a perspectiva epistêmica que as entende como modos simbólicos de fazer e manter o passado presente, através de representações históricas que impactam dialeticamente a psiquê individual e social, tanto na orientação cultural, quanto na vida prática, como já dito anteriormente. Assim consideramos também que nestas relações se elabora uma consciência histórica, na forma de procedimentos de produção de sentido do espírito humano (RÜSEN, 2009, p. 168). Percebemos esta consciência nas narrativas de nossas entrevistadas, a partir de sua elaboração do passado em maneira distintiva de história, inclusive com reivindicações de verdade. A consciência histórica, nesta perspectiva, é uma forma específica de memória histórica, por desenhar a percepção temporal de inter-relacionamento dos tempos de forma mais elaborada/complexa.

Os trechos de nossas entrevistas que demonstram de forma mais explícita a maneira da construção dessas memórias pelas personagens que aqui trabalhamos, nos trazem certos formatos do rememorar em si enquanto um ato, a forma do lembrar os fatos e os processos, não eles em si, e o significado de fazê-lo, com relação ao vivido, ou seja, àquilo que está sendo lembrado. Os primeiros dois formatos nos exemplificam esta explicação de Rüsen para o funcionamento da psique humana recordadora, com relação ao seu fim de orientação cultural.

O primeiro destes formatos pode ser chamado de “comparativo”. Se trata do conglomerado daquelas lembranças em que nossas entrevistadas organizam as narrativas dos fatos, de modo a ressaltar as características do seu tempo vivido, focando em interrelações sociais, qualidade de vida, moralidade, ocupação cotidiana, atuações institucionais etc., como sendo a morada do sentido do viver de maneira desejável. E ainda mais, organizando o contar de suas vivências e de seu espaço do vivido sempre em paralelo comparativo com características da organicidade de nosso atual cotidiano social, hierarquizando-os, na maneira em que é lastimável que o passado tenha passado, e o que o presente, com suas disparidades do pretérito, deve ser repudiado e repreendido, configurando uma espécie de sensibilidade antiquária.

A passagem mais marcante que nos traz esse tipo de elaboração mnemônica advém de Geralda (IDEM, p. 12), quando esta, após ter detalhado as condições insalubres da alimentação dela e de sua família, provocadas pelo pauperismo deles, minimiza tais condições, colocando-as enquanto “besteiras”, com o argumento de que não impedem do então alimento contaminado matar a fome daqueles que dele precisavam. Ao mesmo tempo a

entrevistada propõe que adicionais como fezes de rato, cabelo humano ou baratas, não são motivos válidos para descartar comidas nas quais encostaram, mas que isso ocorre, pois “o povo de hoje é frescurento”, e além do que “tudo hoje dá doença, tudo faz mal”.

Nos parece bem óbvio que a própria entrevistada, em situação outra, não concorde com tal posicionamento, mas realizou tal juízo de valor no sentido de reforçar sua significação das práticas passadas e o sentido que estas têm para sua (história de) vida. Tal leitura da realidade uma vez que precisou ser refeita no caráter mnemônico, olhando para trás desde o presente, em meio a observação de outra situação social completamente diferente, necessitou de reforços argumentativos do seu significado, de seu sentido construído, justamente por meio da oposição para com aqueles elementos que desafiam essa lógica. Assim, o vivido organizado por esta memória é entendido enquanto um desafio básico que cada pessoa deve conseguir encarar, mesmo que com elementos (os adicionais aos alimentos) sendo considerados “escatológicos” em relação ao atual senso comum. Tudo isto obra da irmã mais velha, a que mais enfrentou dificuldades socioeconômicas.

Ao segundo formato de memórias denominamos “referencial” ou de “aprendizado”. Aqui estão reunidas aquelas recordações contadas a título de demonstrativo do conhecimento adquirido através de experiências passadas, ou mesmo no sentido de educar o ouvinte para que aprenda alguma lição a partir daquele vivido contado. Logo, a função dessa memória, reconstruindo o que passou como um exemplo do que (não) seguir, ou de que (não) fazer, pode ser direcionada tanto à formação de si, marcando importantes qualidades de quem estas mulheres são construídas a partir do olhar educacional para o passado, quanto ao lecionar intergeracional, gerando entendimentos e procedimentos culturais, com maneiras específicas de entender e atuar no mundo estendidas destas mulheres para seus filhos e netos.

Podemos visualizar esse tipo de lembrança, de maneira mais clara, em trecho da narrativa de Cicera (IDEM, p. 13), quando esta descreve minuciosamente como ela e sua mãe coletavam sal nos restos das feiras livres, após a exposição que os açougueiros faziam de suas carnes. O intuito era adquirir não apenas o condimento, mas também os pedacinhos de couros de porco que caíam junto ao sal, o precioso “toucinho”. A entrevistada explica todo o passo a passo de como realizar a catação e, após isto, as maneiras de aproveitar completamente o resto de alimento. Mais a frente em sua fala, (IDEM, pag. 20) ela ressalta a importância de deter tal conhecimento diante das dificuldades materiais que sua família enfrentava à época, mas destaca que todas as pessoas precisam desses saberes para “se virar na vida” superando quaisquer possíveis dificuldades a serem encaradas. Neste momento Cicera convocou seus

filhos que estavam em outro cômodo da casa, cobrando-os atenção à suas experiências, ao tempo em que estes retrucaram informando que já ouviam aquelas histórias rotineiramente.

No primeiro trecho podemos observar que as ações recordadas pela entrevistada estão postas em demonstrativo de um conhecimento prático, pela riqueza de detalhes. Cicera nos conta o passo a passo de como torrar o toucinho, ou como salgar os bolinhos chamados de “chapéu de couro”. Essas cenas de sua vida, importantes ao ponto de serem sido selecionadas no lembrar, ficaram marcadas por seu fazer no desenvolvimento deste processo, um *know-how* adquirido e marcante do ser. Cicera, a filha que passou mais tempo convivendo com a matriarca Lira, reivindica sua atuação tão forte quanto era dura sua realidade, em um sentido de alegação de resiliência, com a utilização dos ensinamentos de sua mãe. Já com o segundo trecho, vemos o espraio desta mesma funcionalidade subjetiva para o incentivo aos seus filhos à valorização dos saberes que esta voz da experiência oferece, o vivido se torna um elemento pedagógico da criação, uma idealização do que seguir para viver bem.

Seu procedimento mental é significar a experiência do tempo interpretando o passado de modo a compreender o presente e antecipar o futuro. Esta operação se dá com: a percepção do outro tempo como diferente; interpretação desse tempo como um movimento temporal no mundo humano, a partir de alguns aspectos compreensíveis; orientação da ação humana pela interpretação histórica externamente, perspectiva sobre a ação humana, e internamente, como concepção de identidade; e motivação para a ação que uma orientação oferece, conduzindo ao futuro (IDEM, p. 169).

O destrinchar do contar de nossos arquivos, esquadrinha a caracterização física de ambientes e o funcionamento prático da sua situação social e da conjuntura, assim como mapeia a disposição de signos e símbolos elaborados sobre si e seu contexto, a partir de suas interlocuções. São especificidades das conjunturas, condições e eventos dispostos pelo espaço-tempo vivido e agora relembrando, delas percebemos, e agora postulamos, sobre as subjetividades desenvolvidas, as sociabilidades ocorridas e as perspectivas utilizadas, na consumação da viva protagonização destas vidas no palco formado pelas circunstâncias materiais.

Essa relação entre a materialidade do vivido e a formulação mnemônica de nossas entrevistadas, não apenas preenchendo-a, mas caracterizando-a, pode ser observada já nestes dois primeiros formatos de memória, e a veremos também no restante. O condicionamento da mnese pelas experiências materiais ocorre, ao nosso ver, em dois movimentos: o primeiro é de seleção do objeto recordado, e o segundo é formatação da recordação. No primeiro formato, notamos que a dura realidade vivida precisou ser subjetivamente aceita como a correta,

dirimindo o constrangimento de ser experienciada, assim como entendida enquanto óbvia, pois naquele momento era a única maneira de sobrevivência possível, e justamente por tudo isto tal vivência foi para Geralda muito marcante. Praticamente o mesmo ocorre no segundo formato, quando novamente o que marca são práticas desempenhadas na busca da sobrevivência, e a rememoração destas práticas se dá em caráter de necessidade do seu conhecimento, pois tais condições tingiram o imaginário de Cicera com a sombra da austeridade onipresente.

Outra questão para compreendermos estas memórias, tais elaborações mentais das vivências e situações contextuais, promovidas pelas Elias Sertanejas nas travessias de suas histórias de vida, segundo Fentrees e Wickam (1992), é aproveitarmos todo o potencial da particular natureza da memória como fonte. Para tanto não podemos retificá-la, mesmo que a acessemos por meio das transcrições, mas sim seguirmos tratando-a objetivamente a encarando como sensação, e não nossa propriedade textual.

Ou seja, embora separemos de uma forma física o conhecimento do conhecedor – a operação mental e verbal do lembrar e do narrar suas próprias lembranças por parte das/dos entrevistadas(os) – permitindo assim a presente análise – exame analítico do texto pós-transcrição – é contraproducente e irreal nos propormos a considerar uma recordação separada de quem a recorda, pois é a partir deste sujeito que se formula o processo de pensamento e o contar, do conhecimento e das recordações (FENTREES e WICKAM, 1992, p. 15-16).

Como terceiro formato de memórias temos a organização do lembrar em torno ou de personagens convividos ou de episódios experienciados. Nesta seara o processo mnemônico de nossas entrevistadas recorta o passado e o remonta em uma cocha de retalhos que nada tem de aleatório, mas sim uma ordem estabelecida para o que e como será recordado. Assim, as lembranças, inclusive de fases inteiras de suas vidas, podem girar em torno de certos nomes, de pessoas da própria família ou que cruzaram seus caminhos ao longo das jornadas dessas mulheres, ou ainda, podem ser dispostas em fragmentos, com períodos episódicos bem definidos dentro de uma mesma narrativa. Tudo a depender do que/quem marcou a recordante.

No caso das memórias em que os satélites são os personagens, evocamos aqui as falas de Maria, pois conseguimos mapear que toda sua construção memorial se dá correlata aos homens com os quais se relacionou. Na principal passagem que demonstra isso (IDEM, p. 13-14) a entrevistada, que acabara de contar o seu deslocar no tecido da vida, da zona rural junto de sua mãe para a cidade de Jardim, como sendo guiado pelo tecer agulhoso de seu primeiro marido, nos revela o motivo de ter ido morar em Juazeiro do Norte, e após isto em

Potengi, onde reside até hoje, que foi Marcondes, pai de dois dos seus quatro filhos. Já quanto ao rememorar episódico, se destaca o contar de Ducarmo (IDEM, p. 08), em que ela afirma que consegue recordar-se de sua infância apenas a partir de seus 09 anos, pois foi quando iniciou seus trabalhos como doméstica em casas de madames. E é justamente de suas experiências nestes trabalhos que ela mais se recorda, os casos e acasos vividos nestas “casas alheias” são o centro de sua narrativa, sempre voltando a eles, e deles partindo para lembrar de algo.

Disto podemos afirmar que Maria desenvolveu em sua vida um vínculo tão especial com seus amantes, tendo sido inclusive a irmã que mais teve companheiros diferentes, que tais relações marcaram o trilhar do seu ser. O caminhar biográfico dela, com as guinadas tidas, embora explicitamente envolvam outras questões, como migração, trabalho, subsistência, mas, em sua narrativa, há uma responsabilização de cada cônjuge pelos rumos que seguiu. Talvez pelos relacionamentos terem lhe garantido boa parte de seus mantimentos, haja esse vínculo subjetivo em apontá-los como vetores de sua história, o que é certo é que tais personagens, em sua própria perspectiva retrospectiva, são os elementos-chave do seu passado. Seja qual for o sentimento que ela mantenha para com eles, seu objetivo narrativo é enaltecer o papel prático que tiveram em sua vida. O rememorar estruturado por esses personagens, se faz em um contar coletivo, como se o próprio ato do viver se tivesse feito compartilhado com estas pessoas.

Já no caso do lembrar episódico, fica perceptível que a lógica da remontagem do passado na memória focaliza determinados eventos que, conectados por semelhanças de cada estrutura vivida, conseguem demonstrar, no todo, as características do vivido destas mulheres. Assim, as efemérides que se destacaram do cotidiano experienciado, por diferentes razões, marcaram o ser destas mulheres a ponto delas os enxergarem na qualidade de representantes de toda sua vida, um resumo em certas cenas. Notamos então a significância destes episódios, pelo motivo que seja, mas geralmente ocorrendo pelas condições de sociabilidade ou sobrevivência, no caso da fonte citada sendo as experiências como doméstica, justamente por a maior parte de sua infância e adolescência ter se dado nesta situação, são tamanho marco subjetivo que aparentam, para estas mulheres, resumirem o conteúdo de suas vidas. Em suas narrativas confundem-se datas e espaços dos acontecidos, mas, pelo encaixe sequencial destes, o sentido geral dos traços biográficos ali presentes se mantém.

No quarto formato de memórias temos o contar do autopretérito com elementos narrativos que confundem os tempos verbais. Trata-se de um descrever de situações, ambientes ou atitudes em que as entrevistadas hora se referem ao que “era”, ao que “foi”

feito, hora ao que “é”, ao que “está sendo feito”. Entendemos este desvio narrativo na forma de um claro demonstrativo de ato falho, no sentido psicológico do termo, onde o vivido foi tão impactante para essas mulheres que elas seguem sendo subjetivamente afetadas hoje, assim como foram ontem. Essa maneira de demonstração da presença do impacto do vivido sobre o ser pela recordação pode ser observada na entrevista de Francisca (IDEM, p. 16-17), em que ela relata as artimanhas de seu pai junto dela e do conjunto das irmãs mais velhas em conseguir mandioca para se alimentarem, além de suas habilidades ao lado da mãe na preparação do beiju. Neste pequeno trecho ela oscila diversas vezes entre “fizemos” e “fazemos”, por exemplo, para mais sua empolgada exposição dos fatos não deixa claro, fora de contexto, se tal episódio ocorreu a 40 anos, como de fato foi, ou na corrente semana da entrevista. Por fim, reiteradas vezes Francisca abre parênteses no seu contar para evidenciar que segue sabendo tais técnicas, que fez o beiju ou que iria, naquele dia, ofertar tal alimento ao entrevistador. Nisso, os elementos recordados, por momentos, tem sua presença/ocorrência cruzada entre o passado e o presente.

Tal rememorar confunde o momento de ocorrência do contado, pois de fato cruza, através de seus elementos narrativos, a temporalidade atribuída ao ocorrido. Fatos e práticas, como estão apresentadas, nos parecem ser compreendidas pela psiquê destas mulheres hora como recentes, hora como antigos. Esse passado é então significado enquanto presente, com relação a seu efeito, consequências e relação sentimental, ou, em última análise, uma recusa de que não esteja mais presente, por saudosidade ou costume. O motivo disto pode estar atrelado ao fato de que algumas situações e práticas recorrem em suas vidas ainda hoje, como o prato que Francisca anunciou o preparo, ou pelo fato de que a maneira como elas aprenderam a racionalizar sua realidade siga lidando de mesma forma, com condições estruturais diferentes.

Temos então a memória em dois seguimentos: objetiva – o contar dos fatos, de uma forma passiva; subjetiva – adjetivação de informações e sentimentos inerentes ao indivíduo, sobre os fatos contados, em um caráter ativo. Operamos aqui uma análise textual dos relatos orais transcritos, observando a objetividade na subjetividade, sendo a memória a própria fonte. Ela, na maneira da recordação, é algo essencialmente subjetivo e socialmente contextualizado, que tem uma história própria de sua formação, uma formação que se dá em uma relação relativa e dialética entre a memória pessoal e a memória social, terreno onde se edificam as identidades. Rememorar é uma criatividade, que envolve o esquecimento (IDEM, p. 20).

No quinto formato de memórias temos, na verdade, os momentos de ausência delas, os trechos em que há uma não memória, o ponto a partir do qual as entrevistadas se calam. Tem a ver com o esquecimento, o esforço mnemônico em excluir fatos da rememoração, por diversos motivos, mas que também caracteriza a memória destas personagens, por dizer também o que nela não está, o tipo de teor do vivido que não cabe no arcabouço recordante destas mulheres. Trata-se do autosilenciamento em suas narrativas, especificamente sobre partes de assuntos, ou eles completos, em que as entrevistadas ou exortam repúdio, ou se demonstram incomodadas, desviando/encerrando o assunto, ou respondendo da maneira mais rasa possível.

Esses silêncios estão presentes em Antonia, especialmente em Idem (p. 15), mas também de maneira avulsa por toda sua entrevista, faz gestos faciais e corporais de alto nível de irritabilidade quando algum de seus relatos resvalava na atuação de seu ex-marido em sua vida. Por vezes, chegou a “xingá-lo” e agradecer a sua divindade por não estar mais com ele. Mas, em todos os casos, ela não mais falou, após ter se referido a ele, até ser questionada pelo pesquisador sobre o assunto seguinte. Já no caso de Amélia, percebemos a opção dela em não tocar em certos assuntos, ou mesmo em não aprofundar sobre alguns deles. Diante disto, o pesquisador à interpelou, em naturalidade, sobre tais questões, mirando a explicitação da sensibilidade dela para com isto. Seja com relação a sua migração para o Crato, para viver do trabalho em uma casa de família e as condições nela vividas, sua ida para São Paulo junto de seu marido, namorado à época, ou mesmo sobre a criação de suas filhas, a vaga resposta era a mesma “eu era extremamente satisfeita” (IDEM, p. 33). Mas silêncio, no sentido estrito do termo, foi visto com Ducarmo (IDEM, p. 08-09) que, demandada pelos detalhes de sua vida como empregada doméstica, por 3 vezes iniciou o contar de episódios vividos e, com sorrisos, estancou sua fala, redirecionando-a ou simplesmente se calando.

Tudo isto nos demonstra que determinadas partes do vivido são excluídas do rememorar espontâneo, configurando o esquecimento. Mas, que estas mesmas partes permanecem recalcadas no inconsciente destas mulheres, ainda exalando seus significados subjetivos em seus seres, já que quando provocadas elas recordam tais fatos, mas os silenciam, forçando com que eles permaneçam em um esquecimento mental e verbal. O objetivo destas mulheres, muito provavelmente, deva ser fazer cessar o efeito doloroso que tais experiências lhes causaram e seguem lhes causando quando revisitadas. E tais dores às acometem de maneira a depender de cada caso, com a vergonha ou a tristeza, e da situação material vivida, seja de socialização, como é o caso de Antonia e seu ex-marido abusivo, seja de condições de pauperismo e exploração, casos de Amélia e Ducarmo respectivamente.

Além de tudo isto, cabe afirmarmos sobre o elemento subjetivo mnemônico destas mulheres, com relação ao seu processo construtivo, baseados em Candau (2011) e em uma conceitualização mais direta, que a memória humana é definida como uma forma particular de conhecimento dos acontecimentos do passado. Esta consiste, da parte de quem rememora, em reativar e ordenar estes fatos pretérito, em parte ou totalmente, de maneira verídica ou errônea, ou ainda meio-verdadeira ou meio-falsa.

Em um sentido geral, é preciso que ressaltamos algumas peculiaridades sobre as memórias das Elias Nonato, principalmente pelo fato de que às entrevistamos individualmente, mas que elas compõem um coletivo de muita proximidade, o familiar, e sabiam que esta pesquisa estava abordando todas elas. Em cada uma das entrevistas há dois modos de relação entre as memórias coletiva e individual. O primeiro modo é referência entre as irmãs e suas falas com relação a assuntos que elas consideram que alguém da fraternidade seja mais ligada, como veremos mais a frente. O segundo modo é a presença nas falas biográficas individuais de narrativas que são estruturais desta fraternidade, uma visão de recordar comum à família.

Deste segundo modo temos que existem alguns desencontros de informações entre os relatos das entrevistadas. De uma fala para outra temos a tratativa de mesmas ocasiões ou situações, mas com informações diferentes, não apenas perspectivas, que obviamente existiriam, mas também o conteúdo do lembrado. Nesses casos, com as idas e vindas da mnese, precisaríamos de uma investigação mais a fundo para saber fidedignamente como tudo ocorreu, mas este não é nosso objetivo, basta perceber o quanto cada “fato” afetou subjetivamente estas mulheres, como estamos fazendo até aqui. São confusões de datas, espaços e personagens, as vezes dentro da mesma fala, sendo detalhes compreensivelmente esquecíveis. Mas, na contrapartida, de certos temas ou ocasiões as Elias Nonato lembrar perfeitamente bem. Cada uma delas, e elas destacam isso, tem essa atenção para com uma dada parte de suas vidas que lhes foi mais importante, dessas “partes” temos profundos relatos individuais.

Rememorar é uma prática do então presente, mas apoia-se na imaginação, entendendo o fluxo do tempo a partir da sucessão das sensações, representando-o a partir do presente, somando as experiências do momento e as expectativas do futuro. Nossos momentos biográficos neste tempo, são compostos de fatos e de subjetividades sobre estes últimos, a consciência e os marcos sensíveis que se estabelecem sobre eles, são justamente o que caracteriza o conteúdo da rememoração praticada (IDEM, p. 64).

Em outro momento de sua obra, este autor nos explica memória como uma “faculdade humana”, no sentido de propriedade capacitista. Nesta reflexão epistêmica, todo indivíduo é dotado dessa faculdade que decorre de uma organização neurobiológica muito complexa, e que aqui analisamos como esta se manifesta, em suas variações de acordo com os indivíduos, grupos e sociedades. Observando esta manifestação da memória em nossas fontes orais, levamos em conta que ela ocorre em “maneiras”, utilizando os termos de Candau (2011), no sentido do esforço do indivíduo consciente em dar conta de certa realidade por ele vivido.

Estas maneiras são: a memória repetitiva, hábito, que guia com segurança nossas práticas, gestos e demais cadeias operatórias inscritas na linguagem gestual e verbal de rotina (então os demais elementos não falados componentes do momento de discurso, ou que montam o cenário do próprio discurso), e aqui o passado não é necessariamente representado, mas age pelo corpo, é a alienação fundadora da identidade. A recordação, reconhecimento, evocação voluntária ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas, também feita de esquecimentos (então a composição dos fatos, situações e sentimentos que hora construíram suas experiências, e a edificam a memória). E a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e o que diz dela, em um modo de afiliação do indivíduo ao seu passado, construindo explicitamente identidade e reivindicando esta memória – então os comentários e considerações que o operador da memória elabora sobre as condições e características da sua atividade de lembrar, do impacto dela e de seu conteúdo (IDEM, p. 21-23).

No sexto formato de memórias temos o entrecruzamento de lembranças entre as irmãs Elias Nonato, quando a narrativa biográfica se vale recorrentes vezes da referência às irmãs para argumentar ou solicitar completude do que se diz, ou ainda quando se abre parêntese na autobiografia para contar algo de alguma das irmãs, pois os acontecimentos se interligam. Trata-se de um modo de relação entre as memórias coletiva e individual, o primeiro modo desta relação citado na pag. 162 do presente trabalho, onde as entrevistadas compartilham memórias familiares ou mesmo apontam traços biográficos a serem destacados sobre suas irmãs.

Em Cicera podemos observar que todas suas falas são postas na primeira pessoa do plural, ela sempre inicia seu contar por “nós”, mesmo que seja para contextualizar suas atitudes, ou acontecimentos consigo mesma. E em Raimundo (IDEM, p. 16) temos um certo tom de denúncia sobre a atitude de Geralda em fugir de casa para casar-se, história a qual ele apontou que ela poderia não querer me contar. Podemos afirmar sobre os Elias Nonato que

foram/são uma família muito unida, isso devido ao senso de comunidade exigido pela luta por sobrevivência nos anos iniciais de suas infâncias.

Por Cicera ter sido a irmã que mais tempo permaneceu no seio familiar, a sua trajetória se confunde em muito com a vida familiar, daí o compartilhamento, as figuras fraternas e materna significaram tanto que, para ela, foram onipresentes. Já a fala de Raimundo, em seu lugar de observador masculino, escancara o quanto a fuga da irmã foi um rasgo de ferida na família, formando uma estrutura coletiva presente nas memórias individuais. Nessa demonstração *in loco* da relação entre a coletividade e a individualidade no processo mnésico entendemos que o vivido que marca a subjetividade humana é também o conjunto de experiências do outro com o qual interagimos, reforçando o caráter social da memória.

Cada um de nós tem uma ideia de sua própria memória e é capaz de discorrer sobre ela para destacar suas particularidades, seu interesse, sua profundidade ou suas lacunas. Mas ressalvamos que, este entendimento destas características de manifestação mnemônica, não diz sobre a escala grupal/de sociedades, apenas individual.

Para mais, em última análise do processo mnésico em seu sentido geral, a etimologia das palavras iniciadas pelo prefixo “mne” denota a tópicos em torno da memória, mas isto desde *Mnemosine* deusa grega clássica que personificava a memória para aquele povo. Logo, a “mnése” que chega a nós como o ato orgânico de memória nos remete ao conglomerado dos esforços em prol do recordar (LE GOFF, 1990), e são exatamente estas operações que fomentam as narrativas das Elias Nonato desde nossas provocações.

Essa construção narrativa com operações de memória foi valorizada por nossas entrevistadas, que recebendo mero incentivo inicial de mnése já abriam largos sorrisos e comentavam a necessidade de dispormos de tempo diante da quantidade de experiências a serem destrinchadas, citando até que seus contos seriam suficientes para um romance/livro. Ora, Le Goff (IDEM) já nos alertava que as histórias vividas e os esforços de pesquisa em prol de sua explicação deveriam ter estreitos laços, com vistas a que as reflexões que trazemos a respeito do lembrado e do lembrar tivessem alguma autoridade real. Nesse entendimento, tanto a construção da memória, quanto seu estudo, se definem em relação à uma realidade sobre a qual se testemunha e se questiona, em referência a fatos históricos que nós historiadores construímos em companhia com o poder da sociedade do passado em cima da memória e do futuro, visualizado como um monumento que abrange gestos, palavras e organicidade cotidiana (IDEM, p. 07-10).

No sétimo, e último, formato de memórias temos o contar orgulhoso, empolgado, espontâneo, saudosista, aquela narrativa do passado que demonstra um enorme bem querer para com aquele vivido, um bom gosto em ter passado por tais experiências e em recordá-las, demonstrando alta carga de significância positiva deste passado em suas vidas. Trata-se daquelas recordações alegres, geralmente ricas em detalhes e adjetivadas como “tempo bom”.

Em todas as entrevistas encontramos esse tipo de mnése, a vida e as recordações das Elias Nonato não têm apenas dificuldades e dores. Os momentos mais marcantes desta manifestação se encontram em Geralda, Amélia e Maria. Geralda (IDEM, p. 15) nos contou, quase sem conseguir devido suas gargalhadas, sobre uma contenda entre vizinhas amigas de sua mãe que saiu de um bate-boca para agressões físicas, tudo por conta de uma tigela emprestada e quebrada. Amélia (IDEM, p. 31) nos relatou tudo que fazia após as diárias de trabalho: sair, no caminho para casa comprar algum alimento básico, chegar em casa e cozinhar junto de sua mãe, para logo em seguida observá-la comendo, as duas com muita satisfação. E Maria (IDEM, p. 13-14), que retrata como conheceu cada um de seus maridos e o caminho trilhado para construção de seus novos núcleos familiares, usando tom de voz baixo, como que em uma fofoca, piscando um dos olhos e fazendo algazarra a cada fato.

Os esforços destas três irmãs em detalhar cada uma destas cenas, Geralda delinear o que cada uma das vizinhas dizia e fazia na briga, Amélia explicar a visão que tinha de sua mãe se alimentando e o que sentia ao ver isto, e Maria explicitar cada ida e cada vinda dos seus flertes com os pais de seus filhos, demonstram o quão bem essas vivências lhes fizeram e o quão felizes são em recordá-las. Seus objetivos eram muito claros, expor o quanto sentiam orgulho e saudade dos momentos em que pode proporcionar o bem-estar a sua mãe, no caso de Amélia, exortar em ênfase aquelas recordações que brotavam espontaneamente do inconsciente para enriquecer o relato como anedotas, no caso de Geralda, e compartilhar os feitos travessos e prazerosos com a mesma empolgação vivida, no caso de Maria. Estes mesmos sentimentos valem para a significância destas experiências para elas, em terem tido espaços de alegrias, afetos e bem feitorias em suas vidas. Tudo isto estando marcado em suas subjetividades mnemônicas por ter sido marcantes sociabilidades reativas às austeras condições materiais: o entretenimento esporádico, o desenvolvimento de romances e o saciamento.

Mas mesmo nessa nossa lida próxima ao vivido é em seu distanciamento pós produção mnemônica, que temos as possibilidades da presente proposição de sistemas estruturais de explicação historiográfica partidos dos problemas levantados. É uma leitura racional *a posteriori* da história, reconhecendo regularidades em seu decurso a partir de um

comparativismo dos agrupamentos humanos e de suas lógicas, e elaborando modelos explicativos daquelas atuações históricas plurais, sensíveis às diferenças experienciais, e que fazendo jus a amplitude de sua história conjuntural. Trabalhamos com a manifestação, em todos os seus níveis, de diferentes processos de manipulação dos contos rememorados, mas sem abandonar a objetividade do estudo, nem a noção de verdade histórica, identificando, entendendo e explicando mistificações e falseamentos dentro da rememoração, e fora dela no conhecimento geral em torno do rememorado. Este trabalho da história com a memória é, então, uma prática social que reconhece realidades históricas hora negligenciadas.

Por todo o exposto podemos afirmar estar entendido que as memórias das mulheres Elias Nonato, seu processo construtivo e organicidade desta subjetividade, estão configurados como um entroncado de formatos da reelaboração do passado. Suas recordações organizam o vivido de diferentes maneiras, com tipos de tratamento deste a depender de seu significado para a sujeita recordante. Essas maneiras são delineadas na exposição do lembrar, em suas narrativas autobiográficas, onde temos o falar: com detalhes, de aprendizado, de entrecruzamento, com confusão dos tempos verbais, estruturado a partir de episódios ou personagens, de comparativo entre as temporalidades, e até do não falar, do não recordar, o silêncio/esquecimento. Destes pequenos conjuntos que formam o todo mnésico podemos notar a presença de bons e maus vínculos com o passado, em um dinamismo de influências sobre seus seres. Além disto, estão claras as relações coletivo/individual e social/genético no dimensionamento que as lembranças são produzidas e expostas. Afirmamos isto tendo como base o que observamos do conteúdo das narrativas mnemônicas de nossas entrevistadas, dos aparentes objetivos que elas tinham em assim rememorar e as significâncias subjetivas que tal pretérito, e sua revisitação, têm para a vida e o ser de cada uma delas. Nisto, pudemos compreender ainda que a conexão entre o vivido destas mulheres e sua memória não se dá apenas quanto ao conteúdo desta última, mas também sobre seu formato, a materialidade das condições de subsistência e sociabilidades por elas mantidas às marcaram de maneira a esta subjetividade ter estrutura idêntica do vivido.

3.4 A Traumatologia do Beijo Que Engravida: Experiências-Limite e Seus Impactos Mnemogênicos

Caso o leitor navegue por poucos minutos em qualquer rede social, poderá observar que cada vez mais um dos assuntos mais concorridos socialmente são as questões psicológicas individuais e humanitárias de travamento diante de experiências limite. Se trata

de respostas emocionais desreguladas para com acontecimentos deveras perturbadores das pessoas em questão, justamente por este estado emocional tais indivíduos são paralisados diante de situações semelhantes ou do olhar pretérito ao vivido. Esse entravamento pode ser ainda parcial, quando a pessoa não necessariamente se paralisa, mas evita o assunto ou demonstra sofrimento e rancor quando trata dele, o nível em que a pessoa é traumatizada com o assunto dependerá da escala em que a experiência foi limite e à envolveu.

Essa condição é algo mais comum do que pensamos, se comporta de maneira sub-reptícia ou explícita na psiquê das pessoas, mas afetando o modo como elas atuam socialmente e se interrelacionam. Apenas cresce o número de pessoas tratando disso ou mesmo falando sobre isso para expurgar estes entravamentos e conseguirem ter uma vida e sociabilidades saudáveis, pois uma vez ocorrido o fato ou processo nós, enquanto seres humanos que somos, precisamos assimilar aquilo, compreendendo e reutilizando em nosso processo mental.

À la natureza, nada se perde tudo se transforma, das coisas que encaramos em quem somos, somos o resultado fruto da somatória de tudo isso. Não passamos ilesos a nada e nem ninguém, a diferença é o peso que as experiências têm em nossa mentalidade. Precisamos viver após vividos difíceis, ao tempo em que os carregamos conosco neste viver e é aí que as experiências limites sobrecarregam nosso sistema mental, tornam-se demais para nossa gênese mnésica, se tornando uma questão entravada, um recalque em nossas mentes.

No processo geral do rememorar existem configurações específicas de geração e funcionalidade para cada tipo de memória, em acordo com o vivido e o seu significado, como é o caso do trauma. Tanto esse determinado processo, quanto as correspondentes memórias fruto dele, têm um significado e um impacto específicos no ser e na vida destas mulheres, daí ser um traço de subjetividade que merece atenção no debate que agora apresentamos.

Neste tópico nossos objetivos são: apontar e debater os processos mnemônicos e memórias geradas, a partir da especificidade de experiências e da relação das mulheres com elas, tudo isto representado pelo tipo específico do trauma, entendendo o seu lugar de significado e impacto no ser e na vida destas mulheres. Para tanto utilizamos aqueles trechos das entrevistas que nos trouxeram de forma mais clara experiências, considerações sobre elas e expressão de sensibilidades sobre elas, referentes a fatos ou processos traumáticos.

O trauma para Rüsen (2009) é a condição subjetiva em que a pessoa se encontra após ter vivido uma experiência histórica para ela catastrófica, o que significa dizer que tal sujeito teve seus conceitos efetivos de sentido da sua vida destruídos por ter vivido isto.

Diante desta vivência, o ser humano tenta insistentemente superá-la, dando-lhe, em sua mentalidade, uma nova forma de modo que seu passado passe a fazer sentido novamente.

Desta proporção tomada pelo impacto da representação do vivido por seus indivíduos relacionados, de produção do sentido humano, notamos uma outra relação entre os tempos, com um afastamento do passado, que passa a ter outra aparência que a atualidade onde é formulado. As Elias Sertanejas atribuem a este passado importância de relacionamento histórico determinado pela tensão temporal passado-presente, pela diferença qualitativa, suas mediações dialéticas e narrativo-argumentativas no tempo.

É o que demonstra Ducarmo (IDEM, p. 14) quando apontava que entre suas experiências como doméstica nas casas das madames sofreu diversas tentativas de estupro e constantes assédios sexuais por parte de seus patrões. Interessante que, nem espontaneamente, nem provocada, a entrevistada nos detalhou estes casos, mas linkou com uma anedota de sua adolescência em que, no início do seu namoro com seu marido, Cescé, ao dar seu primeiro beijo passou uma noite inteira em claro, extremamente preocupada com as consequências de seu ato, até que no dia seguinte ao procurar um médico, este lhe explicou de que maneira nenhuma ela poderia estar grávida devido a esta relação carnal comumente considerada primária. Ducarmo nos contava isto em meio a tantas gargalhadas compartilhadas, e finalizou ressaltando sempre ter sido, e atualmente seguindo sendo, uma mulher de respeito.

Estamos diante claramente de um evento traumático, pois tamanho foi o “perigo”, por ela considerado, de consequência física, que abriu uma ferida em sua linha de raciocínio à época e em sua memória tempos depois. Isto fica claro ao tempo em que ela trata tal ocasião em paralelo com situações de possível estupro, quando ela busca ressignificar o vivido por meio da comédia e quando ela busca convencer ao ouvinte, e provavelmente a si mesma, um outro caráter ao ocorrido, em que o foco se encontra não nas violências ou “perigos” por ela sofridos, mas no destaque de, apesar deles, ela é uma mulher com valores aversos a tais práticas, inclusive que foi esta integridade dela que guiou a história a outros caminhos, em ela não ter engravidado antes do casamento e nunca ter se concretizado os atos libidinosos com os patrões.

Esse passado não passa, pois recorrentemente presente nos relatos rememorativos devido aos seus efeitos traumáticos e sensíveis/afetivos, ao presente afastado, diferenciado em suas características, que para ser vivenciado com sentido tem de ser referenciado e mediado com este passado, onde se construiu o conteúdo subjetivo destes sujeitos, através também destes relatos e considerações. O poder da memória, inclusive na forma da consciência, é

manter vivo o passado efetivamente experimentado por quem o lembra (RÜSEN, 2009, p. 168-169).

Outra característica destas recordações difíceis é que as memórias contadas ainda são pessoais, pois sua conexão com o contador é indissolúvel, e deve ser levada em consideração durante todo o trâmite de pesquisa e análise. Tal ligação deve ser entendida na forma de exortação das sensibilidades mais marcantes do sujeito pois “recordamos conhecimento, mas também recordamos sensações. A memória, com efeito, penetra em todos os aspectos da nossa vida mental, dos mais abstratos e cognitivos ao mais físicos e inconscientes. A memória é sempre operante no nosso espírito” (FENTREES e WICKAM, 1992, p. 17).

Entender o nível de afetação destas rememorações no ser, e os impactos biográficos e subjetivos das experiências limites às quais elas se referem, passa por lembrarmos que as narrativas orais de nossas entrevistadas, suas considerações e reações sensíveis e seus relatos de ações e condições, se fizeram necessariamente advindo de nossa incitação da operação e manifestação de memórias (LE GOFF, 1990). Incitamos tais operações de memória na forma da propriedade humana de conversar certas informações em meio a um conjunto de funções psíquicas que, a cada vez empreendida, atualiza as impressões e/ou informações passadas ou colocadas como passadas pelo indivíduo ou grupo que se propõem a lembrar. A atividade mnésica é, segundo Le Goff (1990), uma ativação de ordem biológica, psicológica e psiquiátrica na perspectiva temporalizada do experimentado e percebido pela personalidade de quem está rememorando, embora sempre atravessada por aspectos metafóricos e concretos das características e problemas da memória histórica e social que lhe circundam, em uma interação ocorrente de diversas formas.

A expressão dessa memória elaborada ocorre em diferentes e complexas formas de narrativa, seja corporal, seja verbal, que devem, portanto, ser despertadas, observadas e trabalhadas. O produto desta atividade, nesta maneira expresso, se trata de uma ordenação e releitura dos vestígios recordados pela construção de um percurso mnésico. Lembranças, em elaboração e conteúdo, são aqui entendidas e explicadas enquanto resultados dos fenômenos sistemáticos de estruturação e auto-organização que às mantém ou reconstitui, a depender da motivação, interesse e elementos que lhes geram, assim como de seu contexto espaço-temporal de produção e manifestação, e por eles devem ser esclarecidas (Le Goff, 2009, p. 424 e 425).

É exatamente o que podemos observar nas lembranças de Cicera (IDEM, p. 16-17) sobre sua infância e a relação com as outras crianças. Entre choros e soluços ela no expõe

que o único espaço em que conseguia socializar com as meninas de sua idade, participando das brincadeiras e compartilhando brinquedos improvisados, era a escola, pois se as mães destas crianças às vissem junto dela, às proibiam por Cicera ser filha de pais separados. Interessante que a entrevistada colocou esta situação como argumento de que “aquele tempo” era difícil, ressaltando o quanto lhe doía, mas, mesmo diante do choro, reivindicando nominalmente que isto não havia lhe traumatizado, e comparando com a atual realidade de suas filhas que, segundo ela, vivem situação social muito mais confortável e mesmo assim recorrem a psicólogos alegando sentirem-se psicologicamente fragilizadas.

Aqui já observamos uma estrutura traumática, pela recorrência do ato traumatizantes, e, dessa vez, com uma afetação não física, mas simbólica, pelo constrangimento social a ela causado e a angústia que ainda hoje ele reverbera nela. Para entender este tipo de trauma precisamos destacar que na mentalidade de Cicera, as dores da vergonha diante da moral comunitária são pareadas com o sofrimento pela austeridade na subsistência. Que (re)encarar esta realidade segue tendo um efeito dilacerante para esta mulher, ocasionando sua falha busca em minimizar esta situação a renomeando. Mas ainda, que a entrevistada compara sua situação vivida e a significância subjetiva dela com as experiências tidas por suas filhas atualmente, e o quanto são afetadas por elas, reconhecendo o gigantismo do fato para ela, mas impondo uma pequenez ao seu significado, e se colocando em uma posição de força diante de tudo isto.

Uma última questão para compreendermos a relação entre estas mulheres e os eventos/processos traumáticos de suas biografias, assim como com o recordar destes, é considerar o âmbito em que eles são laborados na psiquê delas: a oralidade em conexão com o escrito. A comunidade que estudamos, à lá modernidade dos povos não originários dos Estados nacionais do ocidente, não se permite ser enquadrada nesta divisão de conglomerados humanos de tradição oral, basicamente as populações nativas, ou de tradição escrita, as civilizações complexificadamente industriais, que o autor base da presente discussão utilizou em suas reflexões propositivas. Logo, compreendemos estas elaborações subjetivas no bojo de uma cultura fortemente oralizada, pelo conceito legoffiano de “memória étnica” (Le Goff, 1990, p. 427-430), mas de intenso trânsito com a cultura escrita e seus caminhos de registro mnemônico.

Essa perspectiva não transcende em muito a curva do pensamento decodificador da memória étnica, visto que para seu autor está claro que a atividade mnésica fora da escrita é constante em todas as sociedades, e que a acumulação de elementos na memória faz parte da vida cotidiana em suas diferentes formas, portanto, interconectadas. Dessa forma, de fato é

necessário que nos atentemos às especificidades na lida com memórias produzidas em culturas orais e escritas, mas as funções confiadas a elas não são totalmente diversas em relação a estes dois âmbitos simbólicos.

No geral, com as entrevistas que demonstram as experiências traumáticas destas mulheres, tanto em fatos, quanto em condições nas quais elas foram levadas aos extremos de suas emoções e raciocínios, não compreendendo o que ocorreu, ou como ocorreu, ou não suportando o peso do que ocorreu, tanto de forma implícita quanto explícita, podemos aventar algumas considerações panorâmicas sobre mais esta parcela de seu domínio rememorativo.

A existência desta configuração específica traumática nas memórias das Elias Nonato, em acordo com o vivido e o significado deste vivido, se dá com relação a duas formas de experiência limites pretéritas, a factual e a estrutural, e sobre dois tipos destas experiências, as ligadas a ameaças físicas e aquelas com consequências negativas simbólicas. Para mais, o impacto subjetivo destas experiências limite nas mulheres Elias Nonato, aliado ao que estes traumas representam para quem estas mulheres são e para sua atuação na sociedade, tem seu efeito desaguado em adoção de posturas rígidas delas, atualmente, para determinadas pessoas e situações, um constante comparativo com a atual realidade onde elas têm aparentemente maior controle sobre o sentido do seu redor e um rearranjo narrativo do ocorrido e de seus sentidos.

4 TRABALHADORAS POBRES DO CARIRI EM CENA: QUE *PERSONAS* SÃO ESSAS?

Uma das obras em que estamos nos aportando neste trabalho, das autoras Michelle Perrot e Anne Martin-Fugier, se chama “Os Atores”. Para elas a sociedade moderna vive um teatro da vida privada, onde os indivíduos atuam enquanto papéis pré-estabelecidos, mas não de maneira determinista e, em sua visão, ligados a questão de gênero. Desviando um pouco a atenção desta questão de gênero, é muito válido dizer que quem somos, a forma como intervimos na sociedade e a visão que ela tem de nós, ocorrem de maneira totalmente correlata a padrões sociais do ser e do atuar, ou seja nossa identidade e a construção dela na dialética indivíduo-todo, inclusive em suas modificações temporais. O que nos leva a era digital com memes de “quem você realmente é quando não está performando para os outros?”, debatendo constituição e legitimidade de quem e o que somos para nós mesmos e para os demais.

O contar das Elias Nonato ao longo da história oral, referente a suas biografias, nos revela traços subjetivos muito profundos, e as questões relativas deles, subjetividades essas que são muito caras para entendermos estas sujeitas históricas, suas experiências e contextos sociais, já que estão na centralidade de sua conformação intrínseca, justamente por isso elas nos são narradas atreladas de deveras sensibilidades. Nessas falas, além do elemento memória, o outro traço subjetivo principal identificado ao longo da pesquisa é o identitário, o qual discutimos agora em sua composição, construção e impacto em suas vidas.

No presente capítulo nosso objetivo é discutir a identidade enquanto uma subjetividade destas mulheres, que configura seu ser e influi em seu viver, tendo significados para elas, e sendo construída através de um processo, com seus elementos, formas e sentidos. Buscamos trazer este processo de construção em relação às vivências materiais que elas tiveram, externando qual o conjunto identitário que elas reivindicam para si atualmente, como resultado de todo este processo, qual a identidade que lhes era imputada nos contextos vividos, e as relações existentes entre suas identidades individuais e aquelas coletivas dos agrupamentos nos quais elas estavam e estão imersas em suas vidas.

Já que inicialmente trouxemos suas histórias, entendendo suas relações com suas subjetividades, e a pouco discutimos a construção e organicidade da subjetividade mnemônica destas mulheres, nos propomos então agora a discutir a construção e a organicidade de sua subjetividade identitária, também a partir da contribuição de suas experiências, sendo a

segunda subjetividade que consideramos, a identidade, para mais que a memória, já considerada.

O debate que trazemos no presente capítulo, a respeito do elemento subjetivo identitário das Elias Sertanejas, tem como aporte uma discussão entre as proposições teóricas de Candeau (2011) e, principalmente, de Rüsen (2009). Com eles notamos que as duas categorias historiográficas que estudamos, memórias e identidades, devem ser consideradas como organicidades humanas indissoluvelmente ligadas. A memória ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada, na funcionalidade de uma dialética destes dois elementos subjetivos que se conjugam para produzir uma trajetória de vida e sua história.

Ainda em Candeau (IDEM, p. 62-63; 67-77), temos a identidade como advinda da ligação de estados diferentes da consciência pela memória, sempre em um movimento ativo e reativo. Os atos de memória, por sua vez, fomentam a identidade ou a perda dela. Prosseguindo, o autor nos propõe que retirar, modificar ou atribuir elementos mnemônicos à um indivíduo ou grupo é mobilizar sua própria identidade, em uma espécie de controle sobre uma alteridade. Exemplo prático disto é a nomeação de alguém: lembrar ou esquecer o nome de alguém, substituindo-o, no caso do esquecimento, por generalidades que supostamente englobam este alguém, é uma questão de classes, uma consideração cultural. Ainda neste exemplo, podemos enxergar o sobrenome na ótica de uma permanência de identidade, ou de seu expurgo.

Já na perspectiva Rüseniana a identidade nos é apresentada pela afirmação de que,

“A memória histórica e a consciência histórica têm uma importante função cultural: elas formam e expressam identidade. Elas delimitam o domínio da vida de uma pessoa – os aspectos familiares e reconfortantes de seu próprio mundo da vida – em relação ao mundo dos outros, que frequentemente é um “outro mundo”, e como tal um mundo estranho. (...) A identidade está localizada no limite entre origem e futuro, uma passagem que não pode ser abandonada à cadeia natural dos eventos, mas tem que ser intelectualmente compreendida e alcançada.” (Rüsen, 2009, p. 173).

Partir deste pressuposto de formação de identidades, corrobora com nossa visualização desta em uma perspectiva temporal, onde a mudança dos grupos e indivíduos nelas envolvidos e de seus mundos contextualizantes, gera frequentes guinadas em diferentes escalas nas experiências vividas em relação às coisas. É um constante esforço mental em manter a sensibilidade da familiaridade, ante as transformações estruturais perturbadoras.

Com estas chaves-explicativas lemos aquelas fontes orais que mais nos explicitam os elementos componentes das identidades de cada uma das irmãs Elias Nonato, sendo por elas reivindicados, ou por nós percebidos. Em primeira percepção, estes elementos

identitários mais aparentes nos pintam imagens de sete irmãs à la Chico Buarque, sertanejas que, antes de tudo, são fortes devido o encarar do ambiente austero e da sociedade desigual no sertão cearense, com o adendo de serem extremamente trabalhadoras e rigidamente morais. Mas, para mais que essas reivindicações de si, nas entrelinhas percebemos mulheres alegres, sensíveis, que valorizam os bons vínculos e afetos, principalmente familiares, cheias de fragilidades, além de desvios e subversões às normas gerais da moral social. De suas identidades, podemos adiantar ainda que existem fortes correlações entre aqueles traços que lhes são peculiares, e as características que a comunidade esperava delas, ou que elas observavam na maioria daqueles que compunham com elas um mesmo grupo social, essas relações ocorreram em movimentos de convergência e divergência, isto sobre visão de mundo, comportamento aceitável e sensibilidades. O *script* dessas personagens reais é, ainda, orgânico pois se modifica ao longo de suas vidas, ou pelo menos elas assim o pretendem, já que destacam semelhanças, nem sempre tão próximas na prática, entre seus Eu's do passado e do presente com seus elementos identitários reivindicados, e salientam modificações, nem sempre de fato perceptíveis, entre quem foram e quem são com aquelas características que teimam em surgir em meio a suas falas.

Neste estudo da formação, composição e organicidades das identidades destas mulheres propomos que, assim como a memória, a identidade é um dos principais traços subjetivos dos sujeitos históricos, pois assim foi identificado nas falas autobiográficas das Elias Nonato. Esse traço foi elaborado e funciona na forma de um processo que recebeu deveras contribuições das experiências materiais delas, podendo ser compreendido a partir da representação sobre seu processo de construção, em conteúdo, forma e significado, na maneira como atua sobre seus seres e sua participação social. Isso tudo mediante uma perspectiva temporal e contextual desta identidade, tendo uma composição contemporânea, onde suas experiências e elementos conjunturais foram fortemente contributivos, uma composição à época das vivências, de maneira a ser a elas destinado um lugar social e uma determinada forma de atuação naquele meio em acordo com os estigmas que “lhe cabiam”, e funcionando, todas duas, a partir de uma dialética de forças entre o individual e o coletivo de cada momento, sendo ainda plurais em cada individualidade.

A composição do presente capítulo foi por nós estabelecida nos seguintes tópicos:

4.1 Da Memória Responsiva à Identidade Auto Reivindicada, onde tratamos do conteúdo e processo de constituição das atuais identidades destas mulheres, como algo diretamente relacionado à suas experiências; **4.2 Entre o Particular e o Geral**, quando discutimos a relação entre identidade individual e coletiva, problematizando as coletividades que as irmãs

compunham desde sua família e comunidade, até as interseccionalidades que lhe atravessaram ao longo da vida; **4.3 Se Fazer e Desfazer-se Constantemente**, em que abordamos os elementos identitários por elas assumidos, mediante as tensões que configuraram suas atuações em meio às situações vividas no passado infanto-juvenil, e por elas elencadas quando das narrativas autobiográficas.

4.1 Da Memória Responsiva a Identidade Auto Reivindicada: Hoje, As Elias Nonato São o Resultado de Suas Experiências

Os idosos, e em especial aqueles mais simples, adoram conversar, principalmente com os mais novos, e contar suas histórias, causos e acasos de “seus tempos”, coisas que viveu, fez e o “como era naquela época”. Em meio a tudo isso comentam sempre: “e eu era assim...”, mas estas pessoas não despontam autonomamente, e até se sentem retraídas a falar quando são provocados sobre o seu lugar de atuação e a constituição de quem eles são. Por um motivo ou outro, não se sentem mais tendo tanta importância de intervenção, ou mesmo não sendo interessantes o suficiente para pensar e apontar suas próprias características. É no entremeio do falar tortuoso destas pessoas sobre tais assuntos que percebemos os elementos constitutivos da percepção de si e da mentalidade que conforma seu ser.

Já que estamos estudando as subjetividades das mulheres Elias Nonato, que é um elemento humano contínuo, assim como a vida, e, mais especificamente, seu processo de construção, e que nos pautamos por uma história do tempo presente, sendo que temos inclusive que, metodologicamente, estabelecer um recorte do nosso objeto de estudo, entendemos as identidades estudadas como um produto histórico a nós apresentado no momento da pesquisa em história oral. Mesmo que siga se desenrolando, consideramos a identidade destas mulheres como sendo aquele conjunto elaborado até o momento em que lhe pesquisamos, para entender e escutinar as identidades destas mulheres da forma, conteúdo e significado como são, mesmo que na vida continuem sendo, para daí retomar, deste marco para trás e em contexto, as questões relativas a tais subjetividades, suas sujeitas históricas e contextos envolvidos, elencando as questões de processo construtivo e atuação social.

Neste tópico nossos objetivos são: compreender o processo constitutivo da subjetividade identitária destas mulheres, seus elementos, formas e significados, a constituição e funcionalidade de suas identidades reivindicadas e/ou percebidas atualmente, seus sentidos e conteúdo característico. Isso através daqueles trechos de entrevistas em que, consciente ou implicitamente, as irmãs nos revelam uma caracterização dos seus seres, o

significado para elas e considerações sobre a percepção social para com elas, nos trazendo o processo de construção dessas identidades e os elementos envolvidos neste processo.

Memória responsiva para Rüsen (2009) é aquela acionada por experiências intensas, vividos que gravam suas marcas nas mentes dos sujeitos que por ela passaram, ou seja, é o recordar daquilo que mudou a pessoa, dos fatos/processos que contribuíram na montagem de quem ela é, e que segue à caracterizando, justamente por meio de sua presença em memória e significado. É uma impressão da vivência no espírito do sujeito, ocorrida na ocasião e reforçada justamente pelo trabalho que esta memória tem em trazer o passado para o presente como uma imagem poderosa e persistente.

Nisto os atos de memória são como instrumentos capacitadores do raciocínio estruturado, da consciência e do conhecimento de si. Justamente por isso, memória – na forma de um processo cognitivo – é então um combustível de identidade, consolidando ou desfazendo o sentimento identitário, ou seja, o conjunto da personalidade vigente. Estes atos, trabalhos, de memória são classificados por Candéau (2011) como referentes ao passado, à ação e à espera em direção ao futuro.

Estes atos de memória são desenvolvidos em processo sistemático no tempo, elaborando e alterando a identidade e as percepções dos participantes sobre tempo, mundo, o próprio “eu”, etc. Sua definição poderia ser simplificada como “uma imagem do acontecido”, composta por um tensionamento entre elementos conscientes e inconscientes. Dessa maneira, podemos afirmar que a consciência é temporal, e que essa continuidade processual é sentida por quem com ela se envolve, da mesma forma que a identidade (CANDEAU, 2011, p. 59-62).

No trabalho de memória são elaborados os elementos vividos, mesmo que traumáticos, não sendo algo controlável, por mais que se tente através da consciência. E é justamente ao modo desta última, que estes elementos influem sobre a identidade, ideal, no caso dos elementos quistos, e real, na somatória com aqueles que se encontram recalçados. Estas marcas subjetivas são configuradores das relações entre tempos e fatos, componentes dos atos de memória, representações imagéticas e culturais da realidade apreendida (CANDEAU, 2011, p. 64-67).

Assim temos o processo de construção das identidades destas mulheres, a partir de suas memórias e do conteúdo destas. E, para mais que isso, rememorar é em si fazer uma narrativa de identidade, que não conta tudo o que ocorreu, mas conta uma totalidade de imagens que foram significadas, por serem relevantes para quem rememora. Que estabelece silêncios e esquecimentos inconscientes em nome de uma confortabilidade do ser, mas que

com isto demonstra justamente o estabelecimento de uma identidade narrativa. Neste processo, o indivíduo inventaria o que fica do vivido significando-o e dando-o um fim, não necessariamente uma funcionalidade narrativa (CANDEAU, 2011).

Este estabelecimento ocorre na senda de uma reconstrução entre tempos, uma constante re-criação em uma estrutura mnemônica. O mecanismo que leva isto a cabo, a narrativa, é carregado com o já explanado ato de memória, na companhia inseparável de estratégias identitárias. A narrativa que nos deparamos então, é uma verdade do sujeito, com todos os fatores imbricados que devem ser considerados, relativamente à realidade factual, e é aí que compreendemos a produção inconsciente e consciente do ato de memória, do passado e consequentemente da identidade.

Identidade nestes termos é um procedimento específico de criação de sentido. Este procedimento funde experiências do passado e expectativas do futuro para compreender o progresso temporal. Dessa compreensão molda-se o mundo da vida e provê o eu constantemente com coerência interior, sem perca do núcleo essencial identificador, ou com imagens semelhantes, quando de modificação (RÜSEN, 2009, p. 174).

A já apontada dimensão temporal da identidade, pode ser percebida na localização territorial e mental do eu, e então, na posição cultural estrutural de grupos e indivíduos. Aqui os sujeitos se situam e traçam fronteiras com os outros e com sua alteridade no espaço-tempo de um mundo comum a todos. Essas fronteiras são normativamente determinadas e carregadas de valores pessoais e culturais.

Os principais traços identitários que nossas entrevistadas nos apontaram, ou que ao longo do estudo em história oral pudemos nelas perceber, já se fizeram presentes em suas narrativas concomitantes a demonstrativos de onde advinham e de que maneira funcionavam em suas vidas. São eles: de Geralda (IDEM, p. 02-03) se coloca enquanto uma mulher religiosa, seguidora da bíblia, por seu deus protegida e de presença na igreja, essa característica esta presente na narrativa de todas as irmãs, nesta destaca-se apenas o fato dela externar desprezo por quem não segue também tais diretrizes cristãs; Francisca (IDEM, p. 04) também se autocaracteriza com traços comuns a todas as irmãs, como uma mulher trabalhadeira e unida com sua família, mas suas peculiaridades residem em ela ser, segundo ela mesma, uma mulher muito justa e experiente, “mais vivida” que suas irmãs; Antonia (IDEM, p. 04-05) se declara uma mulher sincera, independente em suas finanças e projeto de vida com relação a marido, sendo inclusive desapegada afetivamente e centrada totalmente em seu crescimento pessoal.

Prosseguindo: Amélia (IDEM, pag. 03-04) além dos traços compartilhados com as demais, aponte de si mesma sua alegria contante, o ser alguém feliz, afetuosa, atenciosa, preocupada com a estética sua e daqueles que ama, limpa e organizada; Maria (IDEM, pag. 08) também tesse traços pontuais, se dizendo abusada, briguenta, forte diante dos variados desafios da vida, fiel e o que os militantes chamam hoje de “empoderada”, por se bem querer, não depender de ninguém e priorizar a si nas relações amorosas, mas ela também aponta elementos mais profundos de seu perfil como ter orgulho em ser reconhecida como uma figura materna para diferentes crianças de sua família; Ducarmo (IDEM, p. 05) se põe como uma Aquiles, em suas próprias palavras, denotando a resiliência do herói com sua bravura e expertise diante dos grandes desafios, tendo hoje orgulhosamente “vencido na vida”, o que significa para ela ter um bom emprego, salário e família, alguém feliz pelo que tem e que recentemente resolveu “viver o bom da vida”, que para ela é usar boas roupas e frequentar bons lugares; por fim Cicera (IDEM, p. 11) se intitula como a irmã caçula, o que implica uma localização especial em relação a tudo que a família enfrentou e ao tempo em que ficou no seio familiar, além de ser alguém orgulhosa de tudo que construiu – emprego, patrimônio e família – e se considerar alguém bem educada, além das características compartilhadas por todas, como dissemos.

Destas identidades auto reivindicadas o que podemos notar é a onipresença da religiosidade, em diferentes escalas e modos, como o apego a instituição católica ou apenas às divindades, mas todas elas fazendo referência e se reivindicando enquanto cristãs, isto muito provavelmente pelo fato de a matriarca Lira ter sido uma mulher muito devota, além do meio sertanejo ser reconhecidamente panteísta. Mesma lógica vale para o orgulho em se dizer “trabalhadoras incansáveis”, além de adjetivos correlatos como fortes, resilientes e experientes, vivendo em uma dada condição em que a luta pela sobrevivência era constantemente obrigatória e tendo isto sendo implantado em suas mentalidades desde a primeira infância, entendemos o porquê desta característica ser tida por elas como uma de suas principais virtudes.

Interessante que junto da adjetivação de trabalhadeiras, estas mulheres destacam serem independentes financeiramente, e no caso de Antonia até afetivamente, então não basta apenas trabalhar, tem de se sustentar por si, o que notoriamente tem a ver com o fato de que a mãe delas se desgarrou do pai, em um contexto em que a separação era impensável, ficando com quase todos os filhos e conseguindo se manter. No caso da união familiar, a rede de afetos mantidos entre os irmãos, sua construção pode ter vindo tanto do conjunto que eles formavam nessa mesma luta pela sobrevivência, aonde os ganhos sempre retornavam

coletivamente para o lar, ou mesmo da discrepância entre serem criados unidos e terem tido de se separar pela migração à trabalho desde muito cedo. Os demais traços identitários, acreditamos, advieram da trajetória mais personalista de cada uma, com o que viveram e como reagiram.

Mas além desta configuração identitária reivindicada por estas mulheres, o bojo do “quem elas são” tem ainda uma série de elementos sub-reptícios que nós percebemos nas entrelinhas de suas falas, conformando uma provável completude da face aparente de suas reais identidades. Enquanto Geralda se reivindica fiel escudeira da moral cristã, seus irmãos à apontam como aventureira, por ter fugido de seus pais para se casar com um homem que eles desaprovavam. Enquanto Francisca se apresenta como extremamente dedicada ao trabalho, se revela uma mulher de autocuidado, e preocupada em cuidar do marido. Enquanto Antonia se diz alguém totalmente centrada no desenvolvimento pessoal, notamos seu gosto pela curtição da vida e seu repúdio à exploração. Enquanto Amélia se coloca como amorosa, desapegada da materialidade e sempre alegre, suas irmãs à põem como malvada e soberba em determinadas atitudes, além de lhe termos percebido como detentora de tristezas e algumas posses, e ainda insistente em se demonstrar culta e acolhedora da diversidade. Enquanto Maria nos diz ser a eterna babá da família, é apontada pelas demais como desprovida de conhecimentos escolares, mas sempre muito esperta em meio ao mundo. Enquanto Ducarmo se diz ser hoje alguém que vive as benesses que sua posição social lhe permite, e é contente com isso, nos demonstra ser mórbida e fatalista para com seu passado. E enquanto Cicera se coloca como orgulhosa de si e bem-educada, a percebemos com caráter de provedora familiar e uma mãe linha dura. Isso tudo demonstra dualidades do ser, ou mesmo relações entre genuinidades e performances.

Por todo o exposto, podemos concluir sobre as identidades das Elias Nonato que elas são resultado, não apenas em conteúdo, mas também em forma e funcionalidade, de suas experiências práticas, as sociabilidades que mantiveram e as condições materiais que encararam. Notamos isto principalmente por suas falas de resiliência, e por aqueles elementos que elas ressaltam em suas personalidades que são, direta ou indiretamente, morigerados por esta maneira de relação com o vivido, em excesso ou ausência.

Compreendemos que tais identidades destas mulheres são conjuntos formados por traços auto reivindicadas e outros percebidos, ou seja, que a expressão de quem elas são e como são se dá por meio de elementos explícitos em suas colocações e explicitados por suas atuações, algo que como a relação consciente/inconsciente, sendo quem se é na correlação com o que se bem quer e o que é socialmente desejável, e aquelas marcas inseparáveis de si, mesmo que indesejáveis. Essas duas formas de ser estão presentes na intervenção social que

estas mulheres exercem, caracterizando-a e fazendo com que elas sejam reconhecidas. Para mais que isto, as Elias Nonato exortam suas composições subjetivas de maneira muito enfática, como em uma reafirmação, demonstrando na base de tudo incisividade, assim como transparecem seus traços implícitos na verdade de forma muito clara no gesto e no verbo, é uma reatividade de um eu forjado de forma áspera. Por fim, o conteúdo destas identidades, reivindicado ou percebido, nos aparece de formas de ser mais estruturais ao contexto vivido, até traços mais próprios de cada uma, além de cada elemento formativo vir junto das questões que lhe envolvem, origem, temática relacionada e significada, tornando-os autoexplicativos.

4.2 Entre o Particular e o Geral: Os Coletivos Que As Individualidades de Cada Irmã Compõe e Seus Identitarismos

Vivemos atualmente uma crise em nossa referenciação identitária. Por um lado, determinados grupos militantes da sociedade reivindicam pertencerem a frações cada vez mais específicas da comunidade, como por exemplo o “ser mulher negra lésbica”. Por outro lado, cresce o número de indivíduos que se sentem perdidos quanto a quem são e o que representam, por tanto terem tentado participar de algum coletivo ou padrão, ou mesmo de ter ido tão fundo neles. Tudo isto em meio ao prosseguimento da estrutura social da estigmatização do outro pelos determinismos que “seu lugar” lhe “faz caber”.

Todas estas problemáticas nos são demonstradas constantemente em reportagens, redes sociais e mesmo expressões próximas de nosso cotidiano e que tomamos conhecimento, gerando tensões internas às pessoas e aos grupos com relação a maneira de identificação que nos compreendemos e que compreendemos os outros. As relações sociais diante disto, muitas vezes, entram em ebulição, pois tais guinadas na forma do se identificar e identificar o outro em meio ao corpo social ainda precisam ser inteligibilizadas, e por conta que a relação de identidade indivíduo-coletivo ainda tem muitas questões a serem decifradas.

Dentro do recorte desta parte do nosso objeto de estudo já demarcado no tópico anterior, qual seja, a subjetividade identitária destas mulheres na forma como se apresentam para nós no momento da pesquisa, e seu processo de elaboração, e já tendo discutido as questões anteriores, nos debruçamos agora sobre demais questões que também são importantes para compreendermos e dizermos sobre nosso objeto de estudo. Abordamos algumas de suas outras nuances, no que diz respeito aos movimentos entre âmbitos e forças internas e externas ao indivíduo na constituição de sua identidade em seu meio, aprofundando nosso entendimento sobre sua composição, já iniciada no tópico anterior.

Neste tópico nosso objetivo é trazer outras questões que envolvem as identidades destas mulheres e suas elaborações, para mais que as já tratadas e no recorte considerado, levando a cabo agora os outros debates que envolvem a compreensão em volta desta subjetividade identitária e sua elaboração: a relação entre as diferentes coletividades que estas mulheres estavam inseridas, seus ideais identitários de sociedade e para estas indivíduos em específico, e suas identidades individuais; a forma como consumiram estes elementos, os assumindo, adaptando ou rejeitando, e seus significados para elas; além de compreender as peculiaridades dos elementos identitários destas mulheres advindos desta relação, como por exemplo o nome e suas especificidades, e os traços mentais e comportamentais referentes a cada interseccionalidade que atravessava suas vidas (gênero, sertão e classe), aprofundando o debate sobre estas questões hora já levantado, e ressaltando a individualidade das identidades destas mulheres. Tudo por meio dos trechos de suas narrativas que mais nos revelem as relações entre as identidades delas, as identidades do meio e aquelas *personas* pensada pelo meio para estas mulheres, assim como a demonstração da motivação destes traços identitários.

Como vimos no capítulo anterior, existe uma relação entre memória e identidade, na qual a primeira, com sua recorrência e significado, contribui e muito para edificar a segunda. Esta conexão pode ser observada também nos enlaces entre a individualidade e a coletividade de cada um destes elementos subjetivos.

Para Le Goff, o estudo histórico da memória, mesmo partindo das recordações produzidas no âmbito individual, deve se propor a inteligibilidade de sua configuração histórica, ou seja, coletiva ou social, uma vez que é justamente aí que se encontram os problemas de tempo e de história que nos interessam incidindo nestas individualidades com o balizar de sua formatação. A operação mnemônica que provocamos face a face com nossas e nossos colaboradores se faz hora em retraimento, hora em transbordamento, mas sempre em correlação com estes aspectos conjunturais, sendo neste ponto que a problematização atua. Tais problemas históricos, coletivos, que imergem à atuação individual encaminham a suficiência da significação do conteúdo recordado, assim como a maneira de sua recordação, enquanto algo corriqueiro ou melindroso, por exemplo, e forma e impacto de sua exposição e funcionalidade na sociedade, desde sua caracterização mais oral ou escrita (LE GOFF, 1990, p. 426).

Nesta mesma senda, o coletivo e o individual têm ações imbricadas, porém diferentes, no processo de constituição e adaptação da identidade, assim como na atuação para qual ela encaminha o indivíduo em meio ao seu contexto social. Temos aqui o empreendimento de uma significação total da experiência hora desenvolvida, de um

sentimento de pertença ao passado produzido. Busca-se domesticar o passado para significar a identidade, nisto a intenção do indivíduo organiza a seleção da memória, e esta motivação organizativa difere com o avançar do tempo, com o modificar contextual em relação ao emocional do narrador, onde as perspectivas do passado, as memórias, podem ser esquecidas, lembradas, rearticuladas, re-sentidas (CANDEAU, 2011).

O autor finaliza este momento de seu raciocínio elencando que, a elaboração da unidade pessoal, da identidade, embora algo episódico e recorrente, é sempre uma totalização do ser. Assim, esta elaboração ocorre em um movimento dialético entre seguridade identitária e seguridade de rememoração totalizante. Em outra altura do desenvolvimento de sua obra, Candéau (201) explana estas definições no entorno da identidade de uma forma mais objetiva, colocando-a, especificamente quando pensada em relação ao indivíduo, na forma de um “estado-resultante”, de uma instancia administrativa, de uma representação ou de um conceito.

Nesta escala da coletividade, não tratamos de identidade propriamente dita, mas sim de algo mais flexível como semelhança ou similitude, satisfazendo uma inclinação natural do espírito. Nela os indivíduos percebem-se, imaginam-se membros de um grupo e promovem discursos significantes quanto à origem, história e natureza desse grupo. Sobre esta relação do indivíduo com os outros que compõem seu todo de formação e atuação, Rüsen (2009) aponta que este mecanismo é imputado inconscientemente nos indivíduos quanto a sua necessidade, é na verdade estruturado por uma série de procedimentos conscientes, já que centraliza a questão ora citada por Candéau (2011) da determinação da identidade pela diferenciação relativa do outro. Entre estes procedimentos estão:

Síntese de experiências, uma abordagem intencional do passado, que determina a ação e o propósito do historicamente conhecido, uma relação experiência lembrada-objetivo visado, para que assim se possa diferir eu/outro, mesmidade/alteridade. Elencado de perspectivas positivas, valores e preferências para sobreviver em seu mundo, em seu “eu” de forma significativa, e de aspectos negativos, ameaçadores, perturbadores, enquanto sendo reprimidos, transferidos para o outro, desterritorializados e aniquilados do espaço significativo do eu. Avaliação positiva do todo pertencente a um tempo, mundo e ordem mundana individual que legitime sua autocompreensão.

A relação entre a individualidade e a coletividade na elaboração e manifestação das identidades das Elias Nonato já pôde ser observada no tópico anterior. Como vimos, o ser destas mulheres é composto de elementos estruturais, ditos assim pois presentes em suas irmãs e advindos de experiências coletivas, e particulares, pertencentes a cada uma delas e

correlatos à suas respectivas especialidades em vivências, especificando-as umas às outras. Essas duas formas de composição coexistem ao longo da expressão das identidades destas mulheres complementando-se, mesmo assim todas elas reivindicam, da mesma forma que para com suas histórias biográficas, a primazia de cada uma de suas identidades únicas.

Um importante elemento em que podemos ver claramente a incidência dessa relação coletivo/indivíduo entre as Elias Nonato, e seus irmãos, com sua família, o conjunto social primeiro de suas vidas, nas suas identidades, é os seus nomes e o processo de (re)atribuição. Embora estes “causos” apareçam como anedota pontualmente em diversas falas, foi Ducarmo (IDEM, p. 29) que nos explicou as peculiaridades do seu nome e de seus irmãos, formuladas a partir das dimensões a quais seus pais eram subjetivamente apegados. Então temos que o sobrenome da família é “Elias Nonato”, tanto que está presente no nome de grande parte dos irmãos, mas Maria Ducarmo tem apenas o sobrenome “Nonato” e, a falecida, Maria Aparecida tem apenas o sobrenome “Elias”, isso porque o patriarca Jorge, acreditava que quem tem quatro nomes é jumento. Temos também que, uma vez que o casal Isabel e Jorge tiveram vinte e dois filhos, e que logicamente todos precisavam de nomes, para todos eles foi escolhida a graça do batismo pelo nome do santo ao qual o mês de seu nascimento estava vinculado, segundo o calendário que tinham pregado na parede. Justamente por este critério de escolhas há duas irmãs com o mesmo nome: Antonia. Enquanto uma permaneceu utilizando este, a mais velha que recebeu tal nome primeiro, permanece usando-o até hoje, mas a segunda, não conseguimos identificar como, até hoje é apelidada de Maria. Essa troca de nomes ocorreu ainda com o homônimo delas duas, Antonio. O filho homem mais velho encarnou uma prática comum nos sertões nordestinos, acometido por “o mal”, como a epilepsia era conhecida, teve seu nome, em uma promessa e momento de orações, modificado para “Inácio”, em alusão a Santo Inácio de Loyola, com a confiança de seus pais na promessa do catolicismo popular daquele tempo-espço de que as crises convulsivas cessariam.

O nome de uma pessoa, geralmente a ela dado, ou mesmo autoatribuído em determinados casos, pode ser considerado o cartão de visitas de sua identidade, o primeiro elemento citado quando do mapeamento deste traço subjetivo. De uma forma ou de outra, este traço identitário, que em muito configura a pessoa, tem em sua constituição uma influência da coletividade, principalmente nos casos mais comuns, em que a família é que atribui tal traço ao indivíduo. No presente caso, temos os pais atribuindo um lugar de vivência a estes filhos, o que e quem se espera que eles sejam com tais nomes. E esta atribuição advém de escolhas que estes pais fazem, justamente de quais nomes colocar em seus filhos. Tais escolhas são, em si,

mais uma forma prática de incisão da dimensão coletiva na individualidade, tendo em vista que não são inocentes, mas guiadas por dimensões dos contextos sociais de quem escolhe. As dimensões que claramente exercem força sobre as identidades dos indivíduos desta família são: a religiosa, com o catolicismo popular arraigado, no caso dos nomes dos santos, as credences populares, no caso do medo em ter filhos “jumentos”, e a dos costumes, já que “Maria” é historicamente o nome mais usual para mulheres negras empregadas domésticas no Brasil. Interessante que todos eles acolhem essa determinação nominal e exercem fielmente seus seres em cima desta base.

Chegamos agora à consideração daqueles coletivos que contextualizaram de maneira mais íntima a edificação do ser destas mulheres, notando o quão incidentes foram, com suas características estruturalizantes, sobre a configuração das identidades delas e a maneira em que elas consumiram tais padrões na elaboração de si e na sua expressão. A primeira destas dimensões coletivas é a de gênero:

Falci (2004), no que tange as pluralidades das trajetórias de mulheres, aponta que há especificidades com relação ao meio cultural e geográfico do sertão nordestino brasileiro, recorte este que se atenta às particularidades históricas que aqui buscamos compreender. Neste sentido, pomos na ordem do dia um estudo não generalizante em relação às condições das mulheres pobres, ou quanto ao processo de elaboração das subjetividades femininas, mas dizemos sobre mulheres componentes de um tempo vivido e carregado dentro de si, com as condições e categorias sociais que coalizavam sua comunidade contextual, marcada pelo campesinato, patriarcalismo, paternalismo, conservadorismo e pelas heranças do não tão distante sistema escravocrata, em alguns exemplos. Mais que relações entre indivíduos dos gêneros opostos, são expressões de padrões destes no ser, que juntos elaboram suas identidades.

O recorte de gênero, basicamente homem e mulher, quando observado em sua funcionalidade no todo social, busca imputar papéis de atuação aos indivíduos, nos quais a forma de ser tem parâmetros bem definidos para cada um dos lados. Quando observada a questão da regionalidade do ser mulher, ou seja, a localização espaço-temporal deste recorte de gênero, a incidência destes padrões coletivos se torna ainda mais específica sobre o ser delas. É Francisca (IDEM, p. 06) que nos mostra essa conexão entre identidade feminina coletiva e individual de maneira mais significativa, quando critica suas filhas por não exercerem para com ela o cuidado geriátrico que lhes era esperado, e que ela às ensinou, já que seus demais filhos são homens. Francisca também expõe essa relação na forma como se referencia aos personagens de sua história, com homens localizados por seus trabalhos ou

sobrenomes, mas mulheres referenciadas com os nomes de seus pais ou maridos (IDEM, p. 15). Em uma sociedade marcada por trabalhos atribuídos aos respectivos gêneros, e relações sociais em que a mulher deve sempre respeito ao homem, mas não necessariamente ao contrário, o entendimento do ser mulher que as Elias Nonato têm envolve deveres não negociáveis à boa pessoa, além de uma visão de si e de suas pares em uma situação de submissão simbólica a ser naturalizada. O fato dela repreender a falta da qualidade do cuidar em suas filhas, nos aponta que ela assimilou este padrão feminino, assim como ela referir-se a outras mulheres como “fulanA DE sicranO” é indicativo que ela acata tal referência também para ela mesma, e a hierarquia que ela traz.

A segunda dimensão coletiva que é expoente desta conexão entre identidade coletiva e individual das Elias Nonato é a sertanejidade. Compor o sertão, esse espaço profundo da nação, longe do litoral, com suas peculiaridades naturais e de sua sociedade, assim como de sua história, mas sem homogeneidade, pulsando a partir dos diferentes espaços e tempos que lhes compõem, tem traços comuns em suas sociabilidades e jeitos de ser, assim como uma lida específica com as especialidades do ambiente e balizas semelhantes para as possibilidades e limitações que as pessoas têm. Geralda nos explicita como estar inserida na coletividade deste sertão trouxe uma caracterização a sua identidade enquanto sertaneja, já que compartilhava das redes de solidariedade que uniam os indivíduos daquele espaço-tempo, uma vez que todos encaravam as austeridades ali onipresentes. Isto é perceptível por ela usar a primeira pessoa do singular ao retratar as empreitadas coletivas às matas, na busca de materiais para construção de casas de taipa para os vizinhos necessitados (IDEM, p. 11), assim como pela crítica que ela realiza ao “povo de hoje”, ou seja, o conjunto da sociedade atual que, segundo ela, são pessoas difíceis, diferentes de seu tempo, com as quais não se pode conseguir sequer uma informação, ou manter qualquer diálogo, pois são incapazes de ajudar (IDEM, . 15).

A terceira dimensão coletiva em que as Elias Nonato realizaram trocas mais significativas entre a caracterização coletiva e suas individualidades foi a classe. O próprio entendimento deste conceito, como veremos abaixo, atribui aos componentes de uma mesma classe o compartilhamento de mentalidades, sentimentos, jeitos e práticas, além das possibilidades de ser e fazer assomado a questão do status social, o lugar que a comunidade reserva aos indivíduos de cada classe e espera que eles o cumpram. Assim, há uma identidade também nesta coletividade, a classe dos pobres rurais despossuídos, com especificidades em quem seus membros participantes são e como agem.

É necessário que consideremos em nossa interpretação destas experiências históricas e de seus impactos identitários uma visão calcada na consideração dos âmbitos da infraestrutura, aquilo que é palpável, e da superestrutura, aquilo que é intangível. Nela os processos sociais funcionam em uma dialética entre estes dois âmbitos, observados os critérios de: efetivação da organização prática das instituições; caráter de visão de mundo norteador das ações e empreendimentos; e efeitos processuais na experiência humana promovida, consequente da imbricação dos primeiros (THOMPSON, 2001, p. 80-81).

É mister a realização de afirmações sobre as ações e os efeitos dos processos humanos visualizados neste estudo de caso, conectando-as mais proximamente com os desenvolvimentos práticos materialmente ocorridos. Nestas constatações consideramos em concomitância os elementos do palpável, e do intangível, da infra e da superestrutura. Fazemos isso com a percepção da frequência dos movimentos das comunidades estudadas, e de seus impactos nos seguimentos sociais, remontando suas características a partir de seus vestígios e da compreensão de seus elementos e consequências, notando-os quanto ao seu peso e funcionamento em relação ao todo, aos diversos contextos.

Assim, considerando o caráter econômico, podemos perceber posturas assumidas pelas diferentes categorias de trabalhadores e de demais sujeitos localizados na estratificação social, o que implica nas relações sociais. Podemos perceber também o estilo do pensamento dos grupos em suas práticas deste âmbito, notando suas estruturas mentais e intelectuais aqui incidentes. Visualizamos isto ao tempo em que destrinchamos os fatos, processos e estruturas considerados neste caso. Em uma visão mais ampla, temos a percepção de desdobramentos culturais em relação aos aspectos socioestruturais – desejos, costumes, ritos, etc (IDEM, p. 90-93).

Para Thompson este é um esforço necessário para que entendamos as funções sociais estruturais desempenhadas por cada indivíduo e grupo/classe, em uma interconexão. Mas o fizemos com o cuidado em não incorrerem em um exagero disfuncional, em relação às responsabilidades que lhes atribuímos, propondo serem “constatações”. Não podemos perder o controle, nem nossa postura e responsabilidade historiográfica para com as classes, mesmo diante de situações revoltantes e da nossa sensibilidade de lugar de fala, pois os juízos de valor comprometem a reflexão e prejudicam a proposição de conhecimento sobre.

Como já dito anteriormente, é preciso ter um olhar cirúrgico na identificação da incisão das dimensões e dos ambientes contextuais, como transversalidades constitutivas do subjetivo do ser, inclusive da identidade, atingem polos antagônicos de reunião das classes. Biscamos aqui caracterizar este antagonismo e os elementos que o aumentam ou o reduzem,

onde estão os níveis de partilha, arregimentando uma consciência de fato conectada com os significados de cada elemento contextualizador estudado aqui no caso (IDEM).

É Cicera (IDEM, p. 18) quem nos revela que, ao lado de todos estes traços pessoais das Elias Nonato que já pudemos acompanhar até aqui, batia a porta de suas subjetividades maneiras coletivas de viver nas condições pauperizadas de subsistência, enquanto se relacionavam com os dominantes socioeconomicamente, os quais faziam questão de recordar a estas mulheres o *status quo* e a identidade que lhes cabia ter e exercer nele. Isto fica claro no trecho em que ela delineia as precárias condições de trabalho da maioria das empregadas domésticas naquela região e época: por exemplo, usar ambientes e aparelhos domésticos diferentes de seus padrões para necessidades básicas como se alimentar ou de caráter fisiológico, com isto os padrões buscavam reafirmar uma inferioridade destas mulheres, que elas estivessem e soubessem desse lugar de suas vidas, pois, embora residissem no mesmo ambiente, não eram consideradas da família ou mesmo igualitariamente humanas, mas sim próximas a algum objeto ou animal, o que nos lembra a escravidão. Esse objetivo em traços do ser pobre são reafirmados quando os padrões lhes disponibilizavam alimentos estragados para saciar sua fome, e anunciavam à vizinha que elas eram meninas ruins e malcriadas. Interessante que, por este relato, tal carapuça a elas nunca serviu, viviam tais insalubridades, sofriam as difamações, mas nunca às aceitavam como corretas, imutáveis ou mesmo ficando caladas, sempre que podiam pregavam suas pessoas e levantavam a voz. Ainda hoje, e principalmente por viverem em outra condição socioeconômica, repudiam tais práticas e se colocam como “dignas”, em oposição àquele lugar hora imputado a elas.

Nesta senda, do entendimento geral que formulamos sobre a relação entre as individualidades das Elias Nonato e as coletividades que elas faziam parte, considerando o jogo de impacto disto no processo constitutivo e na composição e atuação de suas identidades, podemos afirmar que suas trajetórias, e a materialidade com a qual conviveram, levaram elas a se construírem, enquanto seres no sentido total do termo, com elementos coletivos e individuais que se conjugam em suas atuações sociais. Mas deste conglomerado identitário, elas prezam especialmente por aqueles traços que tornam cada uma delas única.

Para mais, os sentidos dessa relação estrutura/particular para essas mulheres, estão presentes em seus traços identitários peculiares como o nome, com a constituição de cada um deles sendo de acordo com centrais dimensões contextuais e sendo por elas absorvidas. E ainda da composição das identidades das Elias Nonato, com seus elementos estruturais, notamos a presença de traços advindos de contextos coletivos interseccionais, nas suas mentalidades e comportamentos, os quais são muito rígidos, com papéis sociais já

historicamente definidos e solidificados, tudo isto posto à estas mulheres de uma maneira muito incisiva, seja explícita ou implicitamente, mas que elas não simplesmente aceitam tais influências sociais, chegando até a repudiá-las, ou, no máximo, às consomem, adaptando à suas individualidades.

4.3 Se Fazer e Desfazer-se Constantemente: Padrões Identitários Àquelas Meninas no Cariri dos Novecentos

Uma das frases mais famosas de Karl Marx é o trecho de diálogo com Engels em que ele afirma “a história repete-se sempre, pelo menos duas vezes, a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa”. Hoje entendemos que a história não é cíclica, mas progressiva, logo não há como se repetir, contudo, é inegável que reminiscências e estruturas do vivido, do ocorrido, ficam na sociedade implícita ou explicitamente e que anos depois encontram terreno para desenvolverem fatos, processos ou interrelações à sua face. É daí que surgem os aforismos de “viver novamente tal coisa” ou “é tal ano de novo”, eternizados na música de Cazuza: “eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades”.

Mas, e nossas individualidades? Nossos seres acontecem novamente? Quem somos, atua em dois momentos históricos apartados? Assim como a história, estamos em constante processo progressivo de mudança, mas não nos esquecemos de quem fomos antes e sempre temos referência nisto e um sentimento sobre esse “ser” que foi e deixou de ser ou mesmo que continuou sendo de maneira adaptada, já que somos em acordo com o contexto vivido.

Dentro do recorte desta parte do objeto de estudo, já demarcado no início do capítulo, qual seja, a subjetividade identitária destas mulheres na forma como se apresentam para nós no momento da pesquisa, e seu processo de elaboração, e já tendo discutido anteriormente algumas das questões importantes para compreensão e explicação de nosso objeto de estudo, nos debruçamos agora sobre mais algumas questões também imprescindíveis a este estudo, abordando as identidades estudadas na essência de sua perspectiva temporal, ou seja, o movimento de ser, deixar de ser, se refazer e considerar sobre o que antes foi.

Neste tópico nossos objetivos são: discutir as identidades das Elias Nonato e seu processo construtivo a partir das alocações que elas se expressaram ao longo do tempo, ou seja, entender quais identidades foram por elas assumidas enquanto viviam as conjunturas

apresentadas em suas autobiografias e quais as percepções sensíveis que elas têm atualmente sobre estas identidades passadas. Levamos em conta que hoje elas estão em um outro lugar de conjuntura e assumindo identidades diferentes, mesmo que com reminiscências das de outrora. Buscamos compreender as relações de condicionamento com o meio que às levavam a serem aquelas pessoas, focalizando forma e conteúdo destas identidades, a partir daquelas narrativas que constem a atuação e forma de ser das Elias Nonato quando de suas vivências relatadas e diante daqueles contextos, e o que elas sentem e consideram atualmente sobre a forma como interviram e foram naquelas ocasiões.

Percebemos a composição identitária do indivíduo em nosso estudo, considerando sua relatividade para com o espaço simbólico de semelhanças ocupado pelas sujeitas históricas em suas experiências infanto-juvenis abarcando-as, levando em conta que os olhares do senso comum consideram como determinantes. Nos atentamos então para com aqueles elementos pragmatizantes de um compartilhamento das mesmas maneiras de estar e agir no mundo, entre os membros de uma mesma sociedade, adquirida desde sua socialização primeira, que contribuíram para defini-las e que elas memorizaram sem ter consciência, princípio mesmo de sua eficácia (CANDEAU, 2011).

Temos aqui então, concepções situacionais de identidade, com nuances desta, que pode ainda ser considerada na cognição dos indivíduos pois estes estão conectados com um núcleo memorial, um fundo ou substrato cultural, que lhe confere uma identidade de certa essência. Mas trabalhar com este entendimento requer o constante cuidado com as ressalvas de que essas mesmas maneiras de estar e agir no mundo não são unanimidade na organicidade da sociedade à qual estas são apontadas enquanto requisito identitário, mas apenas por um grupo majoritário dentro desta sociedade; e de que perceber a presença deste compartilhamentos não garante, por si só, a resolução da questão da definição de uma identidade, pois esta não se resume ao simples fato de expor passivamente hábitos incorporados, demonstrados em atividades e circunstâncias, as estratégias identitárias dos membros de um dito grupo são bem mais amplas, plurais, jogos muito mais sutis.

Percebemos e trabalhamos as identidades das Elias Sertanejas assim, na figura da correlatividade com uma coletividade identitária construída e modificada no quadro das relações, reações e interações socio-situacionais ao longo da biografia destas mulheres, como o autor nos orienta, de onde emergem sentimentos de pertencimento e visões de mundo. Isto é consequência de processos dinâmicos de inclusão e exclusão de diferentes atores da história do caso, que colocam em ação estratégias de designação e de atribuição de características

identitárias reais ou fictícias, ao longo das interrelações cotidianas destes integrantes, recursos simbólicos mobilizados em detrimento de outros provisória ou definitivamente descartados.

Logo, ser alguém, formar-se um sujeito, construir uma identidade demarcante daquela individualidade, é ser caracterizado por práticas, posturas, entendimentos e demais características elaboradas internamente, diante tanto de experiências efetivas em contextos estruturais, quanto da correlação de compartilhamento de maneiras comuns pertencentes a estritos grupos sociais com os quais o sujeito se relaciona. Todavia, construir este elemento subjetivo é também ser caracterizado pela exclusão e rechaço de práticas, posturas e entendimentos manifestadores de características identitárias, recursos simbólicos outros, constantemente evidenciados, no discurso do sujeito por exemplo, como algo contrário, não quisto, e que merece o descarte. Embora consigamos trabalhá-las muito a partir destes discursos presentes nos relatos orais, essas variações situacionais da identidade impedem de reificá-la, de reduzi-la a uma essência ou substância.

Por tudo isso, a identidade é produzida pela diferença, pela clivagem eu/outro, que opera em cada memória, cada esforço de lembrança, que é uma relação normativa assimétrica. Sobre isto, e apenas para ter condições de discutir os tensionamentos que claramente surgem no contar dos fatos e na própria composição do discurso, trazemos aqui a proposição de Rüsen (2009) de o caráter etnocêntrico é quase naturalmente inerente à identidade humana, não levaremos isto ao nível da estratégia cultural difundida para efetivar a identidade coletiva distinguindo o seu próprio povo de outros, mas para compreender os desdobramentos práticos deste processo nos inter-relacionamentos dos indivíduos.

Com este caráter, a produção da identidade pela diferença torna a memória histórica controversa e aberta à conflitos, pois o que identifica e é apoiado pelos membros de uma coletividade de trocas. É negado, não reconhecido e rechaçado pelos demais sujeitos. Os trabalhos de memória para essa produção variam, mas sempre na qualidade de tensão, pois os sujeitos se excluem para constituir os “eus”. Essa tensão, aqui denominada como etnocêntrica, é superada pelo “querer” comunicações intra e interculturais, com aqueles que tem valores, concepções e *modus operandi* diferentes, mas que por algum motivo “valem” o contato.

Todos estes apontamentos demonstram a organicidade da identidade, o quanto esta subjetividade é temporal, ou seja, que o que e quem as Elias Nonato são, e como intervêm no corpo social, advém de um constante processo de (re)construção a partir do que se vive. Trazemos agora os apontamentos dos elementos identitários que pertenciam a estas mulheres à época dos fatos e processos contados em suas narrativas autobiográficas, já com a

deixa de como essas formas de ser e atuar foram elaboradas e qual o atual pertencimento para com elas.

Geralda (IDEM, p. 12-13) põe sua eu passada sendo alguém que “era feliz e não sabia”, danada, no sentido de ser experta e aventureira pelas peripécias infantis que aprontava com suas irmãs, além de, naquele momento, não conhecer a religião, mas apenas o constato trabalho, aliás este último e o “ser trabalhadora” aparecem em todas as caracterizações delas nos autorrelatos pretéritos. Francisca (IDEM, p. 18-19), adiciona a estes mesmos traços identitários pretéritos os adjetivos “curiosa”, “afoita e “desmiolada”, fazendo referência a sua também atuação nas peripécias apontadas pela irmã, e o quanto queria ver e viver novas experiências, sem considerar as consequências. Em quem Francisca foi antigamente consta ainda o sonho de estudar e o perfil de “sofrida”, como ela mesma chamou. Antonia (IDEM, p. 20) nos pintam um eu anterior que, justamente por ser trabalhadora incansável, era desligada de demais assuntos da vida, como a comunicação – existência dos Correios, por exemplo – e as tecnologias. Na fala de Amélia (IDEM, p. 28-29) sua versão de si daquela época sonhava com um pomposo casamento, até porque presava sempre pelo requinte, mas não tinha interesse em ser mãe, tendo gerado suas filhas em observação à vontade de seu marido, mas sem arrependimentos. Ela se disse uma filha obediente e temerosa de seus pais, sempre amorosa com eles e da mãe muito próxima, pertencente a uma família unida e feliz e trabalhadora por prazer, se recusando a ter sido em título empregada doméstica.

Maria (IDEM, p. 13-14) relembra uma versão de si muito esperta, sabendo driblar as dificuldades da vida e criando soluções para suas necessidades, uma alguém que curtiu muito sua vida, divertiu-se e namorou bastante, enfrentando todos os desafios sem vergonha ou desistência, sempre decidida de seus quereres afetivos e cuidadosa no afastamento para com atos ilícitos. Ducarmo (IDEM, p. 07-09) transparece ter sido uma mulher de personalidade forte, mas silenciada pelo trabalho, em suas palavras, escravizador, além de ter sido sempre enxergada socialmente como insignificante e feita de solitária, sendo por tudo isto ressentida. Mas, ao mesmo tempo, esta mulher se diz desde cedo apegada ao seu deus, assim como recatada, medrosa para com o desprezo social e passos não planejados da vida, e ainda firme no propósito de “vencer na vida”, desejando uma outra vida melhor. Cicera (IDEM, p. 13-14) expressou que quando mais jovem suas principais características eram ser filha de pais separados, cobrada para ser trabalhadora desde muito cedo, sendo adulta até quando criança, desprovida dos cuidados básicos a uma mulher pois muito pobre, e que era, textualmente, uma coitada, condenada ao mau viver e besta, por não se rebelar contra estas situações.

Todos estes traços identitários pretéritos que elas apontaram ou que nós percebemos ao longo de suas memórias, nos demonstram e leva a compreender que ao serem provocadas sobre “quem foram no passado” a maioria delas se refere necessariamente ao período da infância, com suas vivências enquanto eram crianças, ao tempo em que apenas Amélia, Maria e Ducarmo destoam, a primeira se remetendo tanto à infância com o seio familiar, quanto à suas experiências com seu cônjuge, o que monopoliza a recordação da segunda, que se localiza em suas vivências juvenis e já quase adultas, também com personagens afetivos, e a última se recorda de quem era em sua adolescência de trabalho. Isso nos permite afirmar que foram estas identidades, embebidas de tais contextos, que marcaram essas mulheres na constituição de seu ser. Observamos ainda que, cada elemento que conteudiza esse “quem elas foram” advém, assim como em suas atuais identidades, das estruturas com das quais elas sofreram influência, ou de suas formas particulares de lidar com cada trajetória que tiveram, mas que, mesmo no caso dos elementos estruturais, há uma autenticidade já que elas não apenas assimilam eles, mas os consomem, adaptando-os ou mesmo os rejeitando em sentido.

Já sobre a construção destes elementos que um dia compuseram as identidades das Elias Nonato, a partir da maneira como eles foram nos expostos e do conhecimento que formulamos até aqui sobre as biografias destas mulheres, notamos e entendemos que tais edificações, lógico que observada a singularidade de cada caso, seguem padrões em dois movimentos. O primeiro é similar ao que ocorreu no processo de construção das atuais identidades delas – a combinação e coabitação de elementos estruturais e particulares em seus seres e nas suas intervenções sociais. As características de cada uma delas apontadas nas páginas anteriores são explicitamente ou repetidas entre si, e mesmo entre os padrões sociais históricos que comumente conhecemos, ou mais pertencentes a cada uma de suas personalidades. Logo, esse formato de elaboração de identidades é uma constante, modificando-se apenas as composições elencadas, sendo os indivíduos ao longo de suas próprias histórias configurados por seus vínculos com os meios aos quais pertencem. Para mais, percebemos também que os elementos identitários estruturais presentes nesses eu's do passado são advindos, uma parte, de um convívio coletivo exemplar ou ao qual elas se adaptam e outra parte da severa imputação dos estigmas sociais para com elas, marcas pejorativas que as comunidades nas quais elas atuavam às cobravam. Mas o que é certo disto tudo é que embora tenham muitas vezes atuado conforme seu “lugar social” lhes exigia, tais modos nunca fizeram fidedigna parte de seus seres, tão logo saíram daquela situação,

abandonaram tais perfis, enquanto os traços por elas construídos com a coletividade em um sentido de parceria, seguem sendo centrais em suas formas de ser.

Quanto a permanência destas formas de ser e atuar, fica perceptível que alguns de seus componentes seguem acompanhando estas mulheres, que outros se adaptaram e que houve até modificações totais. Mas o que podemos afirmar de fato é que para entender as identidades das Elias Nonato, não basta saber sobre seus motores materiais de criação e elementos atuais, mas também compreender que estas subjetividades já foram montadas em um momento pretérito, com outros formatos e conteúdos, e que com o passar do tempo e o viver sofrem modificações, movimento contínuo que segue ocorrendo neste exato minuto.

5 CONCLUSÃO

Eu lembro quando isso aqui era apenas um plano, uma ambição, um desejo. Eu tinha uma ideia de pesquisa, vários PDFs salvos e um sonho que tomava minha mente e meu coração. E hoje deu tudo certo. Pesquisar as Elias Sertanejas, compor o PPGHCE e escrever Oralidades das Elias Nonato desde o início foi um desafio, pensando em excelência, domando as tantas arestas que o íterim e a experiência histórica humanas tem e me aventurando por metodologias e conceitos até então novos para mim. É uma conquista ter produzido tudo isto.

Com a prática de pesquisa em história oral, pudemos notar que o conhecimento desta metodologia de pesquisa vem apenas com um *know how*, é no trabalho de campo que conseguimos desenvolver suas tantas técnicas. Percebemos também que um planejamento adaptado à pesquisa e aos entrevistados é o essencial para a produção de um material profundo e de qualidade, mas também que a postura do pesquisador, tanto no ato de entrevista, quanto nos momentos anteriores e posteriores, ao longo do tempo cronológico em que a pesquisa está sendo desenvolvida, fazem total diferença para a conquista dos entrevistados.

O produto das entrevistas, os relatos orais transcritos, precisam no ato de sua leitura historicizante de um olhar sensível, de quem produziu a entrevista, de modo que link o escrito com o momento do oralizar e o perfil de quem falava, além de fazê-lo em conjunto com anotações a respeito do momento de produção da fonte, tudo isto para que consigamos nos aproximar o máximo possível do sentido que os personagens da pesquisa estavam tentando exprimir.

No todo deste trabalho historiográfico, a pesquisa em si, não apenas com relação a metodologia, as fontes e o trabalho de campo, mas também com o debruçar sobre os aportes teóricos e o presente manejo de escrita, é que as subjetividades humanas, e as especificidades das mulheres Elias Nonato, para serem compreendidas necessitam de um foco aprofundador sobre elas em si, e os personagens envolvidos. Ainda mais por nos interessarmos por um sentido total delas, em conteúdo, forma e significado, não podemos querer analisar funcionalidade e impacto de todas as dimensões sociais envolvidas com elas, mas sim valorizar os elementos destas subjetividades, os processos que lhe envolvem e suas relações com os indivíduos ao quais pertencem e suas histórias de vida, pois assim às compreendemos significativamente.

O solitário processo de escrita nos revelou o quanto é complicado reificar as questões humanas e considerar sobre as histórias que às envolvem a partir de uma fonte tão

frágil como a memória oralizada. Tão imbricados foram seus processos constituintes, tão melindroso é inteligibilizar seus elementos organizadamente. Justamente por isso foi deveras importante as trocas realizadas no PPGHCE que, com suas disciplinas, aceitaram minha perspectiva social de estudo, ao tempo em que me possibilitaram também um olhar cultural sobre meu objeto, além de correções de rota e modificações de aportes teóricos. A socialização da pesquisa, da postura metodológico e os entendimentos teóricos é de alta importância pois permite *feedbacks* ao longo do caminho para que este se torne eficiente, foi com os artigos, apresentações orais e participação em grupos de pesquisa que aprendemos a ler as nuances das subjetividades e buscar as autobiografias orais.

Mais importante ainda foi o crescimento profissional adquirido ao longo deste processo de mestrado, em saber reivindicar uma formatação teórica em que o pesquisador se sente mais confortável e que melhor casa com suas ideologias, mas não se fechar nela. Conseguir se abrir à perspectiva cultural da historiografia foi uma dificuldade, mas também um aprendizado conquistado com todos os espaços e ferramentas da academia, aproveitando todo seu potencial de explicação das questões subjetivas humanas. Justamente com isto que respondemos à pergunta que elaboramos dois anos atrás em nosso projeto de pesquisa: há uma relação direta de condicionamento entre as materialidades vividas pelas Elias Nonato e a construção de suas subjetividades, mas de delineamento da composição e funcionalidade destas últimas e não de sua determinação.

De forma mais específica, o que entendemos sobre as histórias de vida destas sete mulheres é que tanto nas descrições biográficas de cada uma delas, quanto de sua família, há uma série de específicas implicações do(s) espaço(s) social(is) e ambiental vivido(s) por ela(s) coletivamente e em seus respectivos destinos tomados. Além do que essas vidas promovem uma interferência em suas próprias trajetórias, ações ativas que não deixam o ser a quem pertencem ter um destino determinado. E que os elementos que compõem suas vidas são usados pelas narradoras para organizar seu contar autobiográfico em âmbitos periódicos.

Inferimos ainda que no estudo destas biografias a problematização das estruturas histórico-sociais – sertão, gênero e classe – em meio as quais elas desenvolvem suas vidas e atuações é imprescindível para uma compreensão mais próxima do que elas de fato foram. Isto porque eles agiram, individual e coletivamente, enquanto condicionantes configuradores destas vidas, contribuindo com os espaços de possibilidades e limitações que estas mulheres tinham, tendo alto impacto subjetivo nelas. Um último apontamento sobre as biografias destas mulheres é que elas não têm formas pré-definidas aos seres, ou a ser comum, mas sim históricas, localizadas pelas estruturas sociais que lhes atravessam e definidas pelas indivíduos

às quais pertencem, principalmente de gênero, já que as trajetórias de seus irmãos têm formato diferente.

Já sobre suas subjetividades compreendemos que os contextos materiais e as sociabilidades que envolveram as vidas das irmãs Elias Nonato, foram de fato centrais na elaboração e funcionalidade de suas memórias e identidades naquele espaço-tempo. Há uma linha direta entre estas materialidades e tais subjetividades tanto posta explicitamente por nossas entrevistadas em suas falas, quanto por nós percebida ao longo da pesquisa em seus traços intrínsecos. Mas ressalvamos que estes elementos palpáveis da vida, não determinaram estas formulações pessoais, cada irmã tem sua própria construção de si a partir deles. Basicamente o mesmo ocorre com as sensibilidades delas, atreladas a seus vividos.

Com relação às memórias destas mulheres, concluímos que o processo construtivo e organicidade formam um entroncado de formatos da reelaboração do passado. Suas recordações organizam o vivido de diferentes maneiras, com tipos de tratamento deste a depender de seu significado para a sujeita recordante, em pequenos conjuntos que formam o todo mnésico com um dinamismo de influências sobre seus seres. Além disto, existem relações coletivo/individual e social/genético no dimensionamento que as lembranças são produzidas e expostas. A conexão entre as experiências das Elias Nonato e suas memórias se dá, para mais que no conteúdo destas últimas, em seu formato, com estrutura idêntica do vivido.

E sobre o trauma, podemos afirmar que a específica configuração traumática nas memórias destas mulheres, em acordo com o vivido e o significado deste vivido, se dá com relação a formas e tipos de experiências limites pretéritas, que têm um impacto subjetivo em quem elas são e para sua atuação na sociedade. Isso gera adoção de posturas rígidas delas, um constante comparativo com a atual realidade onde elas têm aparentemente maior controle sobre o sentido do seu redor e um rearranjo narrativo do ocorrido e de seus sentidos.

Agora no que tange a composição das identidades de nossas personagens de estudo, formulamos o juízo de que elas são resultado, em conteúdo, forma e funcionalidade, das experiências práticas destas mulheres, as sociabilidades que mantiveram e as condições materiais que encararam. Tais identidades são conjuntos formados por traços auto reivindicadas e outros percebidos, tanto em suas falas de si, quanto na intervenção social que estas mulheres exercem, caracterizando-as e fazendo com que elas sejam reconhecidas. Seus marcos identitários são postos por elas em uma reatividade de um eu forjado de forma áspera. O conteúdo destas formas de ser nos aparece com traços mais estruturais ao contexto vivido, até outros mais próprios de cada uma delas.

Por fim, entendemos que a relação entre as individualidades das Elias Nonato e as coletividades que elas faziam parte, teve um jogo de impacto no processo constitutivo, composição e atuação de suas identidades, uma vez que suas trajetórias, e a materialidade com a qual conviveram, as levaram a se construírem com elementos coletivos e individuais que se conjugam em suas atuações sociais, mesmo elas reivindicando suas singularidades. Que os sentidos dessa relação estrutura/particular para elas, estão presentes em seus traços identitários peculiares como o nome, com a presença de traços advindos de contextos coletivos interseccionais nas suas mentalidades e comportamentos, mas que elas não simplesmente aceitam tais influências sociais, chegando até a repudiá-las, ou, no máximo, às consomem, adaptando à suas individualidades.

Compreendemos ainda que as identidades assumidas quando das vivências passadas das Elias Nonato marcaram essas mulheres na constituição de seu ser. O conteúdo de quem elas foram advém das estruturas que elas sofreram influência e de suas formas particulares de lidar com isto, sendo que as suas autenticidades sempre foram preservadas, pois elas adaptavam ou mesmo rejeitavam em sentido os elementos formativos estruturais. Logo, os indivíduos, ao longo de suas próprias histórias, são sempre configurados por seus vínculos com os meios aos quais pertencem. Assim, as identidades das Elias Nonato já foram montadas em um momento pretérito, com outros formatos e conteúdos, e que com o passar do tempo e o viver sofrem modificações, movimento contínuo que segue ocorrendo neste exato minuto.

Por todo o exposto podemos notar a importância desta pesquisa, primeiro para o nosso campo, já que contribui com uma perspectiva materialista do estudo daqueles assuntos humanos não palpáveis, uma renovação nesta seara, além de fomentar as estantes das pesquisas sobre nossos sertões, âmbito que nos últimos anos vem sendo valorizado pelas instituições, as histórias das trabalhadoras pobres rurais, com uma dimensão não ligada apenas à infraestrutura, e mais especificamente as histórias das mulheres sertanejas e da categoria das empregadas domésticas, além de trazer um panorama das comunidades do Cariri-Oeste cearense em meados do século passado. Ainda mais importante é considerar que esta pesquisa pode ajudar ao público geral perceber os limites e possibilidades existentes entre o todo e si mesmos, e conhecer as situações históricas que conformaram o povo pobre caririense, bem como suas peculiaridades.

No mais, nestes pouco mais de 24 meses de pesquisa e escrita, fizemos aqui o que pudemos com nossas capacidades e ferramentas sobre este objeto historiográfico, e ainda há muito caminho a ser trilhado nesta pesquisa.

Mas esse texto não é mais meu, tendo-o feito, neste momento eu o entrego aos anais da história e historiografia, nas mãos daqueles(as) interessados ou que sintam que em algo pode contribuir nos seus trabalhos, com a esperança de que tal pesquisa possa ter relevância social.

Com afeto e coragem,

Nonato.

REFERÊNCIAS

FONTES

Entrevistada **Geralda Elias Nonato**. Tipo de entrevista: “Conversa Prévia”. Local e data da entrevista respectivamente: Assaré – CE, 07/09/2022. Roteiro utilizado: “Roteiro de Atividade de História Oral – Irmãs e Irmãos Elias Nonato – Conversa Prévia – Geralda”. Tempos de duração e páginas de transcrição: 02:58:47, 22 pag. Responsável pela produção e textualização: próprio autor.

Entrevistada **Francisca Elias Nonato**. Tipo de entrevista: “Conversa Prévia”. Local e data da entrevista respectivamente: Altaneira – CE, 09/09/2022. Roteiro utilizado: “Roteiro de Atividade de História Oral – Irmãs e Irmãos Elias Nonato – Conversa Prévia – Francisca”. Tempo de duração e páginas de transcrição respectivamente: 03:42:39, 37 pag. Responsável pela produção e textualização: próprio autor.

Entrevistada **Antonia Elias Nonato**. Tipo de entrevista: “Conversa Prévia”. Local e data da entrevista respectivamente: Nova Olinda – CE, 09/09/2022. Roteiro utilizado: “Roteiro de Atividade de História Oral – Irmãs e Irmãos Elias Nonato – Conversa Prévia – Antonia”. Tempo de duração e páginas de transcrição respectivamente: 02:14:11, 23 pag. Responsável pela produção e textualização: próprio autor.

Entrevistada **Amélia Elias Nonato**. Tipo de entrevista: “Conversa Prévia”. Local e data da entrevista respectivamente: Crato – CE, 06/09/2022. Roteiro utilizado: “Roteiro de Atividade de História Oral – Irmãs e Irmãos Elias Nonato – Conversa Prévia – Amélia”. Tempo de duração e páginas de transcrição respectivamente: 01:18:19, 30 pag. Responsável pela produção e textualização: próprio autor.

Entrevistada **Antonia Elias Nonato – Maria**. Tipo de entrevista: “Conversa Prévia”. Local e data da entrevista respectivamente: Potengi – CE, 08/09/2022. Roteiro utilizado: “Roteiro de Atividade de História Oral – Irmãs e Irmãos Elias Nonato – Conversa Prévia – Maria”. Tempo de duração e páginas de transcrição respectivamente: 01:26:50, 31 pag. Responsável pela produção e textualização: próprio autor.

Entrevistada **Maria Ducarmo Nonato**. Tipo de entrevista: “Conversa Prévia”. Local e data da entrevista respectivamente: Potengi – CE, 06/09/2022. Roteiro utilizado: “Roteiro de Atividade de História Oral – Irmãs e Irmãos Elias Nonato – Conversa Prévia – Maria Ducarmo”. Tempo de duração e páginas de transcrição respectivamente: 01:02:08, 20 pag. Responsável pela produção e textualização: próprio autor.

Entrevistada **Cicera Elias Nonato**. Tipo de entrevista: “Conversa Prévia”. Local e data da entrevista respectivamente: Potengi – CE, 07/09/2022. Roteiro utilizado: “Roteiro de Atividade de História Oral – Irmãs e Irmãos Elias Nonato – Conversa Prévia – Cicera”. Tempo de duração e páginas de transcrição respectivamente: 01:33:07, 25 pag. Responsável pela produção e textualização: próprio autor.

Entrevistada **Antonio Elias Nonato – Inácio**. Tipo de entrevista: “Conversa Prévia”. Local e data da entrevista: Potengi – CE, 06/09/2022. Roteiro utilizado: “Roteiro de Atividade de História Oral – Irmãs e Irmãos Elias Nonato – Conversa Prévia – Inácio”. Tempo de duração e páginas de transcrição respectivamente: 01:29:48, 23 pag. Responsável pela produção e textualização: próprio autor.

Entrevistada **Raimundo Elias Nonato**. Tipo de entrevista: “Conversa Prévia”. Local e data da entrevista: Potengi – CE, 06/09/2022. Roteiro utilizado: “Roteiro de Atividade de História Oral – Irmãs e Irmãos Elias Nonato – Conversa Prévia – Raimundo”. Tempo de duração e páginas de transcrição respectivamente: 44:38, 17 pag. Responsável pela produção e textualização: próprio autor.

BIBLIOGRAFIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

_____, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.8, n. 15, jul. 1995. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1990/1129>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Apresentação**. In _____. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: editora da fundação Getúlio Vargas, 1998, pag. VII-XXV.

ARAÚJO, Liége de Oliveira. et al. Reflexão conceitual e empírica da importância dos instrumentos de entrevista inicial: anamnese e genograma. **Anais da Mostra Científica do CESUCA**. Cachoeirinha – RS, v. 1, n. 7, nov. 2013. Disponível em: <https://ojs.cesuca.edu.br/index.php/mostrac/article/download/448/pdf_65>. Acesso em: 7 dez. 2022.

BARTHES, Roland. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. In BARTHES, Roland et al. **Análise Estrutural da Narrativa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, pag. 19-62, 2011.

BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. *Outras histórias: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz Barbalha/CE*. 2010. 191 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

BEZERRA, José Tanísio Vieira. *Quando a Ambição Vira Projeto: Fortaleza, Entre o Progresso e o Caos (1846/1879)*. 2000. 190 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica/SP, São Paulo, 2000.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **História Oral: Como Fazer, Como Pensar**. São Paulo: editora Contexto, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A Ilusão Biográfica**. In: DE MORAES FERREIRA, Janaína Amado Marieta. Usos e abusos da história oral. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CANDEAU, Joël. **Da Mnemogênese À Memogênese. Memória e Identidade: do Indivíduo às Retóricas Holistas**. In _____. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, pag. 21-79, 2011.

CARDOSO, Gleudson Passos. **Práticas Letradas e a Construção do mito civilizador: “Luzes”, Seca e Abolicionismo em Fortaleza (1873–1904)**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2016.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CORTEZ, Ana Isabel Ribeiro Parente. *Memória descarrilhadas: o trem na cidade do Crato*. 2008. 245 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

CORTEZ, Otonite. *A Construção da Cidade da Cultura: Crato 1889-1960*. 2000. 202 p. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

DE SOUZA, Flavia Fernandes. Trabalho doméstico: considerações sobre um tema recente de estudos na História do Social do Trabalho no Brasil. **Revista Mundos do trabalho**, v. 7, n. 13, p. 275-296, 2015.

FALCI, Miridan Knox. **Mulheres do Sertão Nordestino**. In PRIORE, Mary Del (Org.). História das Mulheres no Brasil. 7. ed. São Paulo: Contextos, 2004.

FALCON, Francisco. **História Cultural: Uma nova visão sobre a sociedade e a cultura**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FENTREES, James; WICKAM, Chris. **Recordar**. In: _____. Memória Social: Novas Perspectivas Sobre o Passado. Lisboa: Editorial Teorema Ltda., p. 13-38, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2ª ed. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Historiografia, diversidade e história oral: questões metodológicas**. In: LAVERDI, Robson et al (Ed.). *História oral, desigualdades e diferenças*. Recife: Editora Universitária UFPE, pag. 15-37, 2012.

HEYES, Cressida J. **Subjetividade e Poder**. In TAYLOR, Dianna. Michel Foucault: conceitos fundamentais. Petrópolis, RJ: Vozes, pag. 203-220, 2018.

HOBBSAWM, Eric. **O que os historiadores devem a Karl Marx?**. In _____. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 155-170, 1998.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota; LIMA, Zilda Maria Menezes. **Trilhas da Memória e de Evocações da Pós-Memória: Recordações das Filhas de Hansenianos**. In: _____. Memória social da hanseníase no Ceará. Fortaleza: EdUECE, pag. 109-164, 2016.

_____, Gisafran Nazareno Mota. **A Dimensão Metodológica da História Oral**. In: _____. A Oralidade Dos Velhos Na Polifonia Urbana. 2ª. Ed. Fortaleza: Premius, p. 47-66, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

LEVI, Giovanni. **Usos da Biografia**. In: DE MORAES FERREIRA, Janaína Amado Marieta. Usos e abusos da história oral. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa**. In: _____. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, p. 17-34, 1978.

MCGUSHIN, Edward. **A teoria e a prática da subjetividade de Foucault**. In TAYLOR, Dianna. Michel Foucault: conceitos fundamentais. Petrópolis, RJ: Vozes, pag. 165-184, 2018.

PASCOA, Michelle Arantes Costa. *Donas de casa, criadas e empregadas: trabalho doméstico na Fortaleza dos anos 1920 e 1930*. 2020. 119f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

PERROT, Michelle; MARTIN-FUGIER, Anne. **Os Atores**. In PERROT, Michelle (Org.). História da Vida Privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, pag. 77-282, 2009.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais: nascimento do consumo séc. XVII-XIX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RIBEIRO, Felipe Augusto dos Santos et al. Explorando os Potenciais da História Digital: A Experiência do Centro de Documentação e Imagem da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Campus de Nova Iguaçu. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 33, nº 69, jan. 2020. Disponível em: <
<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/79928/77427>>. Acesso em: 19 nov. 2022.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro

Preto, v. 2, n. 2, mar. 2009. Disponível em:

<<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12>>. Acesso em: 1 out. 2021.

SÁ, Paulo Cesar Freire. *“Um Copo D’água E Um Palito...”: Práticas Urbanas E Sociabilidades Nos Quiosques E Cafés De Fortaleza (1886 – 1920)*. 2016. 112 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História e Culturas). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

SANTOS, Nádia Maria Weber. **Memória como narrativas do sensível: entre subjetividades e sensibilidades**. In: GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; SANTOS, Nádia Maria Weber. (Org.). *Memória Social: questões teóricas e metodológicas*. 1ed. Canoas: UniLasalle, 2013, v. 1, p. 131-156.

SCHMIDT, Benito Bisso. **De que falamos quando empregamos o termo “subjetividade” na prática da história oral?** In LAVERDI, Robson et al (Ed.). *História oral, desigualdades e diferenças*. Recife: Editora Universitária UFPE, pag. 83-96, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. Editora Companhia das Letras, 2019.

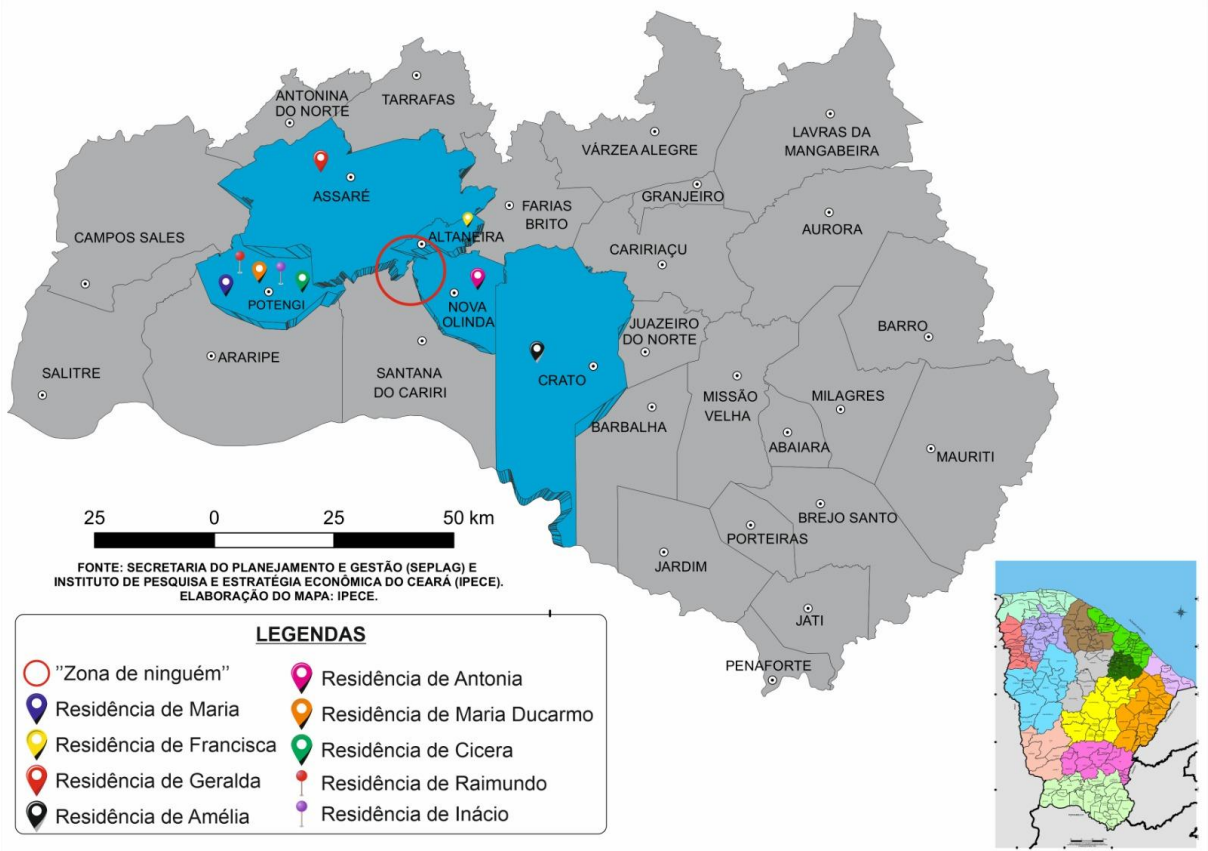
SIQUEIRA, Paula; FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos de Campo**. São Paulo, v. 13, n. 13, mar. 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263/54376>>. Acesso em: 7 set. 2021.

THOMPSON, Edward Palmer. **As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos**. Organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2001.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. *“É um romance minha vida” – a trajetória de Dona Farailda – uma casamenteira no sertão baiano: gênero, memória e construção de si (1929-2014)*. 2014. 237 p. Tese de Doutorado (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**. 74ª ed. Petrópolis Editora Vozes Limitada, 2017.

ANEXO A – MAPA DO CARIRI CEARENSE



Fonte: Acervo de pesquisa do autor

APÊNDICE A – ROTEIRO GERAL DAS ATIVIDADES DE HISTÓRIA ORAL

Noções de Identidade Pré-Estabelecidas e da Construção Dessa:

(Provocar sobre explicando o conceito); (Ouvir e corroborar com a percepção); (Perguntar sobre o ser mulher a cada vez, e em meio ao contexto e sentido em que este elemento identitário aparecer).

Percepção da Relação Psicológica Mantida com os Passados:

(Provocar sobre relações e graus de significâncias, quando necessário); (Perceber relações e graus de significâncias ao longo dos discursos).

Identificação da Relação Indivíduo-Família:

(Provocar sobre relações e graus de significâncias, quando necessário); (Perceber relações e graus de significâncias ao longo dos discursos).

Trajetória Espaço-Temporal Da Família:

(Questionamento direto, e incentivos reincidentes à linearidade ao longo do contar); (Percepção, e questionamento caso necessário, do desenvolvimento das condições econômicas).

Relação Humano-Espaço:

(Perceber relações e graus de significâncias para com o rural e o urbano ao longo dos discursos); (Perceber relações e graus de significâncias para com as secas ao longo dos discursos); (Provocar e questionar diretamente, quando necessário).

Relação Cidadão-Estado:

(Alcançar aprofundamento sobre a conjuntura sócio-econômica e de relação de existência no território); (Questionar situações impostas conscientes); (Perceber ao longo do discurso situações impostas sub-repticiamente); (Se atentar para ações de resistência e sobrevivência espontaneamente relatadas); (Indagar por mais destas ações nas situações e processos, assim como pelo detalhamento das já apresentadas).

Trajetória individual dentro da família:

(Buscar aprofundamento sobre experiências, estrutura e forma do ser familiar, para mais que a questão afetiva); (Questionar detalhamento sobre relação com o pai, a mãe, as irmãs e os irmãos).

Princípios da educação familiar:

(Perceber ao longo do discurso valores da criação e manutenção da família); (Questionar, quando necessário, sobre elementos da moral e ética aprendidos); (Questionar, quando necessário, sobre formas do ensinar estes elementos); (Captar ao

longo do discurso consequências subjetivas); (Perceber e incitar considerações sobre estrutura familiar).

A criação da criança-menina-pobre:

(Perceber apontamentos espontâneos sobre, as normatizações e especificidades relativas); (Provocar sobre deveres e direitos, a noção destes, buscando maior caracterização); (Provocar sobre formas de tratamento, buscando maior caracterização); (Atentar-se para episódios marcantes, e questionar sobre eles a partir de outras vivências, quando necessário); (Perceber receios ao longo dos discursos e indagar diretamente sobre o conteúdo da boa e da má menina); (Captar a subjetividade existente quanto a estas conceitualizações, pergunta-las em meio ao contar de fatos, situações e processos quando necessário); (Considerar apontamentos espontâneos sobre a atual percepção daquela realidade, mas também buscar aprofundamento de suas considerações quando necessário).

Fonte de renda da família:

(Notar qual a presença espontânea desta temática no discurso); (Indagar quais os trabalhos desenvolvidos pelos membros); (Perguntar quais os critérios de divisão e iniciação ao trabalho); (Questionar qual a estabilidade dos trabalhos e da renda); (Indagar qual a relação do trabalho com o convívio familiar); (Provocar sobre qual o significado do trabalho e do trabalhador); (Se atentar a episódios marcantes, ou pedir especificação em meio a alguma situação/condição relatada).

Relações mantidas da família com o meio externo:

(Perceber ao longo dos discursos e perguntar especificações neste caso, e pedir diretamente explanações quando necessário quanto a estas entre famílias, comunidades, zona rural e urbana, cidades, e com as instituições, principalmente a religiosa).

Religiosidade:

(Perguntar qual a religião, perceber possível espanto de obviedade); (Indagar desde quando a professa, perceber possível espanto de obviedade); (Questionar como conheceu a(s) religião(ões) que professou e/ou professa); (Perguntar qual a religião apresentada pela família); (Indagar qual o significado subjetivo individual, perceber possível espanto de obviedade); (Questionar qual o significado subjetivo familiar); (Perguntar qual a presença institucional na época, principalmente quando da moradia em zona rural, e a participação delas com esta instituição); (Provocar sobre o vínculo mantido pela família); (Tatear sobre qual a influência que exercia a época sobre a

família); (Indagar qual a importância em cada temporalidade, realizando essas indagações a longo dos relatos de cada temporalidade); (Provocar quanto ao que afetou em sua criação e na de seus irmãos); (Questionar o que afetou no convívio social seu e de sua família); (Cada um destes elementos deve ser percebido também ao longo do discurso); (Perceber, ou se necessário provocar, sobre a existência, e quais, reflexões sobre a fidelidade religiosa e a situação familiar); (Indagar quais os ritos que participaram, eventuais e costumeiros); (Perceber em cada relato de elemento religioso quais os costumes herdados familiarmente e socialmente ministrados); (Perceber ao longo dos discursos e interpelar cada informação busca quais as implicações específicas sobre a mulher e a estrutura familiar).

Relação do convívio familiar:

(Perceber relações e graus de significâncias para com as condições estruturais ao longo dos discursos, e os vínculos, práticas e ausências afetivas ao longo dos discursos); (Provocar e questionar diretamente, quando necessário sobre caracterizações mais precisas das questões estrutural e afetiva).

Pegar para criar e residir com padrões:

(Visualização do contar das histórias do ocorrido); (Percepção de sentimentos exortados quando destes assuntos); (Perguntar diretamente sobre especificações do processo de ocorrência e de seu contexto); (Questionar, caso necessário, sobre o impacto subjetivo, individual e coletivo, destas ocorrências em relação a: o chamado, a necessidade, o imaginário, a ida, a chegada, a estada longe, a vivência no outro espaço, a percepção de futuro); (Indagar quanto aos discursos sobre); (Relação com o ir embora para trabalhar).

Separação dos pais:

(Perceber presença deste fato no discurso); (Provocar fala geral e características específicas desta história); (Questionar sobre e perceber posicionamento quanto a motivos, fatos e consequências); (Perceber incidência espontânea, e indagar se necessário, sobre impressões temporais sociais, familiares e individuais quanto ao evento, sua ocorrência e condição com relação aos diferentes indivíduos envolvidos); (Perguntar em momentos diferentes sobre os discursos e significado familiar deste dispositivo conjugal e deste evento prático); (Indagar sobre o significado individual e impacto subjetivo deste dispositivo conjugal e insistir sobre o evento prático); (Provocar considerações sobre as questões conjugais conflituosas hora elencadas,

percebendo suas posturas e questionando diretamente sobre elas em sua própria vivência matrimonial).

O trabalho exterior:

(Perceber o discurso da necessidade, e solicitar detalhamento desta necessidade); (A partir da identificação das formas de labor, indagar qual era a disponibilidade das ocupações); (Questionar diretamente qual era a reação familiar e individual para com aqueles que disponibilizavam a ocupação ou o trabalho, principalmente no caso das domésticas, para com a situação necessidade-conquista do trabalho, e sobre a saída da filha(o) do seio familiar quando necessário); (Indagar como se dava de conquista, negociação e encaminhamento da jovem para o labor, principalmente no caso das domésticas); (Se atentar para episódios marcantes, e provoca-los caso necessário a partir de cada relato das condições e experiências encaradas, assim como do funcionamento e imaginário sobre); (Perceber o que significou subjetivamente na entrevistada cada etapa e perguntar quanto ao “se sentir” em cada episódio ou relato mais geral contado, caso necessário); (Enfatizar quais experiências essas vivências trouxeram, focando no imaginário e visão de mundo presentes durante aquelas ocasiões); (Questionar sobre a relação patrão-empregado em cada experiência e as expectativas antes delas e o pós experiência); (Provocar sobre o entendimento, o discurso e o prático da relação trabalho-vida); (Perguntar quais as condições de trabalho em cada ocupação e experiência trabalhista vivida, o que considerava e o que considera sobre, perceber e indagar diretamente se necessário); (Perceber colocações espontâneas sobre quais as relações trabalhadora-sociedade, e questionar diretamente buscando detalhamento); (Se atentar para frequência e intensidade de colocações sobre a situação financeira); (Perguntar diretamente sobre situação salarial, do indivíduo e da(s) família(s) ali envolvidas, buscando especificações); (Captar colocações quanto aos impactos subjetivos da situação de pobreza, ou indagar diretamente sobre o sentir para com esta posição específica); (Provocar considerações temporais sobre trabalho e relações trabalhistas, e as modificações delas ao longo do tempo, perceber ou solicitar conceitualizações destas nas ocorrências à época); (Questionar quando acabou ou quando modificou-se ao ponto de não mais ser daquela forma, perceber postura quanto a rupturas e continuidades).

Afetividade:

(Perceber colocações que demonstrem como relacionamentos eram vistos em querer,

desejo e idealização social, familiar e individualmente); (Provocar e questionar diretamente sobre os discursos, perspectivas e posicionamento à época); (Indagar diretamente sobre considerações atuais com relação à temática e as vivências práticas passadas); (Solicitar delineamento de quais as experiências tiveram nas fases da vida, ir percebendo subjetividades correlativas); (Insistir em um detalhamento quanto à como se deu, o significado, a reação familiar, aos episódios marcantes, e a experiência matrimonial); (Instigar quanto à como se deu, o significado, a reação familiar, e os episódios marcantes).

Casamento:

(Perceber considerações temporais sobre a instituição, as vivências praticadas, os envolvidos e sua relação com a vida material, provocar sobre cada uma destas questões caso necessário); (Incitar diretamente considerações sobre o amor e o afeto); (Questionar diretamente sobre como se deu o seu processo da tomada da decisão, de organização e encaminhamento, o evento e o início da vida conjugal); (Indagar diretamente sobre o seu significado enquanto instituição, algo desejado, algo vivido e sua funcionalidade, focalizando provocações sobre separação, buscar colocações do período pós, quando for o caso); (Buscar caracterização detalhada sobre discursos, posturas, sentimentos e práticas da e a partir, da reação familiar); (Se atentar, e incitar quando necessário, sobre episódios marcantes de cada um destes conjuntos de vivências); (Perceber colocações sobre o desafio da construção familiar e o cotidiano e convívio conjugal e familiar, focalizando nas condições das vivências, provocar sobre caso necessário); (Se Atentar para experiências do novo seio familiar contadas ao longo de cada uma destas questões, caso necessário incitar o contar de experiências a partir de cada questão levantada); (Insistir em um detalhamento quanto a relações interpessoais e econômicas internas e externas, valores norteadores de práticas, posturas e da própria vivência, o significado de estar na relação e ser casada, e as subjetividades provocadas em momento e construção estrutural); (Insistir em um detalhamento quanto ao cotidiano e a vida pessoal e social diante disso).

Filhas e Filhos:

(Perceber incidência da referenciação a estes nos discursos, e as subjetividades arregimentadas para tanto); (Perceber, ou indagar caso necessário, sobre a relação da entrevistada para com cada um); (Se atentar e buscar diretamente detalhamentos de considerações sobre sua criação); (Insistir sobre valores ministrados, construídos e

perdidos no ser da prole, se atentando para as considerações a respeito); (Insistir sobre modos praticados e sua importância, se atentando para as considerações a respeito); (Insistir sobre significado familiar, social e individual do processo e de seu desfecho); (Insistir sobre identidades quistas e de fato construídas em cada empreendimento, se atentando para as idealizações e considerações práticas a respeito); (Identificar e provocar considerações sobre filhas e filhos, de uma maneira geral percebendo quais pontos são levantados e maneira como são caracterizados, principalmente quanto a bem e mal querer, mas provocar se necessário sobre ocupação social, jeito, posturas, situações e condições e educação); (Insistir em um detalhamento quanto a relação do ser construído de fato e a criação, aos valores norteadores e caracterizantes do ser e das práticas destes indivíduos, às identidades idealizadas e pragmatizadas e as considerações sobre, aos significados atribuídos aos ser e as práticas e posturas deles, e às relações e percepções sociais por eles estabelecidos).

Educação:

(Perceber presença da temática, considerações e vivências ao longo dos discursos); (Questionar qual o significado temporalmente ao longo do contar e após este, focar em discursos, idealizações e objetivos); (Insistir em detalhamentos sobre as experiências para com este tema perguntando sobre: disponibilidade, acesso, incentivo familiar e estatal); (Provocar sobre o que se concretizou destas expectativas); (Atual sentimento sobre a educação da qual participou e na profundidade em que foi); (Delinear as experiências, observando as considerações sobre); (Focar em quais as condições estruturais e funcionais do sistema educacional e de sua composição em relação ao todo de sua vida); (Focar em quais os modos de ensino dentro e fora de sala de aula, principalmente em eventos); (Focar em quais os conteúdos e disciplinas e material escolar); (Focar no regramento regimental da convivência e atuação nas atividades, espaços e momentos das instituições); (Focar em quais as(os) professoras(res)); (Focar em qual a relação professor-aluno, se atentando ao longo dos discursos ou incitando diretamente sobre, apreender considerações quanto a categoria e profissionais em específico); (Focar em qual a relação aluno-instituição, ideal e prática, se atentar a divisão por gênero e classe, e às considerações temporais sobre); (Identificar por provocações qual o significado social temporal e a percepção da entrevistada sobre); (Focar em qual o significado especificamente para os padrões deste ambiente e de sua ocupação pelas suas empregadas); (Focar no detalhamento de como era o material

escolar, seus acessos, utilizações e funções); (Questionar qual o impacto do aprendizado científico); (Apreender ao longo dos discursos qual o impacto do aprendizado moral, bem como provocar sobre se atentando para as considerações e posturas relativas).

Sobre a relação com o espaço urbano em relação ao rural:

(Provocar inicialmente e indagar diretamente *a posteriori* quanto a percepção do desenvolvimento das cidades); (Perceber se há comparações conscientes para com o desenvolvimento das práticas e condições rurais relatadas, provocar sobre buscando concretude das perspectivas); (Se atentar para, caso haja a percepção destes desenvolvimentos, considerações sobre o impacto nas vidas, inclusive nas suas); (Indagar diretamente sobre a percepção de um impacto de suas vidas no desenvolvimento das cidades, se atentando a postura perante a pergunta e as considerações sobre); (Provocar sobre quais as visões da zona rural para com as respectivas cidades à época); (Insisti sobre a chegada nestas cidades, ocorrência prática, percepções e sentimentos); (Experiências vividas nas comunidades e espaços rurais e urbanos); (Significado dos espaços, dinâmicas e práticas lá desenvolvidas na história delas); (Provocar sobre percepções e considerações à época de eventos e contextos políticos nas três esferas do poder político); (O acesso ao desenvolvimento urbano e a vivência do desenvolvimento das práticas rurais); (Participação social nas comunidades rurais e urbanas, observação das considerações sobre o corpo social à época e atualmente, e do corpo social para com elas à época, e os sentimentos envolvidos nestas últimas); (Captar ao longo dos discursos as relações com os diferentes grupos de pessoas na maneira que se davam, focando nas afetividades, xenofobias e discriminações em trono da classe, nos impactos subjetivos delas e nas considerações feitas sobre à época e atualmente); (Se atentar e provocar buscando aprofundamento de percepções temporais sobre hierarquias sociais, sua localização e interrelações com os outros); (Provocar sobre formas de ocorrência e demonstração dessas hierarquias sociais); (Perguntar sobre o sentimento de pertença espacial e perceber as considerações justificantes).

Sobre a superação da extrema pobreza (se é que ocorreu):

(Identificar se há este entendimento nos discursos); (Questionar sobre a ocorrência, o significado e as possibilidades trazidas).

OBSERVAÇÕES DE COISAS PARA FAZER/DIZER

(Sempre se valer da abertura familiar previa que tenho e demonstrá-la); (Sempre buscar estabelecer um ambiente dialógico confortável); (Adentrar aos temas de uma maneira natural); (Transformar as atividades em uma conversa fraterna e descontraída); (Valer-me de adaptação e abertura do comportamento para garantir envolvimento da entrevistada e do entrevistado); (Ser extremamente respeitoso com o espaço e as individualidades das e dos entrevistadas e entrevistados); (Realizar acompanhamento não dogmático do roteiro); (Realizar anotações de comportamentos e ambiente contextual); (Se atentar aos caminhos para as atividades e ao contexto de recursos humanos das entrevistadas e dos entrevistados);

OBSERVAÇÕES DE OBJETOS

(Sempre buscar captar fontes); (Sempre provocar diálogo explicativo de cada objeto); (Valer-se dos objetos de memórias em algum diálogo que ele se faça necessário diante das possibilidades que traz); (Se atentar para o contexto material das entrevistadas e dos entrevistados).

APÊNDICE B – TERMOS DE CESSÃO DE DIREITOS DOS ENTREVISTADOS

Termo do irmão Antonio Elias Nonato – Inácio

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA O
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, CULTURAS E
ESPACIALIDADES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**

1. Pelo presente documento, (Antonio Elias Nonato), (Brasileiro), (Separado), (Comerciante), residente e domiciliado em Vila Portelinha, 03 – Potengi – CE, 63160000, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado entre os dias , na cidade , perante o pesquisador Noélio Nonato Alves.
2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, a ENTREVISTADO, proprietário originário da entrevista de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
3. Fica pois o Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

(Potengi) – CE, 04 de Dezembro de 2023.

ANTONIO ELIAS NONATO
Assinatura da ENTREVISTADA

Noélio Nonato Alves
Assinatura do Entrevistador do Programa
De Pós-Graduação Em História, Culturas
e Espacialidades, da Universidade
Estadual Do Ceará

TESTEMUNHAS:

Israel de Sousa Feitosa
Nome Legível: Israel de Sousa Feitosa
CPF: 062.197.183.99

Ramiris de Alencar Alves
Nome Legível: Ramiris de Alencar Alves
CPF: 060.972.633.17



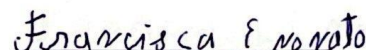
Termo da irmã Francisca Elias Nonato

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA O
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, CULTURAS E
ESPACIALIDADES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**

1. Pelo presente documento, (Francisca Elias Nonato), (Brasileira), (Casada), (Agricultora Aposentada), residente e domiciliado em Rua Elpídio Raimundo Carvalho, 85 – Centro, Altaneira – CE, 63195000, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado entre os dias , na cidade , perante o pesquisador Noélio Nonato Alves.
2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, a ENTREVISTADA, proprietário originário da entrevista de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
3. Fica pois o Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

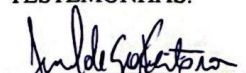
Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

(Altaneira) – CE, 08 de Dezembro de 2023.


Assinatura da ENTREVISTADA


Assinatura do Entrevistador do Programa
De Pós-Graduação Em História, Culturas
e Espacialidades, da Universidade
Estadual Do Ceará

TESTEMUNHAS:


Nome Legível: Israel de Sousa Feitosa
CPF: 062.197.183.99


Nome Legível: Ramiris de Alencar Alves
CPF: 060.972.633.17

Termo da irmã Antonia Elias Nonato

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, CULTURAS E ESPACIALIDADES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

1. Pelo presente documento, (Antonia Elias Nonato), (Brasileira), (Amasiada), (Agricultora Aposentada), residente e domiciliado em Rua dos Gatim, S/n – Nova Olinda – Ce, 63165000, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado entre os dias , na cidade , perante o pesquisador Noélcio Nonato Alves.
2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, a ENTREVISTADA, proprietário originário da entrevista de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
3. Fica pois o Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

(Nova Olinda) – CE, 08 de Dezembro de 2023.

Antonia Elias Nonato
Assinatura da ENTREVISTADA

Noélcio Nonato Alves
Assinatura do Entrevistador do Programa
De Pós-Graduação Em História, Culturas
e Espacialidades, da Universidade
Estadual Do Ceará

TESTEMUNHAS:

Israel de Sousa Feitosa
Nome Legível: Israel de Sousa Feitosa
CPF: 062.197.183.99

Ramiris de Alencar Alves
Nome Legível: Ramiris de Alencar Alves
CPF: 060.972.633.17

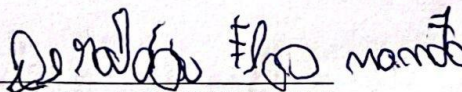
Termo da irmã Geralda Elias Nonato

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, CULTURAS E ESPACIALIDADES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

1. Pelo presente documento, (Geralda Elias Nonato), (Brasileira), (Viúva), (Agricultora Aposentada), residente e domiciliado em Rua Maria de Jesus Oliveira, 1065 – Centro, Assaré – CE, 63140000, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado entre os dias , na cidade , perante o pesquisador Noélio Nonato Alves.
2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, a ENTREVISTADA, proprietário originário da entrevista de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
3. Fica pois o Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

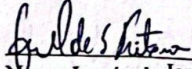
Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

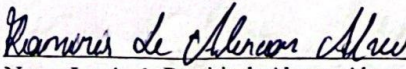
(Assaré) – CE, 07 de Dezembro de 2023.


Assinatura da ENTREVISTADA


Assinatura do Entrevistador do Programa
De Pós-Graduação Em História, Culturas
e Espacialidades, da Universidade
Estadual Do Ceará

TESTEMUNHAS:


Nome Legível: Israel de Sousa Feitosa
CPF: 062.197.183.99


Nome Legível: Ramiris de Alencar Alves
CPF: 060.972.633.17



Digitalizada com CamScanner

Termo do irmão Raimundo Elias Nonato

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, CULTURAS E ESPACIALIDADES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

1. Pelo presente documento, (Raimundo Elias Nonato), (Brasileiro), (Separado), (Servidor Público), residente e domiciliado em Vila Central, 518 – Potengi – CE, 63160000, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado entre os dias , na cidade , perante o pesquisador Noélio Nonato Alves.
2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, a ENTREVISTADA, proprietário originário da entrevista de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
3. Fica pois o Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

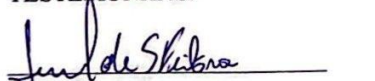
Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

(Potengi) – CE, 04 de Dezembro de 2023.


Assinatura da ENTREVISTADA


Assinatura do Entrevistador do Programa
De Pós-Graduação Em História, Culturas
e Espacialidades, da Universidade
Estadual Do Ceará

TESTEMUNHAS:


Nome Legível: Israel de Sousa Feitosa
CPF: 062.197.183.99


Nome Legível: Ramiris de Alencar Alves
CPF: 060.972.633.17

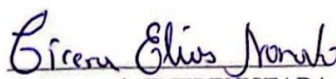
Termo da irmã Cicera Elias Nonato

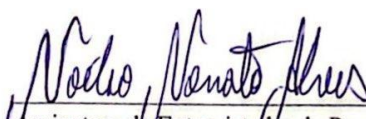
CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, CULTURAS E ESPACIALIDADES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

1. Pelo presente documento, (Cicera Elias Nonato), (Brasileira), (Amasiada), (Agente Comunitária de Saúde), residente e domiciliado em Rua Antonio Guedes Neto, 173 – São Francisco, Potengi – CE, 63160000, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado entre os dias , na cidade , perante o pesquisador Noélcio Nonato Alves.
2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, a ENTREVISTADA, proprietário originário da entrevista de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
3. Fica pois o Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

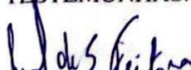
Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

(Potengi) – CE, 04 de Dezembro de 2023.


Assinatura da ENTREVISTADA


Assinatura do Entrevistador do Programa
De Pós-Graduação Em História, Culturas
e Espacialidades, da Universidade
Estadual Do Ceará

TESTEMUNHAS:


Nome Legível: Israel de Sousa Feitosa
CPF: 062.197.183.99


Nome Legível: Ramiris de Alencar Alves
CPF: 060.972.633.17

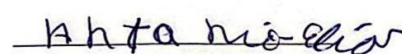
Termo da irmã Antonia Elias Nonato – Maria

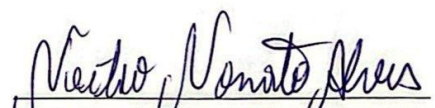
**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA O
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, CULTURAS E
ESPACIALIDADES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**

1. Pelo presente documento, (Antonia Elias Nonato), (Brasileira), (Separada), (Beneficiada por Programas Sociais), residente e domiciliado em Vila Campo, 56 – Potengi – CE, 63160000, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado entre os dias , na cidade , perante o pesquisador Noélio Nonato Alves.
2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, a ENTREVISTADA, proprietário originário da entrevista de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
3. Fica pois o Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

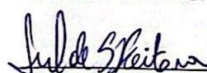
Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

(Potengi) – CE, 04 de Dezembro de 2023.


Assinatura da ENTREVISTADA


Assinatura do Entrevistador do Programa
De Pós-Graduação Em História, Culturas
e Espacialidades, da Universidade
Estadual Do Ceará

TESTEMUNHAS:


Nome Legível: Israel de Sousa Feitosa
CPF: 062.197.183.99


Nome Legível: Ramiris de Alencar Alves
CPF: 060.972.633.17

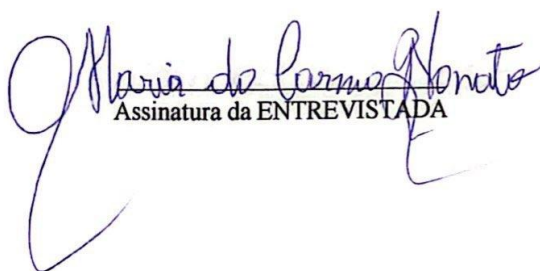
Termo da irmã Maria do Carmo Nonato

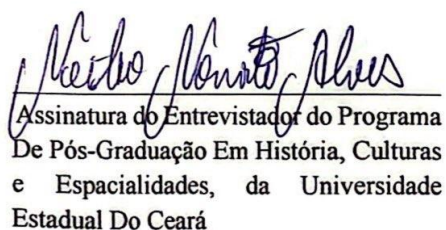
**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA O
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, CULTURAS E
ESPACIALIDADES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**

1. Pelo presente documento, (Maria do Carmo Nonato), (Brasileira), (Casada), (Professora), residente e domiciliado em Rua 01, 05 – Casas Populares, Potengi – CE, 63160000, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado entre os dias , na cidade , perante o pesquisador Noélio Nonato Alves.
2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, a ENTREVISTADA, proprietário originário da entrevista de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
3. Fica pois o Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

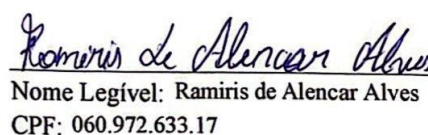
(Potengi) – CE, 04 de Dezembro de 2023.


Assinatura da ENTREVISTADA


Assinatura do Entrevistador do Programa
De Pós-Graduação Em História, Culturas
e Espacialidades, da Universidade
Estadual Do Ceará

TESTEMUNHAS:


Nome Legível: Israel de Sousa Feitosa
CPF: 062.197.183.99


Nome Legível: Ramiris de Alencar Alves
CPF: 060.972.633.17

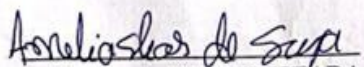
Termo da irmã Amélia Elias Nonato

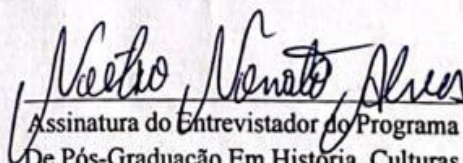
**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA O
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, CULTURAS E
ESPACIALIDADES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**

1. Pelo presente documento, (Amélia Elias Nonato), (Brasileira), (Casada), (Construtora Civil), residente e domiciliado em Rua José Honor de Brito, 82 – Ossian Araripe (Caixa D'Água), Crato – CE, 63103160, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado entre os dias , na cidade , perante o pesquisador Noélcio Nonato Alves.
2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, a ENTREVISTADA, proprietário originário da entrevista de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
3. Fica pois o Programa De Pós-Graduação Em História, Culturas e Espacialidades, da Universidade Estadual Do Ceará plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

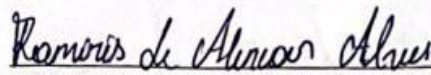
(Crato) – CE, 12 de Dezembro de 2023.


Assinatura da ENTREVISTADA


Assinatura do Entrevistador do Programa
De Pós-Graduação Em História, Culturas
e Espacialidades, da Universidade
Estadual Do Ceará

TESTEMUNHAS:


Nome Legível: Israel de Sousa Feitosa
CPF: 062.197.183.99


Nome Legível: Ramiris de Alencar Alves
CPF: 060.972.633.17

APÊNDICE C – DEMAIS FOTOGRAFIAS DOS ELIAS NONATO

Figura 1 – Fotografia de Momento Afetivo Cotidiano em 2011 da Matriarca Lira (Maria Isabel) e seu Novo Esposo Pós-Separação “Cresce” (Deoclécio Pereira)



Fonte: Acervo pessoal de recordações da irmã Antonia Elias Nonato – Maria.

Figura 2 – Fotografia da Falecida Irmã Maria Aparecida Elias Produzida em Seus Quarenta Anos, Três Anos Antes de Sua Morte



Fonte: Acervo pessoal de recordações de sua filha mais velha Francisca.

Figura 3 – Fotografia dos Homens da Família no Momento do Casamento do Irmão Raimundo à Esquerda. Juntos Estavam o Irmão Inácio, ao Centro, e o Patriarca Jorge à Direita. O Irmão Gonçalo Não Está na Foto.



Fonte: Acervo pessoal de recordações da irmã Cicera Elias Nonato.

Figura 4 – Fotografia Atual da Casa da Família Elias Nonato Quando Passaram a Morar na Zona Urbana de Altaneira – CE



Fonte: Registros de Pesquisa do Autor.

Figura 5 – Fotografia do Irmão Inácio e do Autor em Atividade de História Oral



Fonte: Registros de Pesquisa do Autor.

Figura 6 – Fotografia do Irmão Raimundo e do Autor em Atividade de História Oral



Fonte: Registros de Pesquisa do Autor.

Figura 7 – Fotografia de Evento na Casa da Irmã Francisca, Celebrando a Renovação do Santo, Seu Aniversário e o Aniversário de Seu Casamento com Renovação dos Votos



Fonte: Registros de Pesquisa do Autor.

Figura 8 – Fotografia do Autor e das Entrevistadas Antonia, Francisca, Geralda, Cicera e Ducarmo, da Esquerda para a Direita, durante o Evento Citado na Figura Anterior



Fonte: Registros de Pesquisa do Autor.